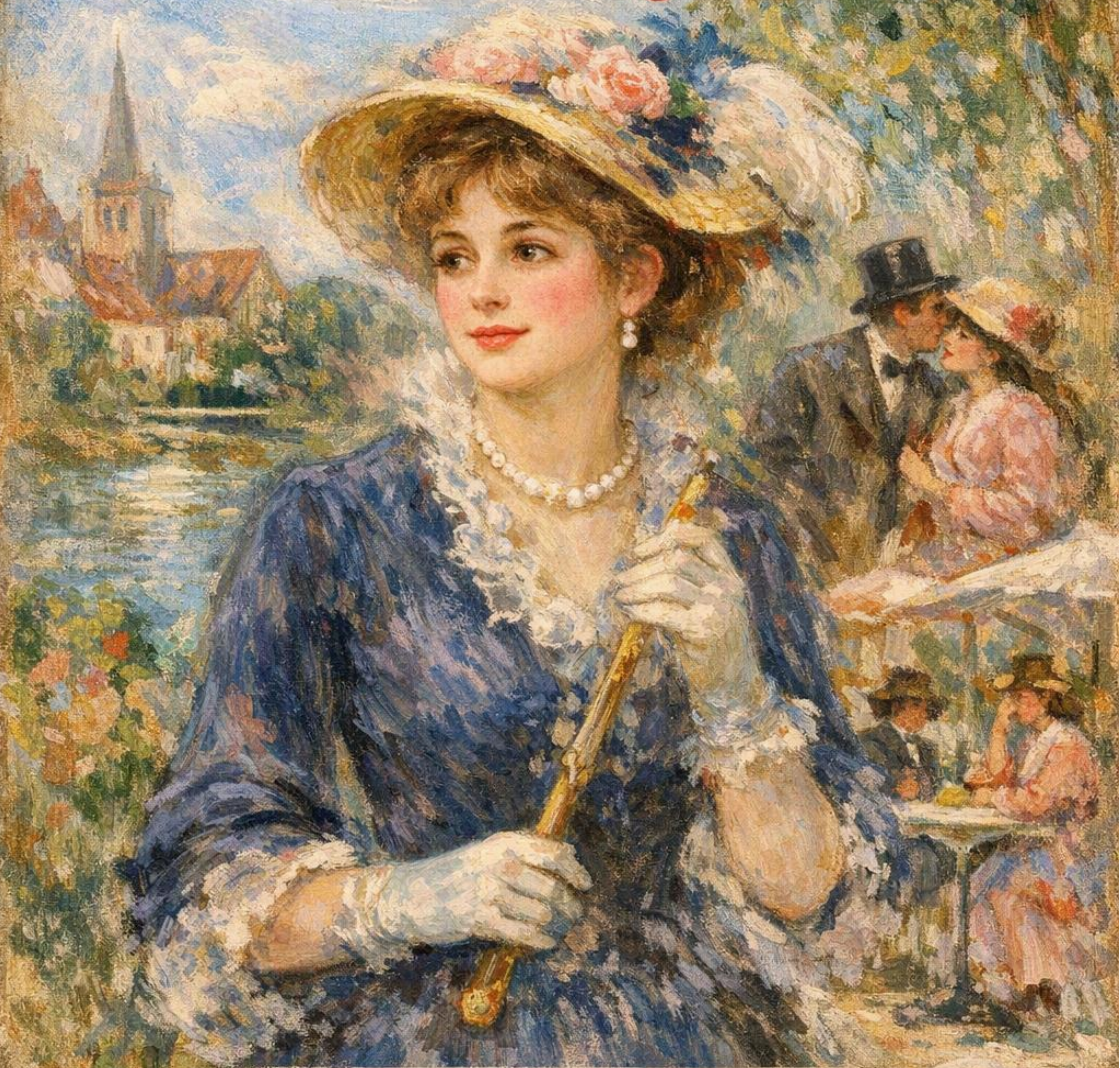


Madame Bovary



GUSTAVE FLAUBERT

MADAME BOVARY

Gustave Flaubert

SINOPSE DE MADAME BOVARY

Madame Bovary é uma das obras mais representativas do realismo literário do século XIX, que marca um antes e um depois no romance moderno. Trata da idealização do amor, da procura da exacerbação dos sentidos, da infidelidade e da banalidade das relações humanas. Todos estes são traços que podem ser encontrados no personagem principal – Emma.

A vida de casada de Madame Bovary cresce em tédio perante uma existência monótona e sem emoções. Um casamento sem estímulos, sem projetos, sem interesses vitais faz com que Madame Bovary se apegue desesperadamente a românticas, mas estereis, relações amorosas. Desejos irrealizados, frustrações sentidas e ódio ao marido sobre quem Emma projetava todas as culpas das insatisfações.

O exacerbar dos afetos leva-a ao desvario nos gastos e à ruína financeira que, aliada à inconsequência das suas ligações amorosas, a conduzem a amargo desespero existencial.

PARTE I

CAPÍTULO I

Estávamos na sala de estudo quando o diretor entrou, seguido de um caloiro sem uniforme e de um contínuo que transportava uma grande carteira. Os que estavam a dormir acordaram e todos se puseram de pé como se tivessem sido surpreendidos a trabalhar.

O diretor fez sinal para que nos sentássemos novamente; depois, voltando-se para o encarregado de vigiar os estudos:

– Senhor Roger – disse-lhe a meia voz –, aqui tem um aluno que lhe recomendo; entra para a 5ª classe. Se for aplicado e tiver bom comportamento, passará para os mais crescidos, de acordo com a sua idade.

O caloiro, que ficara no canto atrás da porta, de tal modo que mal o conseguíamos ver, era um rapaz do campo, com cerca de quinze anos e mais alto do que qualquer de nós. Tinha o cabelo cortado a direito sobre a testa, como o dos que cantavam no coro da igreja, e mostrava um ar sisudo e muito acanhado. Embora não fosse largo de ombros, o fato de tecido verde e botões pretos devia ficar-lhe apertado debaixo dos braços e deixava ver, pelas aberturas das mangas, uns pulsos vermelhos habituados a andar despidos. As pernas, com meias azuis, saíam-lhe de umas calças amareladas, repuxadas pelos suspensórios. Calçava sapatos grossos, ferrados e mal engraxados.

Começámos a recitar as lições. Ele escutou com toda a atenção, como se estivesse a ouvir uma prédica, não ousando sequer cruzar as pernas nem apoiar-se nos cotovelos, e, às duas horas, quando tocou o sino, o vigilante teve de lhe chamar a atenção para que se pusesse connosco na forma.

Tínhamos o costume de, ao entrar na aula, atirar os bonés para o chão, a fim de ficarmos com as mãos mais livres; havia que lançá-los logo do limiar da porta para debaixo do banco, de maneira que batessem na parede e levantassem bastante pó; era essa a praxe.

Mas, fosse porque não tivesse notado a manobra ou porque não se atrevesse a tentá-la, já a oração terminara e ainda o caloiro conservava o boné em cima dos joelhos.

Era um daqueles barretes compostos por elementos de boina de feltro, boné turco, chapéu redondo, gorro de peles e carapuça de algodão; uma coisa medíocre, enfim, daquelas cuja fealdade muda tem

profundidades de expressão semelhantes às do rosto de um imbecil. Ovoide e armado com barbas de baleia, o boné começava por três chouriços circulares; depois alternavam-se, separados por uma tira vermelha, losangos de veludo e pele de coelho; vinha depois uma espécie de saco que terminava num polígono cartonado, coberto por um complicado bordado a sutache, donde pendia, na extremidade de um cordão demasiado fino, uma pequena borla de fios de ouro, à maneira de bolota. Era novo; a pala reluzia.

– Levante-se – disse o professor.

Levantou-se; o barrete caiu. Toda a classe desatou a rir.

Abaixou-se para o apanhar. O colega do lado voltou a fazê-lo cair com uma cotovelada e o rapaz apanhou-o novamente.

– Deixe lá o boné – disse o professor, homem dotado de um certo humorismo.

Houve uma gargalhada geral dos alunos que desconcertou o pobre rapaz, de modo que não sabia se devia conservar o barrete na mão, deixá-lo no chão ou enfiá-lo na cabeça. Voltou a sentar-se e a pô-lo em cima dos joelhos.

– Levante-se – repetiu o professor – e diga-me o seu nome.

O caloiro articulou, com voz titubeante, um nome ininteligível.

– Repita!

Ouviu-se o mesmo balbuciar de sílabas, abafado pela galhofa da classe.

– Mais alto! – gritou o professor. – Mais alto!

O caloiro, tomando então uma resolução extrema, abriu desmesuradamente a boca e atirou a plenos pulmões, como se fosse para chamar alguém, esta palavra: Charbovari.

Uma enorme algazarra irrompeu na sala, subiu em crescendo, com gritos estridentes (uivava-se, ladrava-se, batia-se com os pés, repetia-se: Charbovari! Charbovari!), depois rolou em notas isoladas, acalmando-se com grande dificuldade e recomeçando subitamente, de vez em quando, numa fila, como uma bomba mal extinta, algum riso sufocado.

Entretanto, à força de ameaças de castigos, a ordem restabeleceu-se a pouco e pouco na classe e o professor, tendo conseguido perceber o nome de Charles Bovary, depois de o ter feito ditar, soletrar e reler, intimou logo o pobre diabo a ir sentar-se no banco dos cábulas, em cima do estrado. Ele começou a mexer-se, mas, antes de dar um passo, hesitou.

– Que procura? – indagou o professor.

– O meu bo... – disse timidamente o caloiro, olhando à sua volta com uma expressão preocupada.

– Quinhentos versos para toda a classe! – exclamou furiosamente o professor, detendo, como o *quos ego*, uma nova borrasca. – Fiquem lá quietos! – continuou, indignado, o professor, limpando a testa com o lenço que acabava de tirar do gorro. – E você, seu caloiro, vai-me copiar vinte vezes o verbo *ridiculus sum*.

Depois, com uma voz mais branda:

– Deixe lá, o seu boné vai aparecer; ninguém lho roubou!

Tudo voltou a acalmar-se. As cabeças inclinaram-se sobre as pastas e o caloiro ficou duas horas numa atitude exemplar, embora tenha havido, uma vez ou outra, alguma bolinha de papel que, atirada com o bico de uma pena, lhe veio acertar na cara. Mas ele limpava-se com a mão e continuava imóvel, de olhos baixos.

À noite, na sala de estudo, tirou da carteira as mangas de alpaca, arrumou as suas coisas e traçou cuidadosamente as linhas no papel. Vimo-lo trabalhar conscienciosamente, procurando todas as palavras no dicionário e esforçando-se bastante. Foi sem dúvida essa boa vontade de que deu provas que lhe valeu não ter passado para a classe inferior, porque, embora soubesse razoavelmente as regras, não tinha nenhuma elegância nos modos. Fora o cura da aldeia que o iniciara no latim, visto os seus pais, por economia, o terem enviado para o colégio o mais tarde possível.

O pai, senhor Charles-Denis-Bartholomé Bovary, antigo ajudante do cirurgião-mor, comprometido, por volta de 1812, em assuntos de recrutamento e obrigado, por essa época, a abandonar o serviço, aproveitara-se então das vantagens pessoais para arrecadar um dote de seis mil francos, que se lhe oferecia na pessoa da filha de um negociante de chapéus, a qual se apaixonara pela sua elegância. Homem belo, fanfarrão, fazendo tilintar bem as esporas, usando suíças compridas a tocar nos bigodes, com os dedos sempre carregados de anéis e vestido de cores vistosas, tinha o aspeto de um valente, com a desenvoltura de um caixeiro-viajante.

Depois de casado viveu dois ou três anos da fortuna da mulher, comendo bem, levantando-se tarde, fumando em grandes cachimbos de porcelana, só voltando para casa à noite, depois do espetáculo, e frequentando os cafés. O sogro morreu e deixou pouca coisa; ele indignou-se com isso, montou uma fábrica, perdeu nela algum

dinheiro e retirou-se para o campo, onde pretendeu desforrar-se. Mas, como não entendia mais de agricultura do que de chitas, e porque montava os cavalos em vez de os pôr a trabalhar, bebia sidra às garrafas em vez de a vender em barris, comia as melhores aves da capoeira e engraxava as botas de caçar com o toucinho dos porcos, não tardou a aperceber-se de que mais valia abandonar toda a especulação.

Pela importância de duzentos francos anuais conseguiu então arrendar, numa aldeia dos confins das terras de Caux e da Picardia, uma espécie de quinta e, ao mesmo tempo, residência de proprietário. Desgostoso, cheio de remorsos, acusando o céu, sentindo inveja de toda a gente, encerrou-se ali a partir da idade de quarenta e cinco anos, enojado com os homens, dizia ele, e decidido a viver em paz.

A mulher fora em tempos louca por ele; amara-o com mil e uma atitudes de servilismo, que ainda mais o afastaram dela. Outrora jovial, expansiva e apaixonada, tornara-se, ao envelhecer (como o vinho que, exposto ao ar, se transforma em vinagre), mal-humorada, lamurienta, nervosa. Sofrera tanto, sem se queixar, ao princípio, quando o via correr atrás de todas as marafonas da aldeia e quando, à noite, voltava dos piores lugares, embrutecido e a cheirar à bebedeira! Depois, o orgulho dela revoltara-se. Então tornara-se calada, engolindo a raiva num estoicismo mudo que conservou até à morte. Mantinha-se continuamente ocupada, tratando dos negócios da casa. Ia falar aos advogados, ao juiz, recordava-se do vencimento das letras, conseguia prorrogações; e, em casa, passava a ferro, cosia a roupa, lavava, vigiava os trabalhadores, liquidava as contas, enquanto, sem se preocupar com coisa nenhuma, o senhor, permanentemente entorpecido numa sonolência amuada de que só despertava para lhe dizer coisas desagradáveis, continuava a fumar ao canto da lareira e a cuspir nas cinzas.

Quando ela teve um filho, foi preciso entregá-lo a uma ama. Logo que voltou para casa, o garoto foi amimado como um príncipe. A mãe alimentava-o com doces; o pai deixava-o correr descalço e, para se mostrar filósofo, dizia até que ele podia andar todo nu, como os filhotes dos animais. Ao contrário das tendências maternas, tinha ele um certo ideal viril da infância, segundo o qual procurava formar o filho, querendo que este fosse educado duramente, à maneira espartana, para adquirir uma boa constituição. Mandava-o ir deitar-se às escuras, ensinava-o a beber grandes doses de rum e a insultar as procissões. Mas, como era por natureza pacífico, o miúdo

correspondia mal aos seus esforços. A mãe andava sempre com ele agarrado às saias; recortava-lhe cartões, contava-lhe histórias, entretinha-se com ele em monólogos sem fim, cheios de gracinhas melancólicas e de tagarelices mimalhas. No isolamento da sua vida, ela meteu naquela cabeça de criança todas as vaidades esparsas, desfeitas. Sonhava com altas posições, via-o já crescido, belo, espirituoso, bem estabelecido, como engenheiro ou magistrado. Ensinou-o a ler e, com a ajuda de um velho piano que tinha, até o ensinou a cantar duas ou três romanças. Mas, a tudo isso, o senhor Bovary, pouco preocupado com as letras, dizia que não valia a pena! Teriam eles alguma vez meios para o manter nas escolas do Governo, para lhe comprar um cargo ou montar-lhe um negócio? Além disso, um homem desembaraçado triunfa sempre na vida. A senhora Bovary mordida os lábios e o filho vagabundeava pela aldeia.

Ele seguia os trabalhadores e fazia voar os corvos, atirando-lhes com torrões. Comia amoras pelos valados, guardava os perus com uma vara, espalhava o trigo para secar, corria pelo bosque, brincava ao jogo do avião debaixo do pórtico da igreja nos dias de chuva e, nos dias de festa, pedia ao sacristão que o deixasse tocar os sinos, para se pendurar com todo o peso na grande corda e sentir-se levado por ela no seu vaivém.

Por isso foi crescendo como um carvalho. Adquiriu mãos robustas e cores saudáveis.

Aos doze anos, a mãe conseguiu que comessem os seus estudos. Foi encarregue disso o padre-cura. Mas as lições eram tão breves e com tantas interrupções que de pouco serviam. Eram dadas nas horas vagas, na sacristia, de pé, à pressa, entre um batismo e um enterro; ou então o cura mandava chamar o seu aluno depois das ave-marias, quando já não tinha de sair. Subiam para o seu quarto e instalavam-se: os mosquitos e as borboletas voltejavam em torno da vela. Fazia calor, a criança pegava no sono e o bom do padre, adormecendo com as mãos sobre a barriga, não tardava a rressonar, de boca aberta. Outras vezes, quando o senhor cura voltava de levar o viático a algum doente dos arredores e via Charles a fazer travessuras pelo campo, chamava-o, fazia-lhe um sermão de um quarto de hora e aproveitava a ocasião para o fazer conjugar um verbo voltado para uma árvore. A chuva vinha interrompê-los, ou então qualquer pessoa conhecida que passava. Aliás, mostrava-se sempre satisfeito com ele e dizia mesmo que o rapaz tinha muita memória.

Charles não podia ficar naquilo. A mãe foi enérgica. Envergonhado, ou cansado, talvez, o pai cedeu sem resistência, e esperou-se ainda um ano até o garoto fazer a sua primeira comunhão.

Passaram-se mais seis meses; e, no ano seguinte, Charles foi definitivamente enviado para o colégio de Ruão, aonde o próprio pai o foi levar, no fim de outubro, na altura da Feira de Saint-Romain.

Seria impossível que agora algum de nós o tivesse já esquecido completamente. Era um rapaz de temperamento moderado, que brincava nas horas de recreio, se aplicava nas horas de estudo, estava atento nas aulas, dormia bem no dormitório e comia bem no refeitório. Tinha como encarregado de educação o dono de um armazém de quinquilharias da Rue Ganterie, que o levava a passear uma vez por mês, ao domingo, depois de fechar a loja, indo com ele até ao porto para ver os barcos e acompanhando-o de novo ao colégio, às sete horas em ponto, antes da ceia. Todas as quintas-feiras à noite escrevia uma longa carta a sua mãe, com tinta encarnada, e fechava-a com três obreias; depois relia os seus cadernos de História, ou então lia um velho volume de *Anacharsis* deixado por cima das mesas da sala de estudo. Quando havia passeio, conversava com o criado, que, como ele, também era do campo.

À força de ser aplicado, conseguiu manter sempre notas médias na classe; uma vez obteve até uma distinção em História Natural. Mas, no fim do 3º ano, os pais retiraram-no do colégio para o mandar estudar Medicina, convencidos de que ele poderia chegar sem auxílio até ao bacharelato.

A mãe alugou-lhe uma divisão num quarto andar, ao pé da Eau-de-Robec, em casa de um tintureiro seu conhecido. Fez os arranjos necessários para a pensão, comprou-lhe móveis, uma mesa e duas cadeiras, mandou vir de casa uma velha cama de cerejeira e comprou ainda um pequeno fogão de aquecimento, em ferro fundido, juntamente com a provisão de lenha que deveria aquecer o seu querido filho. Depois despediu-se dele no fim da semana, após mil recomendações para que fosse bem comportado, agora que ficaria entregue a si mesmo.

O programa afixado com a lista das cadeiras a estudar deixou-o atordoado: Anatomia, Patologia, Fisiologia, Farmácia, Química, Botânica, Clínica, Terapêutica, sem contar Higiene e Matéria Médica, tudo nomes cuja etimologia ignorava e que se lhe apresentavam como outras tantas portas de santuários cheios de augustas trevas.

Não compreendia nada; por mais que escutasse, não apreendia.

No entanto, aplicava-se ao estudo, tinha cadernos cosidos com capas, assistia a todas as aulas, não faltava a uma única visita. Cumpria a sua tarefa quotidiana como um cavalo de picadeiro que gira no mesmo lugar, com os olhos vendados, ignorando o que está a fazer.

Para lhe reduzir as despesas, a mãe mandava-lhe todas as semanas, pelo almocreve, um pedaço de vitela assada no forno, que ele comia de manhã, quando regressava do hospital, enquanto ia batendo com a sola do sapato na parede. Logo a seguir tinha de correr para as aulas, para o anfiteatro, para o hospício, e voltar de novo a casa, atravessando todas as ruas. À noite, depois do magro jantar do seu hospedeiro, subia ao quarto e punha-se de novo a trabalhar, com a roupa molhada no corpo, fumegando, diante do braseiro do fogão.

Nas belas noites de Verão, à hora em que as ruas aquecidas estão desertas e as criadas jogam ao volante junto às ombreiras das portas, ele abria a janela e encostava-se ao peitoril. O rio, que faz deste bairro de Ruão uma reles Veneza em miniatura, corria ali, por baixo dele, amarelo, violeta ou azul, entre as suas pontes e gradeamentos. Alguns operários, acorados na margem, lavavam os braços na água. Em grandes varas que saíam das águas-furtadas, secavam ao ar livre meadas de algodão. Em frente, para lá dos telhados, estendia-se a amplidão límpida do céu, com o Sol vermelho a declinar. Como devia ser agradável estar lá fora! Que frescura se devia sentir debaixo das faias! E abria as narinas para aspirar os agradáveis perfumes do campo que chegavam até ele.

Emagreceu, ficou mais alto e o rosto adquiriu uma espécie de expressão dolente, que o tornava quase interessante.

Naturalmente, por negligência, acabou por se desligar de todas as resoluções que havia tomado. Uma vez faltou à visita, no dia seguinte faltou às aulas, e, tomando o gosto pela ociosidade, pouco a pouco acabou por não voltar lá mais.

Habitou-se a frequentar a taberna, com a paixão pelo dominó. Encerrar-se todas as noites num lugar público imundo, para bater com pedaços de osso de carneiro, marcados com pintas pretas, em cima de mesas de mármore, parecia-lhe um ato precioso da sua liberdade, que lhe elevava o conceito que tinha de si mesmo. Era uma espécie de iniciação no mundo, o acesso aos prazeres proibidos, e, ao entrar, punha a mão na maçaneta da porta com um gozo quase sensual: Então, muita coisa nele reprimida se expandiu, aprendeu de cor versos que

cantavam as boas-vindas, entusiasmou-se por Béranger, aprendeu a fazer ponche e conheceu, enfim, o amor graças a este género de preparação, fracassou completamente no seu exame de *oficial de saúde*. Era esperado em casa, na noite do próprio dia do exame, para festejar o seu triunfo!

Meteu-se a caminho a pé e deteve-se à entrada da aldeia, onde mandou chamar a mãe e lhe contou tudo. Ela desculpou-o, atribuindo a derrota à injustiça dos examinadores, e animou-o um pouco, encarregando-se de remediar o sucedido. Só cinco anos depois o senhor Bovary soube a verdade, como já era coisa passada, aceitou-a, não podendo, além disso, supor que um homem da sua descendência fosse parvo.

Charles pôs-se então novamente a estudar e preparou todas as matérias do seu exame, aprendendo de cor todas as perguntas que lhe poderiam ser feitas.

Conseguiu passar com uma nota razoável. Que feliz dia para a sua mãe! Deu-se um grande jantar.

Onde iria ele exercer a profissão? Em Tostes. Só lá havia um médico velho. Há muito tempo que a senhora Bovary espreitava a sua morte e, ainda mal o pobre homem estava preparando a viagem, já Charles se instalara mesmo em frente dele, como seu sucessor.

Mas não bastava ter criado o filho, tê-lo feito estudar Medicina e descobrir Tostes para ele a exercer: era preciso arranjar-lhe mulher. Encontrou-lhe uma: a viúva de um oficial de diligências de Dieppe, que tinha quarenta e cinco anos e duzentas libras de rendimento.

Embora fosse feia, seca como um cavaco e com borbulhas sempre a rebentar como os botões na Primavera, o certo é que a senhora Dubuc não tinha falta de pretendentes a quem escolher.

Para atingir os seus fins, a mãe Bovary foi obrigada a escorraçá-los todos e conseguiu até desfazer com toda a habilidade as intrigas de um salsicheiro que era protegido dos padres.

Charles entrevira no casamento o acesso a uma melhor condição de vida, imaginando que seria mais livre e poderia dispor da sua pessoa e do seu dinheiro. Mas a mulher dominou-o, na frente das pessoas, ele devia dizer isto, não devia dizer aquilo, tinha de jejuar todas as sextas-feiras, vestir-se como ela entendia, espicaçar à sua ordem os clientes que não pagavam. Abria-lhe as cartas, vigiava tudo o que ele fazia e punha-se a escutar, atrás do tabique, o que dizia no consultório quando os doentes eram mulheres.

Não dispensava todas as manhãs o seu chocolate e uma infinidade de atenções. Queixava-se continuamente dos nervos, do peito, de má disposição. O ruído de passos incomodava-a, se as pessoas a deixavam só, não suportava a solidão, se voltavam para junto dela, era como que para vê-la morrer. À noite, quando Charles voltava, tirava de debaixo da roupa os longos e descarnados braços e passava-lhos em volta do pescoço.

Obrigando-o a sentar-se na borda da cama, punha-se a falar-lhe dos seus desgostos: que ele a esquecia, que amava outra! Bem lhe tinham dito que ela seria infeliz, e terminava pedindo-lhe um xarope qualquer para a saúde e um pouco mais de amor.

CAPÍTULO II

Certa noite, cerca das onze horas, foram acordados pelo estrépito de um cavalo que parava à porta deles. A criada abriu o postigo do sótão e dialogou durante algum tempo com um homem que ficara em baixo, na rua. Vinha procurar o médico, trazia uma carta. Nastasie desceu a escada tremendo de frio e foi abrir a fechadura e os ferrolhos, um a um. O homem deixou o cavalo e, seguindo a criada, entrou imediatamente atrás dela.

Tirou de dentro do seu barrete de lã com borlas cinzentas uma carta embrulhada num trapo e apresentou-a delicadamente a Charles, que se voltou de bruços sobre o travesseiro para a ler. Nastasie, junto do leito, segurava a luz. A senhora, por pudor, manteve-se de costas, voltada para a parede.

Esta carta, fechada com um pequeno sinete sobre lacre azul, suplicava ao doutor Bovary que fosse imediatamente à fazenda dos Bertaux para examinar uma perna partida. Ora de Tostes até ao sítio dos Bertaux havia bem umas seis léguas a percorrer, passando por Longueville e Saint-Victor. A noite estava escura. A senhora Bovary receava que sucedesse algum acidente ao seu marido. Decidiu-se, portanto, que o moço fosse à frente. Charles partiria três horas depois, quando a Lua nascesse. Enviariam um rapaz ao seu encontro para lhe indicar o caminho da fazenda e abrir os portões.

Pelas quatro horas da manhã, Charles, bem agasalhado no seu capote, meteu-se a caminho. Ensonado ainda pelo calor da cama, ia-se deixando embalar pelo trote calmo da cavalgadura. Quando esta parava, espontaneamente, diante de uma daquelas covas cercadas de silvas que se cavam à beira dos terrenos cultivados, Charles despertava em sobressalto, lembrava-se logo da perna partida e procurava trazer à memória todas as fraturas que conhecia. Parara de chover, o dia começava a despontar, e, sobre os ramos despídos das macieiras, os pássaros mantinham-se imóveis, eriçando as suas pequenas plumas ao vento frio da manhã. A rasa planície estendia-se a perder de vista e os pequenos bosques em volta das fazendas faziam, a intervalos distanciados, manchas de um violeta-escuro sobre a grande superfície cinzenta, que se confundia, no horizonte, com o tom pardo do céu. Charles, de tempos a tempos, abria os olhos, depois, cansando-se-lhe

o espírito e voltando o sono, logo entrava numa espécie de torpor em que, confundindo-se as sensações recentes com as recordações passadas, tinha a impressão de viver uma dupla personalidade: ser ainda estudante e já homem casado, estar deitado na cama, como ainda há momentos, e atravessar ao mesmo tempo uma enfermaria de operados, como anteriormente. O cheiro quente das cataplasmas confundia-se-lhe na cabeça com o cheiro do orvalho, ouvia correr as argolas nos varões de ferro das camas do hospital e, simultaneamente, o ressonar da sua mulher... Ao passar por Vassonville, avistou, à beira de um valado, um rapazinho sentado na relva.

– O senhor é que é o médico? – perguntou o pequeno. E, ouvindo a resposta de Charles, apanhou logo os tamancos e largou a correr, descalço, na frente dele.

Enquanto ia a caminho, o oficial de saúde compreendeu, pelas informações do guia, que o Tio Rouault devia ser um lavrador dos mais abastados. Havia partido a perna na véspera, à noite, quando regressava de uma festa de Reis em casa de um vizinho. A mulher falecera havia dois anos. Vivia só com a sua menina, que o ajudava no governo da casa.

Os sulcos da estrada iam ficando mais profundos. Aproximavam-se dos Bertaux. O miúdo, atravessando então uma abertura na vedação, desapareceu, voltando depois do fundo de um pátio para abrir a cancela. O cavalo escorregava sobre a erva molhada, Charles abaixava-se para passar sob os ramos. Os cães de guarda, amarrados às suas casotas, ladravam, esticando as correntes. Quando entrou nos Bertaux, o cavalo assustou-se e fez um grande recuo.

A propriedade tinha um bom aspeto. Viam-se nas estrebarias, pelos postigos abertos nas portas, alentados cavalos de lavoura, comendo tranquilamente em manjedouras novas. Ao longo dos edifícios estendia-se uma grande estrumeira fumegante e, entre as galinhas e os perus, disputavam a comida cinco ou seis pavões, aves de luxo das capoeiras de Caux. A estrebaria era comprida e o celeiro alto, de paredes lisas como a palma da mão. Debaixo do telheiro havia duas grandes carroças e quatro charruas, com os chicotes, peitorais e todos os arreios, cujas peles de carneiro, tingidas de azul, se sujavam com o pó fino que caía dos sótãos. O pátio subia, plantado de árvores simetricamente distanciadas, e ouvia-se o alegre grasnar de um bando de patos junto do charco.

Com um vestido de merino azul guarnecido de três folhos, assomou à porta da casa, para receber o doutor Bovary, uma mulher jovem, que o mandou entrar para a cozinha, onde crepitava um bom fogo, em volta do qual fervia o almoço dos trabalhadores, em pequenas panelas de vários tamanhos. Havia roupa molhada a secar na chaminé. A pá, a tenaz e o bico do fole, tudo de proporções colossais, brilhavam como aço polido, enquanto pelas paredes se espalhava uma vasta bateria de cozinha, onde se refletia de modo irregular a chama clara do fogo, juntamente com os primeiros raios do Sol que entravam pelas vidraças.

Charles subiu ao primeiro andar para ver o doente.

Encontrou-o na cama, transpirando debaixo dos cobertores, depois de ter já atirado para longe o seu barrete de algodão.

Era um homenzinho baixo e forte, de cinquenta anos, de tez branca e olhos azuis, calvo na frente, e que usava brincos.

Tinha ao seu lado, em cima de uma cadeira, uma grande garrafa de aguardente, da qual ia bebendo de vez em quando, para se reanimar, mas, logo que viu o médico, perdeu a coragem e, em vez de praguejar como fizera durante as últimas doze horas, pôs-se a gemer levemente.

A fratura era simples, sem complicação de qualquer espécie. Charles não teria podido desejar nada mais fácil.

Recordando-se, então, das atitudes dos seus mestres à cabeceira dos feridos, reconfortou o doente com toda a sorte de boas palavras, carícias cirúrgicas, que são como o óleo com que se untam os bisturis. Para arranjar umas talas, foi-se buscar ao telheiro das carroças um punhado de ripas. Charles escolheu uma, partiu-a em pedaços e raspou-a com um caco de vidro, enquanto a criada rasgava um lençol para fazer ligaduras e a Menina Emma tratava de coser os chumaços. Como levasse muito tempo para encontrar a sua caixa de costura, o pai impacientou-se, ela não respondeu, mas, enquanto cosia, picou os dedos, que levou à boca para chupar.

Charles ficou surpreso pela brancura das suas unhas. Eram brilhantes, finas nas pontas, mais brunidas do que os mármore de Dieppe, e cortadas em forma de amêndoa. A mão, no entanto, não era bonita, talvez por não ser suficientemente pálida e por ser um pouco seca nas falanges, era também comprida demais e sem suavidade de linhas nos contornos. O que ela tinha de belo eram os olhos, apesar de castanhos, pareciam negros por causa das pestanas, o seu olhar era franco e tinha um arrojo inocente.

Feito o curativo, o próprio Tio Rouault convidou o médico a comer qualquer coisa antes de partir.

Charles desceu à sala, no rés-do-chão. Sobre uma mesa pequena estavam dois talheres e copos de prata, junto de um grande leito com dossel e cortinados da Índia, estampados com personagens que representavam turcos. Percebia-se um odor de trevo e de lençóis húmidos que se escapava do grande armário de carvalho que estava em frente da janela. Os cantos, no chão, estavam arrumados, de pé, sacos de trigo. Era o excedente do celeiro que ficava próximo e para o qual se subia por três degraus de pedra.

A decorar o aposento e pendurada num prego ao centro da parede, cuja pintura verde se descamava com o salitre, estava uma cabeça de Minerva a lápis preto, numa moldura dourada, por baixo da qual se lia, em letras góticas: “Ao meu querido papá.”

Começou-se por falar do doente, depois do tempo que estava, do frio e dos lobos que, à noite, percorriam os campos. A Menina Rouault não apreciava nada o campo, sobretudo agora que tinha quase exclusivamente sobre os seus ombros o cuidado da fazenda. Como fazia fresco na sala, ela tremia de frio enquanto comia, o que lhe descobria um pouco os lábios carnudos, que tinha o hábito de morder nos seus momentos de silêncio.

O pescoço saía-lhe de uma gola branca. Os cabelos, em dois bandós negros que pareciam inteiriços, por serem muito lisos, dividiam-se no meio da cabeça por um fino risco que se afundava ligeiramente seguindo a curva do crânio, e, mal deixando ver a ponta da orelha, iam unir-se atrás num grande carrapicho, com um jeito ondulado junto das fontes, que o médico da aldeia via ali pela primeira vez na sua vida. Tinha as faces rosadas. Usava, como um homem, entalada entre dois botões do corpete, uma luneta de tartaruga.

Quando Charles, depois de ter voltado a subir para se despedir do Tio Rouault, regressou à sala antes de sair, encontrou-a de pé, com a cabeça encostada à janela, a olhar para a horta, onde as latadas dos feijões tinham sido derrubadas pelo vento.

A rapariga voltou-se.

– Procura alguma coisa? – perguntou ela.

– O meu pingalim, por favor – respondeu ele.

E pôs-se a rebuscar em cima da cama, atrás das portas, debaixo das cadeiras, tinha caído no chão, entre os sacos e a parede. A Menina Emma descobriu-o, curvou-se por cima dos sacos de trigo. Charles,

por galantaria, correu e, estendendo também o braço no mesmo movimento, sentiu o peito roçar nas costas da rapariga, curvada debaixo dele. Ela endireitou-se muito corada e olhou-o por cima do ombro, entregando-lhe o chicote.

Em vez de voltar aos Bertaux três dias depois, como prometera, fê-lo logo no dia seguinte e depois duas vezes por semana, regularmente, sem contar as visitas inesperadas que fazia de vez em quando, como que por engano.

Aliás, tudo se passou bem, a cura processou-se segundo as regras e, quando, ao fim de quarenta e seis dias, se viu o Tio Rouault a tentar os primeiros passos sozinho pelo seu casebre, logo se começou a considerar o doutor Bovary como um homem de grande competência. Rouault dizia que não teria sido mais bem tratado pelos melhores médicos de Yvetot ou até de Ruão.

Quanto a Charles, não tentou perguntar a si mesmo a razão por que vinha aos Bertaux com tanto prazer. Se o tivesse feito, teria certamente atribuído o seu zelo à gravidade do caso, ou talvez ao lucro que esperava tirar dele. Seria, no entanto, por isso que as suas visitas à fazenda constituíam, entre as áridas ocupações da sua vida, uma encantadora exceção? Nesses dias levantava-se cedo, partia a galope, fustigando a montada, depois apeava-se para limpar os pés na relva e enfiava as luvas pretas antes de entrar. Gostava de se achar no pátio, de sentir a cancela que empurrava com o ombro e de ouvir o galo que cantava em cima do muro e os garotos que vinham ao seu encontro. Gostava do celeiro e das estrebarias, apreciava o Tio Rouault, que lhe batia na mão chamando-lhe seu salvador, gostava de ver os tamanquinhos da Menina Emma sobre o lajedo lavado da cozinha, os tacões altos faziam-na um pouco mais alta e, quando ela andava na sua frente, as solas de madeira, levantando-se rapidamente, estalavam com um ruído seco contra o couro da botina.

Emma acompanhava-o sempre até ao primeiro degrau do alpendre. Enquanto não traziam o cavalo, ela ficava ali.

Tendo-se já despedido, não voltavam a falar, o ar livre envolvia-a, agitando-lhe os cabelinhos rebeldes da nuca, ou sacudindo-lhe sobre os quadris os cordões do avental, que se retorciam como bandeirolas. Uma vez, num dia de degelo, a casca das árvores escorria água no pátio e a neve derretia-se nos telhados. Ela estava à porta, foi buscar uma sombrinha e abriu-a. A sombrinha, de seda cor de papo de rola,

atravessada pelo sol, iluminava-lhe com reflexos móveis a alva pelo rosto.

Emma sorria, sob o cálido conforto daquele abrigo, e ouviam-se as gotas de água, uma a uma, cair na seda esticada.

Nos primeiros tempos em que Charles frequentava os Bertaux, a senhora Bovary não deixava de perguntar pelo doente, e mesmo no livro que escriturava em partidas dobradas escolhera para o Tio Rouault uma bela página em branco. Mas, quando soube que ele tinha uma filha, foi-se informar, e ficou a saber que a Menina Rouault, educada num convento, com as irmãs Ursulinas, recebera, como se dizia, uma educação esmerada e, portanto, sabia dança, geografia, desenho, fazia tapeçarias e tocava piano. Era o cúmulo!

“É então por isso”, pensou ela, “que ele se mostra tão radiante quando a vai ver e que veste o colete novo, arriscando-se a estragá-lo com a chuva? Ah!, essa mulher!, essa mulher!...”

E passou a detestá-la por instinto. A princípio procurou desabafar com alusões, mas Charles não as compreendeu, depois, com reflexões acidentais, que ele deixava passar com medo de alguma tempestade, finalmente, com apóstrofes à queima-roupa, a que ele não sabia responder. “Porque continuava ele a ir aos Bertaux, uma vez que o senhor Rouault já estava curado e ainda não pagara a conta? Ah!, é porque havia lá uma pessoa que sabia conversar, uma bordadora, um espírito inteligente. Era disso que ele gostava: o que ele queria era meninas da cidade!”

E prosseguia: “A filha do Tio Rouault, uma menina da cidade!

Calha bem! O avô era pastor e eles têm um primo que esteve quase a ser julgado por uma atitude violenta, numa disputa.

Não vale a pena tanta propaganda nem exhibir-se ao domingo na igreja com um vestido de seda, como uma condessa. Pobre velho, que, se não fossem as couves do ano passado, havia de se ver bastante aflito para pagar os seus compromissos!” Charles acabou por se cansar e deixou de ir aos Bertaux.

Héloïse fizera-o jurar que não voltaria lá, com a mão sobre o livro de missa, depois de muitos soluços e muitos beijos, numa grande explosão de amor. Ele então obedeceu, mas o arrojo do seu desejo protestou contra o servilismo da sua atitude e, por uma espécie de hipocrisia ingênua, entendeu que aquela proibição de a ver equivalia para ele a um direito de a amar.

E depois a viúva era magra, tinha os dentes compridos, trazia em todas as estações um pequeno xaile preto cuja ponta lhe descia entre as omoplatas, o corpo, rígido, andava apertado em vestidos estreitos como bainhas e demasiado curtos, que lhe deixavam ver os tornozelos, com as fitas dos seus grandes sapatos cruzados sobre meias cinzentas.

A mãe de Charles visitava-os de tempos a tempos, mas, ao fim de alguns dias, a nora parecia que a aguçava a seu jeito, e então, como duas facas, tratavam de o escarificar com as suas reflexões e observações. Ele fazia mal em comer tanto! Porque haveria de se oferecer sempre bebidas a toda a gente que aparecia? Que teimosia a dele em não querer usar roupa interior de flanela!

Sucedeu que, no começo da Primavera, um notário de Ingouville, depositário de fundos da viúva Dubuc, embarcou um belo dia com todo o dinheiro do seu cartório. É verdade que Héloïse possuía ainda, além da parte de um navio avaliada em seis mil francos, a sua casa da Rue Saint-François, e, no entanto, de toda aquela fortuna com que se tinha feito tanto estardalhaço, nada aparecera em casa, além de alguns móveis e tralhas. Foi preciso tirar o assunto a limpo. A casa de Dieppe estava carcomida de hipotecas até aos próprios alicerces, só Deus sabe o que ela tinha posto na mão do notário, e a parte do barco acabou por não exceder o valor de mil escudos.

Havia então mentido, a boa senhora! Exasperado, o senhor Bovary pai, despedaçando uma cadeira contra o pavimento, acusou a mulher de ter feito a desgraça do filho atrelando-o a uma pileca daquelas, cujo arreio não lhe valia a pele. Vieram a Tostes. Deram-se explicações. Houve cenas. Héloïse, banhada em lágrimas, atirou-se nos braços do marido, suplicando-lhe que a defendesse dos pais. Charles quis falar por ela. Eles zangaram-se e foram-se embora.

Mas o golpe estava desferido. Passados oito dias, enquanto estendia a roupa no quintal, veio-lhe um escarro de sangue e no dia seguinte, tendo Charles voltado as costas para fechar as cortinas da janela, ela disse: “Ai, meu Deus!”, soltou um suspiro e perdeu a consciência. Estava morta! Foi um espanto!

Após a última cerimónia no cemitério, Charles voltou para casa.

Não encontrou ninguém no rés-do-chão, subiu ao primeiro andar, foi ao quarto e viu o vestido dela ainda pendurado ao pé da alcova, e então, apoiando-se na escrivaninha, ali ficou até à noite, perdido em dolorosa meditação. Ela amara-o, apesar de tudo.

CAPÍTULO III

Uma manhã, o Tio Rouault levou a Charles o pagamento da cura da sua perna: setenta e cinco francos em moedas de quarenta soldos e um peru. Soubera do seu desgosto e fez o possível por consolá-lo.

– Eu sei o que isso é! – dizia, batendo-lhe no ombro. – A mim também me aconteceu o mesmo! Quando perdi a minha pobre defunta, ia para os campos para estar sozinho, deixava-me cair ao pé de uma árvore, chorava, chamava por Deus, dizia-lhe tolices, tinha vontade de ser como as toupeiras, que via nos ramos, com o ventre cheio de bichos. Apetecia-me morrer. E, quando pensava que havia outros que, naquele momento, estavam abraçados às suas mulherezinhas, dava grandes pancadas no chão com o meu cajado, ia quase endoidecendo, a ponto de já nem comer; a simples ideia de ir ao café, talvez não acredite, era o suficiente para me enojar. Pois bem, muito lentamente, um dia empurrando o outro, uma Primavera atrás de um Inverno e um Outono em cima de um Verão, a pouco e pouco, uma migalhinha de cada vez, tudo foi passando, desapareceu, quer dizer, melhorou, porque no fundo fica sempre qualquer coisa, assim como quem diz... um peso, aqui, sobre o peito! Mas, uma vez que é sorte que nos toca a todos, não devemos também desanimar e querer morrer porque outros morreram... Tem de reagir, doutor Bovary, isso há de passar! Venha visitar-nos, a minha filha de vez em quando pensa em si, fique sabendo, e diz que o senhor parece que se esqueceu dela. Daqui a pouco vem a Primavera, ainda havemos de dar um tiro num coelho, para ajudar a distrair.

Charles seguiu o conselho dele. Voltou aos Bertaux, encontrou tudo como na véspera, quer dizer, como cinco meses antes. As pereiras já estavam em flor e o bom do Rouault, agora de pé, girava sempre de um lado para o outro, o que tornava a fazenda mais animada julgando ser seu dever prodigalizar ao médico o maior número de atenções possível, devido à sua dolorosa posição, pediu-lhe que não tirasse o chapéu, falava em voz baixa, como se ele estivesse doente, e até se mostrou zangado por não lhe terem preparado qualquer coisa mais leve do que para os outros, como tacinhas de creme ou peras cozidas.

Contou-lhe histórias. Charles surpreendeu-se a rir, mas a recordação da mulher, sobrevindo-lhe repentinamente, voltou a ensombrá-lo. Trouxeram o café, não pensou mais no caso.

Foi pensando cada vez menos, à medida que se habituava a viver só. O novo prazer da independência depressa lhe tornou a solidão mais suportável. Podia agora alterar o horário das refeições, entrar ou sair sem ter de se justificar e, se estava muito cansado, estender-se completamente na cama, estirando braços e pernas. Portanto, cuidava das suas comodidades, fazia vida regalada e aceitava as consolações que lhe davam. Por outro lado, a morte da mulher em nada o prejudicava na sua profissão, pois durante todo um mês continuamente se repetira: “Pobre do moço! Que infelicidade!”

O seu nome tornara-se conhecido e a clientela aumentara, além disso, ia aos Bertaux completamente à vontade. Tinha uma esperança sem objetivo, um vago sentimento de felicidade, achava-se com um aspeto mais agradável quando escovava as suíças diante do espelho.

Chegou um dia pelas três horas da tarde, estava toda a gente no campo, entrou na cozinha, mas não reparou logo na presença de Emma, as gelosias estavam fechadas. Pelas frestas da madeira, o Sol estendia sobre o pavimento longos raios esguios, que se quebravam nas esquinas dos móveis e tremulavam no teto. Em cima da mesa havia moscas subindo pelos copos que tinham servido e, a zumbir, afogavam-se nos restos de sidra. A claridade que descia pela chaminé, aveludando a fuligem da placa, azulava um pouco as cinzas arrefecidas. Entre a janela e a lareira, Emma costurava, estava sem xaile e viam-se-lhe sobre os ombros nus pequenas gotas de suor.

Segundo o hábito do campo, ela ofereceu-lhe alguma coisa de beber. Ele recusou, ela insistiu e acabou por lhe propor, rindo, que tomassem ambos um cálice de licor. Foi então buscar ao armário uma garrafa de curaçu, pegou em dois copinhos, encheu um até cima, deitou apenas algumas gotas no outro e, depois de fazer o gesto de brindar, levou-o à boca. Como estava quase vazio, inclinou-se muito para beber, e, com a cabeça para trás, os lábios e o pescoço estendidos, ria por não sentir nada, enquanto com a ponta da língua, passando entre os dentes finíssimos, dava pequenas lambidelas no fundo do copo.

Voltou a sentar-se e continuou o trabalho, que era passar uma meia de algodão branco, trabalhava com a cabeça baixa, não dizia nada e Charles tão-pouco. O ar, passando por baixo da porta, arrastava um

pouco de pó sobre as lajes, ele via-o correr e ouvia apenas o latejar interior da sua cabeça, juntamente com o cacarejar de uma galinha, à distância, anunciando a postura de um ovo. Emma, de vez em quando, refrescava o rosto aplicando-lhe a palma das mãos, que a seguir arrefecia segurando na grande bola de ferro das tenazes.

Queixava-se de sentir tonturas, desde o começo da estação, perguntou se lhe fariam bem os banhos de mar, pôs-se a falar do convento e Charles do seu colégio, as frases foram surgindo. Subiram ao quarto dela. Emma mostrou-lhe os seus antigos álbuns de música, os livrinhos que lhe tinham sido oferecidos como prémio e as coroas de folhas de carvalho, abandonadas no fundo de um armário. Falou-lhe ainda da mãe, do cemitério, e até lhe mostrou no jardim o canteiro onde, todas as sextas-feiras, colhia as flores que ia colocar sobre a sepultura. Mas o jardineiro que trabalhava para eles não percebia nada, estavam muito mal servidos! Ela bem gostaria de morar na cidade, nem que fosse pelo menos durante o Inverno, se bem que a extensão dos dias bonitos talvez tornasse o campo ainda enfadonho no Verão, e, conforme aquilo de que falava, a sua voz tornava-se clara, aguda, ou revestia-se subitamente de languidez, arrastando-se em modulações que terminavam quase em murmúrios quando se dirigia a si própria - ora alegre, abrindo uns olhos ingênuos, ora semicerrando as pálpebras, num olhar afogado em tédio, vagueando com o pensamento.

À noite, ao voltar para casa, Charles recapitulou, uma a uma, as frases que ela dissera, procurando lembrar-se de tudo, completar-lhes o sentido, para reconstruir o período da existência dela no tempo em que ainda não a conhecia. Mas nunca foi capaz de, em pensamento, a ver de modo diferente daquele em que a vira pela primeira vez ou em que, havia momentos, a deixara depois procurava imaginar no que ela se tornaria, se se casaria e com quem.

Que pena! O Tio Rouault era bastante rico, e ela!... tão bonita! Mas o rosto de Emma voltava sempre a apresentar-se-lhe diante dos olhos e qualquer coisa monótona como o zumbido de um pião insistia-lhe aos ouvidos: “E se tu te casasses! Se te casasses!”

Naquela noite não dormiu, com a garganta oprimida, cheio de sede, levantou-se para beber água da bilha e abriu a janela, o céu estava coberto de estrelas, corria um vento quente e os cães ladravam à distância. Voltou a cabeça na direção dos Bertaux.

Pensando que, afinal, não arriscaria nada, Charles tomou a decisão de fazer o pedido na primeira ocasião que se lhe oferecesse,

mas, cada vez que se lhe oferecia uma, o medo de não encontrar as palavras convenientes não o deixava abrir a boca.

O Tio Rouault não desgostaria de se ver livre da filha, que pouco o ajudava na casa. Desculpava-a interiormente, achando que ela tinha demasiada inteligência para a agricultura, um trabalho amaldiçoado pelo Céu, visto que com ele nunca ninguém ficara milionário. Longe de enriquecer com aquela ocupação, o velhote perdia dinheiro todos os anos, porque, se fazia bom negócio nos mercados, onde se comprazia com as astúcias da profissão, em contrapartida, na cultura propriamente dita, com a administração interna da propriedade, era a pessoa menos indicada. Não gostava de tirar as mãos dos bolsos e não se furtava a qualquer despesa com o seu próprio bem-estar, querendo ser bem alimentado, bem aquecido e ter boa cama. Gostava da melhor sidra, de comer perna de carneiro mal assada e de farófias bem batidas.

Tomava as refeições na cozinha, só, ao pé do fogo, numa mesinha portátil que lhe levavam já servida, como no teatro.

Quando, pois, se apercebeu de que Charles corava na frente da filha, o que significava que, mais dia menos dia, ela lhe seria pedida em casamento, ruminou antecipadamente o negócio.

Achava-o com cara de zé-ninguém e não lhe parecia o tipo de genro do seu agrado, mas diziam-lhe que tinha bom comportamento, que era poupado, muito instruído, e sem dúvida não iria questionar muito acerca do dote. Ora, como o Tio Rouault iria ser obrigado a vender vinte e dois acres dos seus bens e dado que devia bastante ao pedreiro e ao albardeiro e o eixo do lagar tinha que ser consertado, disse de si para si: “Se ma pedir, dou-lha.”

Pela festa de Saint-Michel, Charles fora passar três dias aos Bertaux. O último dia esgotara-se como os precedentes, com sucessivas hesitações e adiamentos de quarto em quarto de hora. O Tio Rouault ia acompanhá-lo à saída da propriedade, caminhavam por uma vereda funda e iam despedir-se, era o momento. Charles resolveu falar no extremo do valado e, finalmente, depois de o ter passado:

– Senhor Rouault – murmurou ele –, eu tinha uma coisa para lhe dizer.

Pararam os dois. Charles calou-se.

– Diga lá então o que tem a dizer? Pensa que eu não sei já tudo?
– disse Rouault, com uma pequena risada.

– Tio Rouault... Tio Rouault... – balbuciou Charles.

– Não desejo outra coisa – continuou o lavrador. – Conquanto a pequena tenha, com certeza, a mesma opinião que eu, mesmo assim tem de se lhe perguntar o que pensa. Vá-se então embora, eu volto para casa. Se for sim, oiça bem o que lhe digo: é melhor não voltar cá agora, para as pessoas não terem de que falar, e até porque isso iria impressioná-la muito. Mas, para que o senhor não fique ansioso, eu abro completamente a persiana da janela até à parede: poderá vê-la pelo lado de trás, debruçando-se sobre o valado.

E afastou-se.

Charles amarrou o cavalo a uma árvore. Correu até ao atalho, esperou. Passou meia hora, depois contou, pelo relógio, mais dezanove minutos. Repentinamente ouviu uma pancada na parede, a persiana fora aberta e o fecho oscilava ainda.

No dia seguinte, logo às nove horas da manhã, já ele estava na fazenda. Emma corou quando o viu entrar, enquanto disfarçava, procurando mostrar-se risonha. O Tio Rouault beijou o futuro genro. Adiaram qualquer conversa sobre as questões de interesse, tinham, aliás, muito tempo para isso, visto que o casamento não convinha que se realizasse antes de terminar o luto de Charles, isto é, da Primavera do ano seguinte.

O Inverno passou-se nesta expectativa. A Menina Rouault ocupou-se do seu enxoval. Uma parte foi mandada vir de Ruão e ela fez as camisas e as toucas de dormir, seguindo uns figurinos que lhe emprestaram. Durante as visitas de Charles à fazenda falava-se dos preparativos da boda, discutia-se em que divisão da casa se daria o jantar, calculava-se o número de pratos que seriam precisos e o que deveria ser servido no princípio.

Emma teria preferido casar-se à meia-noite, à luz dos castiçais, mas o Tio Rouault não achou boa a ideia. Houve, portanto, uma boda com quarenta e três pessoas, em que se ficou à mesa durante dezasseis horas, que recomeçou no dia seguinte e se prolongou ainda um pouco alguns dias mais.

CAPÍTULO IV

Os convidados chegaram muito cedo em carruagens, carriolas puxadas por um cavalo, carros de duas rodas com bancos, velhos cabriolés sem capota, churriões com cortinas de couro, e os rapazes das aldeias vizinhas em carroças, enfileirados de pé, segurando-se aos taipais para não cair, fortemente sacudidos pelo trote dos animais. Houve quem viesse de dez léguas de distância, de Goderville, de Normanville e de Cany.

Tinham-se convidado todos os parentes das duas famílias, fizeram-se as pazes com amigos em más relações, escrevera-se a pessoas conhecidas que há muito tempo se perdera de vista.

De quando em quando ouviam-se estalos de chicote por trás do valado e logo se ia abrir a cancela: era uma carriola que entrava. Galopando até ao primeiro degrau da escadaria, ali parava de repente, esvaziando-se dos ocupantes, que se apeavam por todos os lados, esfregando os joelhos e espreguiçando os braços. As damas, de touca, traziam vestidos à moda da cidade, correntes de relógio em ouro, manteletes com pontas cruzadas na cintura ou lenços de cor, presos nas costas com um alfinete, deixando-lhes o pescoço descoberto pela parte de trás.

Os garotos, vestidos da mesma maneira que os pais, pareciam incomodados pelos fatos novos (muitos até estrearam naquele dia o primeiro par de botas da sua vida) e ao lado deles viam-se, sem dizerem palavra, nos seus vestidos brancos de primeira comunhão oportunamente acrescentados, algumas meninas mais crescidas, de catorze ou dezasseis anos, sem dúvida primas, ou talvez irmãs mais velhas, muito coradas, esbaforidas, os cabelos lustrosos da pomada de rosas e com muito receio de sujar as luvas. Como não havia suficientes moços de cavalaria para desatrear todos os veículos, os próprios donos arregaçavam as mangas e faziam esse trabalho.

Conforme a diferente posição social de cada um, assim vestiam casaca, sobrecasaca, jaqueta ou paletó: bons fatos, conservados com toda a estimação pelas famílias e que só saíam dos armários em ocasiões solenes, sobrecasacas de grandes abas flutuantes, gola cilíndrica e bolsos grandes como sacos, paletós de tecido grosso, a acompanhar normalmente bonés com palas orladas de metais

amarelos, casacas curtíssimas, tendo nas costas dois botões muito juntos, fazendo lembrar um par de olhos, e cujas abas pareciam cortadas de um só golpe pelo machado de um carpinteiro. Alguns, ainda (mas esses, evidentemente, deviam tomar lugar às cabeceiras da mesa), tinham blusas de cerimónia, isto é, com a gola voltada sobre os ombros, as costas enrugadas com preguinhas e a cintura marcada muito em baixo por um cinto cosido.

E as camisas arqueavam no peito como couraças! Toda a gente estava tosquiada de fresco, mostrando as orelhas salientes, as barbas bem rapadas, e até alguns que se tinham levantado antes do amanhecer, sem luz suficiente para se barbear, ostentavam golpes em diagonal por baixo do nariz ou, espalhados pelo queixo, grandes esfoladelas na pele, do tamanho de escudos de três francos, inflamadas pela fricção do vento durante a viagem, enchendo de manchas avermelhadas todos aqueles grosseiros rostos descontraídos.

Como o registo civil ficava a cerca de meia légua da fazenda, fez-se o percurso a pé e voltou-se do mesmo modo, após a cerimónia na igreja. O cortejo, inicialmente unido como uma única faixa colorida, ondulando pelo campo, ao longo da estreita vereda que serpeava entre os trigos verdes, logo se alongou e dividiu em grupos diferentes, que se atrasavam a conversar. O músico seguia na frente, com a sua rabeça engalanada de fitas, logo atrás vinham os noivos, depois os parentes e amigos agrupados ao acaso, ficando as crianças para trás, divertindo-se a arrancar as campainhas da aveia, ou a brincar umas com as outras sem serem vistas. O vestido de Emma, demasiado comprido, arrastava um pouco no chão, de vez em quando ela parava para o puxar, e então, delicadamente, com os dedos enluvados, retirava-lhe as ervas grosseiras e os cardos, enquanto Charles, de mãos a abanar, esperava que ela terminasse. O Tio Rouault, de chapéu de seda novo na cabeça e com os canhões da sua casaca preta a cobrirem-lhe as mãos até às unhas, dava o braço à senhora Bovary mãe. Quanto ao senhor Bovary pai, que, desprezando intimamente toda aquela gente, viera simplesmente de sobrecasaca com uma única carreira de botões, de corte militar, passou o tempo a dirigir galanteios de botequim a uma jovem camponesa loira. Esta fazia cumprimentos, corava e não sabia como responder. As restantes pessoas da boda conversavam acerca dos seus negócios ou troçavam galhofeiramente umas das outras, excitando-se antecipadamente para a alegria, e, prestando-se bem atenção, continuava a ouvir-se a cegarrega do rabequista que ia

tocando pelos campos fora. Quando este se apercebia de que as pessoas ficavam muito para trás dele, parava para retomar o fôlego, encerava cuidadosamente o seu arco para que as cordas chiassem melhor e depois recomeçava a caminhada, abaixando e levantando alternadamente o braço da rabeca, para marcar bem o compasso.

A chiadeira do instrumento assustava, mesmo de longe, os passarinhos.

Foi debaixo do telheiro onde se guardavam as carroças que puseram a mesa.

Nela havia quatro lombos de vaca, seis frangos de fricassé, vitela estufada, três pernas de carneiro e, ao centro, um bonito leitão assado, rodeado por quatro grandes chouriços com azedas. Aos cantos erguiam-se as garrafas de aguardente. A sidra doce engarrafada fazia sair a sua espuma espessa em torno das rolhas e todos os copos tinham sido previamente cheios de vinho até às bordas. Grandes taças de leite-creme, que estremeciam ao mínimo toque na mesa, apresentavam, na sua superfície lisa, o monograma dos noivos, desenhado em arabescos de missanga de açúcar. Tinha-se mandado vir um pasteleiro de Yvetot para fazer as tortas e os nogados.

Por ser a sua estreia na região, apurara-se no trabalho; e ele próprio trouxe para a mesa um bolo armado que provocou estrondosos aplausos. A base, em primeiro lugar, era composta por um quadrado de cartão azul, representando um templo com pórticos, colunas e estatuetas de gesso em toda a volta, dentro de nichos constelados de estrelas de papel dourado; a seguir vinha, no segundo andar, uma torre de pão-de-ló, rodeada de pequenas fortificações de angélica, amêndoas, passas de uva, gomos de laranja; e, por fim, sobre a plataforma superior, que representava um prado verde onde se viam rochas com lagos de geleia e barcos feitos com cascas de avelãs, havia um pequeno Cupido sentado num baloiço de chocolate, cujos postes terminavam, no cimo, à maneira de esferas, em dois botões de rosa naturais.

Comeu-se até à noite. Quando se cansavam demasiado de estar sentados, iam passear pelos pátios ou jogar uma partida de malha no celeiro; depois voltavam à mesa. Para o fim, alguns adormeceram ali mesmo e ressonavam. Mas, quando chegou o café, todos se reanimaram; começaram a cantar, mostravam habilidades, pegavam em pesos, faziam esforços para erguer as carroças com os ombros, diziam graçolas e beijavam as damas. À noite, à partida, com os

cavalos a abarrotar de aveia até aos focinhos, foi o cabo dos trabalhos para os meter nos varais; atiravam coices, empinavam-se, partiam os arreios; os donos ora praguejavam, ora riam; e durante toda a noite, pelas estradas da região, com a luz da Lua, se viram carriolas desfilando a galope, saltando valetas, pulando por cima de montes de seixos, encalhando nos taludes, com mulheres que se debruçavam das portinholas para agarrarem as rédeas.

Os que ficaram nos Bertaux passaram a noite a beber na cozinha. As crianças deixaram-se dormir debaixo dos bancos.

A noiva suplicara ao pai que a poupassem às habituais partidas. Apesar disso, um primo, vendedor de peixe (que, por sinal, como presente de casamento, lhe trouxera um par de linguados), começava já a soprar água com a boca pelo buraco da fechadura, quando o Tio Rouault chegou mesmo na altura de o impedir, explicando-lhe que a distinta posição do genro não permitia tais inconveniências. O primo, no entanto, teve dificuldade em aceitar as razões. No íntimo, ficou a acusar o Tio Rouault de ser orgulhoso e foi juntar-se num canto a quatro ou cinco outros convidados que, tendo por acaso recebido na mesa, várias vezes seguidas, os piores bocados de carne, também achavam que haviam sido mal recebidos e murmuravam acerca do anfitrião, dando a entender que lhe desejavam a ruína.

A senhora Bovary mãe não abria a boca durante todo o dia.

Não fora consultada sobre o vestido da noiva nem sobre o programa da festa; recolheu-se cedo. O marido, em vez de a acompanhar, mandou buscar charutos a Saint-Victor e fumou até amanhecer, bebendo grandes grogues de kirsch, mistura desconhecida dos convivas, o que foi motivo para que lhes merecesse ainda uma maior consideração.

Charles não era nada dado a apreciar divertimentos e não brilhou durante a boda. Respondeu mediocrementemente às piadas, aos trocadilhos, às insinuações, às felicitações e gracejos que todos se achavam na obrigação de lhe dirigir logo a partir da sopa.

No dia seguinte, em contrapartida, parecia outro homem. Era ele que poderia ser tomado como a virgem da véspera, enquanto a recém-casada nada deixava descobrir por onde se pudesse adivinhar qualquer coisa. Os mais maliciosos não sabiam que dizer e punham-se a observá-la, quando lhes passava perto, com desmesurada insistência. Mas Charles não dissimulava nada.

Chamava-lhe minha mulher, tratava-a por tu, perguntava por ela a toda a gente, procurava-a por toda a parte e levava-a frequentemente consigo para os pátios, onde era visto de longe, debaixo das árvores, passando-lhe o braço pela cintura e continuando a andar meio debruçado sobre ela, amarrotando-lhe, com a cabeça, a gola do vestido.

Dois dias depois da boda, os noivos partiram. Charles, por causa dos doentes, não podia ausentar-se por mais tempo. O Tio Rouault mandou-os conduzir na sua carriola e acompanhou-os até Vassonville. Ali, beijou mais uma vez a filha, apeou-se e voltou para trás. Quando tinha andado já cerca de cem passos, deteve-se e, vendo a carriola afastar-se, rodando numa nuvem de pó, soltou um profundo suspiro.

Depois recordou-se da sua própria boda, do seu passado, da primeira gravidez da mulher; também ele se sentira muito contente naquele dia em que a levava da casa do pai para a sua própria casa, em que a transportara na garupa, a trote sobre a neve; era próximo do Natal e o campo estava todo branco; ela dava-lhe um dos braços e com o outro segurava o seu cesto; o vento agitava-lhe as compridas rendas do toucado típico de Caux, que lhe passavam às vezes pela boca, e, quando ele voltava a cabeça, via junto de si, sobre o seu ombro, o rostinho rosado que sorria silenciosamente sob a pala dourada do boné. Para aquecer os dedos, ela metia-os, de vez em quando, no seio. Como tudo isso já ia longe! O filho de ambos teria agora trinta anos! Então olhou para trás e nada avistou na estrada. Sentiu-se triste como uma casa sem móveis; e, confundindo-se as recordações agradáveis com os pensamentos tristes, naquele cérebro obscurecido pelos vapores da festança, teve mesmo vontade de ir dar uma volta lá para as bandas da igreja. Como receou, no entanto, que o que visse o viesse a entristecer ainda mais, regressou diretamente a casa.

O doutor Charles e a esposa chegaram a Tostes cerca das seis horas da tarde. Os vizinhos puseram-se à janela para ver a nova mulher do médico.

A velha criada apresentou-se, cumprimentou-o, pediu desculpa de não ter o jantar ainda pronto e sugeriu à senhora que, entretanto, fosse tomando conhecimento da sua casa.

CAPÍTULO V

A fachada de tijolo ficava mesmo no alinhamento da rua, ou melhor, da estrada. Atrás da porta estavam pendurados uma capa de gola curta, um freio e um boné de couro preto e a um canto, no chão, havia um par de polainas ainda cobertas de lama seca. À direita ficava a sala, ou seja, o aposento onde se comia e se passava a maior parte do tempo. Um papel amarelo-canário, guarnecido ao alto por uma grinalda de flores desbotadas, abanava todo sobre a sua tela mal esticada; cortinas de paninho branco, orladas de um galão vermelho, entrecruzavam-se sobre as janelas e sobre o estreito rebordo do fogão resplandecia um relógio com uma cabeça de Hipócrates, entre dois castiçais de metal prateado, debaixo de redomas de forma oval.

Do outro lado do corredor era o gabinete de Charles, um pequeno compartimento de mais ou menos seis passos de largo, com uma mesa, três cadeiras e uma poltrona de escritório. Os tomos do Dicionário das Ciências Médicas, por abrir, mas cuja brochura se estragara em todas as vendas sucessivas por que tinham passado, guarneciam quase por completo as seis prateleiras de uma estante em madeira de pinho. O cheiro dos refogados atravessava a parede durante as consultas, do mesmo modo que, na cozinha, se ouviam os doentes tossir no gabinete e contar toda a sua história. Dando para o pátio onde estava a cavalaria, havia depois uma grande divisão mal conservada, com um forno e que agora servia de arrecadação de lenha, de despensa e de armazém, cheia de ferros velhos, de barris vazios, de alfaias inutilizadas e de uma quantidade de outras coisas cobertas de pó, cuja utilidade seria impossível de adivinhar.

O jardim, mais comprido do que largo, entre dois muros de adobe cobertos por uma latada de damascos, estendia-se até uma sebe de espinheiros que separava os campos. Ao centro havia um relógio de sol, feito de ardósia, sobre um pedestal de alvenaria; quatro canteiros enfeitados de roseiras bravas circundavam simetricamente o quadrado de terreno mais útil com as vegetações importantes. Ao fundo, debaixo de uns abetos, um sacerdote de gesso lia o seu breviário.

Emma subiu para ver os quartos. O primeiro não estava mobilado; mas o segundo, que era o quarto conjugal, tinha uma cama de mogno dentro de uma alcova com cortinas vermelhas. A cómoda

estava enfeitada com uma caixa feita de conchas e, sobre a escrivaninha, junto da janela, numa garrafa bojuda, havia um ramo de flores de laranjeira, atado com fitas de cetim branco. Era um ramo de noiva, o ramo da outra! Ela pôs-se a observá-lo. Charles compreendeu, pegou nele e foi pô-lo no sótão, enquanto Emma, sentada numa poltrona (dispondo à sua volta o que lhe pertencia), pensava no seu ramo de noiva, metido numa caixa de cartão, procurando imaginar o que fariam dele se, por acaso, ela viesse a morrer.

Ocupou-se, durante os primeiros dias, a pensar nas modificações que queria fazer na casa. Tirou as redomas dos castiçais, mandou colar papéis novos, pintar a escada e fazer bancos no jardim, em roda do relógio de sol; perguntou mesmo o que era preciso arranjar para ter um tanque com um repuxo e peixinhos. Enfim, o marido, sabendo que ela gostava de passear de carruagem, encontrou uma em segunda mão que, depois de levar umas lanternas novas e guarda-lamas de couro estofado, parecia quase um cabriolé.

Ele sentia-se tão feliz, sem nenhuma preocupação deste mundo. Uma refeição a sós com ela, um passeio à noite pela estrada, um gesto para lhe acariciar os cabelos, a presença do seu chapéu de palha pendurado no fecho de uma janela e ainda muitas outras coisas que lhe davam prazer e com as quais nunca sonhara formavam agora a sua contínua felicidade. De manhã, na cama, com a cabeça no travesseiro ao lado dela, contemplava a luz do Sol a passar entre a pelugem das suas faces louras, meio cobertas pelos folhos da touca. Vistos de tão perto, os seus olhos pareciam maiores, sobretudo quando abria as pálpebras várias vezes de seguida ao acordar; negros à sombra e azul-escuros à luz do dia, tinham como que camadas de cores sucessivas, mais densas no fundo e ficando mais claras à superfície do esmalte. Os olhos de Charles perdiam-se naquelas profundezas, e ali ele via a miniatura da sua imagem até aos ombros, com o lenço de seda atado na cabeça e o peito da camisa entreaberto. Levantava-se. Ela punha-se à janela para o ver sair; ficava encostada ao peitoril, entre dois vasos de gerânios, dentro do seu roupão, que lhe caía, folgado, em volta do corpo. Charles, na rua, afivelava as esporas apoiado no degrau de pedra; e ela continuava a falar-lhe de cima, arrancando com a boca alguma pétala ou folhinha verde que, soprada na direção dele, volteava, pairava, descrevia semicírculos no ar como um pássaro e ia, antes de cair, prender-se nas crinas mal penteadas da velha égua branca, imóvel à porta. Charles, já montado, atirava-lhe um beijo; ela

respondia-lhe com um gesto, fechava a janela e retirava-se. E então, pela estrada principal que estendia sem fim a sua longa fita de pó, pelos atalhos onde as árvores se curvavam em caramanchão, ou atravessando as searas com o trigo a chegar-lhe até aos joelhos, com o sol a bater-lhe nas costas e respirando o ar da manhã, sentindo o coração a transbordar das venturas da noite, o espírito tranquilo e a carne satisfeita, seguia ele ruminando a sua felicidade, como quem fica ainda saboreando, depois do jantar, o gosto das iguarias que digere.

Até então que tivera ele de bom na existência? O seu tempo de colégio, encerrado dentro daquelas grandes paredes, sozinho no meio dos seus colegas mais ricos ou mais fortes do que ele nos estudos, a quem divertia com a sua pronúncia, que troçavam das suas roupas e cujas mãos os vinham procurar no locutório com os regalos cheios de bolos? Mais tarde, quando estudava Medicina e nunca tinha a bolsa suficientemente cheia para pagar o baile a alguma operariazinha que pudesse vir a ser sua amante? Depois vivera catorze meses com a viúva, que, na cama, tinha os pés frios como blocos de gelo. Mas agora possuía para toda a vida, esta formosa mulher, a quem adorava.

O universo, para ele, não ultrapassava a roda do seu saio de seda; acusava-se de não a amar suficientemente e sentia vontade de voltar a vê-la; voltava apressadamente a casa com o coração palpitante. Emma, no quarto, estava a fazer a sua toilette; ele aproximava-se pé ante pé e beijava-a nas costas; ela soltava um grito.

Não podia abster-se de lhe tocar constantemente na travessa do cabelo, nas madeixas, no lenço do pescoço; às vezes dava-lhe com veemência grandes beijos no rosto, ou então uma série de beijinhos ao longo do braço nu, desde a ponta dos dedos até ao ombro; ela repeliava-o, meio sorridente, meio enfadada, como se faz a uma criança que se pendura em nós.

Antes de casar, Emma julgara sentir amor; mas a felicidade que deveria resultar desse amor não aparecera, pelo que se deveria ter enganado, pensava ela. Procurava agora saber o que se entendia, ao certo, nesta vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que, nos livros, lhe haviam parecido tão belas.

CAPÍTULO VI

Lera *Paulo e Virgínia* e sonhara com a cabana de bambus, o negro Domingos e o cão Fiel, mas principalmente com a amizade terna de algum bom irmãozinho que fosse colher para ela frutos vermelhos em grandes árvores mais altas que campanários, ou que corresse descalço pela areia, trazendo-lhe um ninho de pássaros.

Quando completou treze anos, foi o próprio pai que a levou à cidade, para a internar no convento. Apearam-se numa estalagem do bairro Saint-Gervais, onde lhes serviram a ceia em pratos pintados, que representavam a história da Menina de La Vallière. As explicações das lendas, cortadas aqui e ali pelo arranhar das facas, exaltavam todas a religião, as delicadezas do coração e as pompas da corte.

Longe de se enfastiar no convento nos primeiros tempos, ela gostou da companhia das boas freiras, que, para a divertir, a levavam à capela, onde se entrava por um longo corredor que a ligava ao refeitório. Brincava pouquíssimo durante os recreios, compreendia bem o catecismo e era ela que respondia sempre ao senhor vigário nas perguntas difíceis. Vivendo, portanto, sem nunca sair da tépida atmosfera das aulas e no meio daquelas mulheres de pele muito branca, que usavam rosários com cruces de latão, acomodou-se docilmente à languidez mística que se exala dos perfumes do altar, da frescura das pias de água benta e do flamejar dos círios. Em vez de acompanhar a missa, contemplava no seu livro as vinhetas piedosas orladas de azul e amava a ovelhinha doente, o Sagrado Coração trespassado de flechas agudas, ou o pobre Jesus caindo com a Cruz às costas. Fez o possível, a título de penitência, por ficar um dia inteiro sem comer. Procurava, na sua ideia, alguma promessa para cumprir.

Quando ia à confissão, inventava pequenos pecados para se demorar lá mais tempo, ajoelhada na sombra, de mãos postas, com o rosto encostado ao ralo, escutando o cochichar do padre.

As comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de casamento eterno, que aparecem repetidamente nos sermões, despertavam-lhe no íntimo da alma imprevistas doçuras.

À noite, antes da oração, fazia-se na sala de estudo uma leitura religiosa. Era, durante a semana, algum resumo de história sagrada ou as Conferências do abade Frayssinous e, ao domingo, trechos do

Génio do Cristianismo, a título de recreação. Como ela escutou, as primeiras vezes, a lamentação sonora das melancolias românticas repercutindo-se em todos os ecos da Terra e da eternidade! Se a sua infância tivesse decorrido nos fundos de alguma loja de um bairro comercial, ter-se-ia talvez então aberto às invasões líricas da natureza, que, de ordinário, apenas chegam ao nosso conhecimento na versão dada pelos escritores. Ela, porém, conhecia muito bem o campo; conhecia o balido dos rebanhos, as queijarias, as charruas. Habituada aos aspetos tranquilos da vida, voltava-se, pelo contrário, para os acidentados. Gostava do mar apenas pelas suas tempestades e da verdura só quando a encontrava espalhada entre ruínas.

Tinha necessidade de tirar de tudo uma espécie de benefício pessoal e rejeitava como inútil o que quer que não contribuísse para a satisfação imediata de um desejo do seu coração – tendo um temperamento mais sentimental do que artístico e interessando-se mais por emoções do que por paisagens.

Havia no convento uma solteirona que vinha todos os meses, durante oito dias, trabalhar na rouparia. Protegida pelo arcebispo, por pertencer a uma família de fidalgos arruinados por altura da Revolução, comia no refeitório à mesa das caridosas freiras e, depois da refeição, entretinha um pouco de conversa com elas, antes de retomar o seu trabalho.

Frequentemente, as educandas escapavam-se da sala de estudo para ir procurá-la. Ela sabia de cor canções galantes do século passado que cantava a meia voz, enquanto trabalhava com a agulha. Contava histórias, dava-lhes novidades, fazia-lhes recados na cidade e, às mais crescidas, emprestava, em segredo, alguns romances que trazia sempre nos bolsos do avental e dos quais ela mesma devorava longos capítulos nos intervalos das suas ocupações.

Tratavam só de amores, de amantes, senhoras perseguidas desmaiando em pavilhões solitários, postilhões assassinados em todas as paragens para trocar de animais, cavalos abatidos em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, soluços, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis nos bosques, cavalheiros valentes como leões, mansos como cordeiros, mais virtuosos do que aqueles que realmente existem, sempre bem apresentáveis e chorando como urnas.

Durante seis meses, quando tinha quinze anos, Emma enxovalhou as mãos na sebenta poeira dos velhos gabinetes de leitura.

Com Walter Scott, mais tarde, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com baús, salas de guardas e menestréis. Teria preferido viver nalgum velho solar, como aquelas castelãs de longos corpetes que, sob o trifólio das ogivas, passavam os dias com o cotovelo sobre a pedra e o queixo apoiado na mão, vendo aproximar-se, do fundo do campo, um cavaleiro com uma pluma branca a galope sobre um cavalo preto. Teve nesse tempo o culto de Maria Stuart e sentiu entusiástica veneração pelas mulheres ilustres ou desventuradas. Joana d'Arc, Heloísa, Inês Sorel, a bela Ferronière e Clemência Isaura, para ela, destacavam-se como cometas sobre a tenebrosa imensidão da história, onde ainda sobressaíam, aqui e além, mas mais perdidos na sombra e sem qualquer relação entre si, São Luís com o seu carvalho, Bayard moribundo, algumas ferocidades de Luís XI, um pouco da matança de São Bartolomeu, o penacho do Bearnês e ainda a recordação dos pratos pintados onde Luís XIV era lisonjeado.

Na aula de Música, nas romanças que cantava, só se tratava de anjinhos com asas de ouro, madonas, lagunas, barqueiros, pacíficas composições que lhe deixavam entrever, através da mesquinhez do estilo e das imprudências das notas, a atraente fantasmagoria das realidades sentimentais. Algumas das suas colegas levavam para o convento álbuns de recordações que lhe haviam sido oferecidos. Tinham de os esconder, era uma carga de trabalhos; liam-nos no dormitório. Manuseando as suas belas encadernações de cetim, Emma, deslumbrada, fixava o olhar nos nomes dos autores desconhecidos que haviam assinado no fim das respetivas composições, na sua maioria condes e viscondes.

Ela estremecia, levantando com o hálito o papel de seda das gravuras, que se erguia meio dobrado e voltava a cair lentamente sobre a página. Era, por trás da balaustrada de uma varanda, um rapaz de capa curta apertando nos braços uma menina vestida de branco, com uma escarcela à cintura; ou então retratos anónimos de senhoras inglesas de caracóis louros, que, sob o chapéu de palha redondo, olhavam com os seus grandes olhos claros. Havia-as reclinadas em carruagens, deslizando pelo meio dos parques, com um galgo a pular à frente da parelha, conduzida a trote por dois postilhões de calções brancos. Outras, sonhando sobre sofás, junto de uma carta desdobrada, contemplavam a Lua pela janela entreaberta, meio velada por uma cortina escura. As ingênuas, com uma lágrima a correr-lhes pela face, beijocavam uma rolinha através das grades de uma gaiola gótica, ou,

sorrindo, com a cabeça inclinada para o ombro, desfolhavam um malmequer com os dedinhos pontiagudos e arrebitados como sapatinhos de bico revirado. E aí estáveis também vós; sultões de longos cachimbos, estáticos debaixo dos caramanchões, nos braços de bailadeiras, com *djiaours*, sabres turcos e barretes gregos; e sobretudo vós, lívidas paisagens das regiões ditirâmicas, que muitas vezes nos mostrais ao mesmo tempo palmeiras, pinheiros, tigres à direita, um leão à esquerda, minaretas tártaros no horizonte, em primeiro plano ruínas romanas e, por fim, camelos acorados – tudo emoldurado por uma floresta virgem muito bem cuidada e com um raio de sol perpendicular tremelizando na água, na qual se destacam, de longe em longe, sobre um fundo cinzento de aço, as manchas brancas de cisnes a nadar.

E o quebra-luz do candeieiro, pendurado na parede, por cima da cabeça de Emma, iluminava todos aqueles quadros do mundo, que passavam por diante dela uns atrás dos outros, no silêncio do dormitório, e ao rumor longínquo de alguma tipoia atrasada que ainda rodava pelas avenidas.

Quando a mãe lhe morreu, Emma chorou muito nos primeiros dias. Mandou fazer um quadro fúnebre com os cabelos da defunta e, numa carta que enviou para os Bertaux, toda cheia de reflexões tristes sobre a vida, pedia que ela própria, quando morresse, fosse sepultada no mesmo túmulo. O pobre homem julgou que ela estivesse doente e foi visitá-la. Emma ficou interiormente satisfeita de ter alcançado tão repentinamente esse raro ideal das existências débeis, que os corações medíocres nunca chegam a atingir.

Deixou-se então deslizar pelos meandros lamartinianos, escutou as harpas sobre os lagos, todos os cantos de cisnes moribundos, todo o cair de folhagem, as virgens puras que sobem ao céu e a voz do Eterno falando nos vales.

Enfastiou-se; não o quis confessar e continuou por hábito, depois por vaidade, e ficou, por fim, surpreendida quando se sentiu apaziguada, sem mais tristeza na alma do que rugas no rosto.

As boas religiosas, que tão bem haviam julgado adivinhar a sua vocação, aperceberam-se, com grande espanto, de que a Menina Rouault parecia subtrair-se aos seus cuidados. Com efeito tinham-lhe de tal modo prodigalizado os ofícios religiosos, os retiros, as novenas e os sermões, pregado o respeito devido aos santos e aos mártires e dado tantos conselhos sobre a modéstia do corpo e a salvação da alma,

que ela fez como os cavalos a que se puxa pelas rédeas: estacou de repente e o freio saiu-lhe dos dentes.

Aquele espírito, positivo no meio dos entusiasmos, que amara a Igreja por causa das suas flores, a música pela letra das romanças e a literatura pelas suas excitações passionais, insurgiu-se diante dos mistérios da fé, assim como se irritava ainda mais contra a disciplina, que era qualquer coisa de antipático à sua constituição. Quando o pai a tirou do internato, ninguém se zangou por vê-la partir. A superiora achava mesmo que ela se tornara, nos últimos tempos, pouco reverente com a comunidade.

Emma, voltando para casa, começou por se comprazer em dar ordens aos criados; depois aborreceu o campo e sentiu saudades do convento. Quando Charles foi aos Bertaux pela primeira vez, ela considerava-se fortemente desiludida, sem ter nada mais a aprender, não esperando sentir mais nada.

Mas a ansiedade por um novo estado, ou talvez a excitação causada pela presença daquele homem, bastara para a fazer acreditar que possuía finalmente essa paixão maravilhosa que até então se comportara como um grande pássaro de plumagem cor-de-rosa planando no esplendor dos céus poéticos e não conseguia agora convencer-se de que a calma em que vivia pudesse ser a felicidade com que sonhara.

CAPÍTULO VII

Algumas vezes pensava que aqueles eram, apesar de tudo, os mais belos dias da sua vida, a lua-de-mel, como se dizia.

Para lhe saborear a doçura, teria sido necessário, sem dúvida, partir para aqueles países de nomes sonoros onde os dias imediatos ao do casamento têm mais suaves ociosidades! Em confortáveis assentos de mala-posta, sob cortinas de seda azul, sobem-se a passo caminhos escarpados, ouvindo a cantilena do postilhão, que ecoa na montanha com os chocalhos das cabras e o ruído surdo da cascata. Quando se põe o Sol, respira-se à beira dos golfos o perfume dos limoeiros; depois, à noite, nos terraços das vivendas, a sós, com os dedos entrelaçados, contemplan-se as estrelas e fazem-se projetos.

Parecia-lhe que certos lugares da Terra deviam produzir felicidade, como as plantas próprias de um terreno que se desenvolvem mal noutro lugar. Não poder ela debruçar-se à varanda dos chalés suíços ou encerrar a sua tristeza numa casa de campo escocesa, com um marido trajando casaca de veludo preto, com grandes abas, botas flexíveis, chapéu bicudo e punhos de renda!

Teria talvez desejado confiar a alguém todas estas reflexões. Mas como descrever um incompreensível mal-estar, que muda de aspeto como as nuvens, que rodopia como o vento?

Faltavam-lhe, portanto, as palavras, a oportunidade e a ousadia.

Se Charles, entretanto, tivesse querido, se tivesse pensado, se o seu olhar, uma única vez que fosse, tivesse ido ao encontro do pensamento, parecia-lhe que uma súbita abundância se lhe teria desprendido do coração, como os frutos caem de uma latada quando mal se lhes toca. Mas, à medida que se estreitava mais a intimidade da vida em comum, ia-se produzindo um desapego interior que a separava dele.

A conversação de Charles era sensaborona e rasa como um passeio da rua e nela desfilavam as ideias de toda a gente em trajo vulgar, sem excitar emoção, nem riso, nem devaneio.

Nunca tivera a curiosidade, segundo ele próprio dizia, de ir ao teatro ver os atores de Paris, enquanto residira em Ruão.

Não sabia nadar, nem manejar as armas, nem atirar à pistola, e certo dia nem foi capaz de lhe explicar um termo de equitação que ela encontrara num romance.

Não devia um homem, pelo contrário, saber tudo, ser exímio em múltiplas atividades, iniciar a mulher nas energias da paixão, nos requintes da vida, em todos os mistérios? Mas aquele não ensinava nada, não sabia nada e não aspirava a nada. Supunha-a feliz, e ela detestava-o por aquela calma tão bem assente, aquela serena inércia, a própria felicidade que lhe dava.

Ela às vezes desenhava; e para Charles era um grande divertimento ficar ali, de pé, a vê-la curvada sobre o papel, piscando os olhos para observar melhor o trabalho, ou enrolando bolinhas de miolo de pão entre o polegar e o indicador. No que respeitava ao piano, quanto mais depressa corriam os dedos sobre o teclado, mais ele se maravilhava. Ela batia as teclas com força e percorria de uma ponta à outra todo o teclado sem se interromper. Assim sacudido, o velho instrumento, com as cordas a vibrar exageradamente, ouvia-se até ao extremo da aldeia se a janela estivesse aberta, e muitas vezes o ajudante do oficial de diligências, que passava na estrada, sem chapéu e de tamancos, parava para escutar, com a sua folha de papel na mão.

Emma, por outro lado, sabia dirigir a casa. Mandava aos doentes a conta das visitas, em cartas muito bem redigidas que nem cheiravam a fatura. Quando, ao domingo, convidavam algum vizinho para jantar, ela arranjava maneira de oferecer um prato bem apresentado, tinha habilidade para dispor sobre folhas de parreira pirâmides de rainhas-cláudias, servia pudins desenhados sobre um prato e até dizia que havia de comprar tacinhas para a sobremesa. Tudo isso resultava em muita consideração para Bovary.

Charles chegava a sentir-se mais importante pelo facto de possuir uma mulher como aquela. Mostrava com orgulho dois pequenos esboços que tinha na sala, feitos por ela a carvão e mandados encaixilhar por ele em enormes molduras, suspensas contra o papel da parede por compridos cordões verdes. À hora de sair da missa, as pessoas viam-no à porta de casa calçando belas pantufas bordadas.

Recolhia-se tarde, às dez horas, por vezes à meia-noite.

Então pedia comida e, como a criada já estava deitada, era Emma que o servia. Despia a sobrecasaca para jantar mais à vontade. Mencionava uma atrás da outra todas as pessoas que encontrara, as aldeias onde estivera, as receitas que passara e, satisfeito consigo

mesmo, comia o resto da carne, descascava o queijo, trincava uma maçã, esvaziava a garrafa e depois ia enfiar-se na cama, deitava-se de costas e ressonava.

Como usara durante muito tempo a carapuça de dormir, o lenço não lhe ficava seguro nas orelhas; de modo que, de manhã, tinha os cabelos emaranhados e caídos sobre o rosto, todos esbranquiçados com a penugem da almofada, cujos cordões se desatavam durante a noite. Trazia sempre umas botas grossas, com duas rugas oblíquas desde o peito do pé até ao tornozelo, enquanto o resto das gáspeas era liso e esticado como se contivessem um par de pés de madeira. Dizia ele que serviam muito bem assim para o campo. A mãe aprovava-lhe aquela economia, pois vinha visitá-lo como dantes sempre que em casa dela tivesse havido qualquer borrasca um tanto violenta; e, no entanto, a senhora Bovary mãe parecia mostrar má vontade contra a nora.

Achava-a gastadora demais para as suas posses; a lenha, o açúcar e a luz escoavam-se como numa casa opulenta e a quantidade de carvão que se queimava na cozinha daria para vinte e cinco pratos! Arrumava-lhe a roupa nos armários e ensinava-a a prestar atenção à quantidade de carne que lhe traziam do talho – Emma recebia aquelas lições; a senhora Bovary era pródiga em lhas dar; e as expressões minha filha e minha mãe repetiam-se durante todo o dia, acompanhadas de uma breve tremura dos lábios, cada qual pronunciando palavras meigas com uma voz trémula de cólera.

No tempo da senhora Dubuc, a velhota sentia-se ainda preferida; mas, atualmente, o amor de Charles por Emma parecia-lhe desprezo pela sua ternura, uma invasão daquilo que lhe pertencia; e observava a felicidade do filho com um silêncio triste, como alguém que, depois de arruinado, espreitasse, através da janela, outras pessoas instaladas à mesa da sua antiga casa. Recordava-lhe, à maneira de lembrança, os seus esforços e sacrifícios e, comparando-os com as negligências de Emma, concluía não ser de forma alguma razoável adorá-la de um modo tão exclusivo.

Charles não sabia como responder; respeitava a mãe e amava infinitamente a sua mulher; considerava infalível o raciocínio de uma e, no entanto, achava a outra irrepreensível. Quando a senhora Bovary se tinha ido embora, ele arriscava timidamente, e com os mesmos termos, uma ou duas das observações mais inofensivas que ouvira

fazer à mãe; Emma, provando-lhe com uma só palavra que ele se enganava, mandava-o ir ter com os seus doentes.

No entanto, segundo teorias que julgava boas, ela quis entregar-se ao amor. Ao luar, no jardim, recitava tudo o que sabia de cor de versos apaixonados e cantava-lhe, entre suspiros, melancólicos adágios; mas achava-se a seguir tão calma como antes e Charles não se mostrava nem mais amoroso nem mais agitado.

Depois de ter assim tentado chegar-lhe ao coração sem conseguir arrancar-lhe uma única centelha, incapaz, além disso, de compreender aquilo que não sentia, como também de acreditar em tudo o que não se manifestasse sob as formas convencionais, não teve dificuldade em se convencer de que a paixão de Charles nada mais tinha de extraordinário. As suas expansões haviam-se tornado regulares; beijava-a a determinadas horas.

Era um hábito entre outros, como uma sobremesa previamente preparada, após a monotonia do jantar.

Um cutelo, curado pelo médico de uma pneumonia, oferecera à senhora uma galguzinha de Itália; ela levava-a a passear, pois às vezes saía para passar uns instantes só e não ter sempre na frente dos olhos o eterno jardim com o caminho poeirento.

Ía até às faias de Banneville, ao pé do pavilhão abandonado que marca a esquina do muro, do lado dos campos. Há ali na vala, no meio da vegetação, compridos caniços de folhas afiadas.

Começava por observar as cercanias, para ver se alguma coisa se modificara depois da última vez que ali fora. Encontrava nos mesmos lugares as digitais, as boninas, as moitas de ortigas envolvendo as grandes pedras e as placas de líquen ao longo das três janelas, cujas persianas, sempre fechadas, se desfaziam de podres nos varões enferrujados. O pensamento, de início sem qualquer objetivo, vagueava-lhe ao acaso, como a galga, que descrevia círculos pelo campo, ladrava contra as borboletas amarelas, dava caça aos musaranhos, ou mordiscava as papoilas na periferia de uma seara.

Depois, as ideias iam-se-lhe fixando a pouco e pouco e, sentada na relva, que ia escavando lentamente com a ponta da sombrinha, repetia consigo mesma: “Oh, meu Deus! Mas porque me casei eu?” E perguntava a si própria se não poderia ter havido meio de, por outras combinações do acaso, encontrar outro homem; procurava imaginar como teriam sido esses acontecimentos não sobrevivendo, essa vida diferente, esse marido que não conhecia. Nem todos, com efeito, se

pareciam com aquele. Poderia ter sido belo, espiritual, distinto, atraente, como seriam, sem dúvida, os que casaram com as suas antigas colegas do convento. Que estariam elas fazendo agora?

Na cidade, com o ruído das ruas, o rumor dos teatros e a iluminação dos bailes, levavam uma existência em que o coração se dilata e os sentidos desabroçam. Mas ela, a sua vida era fria como um sótão com a lucarna voltada para o norte, e o tédio, qual aranha silenciosa, tecia-lhe à sombra a sua teia em todos os cantos do coração. Lembrava-se dos dias de distribuição de prêmios, em que subia ao estrado para ir buscar as suas pequenas recompensas. Com os cabelos entrançados, de vestido branco e sapatos pretos decotados, tinha um modo gentil, e os cavalheiros, quando ela voltava a sentar-se, inclinavam-se para lhe dirigir elogios; o pátio estava cheio de caleches, diziam-lhe adeus pelas portinholas, o mestre da música passava fazendo cortesias com a caixa do seu violino na mão. Como já ia longe tudo aquilo! Como ia já tão longe!

Chamava por Djali, prendia-a entre os joelhos, passava-lhe os dedos pela cabeça fina e longa e dizia-lhe: “Vamos, beija a tua dona, tu que não tens nenhum desgosto.” Depois, observando a expressão melancólica do elegante animal, que bocejava lentamente, enternecia-se e, comparando-o a si mesma, falava-lhe em voz alta, como a alguém aflito a quem se consola.

Vinham por vezes rajadas de vento, brisas do mar que, rolando com ímpeto sobre todo o planalto da região de Caux, traziam, até aos campos do interior, uma frescura salgada. Os juncos sibilavam rentes ao chão e as folhas das faias rumorejavam num rápido frémito, enquanto os cimos, baloiçando sempre, continuavam o seu longo murmúrio. Emma apertava o xaile contra os ombros e levantava-se.

Na avenida, uma luz verde coada pela folhagem iluminava o musgo rasteiro que lhe estalava brandamente debaixo dos pés.

Punha-se o Sol; o céu aparecia vermelho por entre os ramos e os troncos iguais das árvores plantadas em linha reta pareciam uma colunata escurecida destacando-se sobre um fundo de ouro; sentia-se tomada de medo, chamava Djali, voltava rapidamente para Tostes pela estrada principal, deixava-se cair numa poltrona e, durante toda a noite, não dizia uma palavra.

Entretanto, pelos fins de setembro, aconteceu na sua vida uma coisa extraordinária: foi convidada a visitar, em Vaubyessard, a casa do marquês de Andervilliers.

Tendo sido secretário de Estado no tempo da Restauração, o marquês, procurando regressar à vida política, preparava com bastante antecipação a sua candidatura à Câmara dos Deputados.

No Inverno fazia numerosas distribuições de lenha e, no Conselho Geral, reclamava sempre, com exaltação, estradas para o seu distrito. Tivera, por ocasião dos grandes calores, um abcesso na boca, do qual Charles o curara como que por milagre, dando-lhe um oportuno golpe de lanceta. O administrador enviado a Tostes para pagar a operação contou, à noite, que vira no quintalejo do médico umas cerejas soberbas.

Ora as cerejeiras davam-se mal em Vaubyessard. O senhor Marquês pediu algumas estacas a Bovary e tomou como dever ir agradecê-las pessoalmente. Reparou em Emma, achou-a elegante e notou que não cumprimentava como uma campônia; de modo que no castelo se não julgou ultrapassar os limites da condescendência, nem, por outro lado, cometer um despropósito, ao convidar o jovem casal.

Uma quarta-feira, às três horas, o doutor e a senhora Bovary subiram para a sua carruagem e foram a caminho de Vaubyessard, com uma grande mala amarrada na traseira e uma chapeleira na frente. Charles levava ainda uma caixa de cartão entre os joelhos.

Chegaram ao cair da noite, quando se começavam a acender os lampiões no parque, para iluminar as carruagens.

CAPÍTULO VIII

O palácio, de construção moderna, à italiana, com duas alas salientes e três escadarias, estendia-se sobre um imenso relvado onde pastavam algumas vacas, entre grupos de grandes árvores espaçadas, enquanto canteiros de arbustos, rododendros, silindras e viburnos ostentavam os seus tufos de verdura desigual ao longo da curva do caminho arenoso. Debaixo de uma ponte passava uma ribeira; através da bruma distinguiam-se casas com teto de colmo, dispersas pela pradaria, ladeada por duas encostas suaves cobertas de arvoredos; e por detrás sobre os outeiros, ficavam situados, em duas linhas paralelas, os alpendres e as estrebarias, restos conservados do antigo castelo demolido.

A carruagem de Charles deteve-se diante da escadaria central; apareceram criados; adiantou-se o marquês e, oferecendo o braço à mulher do médico, introduziu-a no vestíbulo.

Este era pavimentado de mármore, muito alto, e o ruído dos passos, como também o das vozes, ecoavam ali como numa igreja.

Em frente subia uma escadaria direita e à esquerda uma galeria sobre o jardim levava à sala de bilhar, onde da porta se ouvia já carambolar as bolas de marfim. Ao atravessá-la para se dirigir ao salão, Emma viu em volta da mesa de bilhar homens de rosto grave, de queixo montado sobre grandes gravatas, todos condecorados e que sorriam silenciosamente enquanto manejavam os tacos. Sobre o madeiramento escuro dos lambris havia molduras douradas, mostrando no bordo inferior nomes escritos em letras negras. Ela leu: “Jean-Antoine d’Andervilliers d’Yverbonville, conde de La Vaubyessard e barão de La Fresnaye, morto na batalha de Coutras, a 20 de outubro de 1587.” E numa outra: “Jean-Antoine-Henry-Guy d’Andervilliers de La Vaubyessard, almirante de França e cavaleiro da ordem de São Miguel, ferido no combate de La Hougue – Saint-Vaast, a 29 de maio de 1692, falecido em Vaubyessard a 23 de janeiro de 1693.”

Depois havia dificuldade em ler os seguintes, porque a luz das lâmpadas, dirigida para o tapete verde do bilhar, lançava uma sombra em volta do aposento. Escurecendo as telas horizontais, quebrava-se contra elas em arestas finas, segundo as estaladelas do verniz; e de

todos aqueles quadrados negros orlados de ouro ressaía, aqui e ali, qualquer porção mais clara da pintura, uma testa pálida, dois olhos a fixar-nos, perucas caindo sobre os ombros empoados das casacas vermelhas, ou então a fivela de uma liga sobre uma perna roliça.

O marquês abriu a porta do salão; uma das damas levantou-se (a própria marquesa em pessoa), foi ao encontro de Emma e fê-la sentar-se no sofá junto de si, começando a falar-lhe amigavelmente, como se a conhecesse desde longa data. Era uma mulher de cerca de quarenta anos, de belos ombros, nariz arqueado e voz arrastada; naquela noite tinha sobre os cabelos castanhos um simples lenço de renda que lhe caía por trás, em triângulo. Ao lado estava uma rapariga loira, numa cadeira de espaldar; e vários cavalheiros, de florzinha na lapela da casaca, conversavam com as damas em torno do fogão.

Às sete horas serviu-se o jantar. Os homens, mais numerosos, sentaram-se à primeira mesa, no vestibulo, e as damas na segunda, na sala de jantar, com o marquês e a marquesa.

Ao entrar, Emma sentiu-se envolvida numa atmosfera quente, mistura do perfume das flores e de boa roupa, do odor da carne e do cheiro dos condimentos. As velas dos candelabros alongavam as suas flamas sobre as campânulas de prata; os cristais facetados, embaciados pelos vapores, trocavam pálidos reflexos; havia uma fila de ramalhetes sobre toda a extensão da mesa e, sobre os pratos de larga cercadura, os guardanapos, dispostos à maneira de mitra de bispo, seguravam, cada um, entre as suas dobras, um pequeno pão de formato oval. As patas vermelhas das lagostas excediam a borda das travessas; havia grandes peças de fruta acamadas em musgo dentro de cestinhos arrendados; as codornizes mantinham ainda as penas; subiam vapores; e, de meia de seda, calção curto, gravata branca e folhos, importante como um juiz, o mordomo, passando por entre os ombros dos convivas os pratos já trinchados, com um toque da colher fazia saltar para cada um o bocado escolhido. Sobre o grande fogão de porcelana com varão de cobre, uma estátua de mulher enroupada até ao queixo fixava, imóvel, a sala cheia de gente.

A senhora Bovary reparou que algumas damas não tinham colocado as luvas no copo.

Entretanto, à cabeceira da mesa, sozinho entre todas aquelas mulheres, curvado sobre o prato cheio, com o guardanapo atado atrás do pescoço como uma criança, um velho comia, deixando cair da boca

pingos de molho. Tinha os olhos inflamados e usava um pequeno rabicho atado com uma fita preta.

Era o sogro do marquês, o velho duque de Laverdière, o antigo favorito do conde de Artois, na época das partidas de caça em Vaudreuil, nas propriedades do marquês de Conflans, e que fora, segundo se dizia, amante da rainha Maria Antonieta entre os senhores de Coigny e de Lauzun. Tivera uma vida ruidosa de desregramento, cheia de duelos, de apostas, de mulheres raptadas, estourara com a fortuna e estarrecera toda a família. Um criado, postado atrás da cadeira dele, dizia-lhe em voz alta, ao ouvido, o nome dos pratos que ele apontava com o dedo, balbuciando; e continuamente os olhos de Emma se voltavam, mesmo involuntariamente, para aquele velho de lábios pendentes, como para qualquer coisa extraordinária e augusta. Vivera na corte e deitara-se na cama das rainhas!

Serviram champanhe gelado. Emma sentiu um arrepio por todo o corpo com aquele frio na boca. Nunca tinha visto romãs nem comido ananás. Até o açúcar em pó lhe pareceu mais branco e mais fino do que nos outros lugares.

As damas, em seguida, subiram aos seus quartos, a fim de se prepararem para o baile.

Emma fez a sua toilette com a meticulosidade de consciência de uma atriz em noite de estreia. Arranjou o penteado segundo as recomendações do cabeleireiro e envergou o seu vestido de barege, estendido em cima da cama. As calças de Charles apertavam-lhe na barriga.

– As presilhas vão-me estorvar a dançar – diz ele.

– Dançar? – perguntou Emma.

– Sim!

– Mas perdeste a cabeça! Fariam troça de ti; deixa-te ficar sentado. Aliás, é mais próprio de um médico – acrescentou.

Charles calou-se. Passeava de um lado para o outro à espera de que Emma se vestisse.

Via-a por trás, no espelho, entre dois castiçais. Os dois olhos negros pareciam mais negros. Os bandós, levemente arqueados junto às orelhas, tinham reflexos azulados; uma rosa tremia no carrapicho, sobre uma haste móvel, com gotas artificiais nas pontas das pétalas. Tinha um vestido cor de açafão desmaiado, realçado por três ramalhetes de rosas de toucar misturadas com verdura.

Charles veio dar-lhe um beijo no ombro.

– Deixa-me! – diz ela. – Amarrotas-me.

Ouviram-se uns acordes de violino e o som de uma trompa. Emma desceu a escada, abstendo-se a custo de correr.

Tinham começado as quadrilhas. Chegava gente. Acotovelavam-se. Ela sentou-se perto da porta, sobre uma banquetta.

Terminada a contradança, ficou a sala desobstruída para os grupos de homens, que conversavam de pé, e para os criados de libré, que traziam grandes bandejas.

Na fila das mulheres sentadas agitavam-se os leques pintados, os ramos de flores escondiam parcialmente o sorriso dos rostos e frasquinhos com tampas de ouro volteavam em mãos entreabertas cujas luvas brancas marcavam a forma das unhas e apertavam a carne nos pulsos. Os enfeites de renda, as pregadeiras de brilhantes e os braceletes de medalhão agitavam-se nos decotes, cintilavam nos colos e tilintavam nos braços nus. As cabeleiras, bem coladas à testa e enroladas na nuca, ostentavam, em forma de coroa... de cacho, ou de ramo, miosótis, jasmims, flores de romã, espigas ou centáureas.

Sossegadas nos seus lugares, mããs de rosto carrancudo exibiam toucados vermelhos.

O coração de Emma palpitou um pouco quando, conduzida pelas pontas dos dedos do seu cavalheiro, se foi colocar em linha, à espera do sinal do violino para a partida. Mas logo a emoção desapareceu; e, balouçando-se ao ritmo da orquestra, deslizava para a frente, com ligeiros movimentos do pescoço.

Assomava-lhe um sorriso aos lábios quando ouvia certos requebros do violino, que algumas vezes tocava em solo, quando os restantes instrumentos se calavam; ouvia-se o límpido tinir dos luíses de ouro lançados nas mesas de jogo, ao lado; depois tudo recomeçava ao mesmo tempo, a trompa de pistões soltava uma descarga sonora, os pés acertavam o passo, as saias tufavam-se e roçagavam, davam-se as mãos e voltavam a deixar-se; os olhares desviavam-se agora, para logo se fixarem de novo.

Alguns homens (cerca de uns quinze), de vinte e cinco a quarenta anos, espalhados entre os dançarinos ou conversando à entrada das portas, distinguíam-se dos restantes por um certo ar de família, qualquer que fosse a diferença de idade, de indumentária ou de fisionomia.

As casacas, mais bem feitas, pareciam de um melhor tecido e os cabelos, puxados em caracóis para os lados da testa, lustrados com

pomadas mais finas. Tinham o tom de pele da riqueza, esse tom branco que é realçado pela palidez das porcelanas, as ondulações de cetim, o verniz dos belos móveis, e é mantido na sua pureza por um regime discreto de alimentos raros. Moviam o pescoço à vontade em gravatas estreitas; as suíças compridas caíam-lhes sobre colarinhos voltados; limpavam os lábios a lenços bordados com grandes monogramas, exalando um aroma suave. Os que começavam a envelhecer tinham um ar de juventude, enquanto se notava uma certa maturidade no rosto dos jovens. Nos olhares indiferentes fluía a quietação, de paixões diariamente saciadas; e, através dos modos afáveis, transparecia essa brutalidade particular comunicada pelo domínio de coisas parcialmente fáceis, em que a força se exercita e a vaidade se diverte: manejar cavalos de raça e conviver com mulheres perdidas.

A três passos de Emma, um cavalheiro de casaca azul conversava sobre a Itália com uma senhora nova, pálida, que tinha um adereço de pérolas.

Gabavam a espessura dos pilares de São Pedro, o Tívoli, o Vesúvio, Castellamare e Cassines, as rosas de Génova, o Coliseu visto ao luar. Com o outro ouvido, Emma seguia uma conversação cheia de palavras que ela não entendia. Várias pessoas rodeavam um rapaz muito novo que, na semana anterior, batera Miss Arabelle e Romulus e ganhara dois mil luíses a saltar uma vala, em Inglaterra. Um queixava-se de que os seus corredores estavam a engordar; outro, dos erros tipográficos que lhe tinham estropiado o nome do cavalo.

O ambiente do baile estava pesado; as luzes enfraqueciam. Todos se iam concentrando na sala de bilhar. Um criado subiu a uma cadeira e partiu dois vidros; com o barulho dos estilhaços, a senhora Bovary voltou a cabeça e avistou, no jardim, contra as vidraças, caras de camponeses que espreitavam. Veio-lhe então a recordação dos Bertaux. Reviu a quinta, o charco lamacento, o pai, de blusa, debaixo das macieiras, e reviu-se a si mesma, como outrora, retirando com o dedo a nata das terrinas da queijaria. Mas, diante dos fulgores da hora presente, a sua vida passada, tão nítida no seu espírito até àquele instante, desvaneceu-se completamente e quase duvidou de a ter vivido. Ali estava ela; e, em torno do baile, não havia senão sombra estendida sobre tudo o resto. Comia naquele momento um gelado de marrasquino, que segurava com a mão esquerda, numa concha de prata dourada, e semicerrou os olhos, com a colher entre os dentes.

Junto dela, uma dama deixou cair o leque. Ia a passar um dançarino.

– Se tivesse a bondade de apanhar o meu leque, que caiu atrás deste canapé – disse-lhe a dama.

O cavalheiro inclinou-se e, enquanto fazia o movimento de estender o braço, Emma viu a mão da jovem dama lançar-lhe no chapéu qualquer coisa branca, dobrada em triângulo. O cavalheiro, apanhando o leque, devolveu-o à dama, com todo o respeito; ela agradeceu-lhe com uma inclinação da cabeça e pôs-se a respirar o perfume do seu ramalhete.

Depois da ceia, em que abundaram os vinhos de Espanha e do Reno, sopas de lagostins e creme de amêndoas, pudins à Trafalgar e toda a espécie de carnes frias rodeadas por geleias que tremiam nos pratos, as carruagens começaram a partir, umas atrás das outras. Afastando-se um cantinho da cortina de musselina, viam-se deslizar na sombra as luzes das lanternas. As banquetas ficaram desocupadas; restavam ainda alguns jogadores; os músicos refrescavam com a língua a ponta dos dedos; Charles estava meio adormecido, com as costas apoiadas contra uma porta.

Às três da madrugada começou o cotilhão. Emma não sabia valsar. Toda a gente valsava, mesmo a Menina de Andervilliers e a marquesa; restavam apenas os hóspedes do palácio, mais ou menos uma dúzia de pessoas.

Entretanto, um dos valsistas, a quem chamavam familiarmente Visconde e cujo colete, muito aberto, parecia ter-lhe sido moldado no peito, foi ainda pela segunda vez convidar a senhora Bovary, garantindo-lhe que a guiaria e que ela se sairia bem.

Começaram lentamente, depois mais depressa. Giravam: tudo girava em torno deles, os candeeiros, os móveis, os lambris e o sobrado, como um disco sobre o seu eixo. Quando passavam junto das portas, o vestido de Emma roçava a orla pela calça do seu par; as pernas cruzavam uma com a outra; ele baixava o olhar para ela e ela levantava o seu para ele; um torpor começou a tomar posse dela, e Emma deteve-se.

Recomeçaram; e, com um movimento mais rápido, o Visconde, arrebatando-a, conduziu-a até ao fundo da galeria, onde, ofegante, Emma esteve a ponto de cair e, por um instante, apoiou a cabeça sobre o peito dele. Depois, girando sempre, mas com mais lentidão, reconduziu-a de novo ao seu lugar; ela voltou-se para a parede e

colocou a mão diante dos olhos. Quando os voltou a abrir, viu, no meio do salão, sentada num tamborete, uma dama com três valsistas ajoelhados na sua frente. A dama escolheu o Visconde e o violino recomeçou.

Toda a gente os observava. Passavam e tornavam a passar, ela com o corpo imóvel e o queixo inclinado e ele sempre na mesma atitude, com o busto curvado, o braço ligeiramente arqueado, a boca projetada para a frente.

Aquela é que sabia valsar!

Continuaram durante muito tempo e cansaram todos os outros.

Conversou-se ainda durante alguns minutos e, depois das despedidas, ou, melhor, dos bons-dias, os hóspedes do palácio foram-se deitar.

Charles arrastou-se pela escada, agarrado ao corrimão, sentindo que as pernas lhe entravam pelo corpo. Passara cinco horas seguidas, de pé diante das mesas, a ver jogar ao whist sem nada compreender. Por isso soltou um grande suspiro de alívio quando descalçou as botas.

Emma pôs um xaile sobre os ombros, abriu a janela e debruçou-se.

A noite estava escura. Caíam algumas gotas de chuva. Aspirou o vento húmido que lhe refrescava as pálpebras. A música do baile ainda lhe ressoava aos ouvidos e esforçava-se por se manter acordada, a fim de prolongar a ilusão daquela vida luxuosa que há momentos fora obrigada a abandonar.

Começou a amanhecer. Ela olhou demoradamente para as janelas do palácio, procurando adivinhar quais seriam os quartos de todos aqueles em quem reparara na véspera. Quisera conhecer-lhes a existência, penetrá-la, confundir-se com ela.

Mas tremia de frio. Despiu-se e encolheu-se entre os lençóis, encostando-se a Charles que dormia.

Ao almoço havia muita gente. A refeição durou dez minutos; não serviram nenhum álcool, o que causou admiração ao médico. Em seguida, a Menina de Andervillers apanhou os bocadinhos de bolo para uma cestinha, para os ir levar aos cisnes do tanque, e foi-se dar um passeio pela estufa, onde plantas extravagantes, eriçadas de pelos, se sobrepunham em pirâmides sob vasos suspensos, que, semelhantes a ninhos de serpentes a transbordar, deixavam cair pelas bordas longos cordões verdes entrelaçados. O laranjal, que se encontrava no extremo, cobria o caminho até às dependências do palácio. O marquês, para

divertir Emma, levou-a a ver as cavaliças. Por cima das manjedouras, em forma de cestos, havia placas de porcelana com os nomes dos cavalos em letras pretas. Cada animal se agitava no seu estábulo quando se lhe passava próximo, dando estalos com a língua. O soalho da arrecadação estava limpo e polido como o de uma sala. Os arreios de carruagem estavam pendurados ao centro, sobre duas colunas giratórias, e os freios, os chicotes, os estribos e as barbelas enfileirados ao longo da parede.

Charles, entretanto, foi pedir a um criado que lhe aparelhasse o carro. Trouxeram-no para defronte da escadaria e, depois de acomodada toda a bagagem, o casal Bovary apresentou os seus agradecimentos ao marquês e à marquesa e regressou a Tostes.

Emma, em silêncio, observava o movimento das rodas. Charles, sentado na extremidade da banquetta, guiava com os braços afastados um para cada lado e o cavalito seguia a furta-passo entre os varais, que eram demasiado largos para ele. As rédeas bambas batiam-lhe na garupa, molhando-se de espuma, e a mala, amarrada na traseira do veículo, dava contra a carroçaria grandes pancadas regulares.

Haviam chegado às alturas de Thibounille quando, subitamente, diante deles, passaram cavaleiros a rir, de charuto na boca. Emma julgou reconhecer o Visconde: voltou-se e, no horizonte, apenas distinguiu o movimento das cabeças subindo e descendo, segundo a cadência desigual do trote ou do galope.

Um quarto de légua mais adiante foi necessário parar para consertar, com uma corda, a retranca, que se partira.

Então Charles, dando aos arreios uma última vista de olhos, viu qualquer coisa no chão, entre as patas do cavalo; e apanhou uma charuteira toda bordada a seda verde, com um brasão ao centro, com a portinhola de uma carruagem.

– Até tem dois charutos dentro – disse ele. – Vão ser para esta noite, depois do jantar.

– Então tu fumas? – perguntou ela.

– Às vezes, quando se oferece a oportunidade. Enfiou o achado no bolso e chicoteou o poldro.

Quando chegaram a casa, não estava o jantar pronto. A senhora exaltou-se. Nastasie respondeu insolentemente.

– Ponha-se a andar! – exclamou Emma. – Isso é fazer troça. Está despedida.

Para o jantar havia sopa de cebola, com um pedaço de vitela com azedas. Charles, sentado defronte de Emma, disse, esfregando as mãos com um ar de felicidade:

– Que bom que é estarmos na nossa casa!

Ouvia-se Nastasie a chorar. Ele tinha uma certa estima pela pobre rapariga. Fizera-lhe companhia durante muitos serões, na ociosidade da sua viuvez. Fora a sua primeira doente, era o seu mais antigo conhecimento naquela região.

– Mandaste-a embora mesmo de vez? – perguntou por fim.

– Sim. Quem me impede de o fazer? – respondeu ela.

Depois aqueceram-se na cozinha, enquanto lhes aprontavam o quarto. Charles pôs-se a fumar. Fumava esticando os beiços, cuspidando constantemente, encolhendo-se a cada fumaça.

– Isso vai fazer-te mal – comentou ela desdenhosamente.

Ele largou o charuto e correu a beber, diretamente da bomba, um copo de água fresca. Emma agarrou na charuteira e atirou-a rapidamente para o fundo do armário.

O dia seguinte custou a passar! Ela passeou no jardimzito, passando e voltando a passar pelos mesmos caminhos, parando diante dos canteiros, diante da latada, diante do padre de gesso, olhando admirada para todas aquelas coisas que já antes tão bem conhecia. Como lhe parecia já ir longe o baile! Quem separava, então, a tamanha distância, a manhã de anteontem da tarde de hoje? A viagem a Vaubyessard cavara um fosso na sua vida, à maneira das grandes fendas que uma tempestade, numa única noite, cava às vezes nas montanhas. No entanto, resignou-se, fechou, com devoto cuidado, na sua cómoda, o belo vestido, e até os sapatos de cetim com a sola amarelecida da cera escorregadia do salão. Tinha o coração como eles: ao contacto com a riqueza, estivera sobre qualquer coisa que nunca mais se haveria de apagar.

A recordação daquele baile tornou-se então para Emma uma ocupação. Sempre que chegava a quarta-feira, pensava ela, ao acordar: “Ah!, faz hoje oito dias... faz hoje quinze dias... faz hoje três semanas, lá estava eu!”

E, a pouco e pouco, as fisionomias foram-se confundindo na sua memória, esqueceu a música das contradanças, deixou de recordar tão distintamente as librés e os aposentos; desvaneceram-se alguns pormenores, mas ficou-lhe a saudade.

CAPÍTULO IX

Muitas vezes, depois de Charles sair, ia buscar ao armário, entre a roupa dobrada onde a havia deixado, a charuteira de seda verde.

Mirava-a, abria-a e até lhe cheirava o perfume do forro, mistura de verbena e tabaco. A quem pertenceria? Ao Visconde.

Talvez um presente da sua amante. Teria sido bordada nalgum bastidor de palissandro, pequenino móvel, furtado a todos os olhares, que ocupara muitas horas e sobre o qual penderam os macios anéis dos cabelos da pensativa bordadora.

Um sopro de amor passara entre as malhas daquela tela; cada movimento da agulha fixara ali uma esperança ou uma recordação, e todos aqueles fios de seda entrelaçados nada mais eram do que a continuidade da mesma paixão silenciosa.

Depois, o Visconde, numa certa manhã, levava-a consigo. De que se teria falado, enquanto ela era deixada sobre os grandes fogões de amplos alizares, entre os vasos de flores e os relógios Pompadour? Emma estava em Tostes.

Ele, agora, em Paris, longe! Como seria esse Paris? Que nome imenso!

Repetia-o a meia voz para sentir prazer; soava-lhe aos ouvidos como sinos de uma catedral, flamejava-lhe diante dos olhos até nos rótulos dos seus boiões de pomada.

De noite, quando os vendedores de peixe, com as suas carroças, lhe passavam por baixo da janela cantando a Marjolaine, Emma acordava; ouvia o barulho das rodas ferradas que, à saída da aldeia, se amortecia rapidamente no caminho de terra: “Amanhã lá estarão eles!”, pensava ela.

E seguia-os com o pensamento, subindo e descendo as encostas, atravessando aldeias, correndo pela estrada larga à luz das estrelas. Ao cabo de uma distância indeterminada havia sempre um lugar confuso onde terminava o seu sonho.

Comprou uma planta de Paris e, deslocando a ponta do dedo sobre o mapa, dava passeios pela capital. Subia as avenidas, parando a cada esquina, entre as linhas das ruas, diante dos quadrados brancos que representavam as casas.

Por fim, com os olhos cansados, fechava as pálpebras e via, no escuro, torcerem-se com o vento os bicos de gás, juntamente com os estribos das carruagens que se desdobravam com grande estrépito diante do peristilo dos teatros.

Assinou a *La Corbeille*, revista feminina, e *Le Sylphe des Salons*. Devorava, sem perder nada, todas as notícias das primeiras representações, das corridas e das receções, interessando-se pela estreia de uma cantora, pela abertura de uma loja. Conhecía as modas novas, os endereços dos bons costureiros, os dias de Bosque ou de ópera. Estudou, em Eugène Sue, descrições de mobiliário, leu Balzac e George Sand, procurando neles uma maneira de saciar imaginariamente os seus apetites pessoais. Até para a mesa levava o seu livro e ia voltando as páginas enquanto Charles comia e falava com ela. A lembrança do Visconde reaparecia sempre nas suas leituras.

Estabelecia comparações entre ele e as personagens inventadas.

Mas o círculo cujo centro era ele foi-se alargando pouco a pouco à sua volta e aquela auréola que ele tinha, afastando-se da sua pessoa, estendeu-se para mais longe, iluminando outros sonhos.

Paris, mais vago que o oceano, cintilava assim aos olhos de Emma numa atmosfera cor de fogo. A multidão de vida que se agitava naquele tumulto dividia-se, entretanto, em diversas partes, era classificada em quadros distintos. Emma distinguia apenas dois ou três que lhe escondiam todos os outros e que, por si sós, representavam a humanidade inteira. O mundo dos embaixadores caminhava sobre soalhos lustrosos, em salões forrados de espelhos, em torno de mesas ovais cobertas de tapetes de veludo com franjas de ouro. Havia ali vestidos de cauda, grandes mistérios, angústias dissimuladas por trás dos sorrisos. Vinha a seguir a sociedade das duquesas; todos tinham uma cor pálida; levantavam-se às quatro horas; as mulheres, pobres anjos!, usavam rendas da Inglaterra na orla dos seus saíotes e os homens, capacidades ignoradas sob um exterior de futilidade, rebentavam cavalos por divertimento, iam passar em Bade a época de Verão e, finalmente, por volta dos quarenta anos, casavam-se com herdeiras. Nos gabinetes dos restaurantes onde se ceia depois da meia-noite divertia-se, à luz das velas, a multidão mista dos homens de letras e das atrizes. Esses eram pródigos como reis, cheios de ambições ideais e de delírios fantásticos. Era uma existência acima das restantes, entre o céu e terra, nas tempestades, qualquer coisa de sublime. Quanto ao resto das pessoas, perdia-se, sem lugar definido, como se não

existisse. Aliás, quanto mais próximas estivessem as coisas, mais o pensamento se lhe desviava delas. Tudo quanto a rodeava de perto, o campo enfadonho, burguesinhos imbecis, mediocridade da existência, lhe parecia uma exceção no mundo, um acaso particular a que se achava ligada, enquanto para além se estendia, a perder de vista, o imenso país das felicidades e das paixões. Nos seus desejos, ela confundia as sensualidades do luxo com as alegrias do coração, a elegância dos costumes com as delicadezas do sentimento. Não precisaria o amor, como as plantas da Índia, de terrenos preparados, de uma temperatura determinada? Os suspiros ao luar, os abraços prolongados, as lágrimas correndo sobre as mãos que se abandonam, as febres da carne e a languidez da ternura não podem, pois, separar-se da varanda dos grandes palácios onde há muito tempo de lazer, ou de uma antecâmara com reposteiros de seda e uma espessa alcatifa, jardineiras bem enfeitadas e um leito sobre um estrado, ou ainda do cintilar das pedras preciosas e dos alamares das librés.

O rapaz da posta, que, todas as manhãs, vinha limpar a égua, atravessava o corredor com os seus grossos tamancos; tinha a blusa cheia de buracos e os pés sem meias. Era aquele o lacaio de calção curto com que tinha de se contentar! Terminada a sua tarefa, não voltava mais durante o resto do dia; era Charles que, quando regressava, levava pessoalmente o cavalo para a cavalaria, lhe retirava a sela e punha o cabresto, enquanto a criada trazia um molho de palha e o atirava, como podia, para dentro da manjedoura.

Para substituir Nastasie (que acabou por sair de Tostes vertendo rios de lágrimas), Emma admitiu ao seu serviço uma rapariguita de catorze anos, órfã e de aspeto meigo.

Proibiu-a de usar toucas de algodão, ensinou-lhe a falar utilizando a terceira pessoa, a servir um copo de água em cima de um prato, a bater às portas antes de entrar e a passar a ferro, a engomar e a vestir a senhora; quis fazer dela a sua criada de quarto. A nova criada obedeceu sem murmurar para não ser despedida; e, como a senhora tinha o hábito de deixar a chave no armário da copa, Félicité tirava todas as noites uma pequenina porção de açúcar, que comia sozinha, na cama, depois de ter feito as suas orações.

À tarde, por vezes, ela ia para defronte conversar com os postilhões. A senhora ficava sempre em cima, nos seus aposentos.

Emma usava um roupão todo aberto que deixava ver, entre os rebuços do corpete, uma camisinha plissada, com três botões de ouro.

O cinto era um cordão de grandes borlas e as chinelinhas cor de romã tinham um grande laço de fita larga, espalhado sobre o peito do pé. Comprara um mata-borrão, uma pasta, uma caneta e sobrescritos, embora não conhecesse ninguém a quem escrever; sacudia o pó da prateleira, olhava para o espelho, pegava num livro; depois, começando a sonhar no meio da leitura, deixava-o cair no regaço.

Tinha o desejo de viajar, ou então de voltar para o seu convento. Sentia, ao mesmo tempo, vontade de morrer e de morar em Paris.

Charles, expondo-se à chuva e à neve, cavalgava por caminhos e atalhos.

Comia fritadas à mesa das herdades, metia o braço dentro de camas húmidas, apanhava no rosto com o jato morno das sangrias, ouvia pieiras, examinava bacias e pegava em muita roupa suja; mas encontrava, todas as noites, o fogo ateadado, a mesa posta, móveis confortáveis e uma mulher com vestidos finos, encantadora, cheirando a frescura, não se percebendo mesmo donde provinha aquele odor, ou se não seria a sua pele que lhe perfumaria a camisa.

Emma encantava-o com as inúmeras delicadezas: ora se tratava de uma nova maneira de fazer arandelas de papel para as velas, um folho que mudava no vestido, ou o nome extraordinário de um prato muito simples, que a criada estragara, mas que Charles se deleitava a engolir até ao fim. Viu em Ruão senhoras que usavam no relógio uma quantidade de berloques; comprou berloques. Quis ter em cima do fogão duas grandes jarras de vidro azul e, pouco tempo depois, um estojo de marfim com um dedal de prata dourada.

Quanto menos Charles compreendia aquelas elegâncias, mais sentia a sua sedução. Acrescentavam alguma coisa mais ao prazer dos sentidos e à doçura do lar.

Era como uma poeira de ouro que lhe cobria, em toda a extensão, o estreito caminho da vida.

Charles tinha boa saúde e um ótimo aspeto; a sua reputação estava definitivamente estabelecida. Os camponeses estimavam-no por não ser orgulhoso. Acariciava as crianças, nunca entrava na taberna e, além disso, inspirava confiança pela sua moralidade. Acertava sobretudo com os catarros e as doenças de peito. Tendo muito receio de matar os doentes, Charles, realmente, pouco mais receitava do que calmantes, de quando em quando um emético, um escalda-pés ou sanguessugas.

Não é que tivesse medo da cirurgia; sangrava abundantemente as pessoas, como se fossem cavalos, e tinha um pulso de ferro para arrancar dentes.

Enfim, para se manter em dia, assinou *La Ruche médicale*, um novo jornal de que lhe tinham enviado um prospetto. Lia um pouco depois do jantar; mas o calor do aposento, juntamente com a digestão, faziam-no adormecer ao cabo de cinco minutos; e ali ficava ele, com o queixo apoiado nas duas mãos e os cabelos soltos como uma crina, quase a tocarem no candeeiro.

Emma olhava-o encolhendo os ombros. Não ter ela, ao menos, por marido um desses homens de entusiasmos taciturnos que trabalham de noite nos livros e ostentam, por fim, aos sessenta anos, quando chega a idade dos reumatismos, uma enfiada de condecorações na casaca preta e mal feita.

Teria desejado que aquele nome de Bovary, que era o seu, fosse ilustre, se visse nas prateleiras dos livreiros, repetido nos jornais, conhecido em toda a França. Mas Charles não tinha nenhuma ambição!

Um médico de Yvetot, com quem tivera ultimamente uma conferência, chegara mesmo a humilhá-lo, à própria cabeceira do doente, diante da família reunida. Quando Charles lhe contou, à noite, o sucedido, Emma levantou a voz, furiosa contra o colega do marido. Charles enterneceu-se. Beijou-a na testa, com uma lágrima. Mas ela estava exasperada de vergonha e tinha ganas de lhe bater; foi abrir a janela do corredor e respirar o ar fresco para se acalmar.

– Que pobre homem! Que pobre homem! – dizia ela em voz baixa, mordendo os lábios.

Sentia-se, além disso, mais irritada com ele. Com a idade, Charles ia adquirindo certos hábitos grosseiros; à sobremesa entretinha-se a cortar as rolhas das garrafas vazias; depois de comer passava a língua sobre os dentes; quando comia a sopa, fazia barulho de cada vez que engolia e, como tivesse começado a engordar, os olhos, já de si pequenos, pareciam subir-lhe para a testa, empurrados pelas bochechas.

Emma, às vezes, metia-lhe para dentro do colete a orla vermelha das camisolas, compunha-lhe a gravata, ou punha de parte as luvas desbotadas que ele se dispunha ainda a usar; e não era, como pensava Charles, por causa dele; era por ela própria, por expansão do seu egoísmo, por irritação nervosa.

Às vezes também lhe falava de alguma coisa que tivesse lido, como do trecho de um romance, de uma peça nova, ou de histórias curiosas da alta-roda que vinham no folhetim; porque, afinal, Charles sempre era alguém, sempre com disposição para ouvir e pronto para dar a sua aprovação.

Muitas confidências fazia ela à cadelinha galga! E tê-las-ia feito até às achas do fogão e ao pêndulo do relógio.

No íntimo da sua alma, contudo, esperava um acontecimento.

Como os marinheiros aflitos, percorria com os olhos desesperados a solidão da sua vida, procurando ao longe alguma vela branca nas brumas do horizonte. Não sabia ela qual seria esse acaso, o vento que lho traria para perto, nem para que praia se sentiria levada, se seria chalupa ou navio de três pontes, carregado de angústias ou cheio de felicidades até às escotilhas.

Mas todas as manhãs, ao acordar, esperava que viesse naquele dia e escutava todos os ruídos, levantava-se em sobressalto, surpreendia-se de que não tivesse vindo; depois, quando o Sol se punha, cada vez mais triste, desejava estar já no dia seguinte.

Voltou a Primavera. Emma sentia falta de ar com os primeiros calores, quando as pereiras floriam.

A partir do princípio de julho contou pelos dedos quantas semanas lhe faltavam para chegar ao mês de outubro, pensando que o marquês de Andervilliers talvez desse ainda outro baile em Vaubyessard. Mas setembro passou completamente sem cartas nem visitas.

Após o aborrecimento daquela decepção, o coração ficou-lhe novamente vazio e começou outra vez a série dos dias todos iguais.

Iam então agora seguir-se assim em fila, idênticos uns aos outros, inumeráveis, nada trazendo de novo! As outras existências, por muito monótonas que fossem, contavam, pelo menos, com a possibilidade de qualquer acontecimento imprevisto. Uma aventura trazia às vezes consigo peripécias sem fim e o cenário transformava-se. Mas, para ela, nada acontecia. Deus assim o quisera! O futuro era um corredor todo escuro que tinha ao fundo uma porta bem fechada.

Abandonou a música. Para quê tocar? Quem a ouviria? Como nunca lhe seria possível, de vestido de veludo com mangas curtas, num concerto, batendo com os seus finos dedos as teclas de marfim de um piano de Érard, sentir, como uma brisa, circular em torno de si um murmúrio de êxtase, não valia a pena enfadar-se a estudar. Deixou

dentro do armário as suas pastas de desenho e os bordados. Para quê? De que servia? A costura irritava-a.

“Li tudo”, dizia para si mesma-E entreteinha-se a fazer as tenazes ficarem rubras em contacto com as brasas, ou a ver a chuva cair.

Sentia-se particularmente triste ao domingo, quando tocavam as vésperas. Escutava, com uma atenção entorpecida, soar, uma a uma, as badaladas fanhosas do sino. Um ou outro gato, andando vagarosamente sobre os telhados, arqueava o lombo aos pálidos raios do Sol. O vento, na estrada larga, levantava nuvens de pó. Ao longe, às vezes, um cão uivava; e o sino, com a mesma cadência, continuava o monótono badalar que se perdia nos campos.

Entretanto saía-se da igreja. As mulheres de tamancos engraxados, os camponeses de blusa nova, as crianças saltitando, sem chapéu, adiante deles, regressavam todos a casa. E, até à noite, uns cinco ou seis homens, sempre os mesmos, ficavam a jogar diante da grande porta da estalagem.

O Inverno foi rigoroso. As vidraças apareciam todas as manhãs cheias de geada e a luz que através delas se coava, como que por vidros foscos, mantinha por vezes o mesmo tom durante todo o dia. Era preciso acender as luzes desde as quatro horas da tarde.

Nos dias bonitos ela ia até ao quintal. O orvalho deixava sobre as couves finas rendas de prata com longos fios cristalinos que se estendiam de umas às outras. Não se ouviam pássaros, tudo parecia dormir, a latada coberta de palha e a vinha, como uma enorme serpente enferma, sob o espigão do muro, onde quem se aproximasse veria arrastarem-se bichinhos de-conta com as suas inúmeras patas. Debaixo dos abetos, próximo da abertura na cerca, o sacerdote de tricórnio a ler o seu breviário perdera o pé direito, e o próprio gesso, fendendo-se com a geada, fizera-lhe aparecer feridas brancas na cara.

Depois voltava a subir, fechava a porta, espalhava as brasas e, deixando-se entorpecer ao calor do fogo, sentia cair-lhe de novo o enfado mais pesadamente sobre a existência. Bem lhe apetecia descer ao rés-do-chão para conversar com a criada, mas certo pudor a detinha.

Todos os dias, à mesma hora, o mestre-escola, de boné de seda preta, abria as janelas de sua casa e o guarda-florestal passava, com o seu sabre à cinta. Todas as tardes e todas as manhãs, os cavalos da posta, a três e três, atravessavam a rua para ir beber ao charco. De tempos a tempos ouvia-se tocar a campainha da porta de alguma taberna e, quando havia vento, ouvia-se ranger nas escápulas as duas

pequenas bacias de cobre que serviam de tabuleta ao salão do cabeleireiro. Este tinha como decoração uma velha gravura de modas colada num vidro e um busto de mulher feito de cera, com cabelos amarelos. Também o cabeleireiro se lamentava da sua vocação frustrada, do seu futuro perdido, e, sonhando com um salão em qualquer grande cidade, como Ruão, por exemplo, próximo do porto, ao lado do teatro, levava o dia todo a passear no percurso entre a regedoria e a igreja, melancólico, à espera da clientela. Quando a senhora Bovary erguia os olhos, via-o sempre ali, como uma sentinela de serviço, com o barrete grego sobre a orelha e a jaqueta de linho cru.

À tarde, uma vez ou outra, aparecia uma cabeça de homem por fora da janela da sala, rosto bronzeado, suíças negras, sorrindo lentamente com um sorriso rasgado e bondoso, mostrando os dentes brancos. Logo começava uma valsa e, por cima do realejo, num salão em miniatura, dançarinos da altura de um dedo, mulheres de turbante cor-de-rosa, tiroleses de jaqueta, macaquinhos de casaca preta, senhores de calção curto, giravam sem parar entre cadeiras, canapés e consolas, refletindo as suas imagens nos bocados de espelho unidos uns aos outros por fios de papel dourado. O homem acionava a sua manivela, olhando à esquerda e à direita e na direção das janelas. De vez em quando, enquanto lançava à valeta um longo jato de saliva escura, descansava sobre o joelho o seu instrumento, cuja correia dura lhe magoava o ombro e, ora plangente e arrastada, ora alegre e apressada, a música saía da caixa zumbindo através de uma cortina de tafetá cor-de-rosa, sob uma grelha de latão em arabescos. Eram músicas que se tocavam noutros lugares, nos teatros, que se cantavam nos salões, que se dançavam à noite sob os lustres iluminados, ecos do mundo que daquela maneira chegavam até aos ouvidos de Emma. Passavam-lhe pela imaginação sarabandas sem fim e, qual bailadeira sobre as flores de um tapete, o seu espírito saltava com as notas, balançando-se de sonho em sonho, de tristeza em tristeza. Depois de receber a esmola no boné, tapava o seu realejo com um cobertor velho de lã azul, punha-o às costas e afastava-se caminhando pesadamente.

Emma ficava a vê-lo ir-se embora.

Mas era principalmente às horas das refeições que já não podia mais, naquela pequena sala do rés-do-chão, com o fogão a deitar fumo, a porta a ranger, as paredes a ressumar, as lajes húmidas; parecia-lhe que no seu prato era servida toda a amargura da sua existência e, com o fumegar do cozido, subiam-lhe do fundo da alma outros vapores de

tédio. Charles era demorado a comer; ela mordiscava algumas avelãs, ou então, apoiada no cotovelo, entretinha-se, com a ponta da faca, a fazer riscos no oleado da mesa.

Agora deixava andar tudo em casa de qualquer maneira, de modo que a velha Bovary, quando veio passar parte da Quaresma a Tostes, ficou muito surpreendida com a mudança.

Efetivamente, Emma, antes tão cuidadosa e delicada, passava agora os dias inteiros sem se vestir, usava meias cinzentas de algodão e alumiaava-se à luz de candeias.

Repetia que era preciso economizar porque não eram ricos, acrescentava que se sentia muito contente e feliz, que gostava muito de Tostes; e ainda outros novos argumentos que tapavam a boca à sogra. Aliás, Emma já não se mostrava disposta a seguir-lhe os conselhos; uma vez, até, tendo-se a velha lembrado de sugerir que os patrões deviam vigiar os hábitos religiosos dos seus criados, respondeu-lhe com um olhar tão colérico e um sorriso tão gelado, que a velhota não se meteu mais no assunto.

Emma estava a tornar-se difícil de contentar, caprichosa. Mandava preparar para si pratos especiais e não lhes tocava; um dia bebia apenas leite puro e no dia seguinte dúzias de chávenas de chá. Teimava muitas vezes em não sair, depois sentia-se sufocar, abria as janelas e punha um vestido leve.

Depois de ralhar asperamente com a criada, dava-lhe presentes ou mandava-a passear a casa dos vizinhos, assim como, por vezes, atirava aos pobres todas as moedas brancas que tivesse na bolsa, se bem que não fosse de se comover nem facilmente acessível à emoção dos outros, como a maioria dos descendentes de camponeses, que conservam sempre na alma alguma coisa da calosidade das mãos paternas.

Em fins de fevereiro, o Tio Rouault, como recordação da sua cura, trouxe ao genro um soberbo peru e ficou três dias em Tostes. Como Charles tinha de atender os seus doentes, foi Emma quem lhe fez companhia. Ele fumou no quarto, cuspiu sobre a pedra da chaminé, falou de agricultura, de bezerros, de vacas, de aves e do conselho municipal; a tal ponto que, quando se foi embora, Emma fechou a porta com um sentimento de alívio que a surpreendeu a ela própria. Aliás, ela já não escondia o seu desprezo por tudo e por todos; e punha-se muitas vezes a exprimir opiniões extravagantes, condenando o que

os outros aprovavam e aprovando coisas perversas ou imorais, o que fazia o marido arregalar muito os olhos.

Seria que aquela miséria duraria para sempre? Não haveria maneira de lhe fugir? Contudo, ela achava que valia tanto como todas as outras que viviam felizes! Vira em Vaubyessard duquesas com a cintura mais grossa e os modos mais vulgares e vociferava contra a justiça de Deus; encostava a cabeça às paredes para chorar; invejava as existências tumultuosas, as noites de máscaras, os prazeres insolentes com todos os delírios que deviam provocar o que ela não conhecia.

Emma empalidecia e tinha palpitações no coração.

Charles deu-lhe valeriana e banhos de cânfora. Tudo quanto se experimentasse parecia irritá-la ainda mais.

Em certos dias tagarelava com uma verbosidade febril; a essas exaltações seguiam-se repentinamente torpores durante os quais não falava nem se mexia. O que a reanimava, nessas ocasiões, era espalhar-lhe sobre os braços um frasco de água-de-colônia.

Como se queixava continuamente de Tostes, Charles imaginou que a causa da doença devia estar com certeza nalguma influência local e, fixando-se nessa ideia, pensou seriamente em ir estabelecer-se noutro sítio.

A partir daí, ela começou a beber vinagre para emagrecer, contraiu uma tossezinha seca e perdeu completamente o apetite.

Custava muito a Charles abandonar Tostes depois de quatro anos de permanência e quando começava a sentir-se instalado. No entanto, se fosse necessário!... Levou-a a Ruão para ser vista por um seu antigo professor. Era uma doença nervosa: era preciso fazê-la mudar de ares.

Depois de muitas indagações, Charles soube que na circunscrição de Neufchâtel havia uma povoação bastante grande chamada Yonville-l'Abbaye, cujo médico, um antigo refugiado polaco, desertara uma semana antes.

Escreveu então ao farmacêutico do lugar para saber o número de habitantes, a que distância se encontrava o colega mais próximo, quanto ganhava anualmente o seu predecessor, etc.; e, tendo as respostas sido satisfatórias, resolveu mudar-se pela Primavera, se a saúde de Emma não melhorasse.

Um dia em que, nos preparativos para a mudança, ela arrumava uma gaveta, picou os dedos em qualquer coisa. Era um arame do ramo de flores do seu casamento. Os botões de laranjeira estavam amarelos

do pó e as fitas de cetim, de orlas prateadas, desfiavam-se pelos bordos. Atirou-o ao fogo. Ardeu mais rapidamente que uma palha seca. Depois parecia um arbusto vermelho sobre as cinzas, consumindo-se lentamente. Ficou a vê-lo arder. As pequenas bagas de papelão estoiravam, os arames contorciam-se, a franja derretia-se; e as corolas de papel, retorcidas, baloiçando ao longo da pedra como borboletas negras, voaram finalmente pela chaminé.

Quando saíram de Tostes, no mês de março, a senhora Bovary ia grávida.

PARTE II

CAPÍTULO I

Yonville-Labbaye (assim chamada por causa de uma antiga abadia de capuchinhos de que nem já ruínas existiam) é uma vilória situada a oito léguas de Ruão, entre as estradas de Abbeville e de Beauvais, no fundo de um vale banhado pelo Rieule, pequeno rio que desagua no Andelle, depois de ter feito girar três moinhos nas proximidades da sua foz, e onde existem algumas trutas, que os rapazes, ao domingo, se entretêm a pescar à linha.

Deixa-se a estrada principal em Boissière e continua-se em caminho plano até ao alto da encosta de Leux, donde se avista o vale. O riacho que o atravessa como que o divide em duas regiões de aspeto diferente: tudo quanto fica à esquerda é aproveitado para pastagem; tudo o que fica para a direita é cultivado. Os prados estendem-se sob um enfiamento de colinas baixas, indo ligar-se, por detrás, às pastagens da região de Bray, enquanto, para leste, a planície, elevando-se suavemente, vai alargando e estende até perder de vista as suas louras searas de trigo. A água que corre à beira da verdura separa com um risco branco a cor dos prados e a da terra lavrada, de modo que o campo assim faz lembrar um enorme manto estendido com uma gola de veludo verde orlada de prata.

Logo à chegada vêem-se, no extremo do horizonte, os carvalhos da floresta de Argueil, com as escarpas da encosta de Saint-Jean, riscadas de alto a baixo por grandes sulcos vermelhos, irregulares; são as marcas das chuvas, e aqueles tons de tijolo, destacando-se em traços delgados sobre a cor parda da montanha, provêm da quantidade de nascentes ferruginosas que correm ao longe, nas regiões circunvizinhas.

Encontramo-nos nos confins da Normandia, da Picardia e da Ilha de França, região abastardada onde a linguagem é encaracterística, tal como a sua paisagem. É aqui que se fabricam os piores queijos de Neufchâtel de toda a província, sendo, por outro lado, a cultura dispendiosa, por requerer muito estrume para adubar estas terras friáveis, cheias de areia e de pedras.

Até 1835 não havia estrada transitável para se chegar a Yonville; mas abriu-se nessa época um caminho de grande vicinalidade que liga a estrada de Abbeville à de Amiens e às vezes serve aos almocreves

que se dirigem de Ruão para as Flandres. No entanto, Yonville-l'Abbaye continuou estacionária, apesar das novas vias de desobstrução. Em vez de melhorar as culturas, ainda hoje ali se mantêm obstinadamente os pastos, por mais depreciados que estejam, e o burgo indolente, afastando-se da planície, continuou naturalmente a crescer na direção do rio. Avista-se à distância, estendido ao longo da margem, como um guardador de vacas dormindo a sesta à beira da água.

Na base da encosta, passada uma ponte, começa uma calçada ladeada de pequenos choupos que leva, em linha reta, até às primeiras casas do lugar. Estas são rodeadas de sebes, no meio de pátios cheios de construções dispersas, lagares, cocheiras e alambiques, espalhados à sombra de frondosas árvores com escadas, varas ou foices penduradas nos ramos. Os tetos de colmo, como barretes de peles puxados para os olhos, descem até cerca de um terço da altura das janelas baixas, cujas grossas vidraças abauladas têm um nó no centro, à maneira dos fundos das garrafas. Ao muro de reboco, atravessado em diagonal por traves negras, agarra-se às vezes alguma pereira enfezada, e os pavimentos do rés-do-chão têm na porta uma pequena cancela para os defender dos pintos que vêm debicar, nas soleiras, migalhas de pão escuro molhado em sidra. À medida que se avança, os pátios vão sendo mais pequenos, as habitações vão-se aproximando e as sebes desaparecem; um molho de fetos baloiça-se por baixo de uma janela, na ponta de um cabo de vassoura; há a forja do ferrador e a seguir um segeiro, com duas ou três carroças novas, cá fora, a atravancar o caminho. Depois, através de um gradeamento, aparece uma casa branca atrás de um círculo relvado enfeitado por um Cupido de dedo na boca; a cada lado do patamar vêem-se dois vasos de ferro fundido; à porta brilham tabuletas; é a casa do tabelião, a mais bonita da localidade.

A igreja fica do outro lado da rua, vinte passos adiante, à entrada do largo. O pequeno cemitério que a rodeia, fechado por um muro baixo, está tão cheio de sepulturas, que as velhas pedras rasas formam, ao nível do chão, um lajedo contínuo, onde a erva desenhou espontaneamente quadrados verdes regulares. A igreja foi reconstruída nos últimos anos do reinado de Carlos X. A abóbada, de madeira, começa a apodrecer no alto e, de espaço a espaço, mostra depressões negras no meio da sua cor azul.

Por cima da porta, onde deveria existir o órgão há uma tribuna para os homens, com uma escada de caracol que os tamancos fazem ressoar.

A luz do Sol, entrando pelos vitrais muito simples, ilumina obliquamente os bancos alinhados contra a parede, vendo-se aqui e além um ou outro capacho pregado, tendo por baixo, em grandes letras: Banco do senhor Fulano. Mais adiante, onde a nave se estreita, o confessionário forma simetria com uma estatueta da Virgem, vestida de cetim, com um véu de tule recamado de estrelas prateadas e as faces avermelhadas como um ídolo das ilhas Sanduíche; finalmente, uma cópia da Sagrada Família, oferta do ministro do Interior, dominando o altar-mor entre quatro castiçais, fecha, ao fundo, a perspectiva. Os bancos do coro, de madeira de pinho, ficaram por pintar.

O mercado, isto é, um telheiro sustentado por uns vinte postes, ocupa, só por si, cerca de metade da grande praça de Yonville. O edifício da administração municipal, construído segundo os planos de um arquiteto de Paris, é uma espécie de templo grego que faz esquina, ao lado da casa do farmacêutico.

Tem, no rés-do-chão, três colunas jônicas e, no primeiro andar, uma galeria em arco de volta inteira. O frontão que a remata é ornamentado por um galo gaulês, com uma pata apoiada sobre a Carta e a outra segurando a balança da justiça.

No entanto, aquilo que mais atrai a vista é, defronte da estalagem do Leão de Ouro, a farmácia do senhor Homais!

Principalmente à noite, quando tem o candeeiro aceso e as redomas verdes e vermelhas que lhe enfeitam a montra projetam à distância, no chão, os seus dois reflexos coloridos; então, através deles, como no meio de um fogo de- artifício, entrevê-se o vulto do farmacêutico encostado à sua escrivaninha. A casa está coberta, de cima a baixo, por inscrições em cursivo, em redondo e em letra de forma: Águas de Vichy, de Seltz e de Barces, xaropes depurativos, medicamentos Raspail, fécula dos Árabes, pastilhas Darcet, massa Regnault, ligaduras, sais de banho, chocolates medicinais, etc. E o letreiro, que ocupa toda a largura da loja, diz em letras douradas: “Homais, farmacêutico”. Ainda ao fundo, por trás das grandes balanças chumbadas ao balcão, ostenta-se a palavra laboratório por cima de uma porta envidraçada, que, a meio da altura, repete novamente o nome Homais, em letras douradas sobre um fundo negro.

Além disso, não há mais nada para ver em Yonville. A rua (a única), com o comprimento de um tiro de espingarda e ladeada de algumas lojas, termina bruscamente na curva da estrada.

Deixando-a à direita e seguindo pela base da encosta de Saint Jean, chega-se logo ao cemitério.

Quando foi da cólera, para o aumentar, deitou-se um trecho de muro abaixo e compraram-se três acres de terra ao lado; mas toda essa nova porção está quase desocupada, pois as sepulturas, como antes acontecia, continuam a amontoar-se na direção da porta. O guarda, que é simultaneamente coveiro e sacristão na igreja (tirando assim um duplo benefício dos cadáveres da paróquia), aproveitou o terreno vazio para lá semear batatas. Entretanto, de ano para ano, a sua pequena horta vai ficando mais pequena e, quando surge uma epidemia, não sabe se há de regozijar-se com os falecimentos ou entristecer com as sepulturas.

– Você come à custa dos mortos, Lestiboudois! – disse-lhe por fim, um dia, o padre.

Esta observação sombria fê-lo refletir; fê-lo parar por algum tempo; mas, até hoje, continua a cultivar os seus tubérculos, e ainda tem o descaramento de afirmar que nascem espontaneamente.

Desde os acontecimentos que se vão narrar, nada, com efeito, mudou em Yonville. A bandeira tricolor de lata gira ainda no alto do campanário da igreja; a loja do negociante de modas continua a agitar ao vento as suas bandeirolas de chita. Os fetos do farmacêutico, como pacotes de isca branca, apodrecem cada vez mais dentro do seu álcool turvo e, por cima da grande porta da estalagem, o velho leão de ouro, desbotado pelas chuvas, continua a mostrar aos transeuntes o seu frisado de caniche.

Na noite em que o casal Bovary devia chegar a Yonville, a viúva Lefrançois, dona da dita estalagem, andava tão atarefada que suava em bica a remexer as panelas. Era véspera de dia de mercado na povoação. Era preciso cortar antecipadamente as carnes, arranjar os frangos, fazer sopa e café. Tinha, além disso, a refeição dos hóspedes, a do médico, da mulher deste e da criada; o bilhar estava cheio de ruídos de riso, na sala pequena, três moleiros pediam que lhes servissem aguardente; a lenha flamejava, o braseiro crepitava e, sobre a grande mesa da cozinha, entre os pedaços de carneiro cru, erguiam-se pilhas de pratos que tremiam às sacudidelas do cepo onde estavam esmagando espinafres.

Na capoeira ouviam-se gritar as aves que a criada perseguia para lhes cortar o pescoço.

Um homem, de chinelas de pele verde, um tanto marcado pelas bexigas e de boné de veludo com borla de ouro, aquecia as costas encostado à chaminé.

Tinha estampada no rosto a satisfação de si mesmo e parecia levar uma vida tão tranquila como a do pintassilgo empoleirado por cima da sua cabeça, numa gaiola de vime: era o farmacêutico.

– Artémise! – gritava a dona da estalagem –, parte lenha miúda, enche as garrafas e traz aguardente; vá, despacha-te! Se ao menos eu soubesse a sobremesa que hei de preparar para as pessoas que o senhor espera! Santo Deus! Lá estão os empregados das mudanças outra vez a fazer barulho no bilhar! E deixaram a carroça mesmo defronte do portão! Quando chegar a *Andorinha*, é capaz de ir de encontro a ela! Chama o Polyte para ir recolhê-la!... Veja só, senhor Homais, que, desde esta manhã, já jogaram talvez quinze partidas e beberam oito bilhas de sidra!... Vão-me rasgar o pano – continuava ela, olhando-os de longe, com a escumadeira na mão.

– Não seria grande prejuízo – respondeu o senhor Homais –, você comprava outro.

– Outro bilhar! – exclamou a viúva.

– Se aquele já não aguenta, senhora Lefrançois, você está a fazer mal, repito que acho que faz mesmo mal! Além disso, hoje, os amadores gostam dos buracos pequenos e dos tacos mais pesados. Já não é jogar ao berlinde; tudo mudou! Temos de acompanhar o progresso! Veja antes o Tellier...

A hospedeira corou de despeito. O farmacêutico continuou:

– O bilhar dele, pode a senhora dizer o que quiser, é mais interessante que o seu; e, no caso de alguém se lembrar, por exemplo, de organizar uma rifa patriótica a favor da Polónia ou dos sinistrados das inundações de Lião...

– Não são velhacos como ele que me metem medo! – interrompeu a hospedeira, sacudindo os fortes ombros. – Deixe lá, senhor Homais, enquanto existir, o Leão de Ouro há de ter sempre freguesia! É que nós temos meios, senhor Homais! Ao passo que um destes dias verá o Café Francês fechado com um belo anúncio nas portas!... Trocar o meu bilhar – continuava, a falar para si mesma –, tão cómodo para lhe estender a roupa em cima, e que já me tem

servido, na época da caça, para lá deitar até seis pessoas!... Ora aquela lesma do Hivert que não há meio de chegar!

– Está à espera dele para servir o jantar aos seus hóspedes? – perguntou o farmacêutico.

– Esperar? E então o senhor Binet! Vai vê-lo entrar às seis horas em ponto, que não há no mundo quem se lhe compare em pontualidade. Não dispensa o seu lugarzinho na sala pequena!

Seria mais fácil matá-lo do que obrigá-lo a comer noutra sítio! E como é fastioso! E exigente com a sidra! Não é como o senhor Léon; esse chega às vezes às sete horas, sete e meia até; nem sequer olha para o que come. Que bom moço! Nunca diz uma palavra mais alta do que outra.

– Sabe, é que há muita diferença entre uma pessoa que recebeu uma boa educação e um antigo soldado que agora é tesoureiro municipal.

Bateram as seis horas. Binet entrou.

Trazia uma casaca azul, que lhe caía a direito em volta do corpo magro, e o seu boné de cabedal, de orelhas atadas por cordões no alto da cabeça, deixava ver, por baixo da pala levantada, uma testa calva, marcada pelo uso do capacete.

Usava um colete de pano preto, colarinho de crina, calças cinzentas e, durante todo o ano, umas botas muito bem engraxadas, com duas dilatações paralelas devidas às saliências dos tornozelos. Nem um pelo lhe ultrapassava a linha da barba loura que, cortada à passa-piolho, lhe contornava o queixo, como a cercadura de um canteiro, emoldurando-lhe o rosto comprido e macilento, de olhos pequenos e nariz achatado. Forte em todos os jogos de cartas, bom caçador, tinha uma boa caligrafia e, em casa, possuía um torno onde se entretinha a tornear argolas para guardanapos, com que enchia a casa toda, com o zelo de um artista e o egoísmo de um aldeão.

Dirigiu-se para a sala pequena; mas primeiro foi preciso mandar embora os três moleiros; e, durante o tempo que levou a dispor-lhe o talher na mesa, Binet manteve-se em silêncio no seu lugar, ao pé do fogão; depois fechou a porta e tirou o boné, como costumava fazer.

– Não gasta a língua a cumprimentar ninguém! – disse o farmacêutico, logo que ficou sozinho com a hospedeira.

– Nunca conversa mais do que isto – respondeu ela. – Estiveram cá, na semana passada, dois negociantes de panos, rapazes com muita graça que, à noite, contavam uma série de histórias que me faziam

chorar a rir; pois bem, ele ali ficava, como um sável, sem dizer uma palavra.

– É – acrescentou o farmacêutico –, não tem imaginação, nem espírito de humor, nada do que constitui um homem de sociedade!

– Dizem, no entanto, que tem meios -observou a estalajadeira.

– Meios? – replicou o senhor Homais. – Ele? Meios? Na sua especialidade é possível – acrescentou em tom mais calmo.

E continuou:

– Lá que um negociante com um movimento considerável, um jurisconsulto, um médico ou um farmacêutico andem de tal modo absortos que se tornem extravagantes e até intratáveis, compreendo, citam-se casos desses na história. Mas pelo menos, é por pensarem em qualquer coisa. A mim, por exemplo, tem-me muitas vezes acontecido andar à procura da pena em cima da secretária para escrever uma etiqueta e acabar por encontrá-la entalada atrás da orelha!

Entretanto, a senhora Lefrançois foi até à porta ver se chegava a *Andorinha*. Nisto estremeceu. Um homem vestido de preto entrou subitamente na cozinha. A última claridade do crepúsculo deixava ver que tinha um rosto avermelhado e o corpo atlético.

– Em que posso servi-lo, senhor Prior? – perguntou a dona da estalagem, apanhando em cima da chaminé um dos castiçais de cobre que ali se encontravam em fila com as respectivas velas.

Deseja tomar alguma coisa? Um gole de cássis, um copo de vinho?

O sacerdote recusou muito delicadamente. Vinha buscar o seu chapéu-de-chuva, de que havia dias se esquecera no Convento de Ernemont, e, depois de pedir à senhora Lefrançois que lho mandasse, à noite, ao presbitério, saiu na direção da igreja, onde se tocavam as trindades.

Quando o farmacêutico deixou de lhe ouvir o ruído dos passos na praça, disse que fora muito incorreta a maneira de ele proceder. Aquela recusa de aceitar um refresco parecia-lhe uma hipocrisia das mais odiosas; todos os padres faziam patuscadas às escondidas e procuravam fazer-nos voltar ao tempo dos dízimos.

A hospedeira tomou a defesa do padre.

– Seja como for, ele seria capaz de dobrar quatro da sua estatura debaixo do joelho. No ano passado ajudou a nossa gente a recolher a palha; é tão forte que carregava até seis molhos de cada vez!

– Bravo! – disse o farmacêutico. – Mande então as suas filhas confessarem-se a espertalhões desse temperamento! Eu cá, se estivesse no governo, exigia que sangrassem os padres uma vez por mês. Sim, senhora Lefrançois, todos os meses uma abundante flebotomia, no interesse da Polícia e dos costumes!

– Cale-se lá, senhor Homais! Você é um ímpio! O senhor não tem religião!

O farmacêutico replicou:

– Tenho uma religião, a minha religião, e até tenho mais que todos eles com as suas momices e imposturas! Pelo contrário, creio em Deus! Creio no ser supremo, num Criador, seja ele quem for, pouco importa, que nos pôs neste mundo para cumprir os nossos deveres de cidadãos e chefes de família; mas não tenho necessidade de ir a uma igreja beijar salvas de prata e engordar à minha custa uma cambada de farsantes que vivem melhor do que nós! Posso honrar a Deus da mesma maneira num bosque, num campo, ou até contemplando a abóbada etérea, como os antigos. O meu Deus é o mesmo de Sócrates, de Franklin, de Voltaire e de Béranger! Eu sou pela profissão de fê do vigário saboiano e pelos princípios imortais de 89! Por isso não admito que Deus seja assim um sujeito que anda a passear no seu jardim de bengala na mão, instale os seus amigos no ventre das baleias, morra soltando um grito e ressuscite ao cabo de três dias: coisas absurdas por si mesmas e completamente opostas, além disso, a todas as leis da física; diga-se de passagem, que tudo isso prova que os padres estagnaram sempre numa torpe ignorância, onde se esforçam por atolar também as populações.

Calou-se, procurando com o olhar um público à sua volta, pois, na sua efervescência, o farmacêutico, por um instante, julgou estar em pleno conselho municipal. Mas a dona da estalagem já não o ouvia; prestava atenção a um rumor ao longe. Distinguiu-se o ruído de uma carruagem, à mistura com o chocalhar de ferraduras soltas batendo a terra, e a *Andorinha* parou finalmente diante da porta.

Era uma caixa amarela suspensa por duas grandes rodas que, subindo até à altura do toldo, impediam os viajantes de ver bem a estrada e ainda lhes sujavam os ombros. Os pequenos vidros dos seus estreitos postigos tremiam nos caixilhos quando o veículo ia fechado e conservavam manchas de lama, aqui e ali, no meio da sua velha camada de pó, que nem a chuva das trovoadas conseguia lavar

completamente. Era tirada por três cavalos, dos quais o primeiro atrelado em sota, e, nas descidas, tocava no chão, dando solavancos.

Apareceram então na praça alguns moradores de Yonville; falavam todos ao mesmo tempo, pedindo explicações, notícias e encomendas; Hivert não sabia a qual responder. Era ele quem fazia na cidade os recados do lugar. Ia às lojas, trazia rolos de sola para o sapateiro, ferragem para o ferrador, uma barrica de arenques para a patroa, toucas da modista e postigos do cabeleireiro; e, ao longo da estrada, no regresso, distribuía os seus pacotes, que ia atirando por cima da vedação dos pátios, pondo-se de pé sobre o assento e gritando a plenos pulmões, enquanto os cavalos continuavam a andar sozinhos.

Um incidente motivara o atraso: a cadelinha galga da senhora Bovary fugira pelos campos fora. Tinham assobiado por ela durante mais de um quarto de hora. Hivert havia até voltado atrás cerca de meia légua, julgando avistá-la de minuto a minuto; fora, porém, necessário prosseguir a viagem. Emma chorava, desesperara-se e acusara Charles daquela desgraça. O senhor Lheureux, negociante de fazendas, que vinha também na carruagem, procurava confortá-la falando de uma quantidade de casos de cães perdidos que reconheciam o dono depois de muitos anos. Falava-se de um, dizia ele, que voltara de Constantinopla para Paris. Outro percorrera cinquenta léguas em linha reta e atravessara quatro rios a nado; e o seu próprio pai tivera um caniche que, após doze anos de ausência, lhe saltara inesperadamente às costas, uma noite, na rua, quando ia jantar na cidade.

CAPÍTULO II

Emma foi a primeira a apear-se, depois Félicité, o senhor Lheureux e uma ama de leite, e tiveram de acordar Charles, que, a um canto, adormecera completamente logo que se fizera noite.

Homais apresentou-se; dirigiu os seus cumprimentos à senhora e gentilezas ao marido, disse que se sentia muito honrado de ter podido ser-lhes de alguma utilidade e acrescentou em tom cordial que ousara convidar-se a si mesmo, tanto mais que tinha a sua mulher ausente.

A senhora Bovary, logo que chegou à cozinha, aproximou-se da chaminé. Com as pontas dos dedos levantou o vestido até à altura do tornozelo e estendeu para a chama, por baixo da perna de carneiro que girava no espeto, o pezinho calçado com uma botina preta. A luz crua do fogo, atravessando a trama do vestido, iluminava-lhe em cheio os poros regulares da pele branca, e até as pálpebras, com as quais de vez em quando pestanejava. Conforme soprava o vento que entrava pela porta entreaberta, assim incidia sobre ela um forte clarão vermelho.

Do outro lado da chaminé, um rapaz de cabeleira loura observava-a silenciosamente.

Como se aborrecia bastante em Yonville, onde era escriturário do tabelião Guillaumin, o senhor Léon Dupuis (era ele o segundo cliente do Leão de Ouro) costumava retardar a hora da refeição, na esperança de que chegasse à estalagem algum viajante com quem conversar ao serão. Nos dias em que acabava cedo a sua tarefa, não sabendo o que fazer, era obrigado a apresentar-se à hora exata e suportar, desde a sopa até ao queijo, a conversa com Binet.

Foi, portanto, com alegria que aceitou a proposta da estalajadeira para jantar na companhia dos recém-chegados, e instalaram-se todos na sala grande, onde a senhora Lefrançois, por ostentação, mandara pôr os quatro talheres.

Homais pediu licença para conservar o seu barrete grego, com medo das constipações.

Depois, voltando-se para a sua vizinha:

– A senhora deve estar com certeza um tanto moída? A nossa *Andorinha* sacode-nos de maneira terrível!

– É verdade – respondeu Emma –, mas as mudanças divertem-me sempre; gosto imenso de variar de sítio.

– É uma coisa muito aborrecida – suspirou o escriturário –, viver amarrado sempre aos mesmos lugares!

– Se o senhor fosse, como eu – disse Charles –, continuamente obrigado a andar a cavalo...

– Ora essa – retorquiu Léon, voltando-se para a senhora Bovary –, parece-me que não há nada mais agradável; quando se pode – acrescentou.

– Aliás – dizia o farmacêutico –, o exercício da medicina não é muito penoso na nossa região, porque o estado das estradas permite o uso do cabriolé e, geralmente, pagam bastante bem, visto que os lavradores são abastados.

De tempos a tempos temos aqui, do ponto de vista médico, além dos casos vulgares de enterite, bronquite, afeções biliosas, etc., algumas febres intermitentes na altura das colheitas, mas, em resumo, poucos casos graves, nada de especial a assinalar, a não ser bastantes humores frios, relacionados, sem dúvida, com as deploráveis condições higiénicas das nossas habitações de camponeses. Oh! Encontrará muitos preconceitos para combater, senhor Bovary, muitas teimosias rotineiras com que se defrontarão todos os dias os esforços da sua ciência; porque aqui ainda se recorre mais facilmente às novenas, às relíquias, ao padre, do que, naturalmente, ao médico ou ao farmacêutico. O clima, no entanto, não se pode dizer que seja mau, e até temos cá na comuna alguns nonagenários. O termómetro (observações feitas por mim) desce no Inverno até quatro graus e na estação quente chega aos vinte e cinco, trinta graus centígrados, quando muito, o que nos dá vinte e quatro Réaumur no máximo, ou seja, cinquenta e quatro Fahrenheit (medida inglesa), e não ultrapassa isso! Efetivamente, estamos abrigados dos ventos do norte pela floresta de Argueil, por um lado, e, por outro, dos ventos do oeste pela encosta de Saint Jean; e este calor, no entanto, que devido ao vapor de água liberto pelo rio e à presença considerável de animais nas pastagens, que exalam, como sabe, muito amoníaco, isto é, azoto, hidrogénio e oxigénio (não só azoto e hidrogénio), e que, chamando a si o húmus da terra, misturando todas estas emanções diferentes e reunindo-as, por assim dizer, num único feixe, e combinando-se a si mesmo com a eletricidade espalhada na atmosfera, quando é o caso, poderia, com a continuação, como nos países tropicais, dar origem a miasmas insalubres – este calor, dizia, acha-se justamente temperado do lado donde vem, ou, antes, donde viria, quer dizer, do sul, pelos

ventos de sudeste, os quais, tendo-se refrescado a si mesmos com a passagem sobre o Sena, nos chegam por vezes repentinamente, como brisas da Rússia!

– Haverá, ao menos, alguns lugares bons para passear aqui pelos arredores! – continuava a senhora Bovary, falando com o rapaz.

– Oh!, bem poucos – respondeu ele. – Há um sítio que chamam O Pasto, no alto da encosta, na orla da floresta. Às vezes, ao domingo, vou lá e entretenho-me a ler um livro e a ver o pôr do Sol.

– Acho que não há nada tão admirável como um pôr do Sol – continuou ela –, mas sobretudo à beira-mar.

– Oh!, eu adoro o mar – disse Léon.

– E não lhe parece também – replicou a senhora Bovary – que o espírito voga mais livremente sobre essa extensão sem limites, cuja contemplação nos eleva a alma e comunica ideias de infinito, de ideal?

– Acontece o mesmo com as paisagens de montanha – retorquiu Léon. – Tenho um primo que o ano passado viajou pela Suíça e me dizia que não é possível imaginar-se a poesia dos lagos, o encanto das cascatas, o gigantesco efeito dos glaciares.

Vêm-se pinheiros de um porte inacreditável atravessados nas torrentes, cabanas suspensas sobre precipícios e, quando as nuvens se entreabrem, vales inteiros mil pés abaixo de nós. Esses espetáculos devem entusiasmar, predispor para a oração e para o êxtase! Por isso já não me admiro daquele célebre músico que, para excitar melhor a imaginação, tinha o hábito de ir tocar piano diante de qualquer paisagem majestosa.

– O senhor cultivava música? – perguntou ela.

– Não, mas aprecio-a muito – respondeu ele.

– Oh!, não lhe dê ouvidos, senhora Bovary – interrompeu Homais, debruçando-se sobre o prato. – É pura modéstia. Então, meu caro, não é verdade que no outro dia o ouvi cantar magnificamente, no seu quarto, o *Anjo da Guarda*? Eu estava no meu laboratório e você arrancava as notas como um ator.

Léon, efetivamente, estava hospedado em casa do farmacêutico, onde ocupava um pequeno quarto no segundo andar, do lado da praça. O rapaz corou com este elogio do seu senhorio, que, entretanto, já se voltara para o médico e lhe enumerava, um após outro, todos os principais habitantes de Yonville. Contava anedotas e dava informações; nem se sabia ao certo a fortuna do tabelião, e havia a casa Tuvache, que estava numa situação bastante embaraçosa.

Emma prosseguia:

– E qual é a música que prefere?

– Oh!, a música alemã, aquela que faz sonhar.

– Conhece os italianos?

– Ainda não, mas irei vê-los no próximo ano, quando for morar em Paris, para terminar o meu curso de Direito.

– Como eu tinha a honra de explicar ao senhor seu esposo – disse o farmacêutico – a propósito desse pobre Yanoda que fugiu; graças aos disparates que ele fez, os senhores vão ter a possibilidade de desfrutar uma das casas mais confortáveis de Yonville. A principal comodidade que ela tem para um médico é uma porta para a Alameda, que permite entrar e sair sem se ser visto. Aliás, está recheada de tudo quanto é agradável para uma família: divisão própria para lavar a roupa, cozinha com despensa, sala de convívio, casa para guardar a fruta, etc. Era um figurão que não olhava a despesas! Tinha mandado construir, ao fundo do jardim, ao pé da água, um caramanchão, de propósito para beber cerveja no Verão, e, se a senhora gostar de jardinagem, poderá...

– A minha mulher não se ocupa disso – respondeu Charles. – Apesar de lhe ser recomendado o exercício, gosta mais de ficar no quarto, a ler.

– É como eu – atalhou Léon. – Há lá efetivamente coisa melhor do que ficar, à noite, ao canto da lareira, a ler um livro, com a luz acesa, enquanto o vento bate nas vidraças!...

– Não é? – disse ela, fixando sobre o rapaz os grandes olhos negros muito abertos.

– Não se pensa em nada – continuava ele – e as horas passam. Passeia-se, imóvel, em países que se julga ver e o pensamento, enlaçando-se na ficção, demora-se nos pormenores ou segue o desenrolar das aventuras. Mistura-se com os personagens; parece que somos nós, que palpitamos dentro da roupa deles.

– É verdade! É verdade! – dizia ela.

– Nunca lhe aconteceu – continuou Léon – encontrar num livro uma ideia vaga que já teve, alguma imagem obscurecida que vem de longe e que parece uma exposição completa do seu mais subtil sentimento?

– Já senti isso mesmo – respondeu ela.

– É por isso – disse ele – que aprecio sobretudo os poetas. Acho os versos mais ternos do que a prosa e fazem-nos mais facilmente chorar.

– No entanto, acabam por cansar – continuou Emma. – Eu agora, pelo contrário, adoro as histórias que se seguem de um fôlego e que fazem sentir medo. Detesto os heróis vulgares e os sentimentos moderados, como se encontram na natureza.

– Com efeito – observou o escriturário –, essas obras, não tocando o coração, afastam-se, a meu ver, do verdadeiro objetivo da arte. É tão agradável, no meio das decepções da vida, poder a gente reportar-se, por intermédio do espírito, a caracteres nobres, afeições puras, quadros de felicidade! Para mim, que vivo aqui, longe do mundo, é a minha única distração; mas Yonville oferece tão poucos recursos!

– Como Tostes, naturalmente – prosseguiu Emma. – Por isso eu era sempre assinante de um gabinete de leitura.

– Se a senhora quiser dar-me a honra de utilizar a minha biblioteca – disse o farmacêutico, que ouvira aquelas últimas palavras –, tem-na à sua disposição; uma biblioteca composta dos melhores autores: Voltaire, Rousseau, Delille, Walter Scott, *L'Écho des euillets*, etc.; além disso, recebo todos os dias diversas folhas periódicas, entre as quais *Le Fanal de Rouen*, de que tenho a vantagem de ser o correspondente nos círculos de Buchy, Forges, Neufchâtel, Yonville e seus arredores.

Havia já duas horas e meia que se estava à mesa, pois a criada Artémise, arrastando indolentemente pelo lajedo os chinelos de orela, trazia cada prato por sua vez, esquecia-se de tudo, não atendia a nada e deixava constantemente entreaberta a porta do bilhar, que batia com a maçaneta do fecho contra a parede.

Sem se dar conta disso, enquanto falava, Léon apoiara o pé numa das travessas da cadeira onde estava sentada a senhora Bovary. Nesse dia ela trazia uma gravatinha de seda azul a segurar um colarinho de cambraia aos canudos, como se fosse um colarinho de pregas; e, conforme os movimentos que fazia com a cabeça, assim a parte inferior do rosto se ocultava ou saía suavemente do tecido. Foi assim, um ao pé do outro, enquanto Charles e o farmacêutico cavaqueavam, que eles entraram numa dessas vagas conversações em que o acaso das frases leva sempre ao centro fixo de uma simpatia comum. Espetáculos de Paris, títulos de romances, quadrilhas novas, o mundo que não conheciam, Tostes, onde ela vivera, Yonville, onde presentemente se encontravam, examinaram tudo, falaram de tudo até ao fim do jantar.

Depois de servido o café, Félicité foi preparar o quarto na nova casa e os convivas em breve dispersaram. A senhora Lefrançois dormia junto das cinzas, enquanto o moço da cavalaria, de lanterna na mão, esperava o senhor e a senhora Bovary, para os conduzir a casa. Os cabelos ruivos do moço tinham fios de palha entremeados e ele era coxo da perna esquerda.

Logo que empunhou com a outra mão o guarda-chuva do padre, puseram-se a caminho.

A povoação estava adormecida. Os pilares do mercado estendiam grandes sombras. A terra via-se toda cinzenta, como numa noite de Verão.

Como, porém, a casa do médico ficava apenas a cinquenta passos da estalagem, logo chegou o momento de se desejarem boas-noites e o grupo dispersou-se.

Emma, assim que entrou no vestíbulo, sentiu cair-lhe sobre os ombros como que um pano húmido, o frio do reboco. As paredes eram novas e os degraus de madeira rangeram. Dentro do quarto, no primeiro andar, havia uma claridade lívida que entrava pelas janelas sem cortinas. Entreviam-se cimos de árvores e, mais longe, os prados, meio cobertos pelo nevoeiro, que, ao luar, parecia fumo ao longo do curso do rio. No meio do aposento, em confusão, estavam gavetas de cómodas, garrafas, varões de cortinados, varetas douradas juntamente com colchões por cima de cadeiras e bacias no chão – tudo aquilo ali deixado a trouxe-mouxe pelos homens que haviam trazido os móveis.

Era a quarta vez que ela dormia num sítio desconhecido. A primeira fora no dia da sua entrada para o convento; a segunda, no dia da chegada a Tostes; a terceira em Vaubyessard, e a quarta ali; e cada uma delas representara na sua vida uma espécie de inauguração de uma nova fase. Não acreditava que as coisas se pudessem apresentar da mesma maneira em lugares diferentes, e, uma vez que a parte já vivida havia sido má, certamente haveria de ser melhor a que lhe restava para viver.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, ao acordar, notou a presença do escriturário na praça. Ela estava de roupão. Ele levantou a cabeça e cumprimentou-a. Ela inclinou rapidamente a sua e voltou a fechar a janela.

Léon esperou durante todo o dia que chegassem as seis horas; mas, quando entrou na estalagem, não encontrou ninguém senão o senhor Binet sentado à mesa.

Aquele jantar da véspera fora para ele um acontecimento importante; nunca antes conversara durante duas horas seguidas com uma dama. Como pudera então expor-lhe, e em tal linguagem, uma porção de coisas que antes não seria capaz de dizer tão bem? Era habitualmente tímido e conservava sempre aquela reserva que é feita tanto de pudor como de dissimulação.

Achavam em Yonville que ele tinha uns modos como deve ser.

Escutava os raciocínios das pessoas maduras e não se mostrava exaltado na política, coisa notável num jovem.

Além disso, possuía talentos: pintava aguarelas, sabia ler a clave de sol e gostava de conversar sobre literatura depois do jantar, quando não jogava às cartas. O senhor Homais admirava-o muito pela sua instrução; a senhora Homais gostava muito dele pela sua complacência, pois muitas vezes lhe levava os filhos para o jardim, sendo eles crianças que andavam sempre sujas, muito mal-educadas e um tanto linfáticas, como a mãe. Para tratar deles, além da criada, havia Justin, o aprendiz de farmácia, primo afastado do senhor Homais, que este recolhera em casa por caridade e que, ao mesmo tempo, servia de criado.

O boticário mostrou-se o melhor dos vizinhos. Informou a senhora Bovary sobre os fornecedores, mandou vir expressamente o negociante da sidra, provou ele próprio a bebida e verificou ainda se as vasilhas ficavam bem acomodadas na adega; indicou também a maneira de conseguir um fornecimento de manteiga a um preço barato e fez um acordo com Lestiboudois, o sacristão, que, além das suas funções sagradas e mortuárias, cuidava dos principais jardins de Yonville, à hora ou ao ano, conforme a preferência das pessoas.

Não era só o desejo de ser útil aos outros que levava o farmacêutico a tantos obséquios e cordialidade; por detrás daquilo havia um plano.

Ele infringira a lei do 19 Ventoso do ano XI, artigo 1º, que proíbe o exercício da medicina a qualquer indivíduo que não seja portador do respetivo diploma; de modo que, devido a denúncias tenebrosas, Homais havia sido chamado a Ruão, à presença do procurador régio, no seu gabinete particular. O magistrado havia-o recebido de pé, com a sua toga, capa de arminho e borla na cabeça. Era de manhã, antes da audiência.

Ouviam-se passar no corredor as botas grossas dos polícias e, ao longe, uma espécie de ruído de grandes fechaduras em funcionamento. Os ouvidos do farmacêutico zumbiram-lhe como se fosse cair com uma apoplexia; pôs-se a imaginar as enxovias da prisão, a família lavada em lágrimas, a farmácia vendida, os frascos todos espalhados; e teve de entrar num café e tomar um copo de rum com água de Seltz, para se reanimar. A pouco e pouco foi enfraquecendo a recordação dessa advertência e ele continuava, como antes, a dar consultas inofensivas no fundo da loja. Mas o presidente da Câmara Municipal não o suportava, tinha colegas invejosos, havia que recear tudo; ligar-se ao doutor Bovary por meio de gentilezas era atrair o seu reconhecimento e impedir que ele mais tarde viesse a falar, no caso de perceber qualquer coisa. Por isso, todas as manhãs Homais lhe trazia o jornal e muitas vezes, à tarde, deixava uns momentos a farmácia para ir a casa do oficial de saúde dar dois dedos de conversa.

Charles estava triste: a clientela não chegava. Ficava longas horas sentado, sem dizer nada, e ia dormir para o seu consultório ou entreteinha-se a ver a mulher costurar. Para se distrair, começou a fazer trabalhos braçais em casa e até experimentou pintar o sótão com um resto de tinta deixado pelos pintores. Preocupava-o, porém, a questão do dinheiro.

Tinha gastado tanto nas reparações de Tostes, nos vestidos da mulher e na mudança, que todo o dote, mais de três mil escudos, se tinha esgotado em dois anos. Depois, quantas coisas avariadas ou perdidas no transporte de Tostes para Yonville, sem contar o sacerdote de gesso que, caindo da carroça com um solavanco mais forte, se desfez em mil pedaços no pavimento de Quincampoix!

Veio distraí-lo uma preocupação mais agradável, ou seja, a gravidez da mulher. À medida que se ia aproximando o termo, ia-lhe

ele dedicando um maior afeto. Era o estabelecimento de outro laço de carne e uma espécie de sentimento contínuo de uma união mais complexa. Quando lhe via de longe o andar indolente e a cintura rodar molemente sobre as ancas, sem espartilho, quando, a sós com ela, a contemplava à vontade e a via, sentada, tomar atitudes de fadiga na poltrona, então não podia conter mais a sua felicidade, levantava-se, beijava-a, passava-lhe as mãos pelo rosto, chamava-lhe mãezinha, queria fazê-la dançar, e, meio a rir, meio a chorar, cumulava-a de toda a espécie de gracejos carinhosos que lhe vinham à cabeça.

Deleitava-se com a ideia de ser pai. Agora nada lhe faltava.

Conhecia todas as experiências da existência humana e nela se instalava confortável e serenamente.

Emma começou por se sentir assombrada, depois veio-lhe um grande desejo de dar à luz para saber o que era ser mãe.

Porém, não podendo fazer a despesa que queria, ter um berço em forma de barquinha, com cortinado de seda cor de-rosa e touquinhas bordadas, num acesso de amargura renunciou ao enxoval e encomendou-o por junto a uma costureira, sem nada escolher nem discutir. Não se entretteve, portanto, com aqueles preparativos que estimulam a ternura das mães, e a sua afeição foi talvez, desde o princípio, um tanto atenuada.

No entanto, como Charles, a todas as refeições, falava do pequerrucho, em breve começou a pensar nele com mais persistência.

Ela desejava um rapaz, seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges, e esta ideia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos, é livre, pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar os obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo. Ao mesmo tempo inerte e flexível, tem contra si a debilidade da carne juntamente com a força da lei. A sua vontade, como a aba do chapéu preso por um cordão, flutua a todos os ventos, há sempre algum desejo que a arrasta e alguma conveniência que a detém.

Deu à luz num domingo, pelas seis horas da manhã, ao nascer do Sol.

– É uma menina! – disse Charles.

Emma voltou a cabeça e desmaiou.

Quase no mesmo instante aconteceu a senhora Homais e beijou-a, bem como a velha Lefrançois, do Leão de Ouro. O farmacêutico, como

homem discreto, apenas lhe dirigiu algumas felicitações provisórias pela porta entreaberta. Quis ver a criança e achou-a bem constituída.

Durante a convalescença, Emma preocupou-se muito com a escolha de um nome para a filha. Em primeiro lugar, passou em revista todos os que tinham terminações italianas, como Clara, Louisa, Amanda, Atala, gostava bastante de Galsuinde, e ainda mais de Yseult ou Léocadie. Charles queria que pusessem à criança o nome da avó, Emma opôs-se a isso. Percorreram o calendário de ponta a ponta e consultaram até os estrangeiros.

– O senhor Léon – dizia o farmacêutico –, com quem eu falei a esse propósito no outro dia, admira-se de que não escolham Madeleine, nome que está atualmente muito na moda.

Mas a velha Bovary protestou energicamente contra esse nome de pecadora. O senhor Homais, por seu lado, tinha predileção por todos os nomes que lembrassem personagens importantes, feitos ilustres ou concepções generosas, e dentro desse sistema batizara os seus quatro filhos. Assim, Napoléon representava a glória e Franklin a liberdade, Irma fora, talvez, uma concessão ao romantismo, mas Athalie representava uma homenagem à mais célebre obra-prima do teatro francês.

Porque as suas convicções filosóficas não prejudicavam as suas apreciações artísticas, nele, o pensador não suprimia o homem sensível, sabia estabelecer as diferenças, separar a imaginação do fanatismo. Daquela tragédia, por exemplo, condenava as ideias, mas admirava o estilo, detestava-lhe a concepção, mas aplaudia-lhe todos os pormenores, exasperava-se contra as personagens e entusiasmava-se com os discursos delas. Quando lia trechos escolhidos, sentia-se arrebatado, mas, se pensava que os padrecas os exploravam para proveito próprio, ficava desolado e, nesta confusão de sentimentos que o emborçava, desejaria poder coroar Racine com ambas as mãos e, ao mesmo tempo, discutir com ele por um bom quarto de hora.

Finalmente, Emma recordou-se de ter ouvido a marquesa, no palácio de Vaubyessard, chamar Berthe a uma jovem, a partir de então ficou escolhido esse nome e, como o Tio Rouault não podia vir, o senhor Homais foi convidado para padrinho. Deu uma prenda toda composta de produtos do seu estabelecimento, a saber: seis caixas de jujuba, um frasco inteiro de fécula alimentícia, três pacotes de pasta de alteia e, além disso, seis embalagens de açúcar cristalizado que encontrara dentro de um armário. No dia da cerimónia houve um

grande jantar, convidou-se o padre, toda a gente se excitou. O senhor Homais, quando começaram a servir os licores, entoou o Deus dos Bons.

O senhor Léon cantou uma barcarola, e a senhora Bovary avó, que era a madrinha, uma romança do tempo do Império, finalmente, o senhor Bovary avô exigiu que fossem buscar a criança e pôs-se a batizá-la com uma taça de champanhe que lhe despejou no alto da cabeça. Esta zombaria com o primeiro dos sacramentos indignou o padre Bournisien, o velho Bovary respondeu com uma citação de A Guerra dos Deuses, o cura quis retirar-se, as senhoras suplicaram-lhe que não se fosse embora, Homais meteu-se no meio, e lá conseguiram que o eclesiástico voltasse a sentar-se, pegando de novo, tranquilamente, na chávena e no pires, para beber o resto do seu café.

O velho Bovary demorou-se ainda um mês em Yonville, onde deslumbrou os habitantes com um soberbo boné de polícia agalado de prata, que usava de manhã, para fumar o seu cachimbo na praça. Como tinha o hábito de beber muita aguardente, muitas vezes mandava a criada comprar-lhe uma garrafa no Leão de Ouro, que era acrescentada à conta do filho, e gastou, para perfumar os seus lenços do pescoço, toda a reserva de água-de-colónia da nora.

Esta não desgostava da sua companhia. Ele havia corrido o mundo: falava de Berlim, de Viena, de Estrasburgo, do seu tempo de oficial, das amantes que tivera, dos grandes almoços que dera, além disso, mostrava-se amável e até, às vezes, quer fosse na escada quer no jardim, a abraçava pela cintura, exclamando:

– Charles, toma cuidado contigo!

Então, a velha Bovary afligia-se pela felicidade do filho e, temendo que o marido, com a continuação, viesse a exercer uma influência imoral sobre as ideias da nora, tratou de apressar a partida. Talvez tivesse ainda preocupações mais sérias. Bovary era homem para não ter respeito a nada.

Um dia, Emma sentiu repentinamente o desejo de ver a sua filhinha, que havia sido entregue à ama, a mulher do marceneiro, e, sem ver no almanaque se as seis semanas da Virgem já tinham passado, pôs-se a caminho da casa de Rolet, que ficava no extremo da aldeia, ao fundo da encosta, entre a estrada larga e os prados.

Era meio-dia, as casas tinham as persianas fechadas e os tetos de ardósia, que reluziam à luz intensa do céu azul, pareciam soltar faíscas pelas arestas dos seus beirais.

Soprava um vento pesado. Emma sentia-se fraca enquanto caminhava, as pedras do ladrilho magoavam-na, hesitou entre voltar para casa e entrar em qualquer parte para se sentar.

Nesse momento saiu Léon de uma porta próxima com um rolo de papéis debaixo do braço. Veio cumprimentá-la e abrigou-se à sombra do toldo cinzento, aberto na frente da loja de Lheureux.

A senhora Bovary explicou que ia ver o seu bebé, mas que já estava a sentir-se cansada.

– Se... – avançou Léon, não se atrevendo a prosseguir.

– Tem de ir a algum lado? – perguntou ela.

E, ouvindo a resposta do escriturário, pediu-lhe que a acompanhasse. Logo naquela noite se tornou conhecido o acontecimento em Yonville e a senhora Tuvache, mulher do presidente da Câmara, declarou diante da criada que a senhora Bovary se estava a comprometer.

Para chegar a casa da ama era necessário, no fim da rua, voltar à esquerda, como para ir ao cemitério, e seguir, entre casinhas e pátios, um estreito caminho ladeado por alfenas.

Estas estavam floridas, e também as verónicas, as roseiras bravas, as urtigas e as silvas que saíam do meio dos arbustos.

Pelas aberturas dos tapumes avistava-se, nos pardieiros, algum porco fossando o esterco, ou algumas vacas amarradas, esfregando os cornos nos troncos das árvores. Iam os dois caminhando lentamente, lado a lado, Emma apoiando-se nele e fazendo-o atrasar o passo, que ele media pelo dela, diante de ambos rodopiava um enxame de moscas, zumbindo no ar quente.

Reconheceram a casa por uma velha noqueira que lhe fazia sombra. Baixa e coberta de telhas escuras, tinha pendurada no exterior, por baixo da lucarna do sótão, uma grande réstia de cebolas. Molhos de lenha, empilhados contra a vedação de espinheiro, protegiam um canteiro de alfaces, alguns pés de alfavaca e ervilhas de-cheiro apoiados em estacas. Havia água suja a correr, encharcando a erva, e, pendurados a toda a volta, vários trapos indistintos, meias de lã, uma camisola de chita vermelha e um grande cobertor de estopa estendido ao longo da sebe. Ouvindo o barulho da cancela, a ama apareceu, trazendo no braço uma criança a mamar. Com a outra mão arrastava um pobre garoto enfezado, coberto de escrófulas, filho do chapeleiro de Ruão, que, demasiado ocupado com a mulher no seu negócio, o deixava no campo.

– Entre – disse ela. – A sua menina está ali a dormir.

O quarto, no rés-do-chão, o único da casa, tinha ao fundo, encostado à parede, um grande leito sem cortinas, enquanto a masseira ocupava o lado da janela, onde havia um vidro consertado com uma rodela de papel azul. No canto, atrás da porta, viam-se umas botas de cardas reluzentes arrumadas debaixo da pedra do lavadouro, ao pé de uma garrafa cheia de óleo com uma pena enfiada no gargalo, sobre a chaminé, coberta de pó, havia um almanaque Mathieu Laensberg, entre bocados de pederneira, cotos de vela e pedaços de isca.

Finalmente, o último objeto decorativo deste aposento era uma Fama soprando a trombeta, imagem certamente recortada de algum prospeto de perfumaria, pregada à parede com seis tachas.

A filha de Emma dormia no chão, dentro de um berço de vime.

Ela pegou-lhe com o cobertor que a envolvia e pôs-se a cantar baixinho e a embalá-la.

Léon passeava pelo quarto, causava-lhe estranheza ver aquela formosa mulher, vestida de nanquim, no meio de tanta miséria.

A senhora Bovary corou, ele voltou-se, pensando que talvez o seu olhar tivesse cometido alguma imprudência.

Ela tornou então a deitar a pequerrucha, que acabara de bolçar sobre a gola do vestido. A ama veio logo limpar, afiançando que não ficaria a ver-se.

– A mim faz-me coisas bem piores – dizia ela – e passo o tempo todo a pô-la de lavado! Se a senhora tivesse a bondade de me autorizar a trazer da mercearia do Camus um bocado de sabão quando eu precisasse!... Seria até menos maçador para si, que assim já a não incomodava.

– Está bem, está bem! – disse Emma. – Adeus, Tia Rolet! E saiu, limpando os pés na soleira.

A pobre mulher acompanhou-a até ao fundo do pátio, falando de quanto lhe custava levantar-se de noite.

– Ando às vezes tão estafada, que até adormeço sentada na cadeira, por isso a senhora me devia dar, pelo menos, um pacotinho de café moído para eu tomar de manhã com o leite.

Depois de lhe ter suportado os agradecimentos, a senhora Bovary foi-se embora, e já dera alguns passos quando um ruído de tamancos a fez voltar a cabeça: era a ama!

– O que há?

Então a campônia, puxando-a de parte, para detrás de um choupo, pôs-se a falar-lhe do marido, que, com o seu ofício e seis francos por ano que o capitão...

– Despache-se lá com isso – disse Emma.

Pois bem – continuou a ama, suspirando a cada palavra –, tenho medo de que ele fique triste por me ver tomar o café sozinha, a senhora sabe, os homens...

– Mas você vai tê-lo – repetiu Emma –, eu vou-lho dar!... Está a ser maçadora!

– É que, infelizmente, minha querida senhora, por causa dos ferimentos, ele sofre de terríveis câibras no peito. Ele mesmo diz que a sidra o enfraquece.

– Mas diga lá depressa, Tia Rolet!

– Então – recomeçou esta, fazendo uma vénia –, se não fosse pedir-lhe demasiado... – fez nova mesura –, quando a senhora quisesse – e o seu olhar suplicava –, uma botijazinha de aguardente – disse por fim – para esfregar os pezinhos da sua menina, que os tem tão molinhos como a língua.

Depois de se ter visto livre da ama, Ema retomou o braço de Léon. Caminhou rapidamente durante algum tempo, depois afrouxou o andamento e, passeando a vista por tudo o que havia na sua frente, reparou no ombro do rapaz, cuja sobrecasaca tinha uma gola de veludo preto.

Sobre ela caíam-lhe os cabelos castanhos, lisos e bem penteados. Notou-lhe as unhas mais compridas do que era hábito usar-se em Yonville. Uma das grandes ocupações do escrivão era cuidar das unhas, tendo dentro do estojo de trabalho um canivete só destinado a isso.

Voltaram para Yonville seguindo a margem do rio. Durante a estação quente, a riba, alargando-se mais, deixava descobertos até à base os muros dos jardins, que tinham uma escada com alguns degraus para o rio. Este corria silencioso, rápido e frio à vista, viam-se na água compridas ervas, dobrando-se na direção da corrente que as empurrava, parecendo cabeleiras verdes estendendo-se livremente na sua limpidez. Aqui e ali, na ponta dos juncos ou sobre uma folha de nenúfar, via-se pousar ou andar um inseto de patas finas. O sol atravessava com os seus raios as pequeninas bolhas azuis produzidas pelas ondas, que se sucediam, desfazendo-se, os velhos salgueiros despidos miravam na água a casca pardacenta, do outro lado, até onde

atingia a vista, a pradaria parecia deserta. Era a hora do jantar nas quintas, a jovem mulher e o seu companheiro ouviam apenas, enquanto andavam, a cadência dos próprios passos sobre a terra do caminho, as palavras que diziam um ao outro e o roçar do vestido de Emma, que fazia um ruído sussurrante em volta dela.

Os muros dos quintais, com a sua crista de cacos de garrafas, estavam quentes como as vidraças de uma estufa. Nas fendas dos tijolos tinham nascido goivos, e, com a borda da sombrinha aberta, a senhora Bovary, ao passar, ia desfazendo em poeira amarela algumas das suas flores já murchas, ou então algum ramo de madressilva ou clematite que pendia para fora roçava momentaneamente pela seda, prendendo-se-lhe aos fios.

Iam falando de uma companhia de bailarinos espanhóis anunciada para breve no teatro de Ruão.

– Vai lá vê-los? – perguntou ela.

– Se puder – respondeu o rapaz.

Não teriam nada mais a dizer um ao outro? Os seus olhos, contudo, transbordavam de uma conversação mais séria, e, enquanto se esforçavam por encontrar frases banais, ambos se sentiam invadidos pela mesma languidez, era uma espécie de murmúrio da alma, profundo, contínuo, que se sobrepunha ao da voz. Tomados pela surpresa desta nova suavidade, não pensaram em falar um ao outro da sensação que lhes causava, nem em descobrir-lhe a causa. As felicidades futuras, como as praias tropicais, projetam na imensidade que as precede os seus langores natais, uma brisa perfumada, entorpecendo-nos numa embriaguez que não nos deixa inquietar com o horizonte que não se vê.

A terra, em certo lugar, afundara-se com a passagem dos animais, era preciso caminhar sobre umas grandes pedras verdes dispostas, de espaço a espaço, sobre a lama. Muitas vezes Emma parava um minuto a ver onde havia de apoiar a botina e, vacilando sobre a pedra que oscilava, de cotovelos levantados, dobrada pela cintura, olhar indeciso, ria, então, com medo de cair nas poças de água.

Quando chegaram à entrada do jardim dos Bovary, Emma empurrou a cancela, subiu os degraus a correr e desapareceu.

Léon voltou para o seu escritório. O patrão estava ausente, lançou um olhar sobre os molhos de documentos, aparou uma pena, pegou por fim no chapéu e saiu.

Subiu até ao Pasto, no alto da encosta de Argueil, à entrada da floresta, deitou-se no chão, debaixo dos pinheiros, e pôs-se a fixar o céu através dos dedos cruzados sobre os olhos.

“Que tédio!” – dizia ele para consigo. “Que vida aborrecida!” Lamentava-se de viver naquela aldeia, tendo Homais como amigo e Guillaumin como patrão. Este último, sempre absorvido no trabalho, com óculos de aros de ouro e suíças ruivas por cima de um lenço branco, não entendia nada das delicadezas do espírito, apesar de afetar um temperamento rígido e inglês que deslumbrara o escriturário nos primeiros tempos. Quanto à mulher do farmacêutico, era a melhor esposa da Normandia, mansa como um cordeiro, acariciava os filhos, o pai, a mãe, os primos, chorava com as desgraças dos outros, deixava andar tudo em casa de qualquer maneira e detestava os espartilhos, mas era tão lenta de movimentos, tão maçadora quando falava, tinha um aspeto tão vulgar e uma conversação tão restrita, que, embora tivesse trinta anos e ele vinte, dormissem ambos porta com porta e lhe falasse todos os dias, jamais pensara que ela pudesse ser mulher para alguém, ou que tivesse do sexo algo mais além das saias.

E que havia mais? Binet, alguns comerciantes, dois ou três taberneiros, o padre e, finalmente, o senhor Tuvache e o administrador, com os seus dois filhos, gente opulenta, intratável, obtusa, que cultivava a sua própria terra, fazia patuscadas em família e, além disso, era muito beata, formando uma sociedade completamente insuportável.

Porém, sobre o fundo comum de todas aquelas caras humanas destacava-se o rosto de Emma, isolado e, contudo, mais longínquo, pois que ele sentia entre si e ela uma espécie de vagos abismos.

A princípio fora várias vezes a casa dela na companhia do farmacêutico. Charles não parecera extremamente desejoso de o receber, e Léon não sabia como agir, entre o receio de ser indiscreto e o desejo de uma intimidade que achava quase impossível.

CAPÍTULO IV

Logo aos primeiros frios, Emma deixou o seu quarto para se instalar na sala, uma comprida divisão de teto baixo onde havia, sobre o fogão, um ramalhudo polipeiro exposto diante do espelho. Instalada na sua poltrona, ao pé da janela, via passar as pessoas da aldeia no passeio.

Léon passava duas vezes por dia do escritório para o Leão de Ouro. Emma ouvia-o aproximar-se ao longe, encostava-se à janela e escutava. O rapaz deslizava por detrás da cortina, sempre vestido da mesma maneira e sem voltar a cabeça. Mas, ao crepúsculo, quando, com o queixo apoiado na mão esquerda, abandonara já sobre os joelhos o bordado que começara a fazer, muitas vezes estremecia ao aparecimento daquela sombra que repentinamente deslizava. Levantava-se e mandava pôr a mesa.

O senhor Homais aparecia durante o jantar. De barrete grego na mão, entrava nas pontas dos pés para não incomodar ninguém e repetia sempre a mesma frase: “Ora boa noite a todos!”

Seguidamente, depois de se instalar no sítio habitual, encostado à mesa, entre os dois esposos, pedia ao médico notícias dos seus doentes e dava-lhe uma ideia dos honorários que poderia receber. Depois falava-se sobre o que vinha no jornal. Homais, a essa hora, já sabia quase tudo de cor, e relatava-o integralmente, com os comentários do jornalista e todas as histórias, uma por uma, das catástrofes ocorridas em França e no estrangeiro. Porém, esgotado o assunto, não tardava a fazer algumas observações acerca dos pratos que via na mesa. Acontecia até, às vezes, levantar-se um pouco do assento para indicar delicadamente à senhora o pedaço mais tenro, ou, voltando-se para a criada, dar-lhe conselhos sobre a manipulação dos ensopados e a higiene dos temperos.

Falava de aroma, de osmazoma, de sumos e de gelatina de uma maneira que encantava.

Homais tinha, aliás, a cabeça mais cheia de receitas do que a sua farmácia de frascos e era exímio a fazer uma quantidade de doces, vinagres e licores, conhecia também todas as invenções novas de aparelhos de aquecimento económicos, a arte de conservar os queijos e de beneficiar os vinhos deteriorados.

Às oito horas Justin vinha-o chamar para ir fechar a farmácia. Então, Homais deitava-lhe uma olhadela de esguelha, sobretudo quando Félicité se encontrava presente, pois descobrira que o seu aluno gostava da casa do médico.

– Este espertalhão – dizia ele – parece-me que já anda com ideias, e diabos me levem se não está apaixonado pela vossa criada!

Mas um defeito mais grave de que ele o acusava era o de escutar continuamente as conversas. Ao domingo, por exemplo, era impossível arrancá-lo da sala, aonde a senhora Homais o chamava para lhe pegar nas crianças, que adormeciam nas poltronas, repuxando com as costas as coberturas de algodão, largas de mais.

Não vinha muita gente aos serões do farmacêutico, dado que a sua maledicência e as suas opiniões políticas haviam afastado sucessivamente diversas pessoas respeitáveis. O escriturário nunca deixava de estar presente. Logo que ouvia a campainha, corria ao encontro da senhora Bovary, pegava-lhe no xaile e ia colocar debaixo da secretária da farmácia as grossas chinelas de ourelo que ela usava por cima dos sapatos quando havia neve.

Começava-se por jogar algumas partidas de trinta e um, depois o senhor Homais jogava ao écarté com Emma, Léon, colocado por detrás dela, dava-lhe conselhos. De pé e com as mãos nas costas da cadeira onde ela estava sentada, observava os dentes da travessa que lhe prendia o carrapicho. A cada movimento que Emma fazia para jogar uma carta, o vestido subia-lhe um pouco do lado direito. Dos cabelos arrepanhados descia-lhe uma mancha acastanhada sobre as costas, desmaiando gradualmente e perdendo-se, pouco a pouco, na sombra. Depois o vestido caía-lhe dos dois lados sobre o assento, tufado, cheio de pregas, e estendia-se até ao chão.

Quando, às vezes, Léon lhe tocava com a sola da bota, afastava-se como se tivesse pisado alguém.

Terminada a partida das cartas, o boticário e o médico jogavam ao dominó e Emma, mudando de lugar, debruçava-se sobre a mesa a folhear *L'Illustration*. Trouxera consigo a sua revista de modas. Léon chegava-se para o pé dela, iam vendo as gravuras os dois e esperavam um pelo outro quando chegavam ao fundo da página. Ela pedia-lhe muitas vezes que lesse versos, Léon declamava-os numa voz arrastada, expirando cuidadosamente nas passagens amorosas.

Mas estorvava-o o ruído dos dominós, Homais era forte a jogar, derrotava Charles mesmo com o doble-seis. Depois, feitos os trezentos

pontos, estendiam-se ambos diante do fogo e dali a pouco adormeciam. O fogo ia morrendo nas cinzas, a chaleira estava vazia, Léon continuava a ler. Emma escutava-o, fazendo girar maquinalmente o quebra-luz da lâmpada, onde se viam pintados palhaços em carruagens e dançarinas na corda, com os seus trapézios. Léon detinha-se, indicando com um gesto o seu auditório adormecido, então falavam em voz baixa um com o outro e a conversa que tinham parecia-lhes mais doce, por não estar a ser ouvida.

Assim se estabeleceu entre eles uma espécie de associação, uma troca contínua de livros e de romances, o senhor Bovary, pouco ciumento, não se admirava com isso.

Recebeu pelo seu aniversário uma bela cabeça frenológica, toda cheia de números até ao tórax e pintada de azul. Era uma atenção do escriturário. Este tinha para com ele muitas outras atenções, ao ponto de lhe fazer os recados em Ruão, e, como o livro de um romancista pusera em voga a mania dos catos, Léon comprava-lhos para a esposa, trazendo-os na *Andorinha*, em cima dos joelhos, e picando os dedos nos espinhos duros.

Emma mandou adaptar ao caixilho da janela uma prateleira com balaústres, para pôr os seus vasilhinhos. O escriturário teve também o seu jardim suspenso, avistavam-se um ao outro cuidando das plantas às respetivas janelas.

De todas as janelas da vila, havia uma ainda mais vezes ocupada, pois, ao domingo, de manhã até à noite, e todas as tardes, se o tempo estivesse claro, via-se na lucarna de um sótão o perfil magro do senhor Binet debruçado sobre o seu torno, cujo ruído monótono se ouvia até ao Leão de Ouro.

Uma noite, ao voltar para casa, Léon encontrou no seu quarto um tapete de lã e veludo, com um desenho de folhagens sobre fundo claro, chamou a dona da casa, o senhor Homais, Justin, as crianças, a cozinheira, e falou no assunto até ao patrão. Toda a gente quis conhecer o tapete, mas por que razão teria a mulher do médico amabilidades com o escriturário? A coisa pareceu esquisita e concluiu-se, definitivamente, que deviam estar apaixonados um pelo outro.

Ele dava-o a entender pela maneira como falava constantemente dos encantos e da inteligência de Emma, de tal modo que uma vez Binet lhe respondeu com brutalidade:

– Que me importa isso a mim, se não faço parte lá da sociedade dela!

Léon torturava-se por descobrir a maneira de lhe fazer a declaração, e, hesitando sempre entre o medo de lhe desagradar e a vergonha de ser tão pusilânime, chorava de desânimo e de desejo ao mesmo tempo. Depois tomava decisões enérgicas, escrevia cartas que rasgava em seguida, marcava datas que depois protelava. Muitas vezes, metia-se a caminho com o projeto de se atrever a tudo, mas depressa abandonava a resolução na presença de Emma e, quando Charles, ao chegar, o convidava a subir para a carruagem e ir com ele ver algum doente nos arredores, aceitava imediatamente, despedia-se de Emma e partia. O marido não era, afinal, qualquer coisa que fazia parte dela?

Quanto a Emma, não se interrogava a si mesma para saber se o amava. O amor, segundo acreditava, devia surgir de repente, com grande tumulto e fulgurações – tempestade dos céus que cai sobre a vida e a revolve, arranca as vontades como folhas e arrebata para o abismo o coração inteiro. Não sabia que, nos terraços das casas, a chuva forma lagos quando as goteiras estão entupidas, e assim vivia confiada na sua segurança, quando subitamente descobriu uma fenda na parede.

CAPÍTULO V

Foi num domingo de fevereiro, numa tarde em que caía neve.

Tinham ido todos, o casal Bovary, Homais e Léon, a cerca de meia légua de Yonville, no vale, ver uma fiação de linho que se estava a montar. O boticário levava consigo Napoléon e Athalie, para os obrigar a fazer exercício, e Justin acompanhava-os com os guarda-chuvas ao ombro.

Nada, porém, era menos curioso do que aquela curiosidade. Um grande espaço de terreno vazio, onde se viam, em confusão, entre montes de areia e de pedras, algumas rodas de engrenagens já enferrujadas, rodeando um grande edifício quadrangular com uma infinidade de janelinhas. Não estava ainda acabado de construir e via-se o céu através do madeiramento do teto. Atado ao extremo da trave da cumeeira, um molho de palha entremeado de espigas deixava flutuar ao vento as suas fitas tricolores.

Homais falava. Explicava aos visitantes a importância futura daquele estabelecimento, avaliava a resistência dos sobrados, a espessura das paredes, e lamentava não ter consigo uma vara de medir, como a que tinha o senhor Binet para seu uso particular.

Emma, que lhe dava o braço, apoiava-se um pouco no ombro dele e olhava para o disco solar, que irradiava ao longe, na bruma, a sua claridade ofuscante, mas voltou a cabeça: ali estava Charles. Tinha o boné enterrado até às sobrancelhas e os seus dois grossos lábios trémulos acrescentavam-lhe ao rosto um ar de estupidez, até as costas, aquelas costas tranquilas, eram irritantes de ver, patente naquela sobrecasaca, via Emma toda a vulgaridade da personagem.

Enquanto o estava a observar, sentindo assim, na sua irritação, uma espécie de voluptuosidade depravada, Léon avançou um passo. O frio que o tornava pálido parecia dar-lhe ao rosto uma languidez mais doce, entre a gravata e o pescoço, o colarinho da camisa, um pouco largo, deixava ver-lhe a pele, uma porção da orelha ficava à vista por baixo de uma madeixa de cabelos e os seus grandes olhos azuis, erguidos para as nuvens, pareceram a Emma mais límpidos e belos que esses lagos da montanha que refletem o céu.

– Desgraçado! – exclamou de repente o boticário.

E correu para o filho, que acabava de se atirar para cima de um montão de cal, para pintar os sapatos de branco.

Acabrunhado com a reprimenda que lhe deram, Napoléon desatou a gritar, enquanto Justin lhe limpava os sapatos com um molho de palha. Mas seria precisa uma navalha, Charles pôs a sua à disposição dele.

“Olhem, pensou ela, e anda com uma navalha no bolso, como um camponês!” Mas começou a cair granizo e voltaram para Yonville.

A senhora Bovary, naquela noite, não foi a casa dos vizinhos e, quando Charles saiu, logo que se sentiu só, recomeçou a comparação com a nitidez de uma sensação quase imediata e com aquele prolongamento da perspectiva que a recordação dá aos objetos. Deitada na sua cama, a olhar para o clarão que o fogo fazia, conseguia ainda ver, como lá no vale, Léon de pé, fazendo com uma das mãos dobrar o pingalim e, com a outra, segurando Athalie, que chupava tranquilamente um pedaço de gelo. Ela achava-o encantador, não conseguia desprender-se dele, lembrava-se de outras atitudes suas noutras ocasiões, de frases que dissera, do som da sua voz, de toda a sua pessoa, e repetia, avançando os lábios como para o beijar:

– Sim, encantador!, encantador!... Será que não ama? – perguntou a si mesma. – Mas a quem então?... Mas é a mim!

Todas as provas se lhe apresentaram simultaneamente ao espírito e sentiu pular-lhe o coração. A chama do fogão fazia tremular no teto uma claridade alegre, Emma voltou-se de costas e estendeu os braços.

Começaram então as eternas lamentações: “Oh!, se Deus tivesse querido! Porque é que não haveria de ter sido assim? Mas então quem é que impediu?...”

Quando Charles, à meia-noite, voltou para casa, Emma fingiu que acordava e, enquanto ele fazia barulho a despir-se, queixou-se de enxaqueca, depois perguntou indolentemente que tal fora o serão.

– O senhor Léon – respondeu ele – foi-se deitar cedo.

Ela não pôde evitar de sorrir e adormeceu com a alma cheia de um novo encantamento.

No dia seguinte, ao cair da noite, recebeu a visita do senhor Lhereux, negociante de novidades. Era um homem esperto, aquele lojista.

Gascão de origem, mas tendo-se já tornado normando, combinava a sua facúndia meridional com a astúcia dos naturais de

Caux. A sua fisionomia gorducha, mole e sem barba, parecia untada com uma decocção de alcaçuz claro e a cabeleira branca tornava mais vivo ainda o brilho rude dos olhos piscos e negros. Ignorava-se o que teria sido antes: vendedor ambulante, diziam uns, banqueiro em Routot, segundo outros. O certo é que fazia de cabeça complicadíssimos cálculos que causavam assombro ao próprio Binet. Polido até ao exagero, mantinha sempre uma posição meio curvada, na atitude de quem cumprimenta ou faz um convite.

Depois de ter deixado à porta um chapéu com fumo, colocou em cima da mesa uma caixa de cartão verde e começou por se lamentar à senhora, com todo o respeito, pelo facto de não ter até àquele dia merecido a sua confiança. Uma pobre loja como a sua não era própria para atrair uma senhora elegante, acentuou bem a palavra. Bastar-lhe-ia, portanto, encomendar, e ele se encarregaria de lhe fornecer o que desejasse, tanto em retrosaria como em rouparia, chapelaria ou novidades, porque ia regularmente à cidade quatro vezes por mês. Tinha relações com as casas mais importantes. Podiam pedir informações dele nos Três Irmãos, na Barba de Ouro ou no Grande Selvagem, todos aqueles comerciantes o conheciam como aos próprios dedos!

Portanto, hoje, vinha apenas de passagem, mostrar à senhora vários artigos que tinham de momento, graças a uma oportunidade das mais raras. E retirou da caixa uma meia dúzia de golas bordadas.

A senhora Bovary examinou-as.

– Não preciso de nada – disse ela.

Então o senhor Lheureux exibiu delicadamente três estolas argelinas, vários maços de agulhas inglesas e, por fim, quatro tigelinhas de coco lavradas a cinzel pelos degredados. Depois, com as duas mãos apoiadas na mesa, o pescoço esticado, a cintura dobrada, fixou a seguir, de boca aberta, os olhos de Emma, que vagueavam indecisos por todas aquelas mercadorias.

De vez em quando, como que para sacudir o pó, dava um estalo com a unha na seda das estolas, desdobradas em todo o seu cumprimento, e elas estremeciam com um ligeiro ruído, fazendo cintilar, como minúsculas estrelas, à luz esverdeada do crepúsculo, os fios dourados do tecido.

– Quanto custam elas?

– Uma miséria – respondeu –, uma miséria, mas não há pressa, quando desejar, não somos judeus!

Emma refletiu ainda alguns instantes e acabou por agradecer ao senhor Lhereux, que lhe respondeu sem se perturbar:

– Pois bem, entender-nos-emos noutra ocasião, com as senhoras tenho-me sempre conseguido entender, desde que, claro está, não seja a minha!

Emma sorriu.

– Quer isto dizer – continuou ele com ar bonacheirão, depois do gracejo – que não me preocupo com o dinheiro... Até lho daria, se fosse necessário.

Ela teve um gesto de surpresa.

– Oh! – disse ele, com vivacidade, baixando a voz –, não precisaria de ir muito longe para lho arranjar, pode ter a certeza disso!

E pôs-se a perguntar por notícias do Tio Tellier, o dono do Café Francês, que o doutor Bovary andava nessa altura a tratar.

– Mas que tem então o Tio Tellier?... Quando tosse, parece que sacode a casa toda, e receio mesmo que, dentro de pouco tempo, tenha mais necessidade de um paletó de pinho que de uma camisola de flanela! Fartou-se de fazer patuscadas quando era novo! Aquela gente, minha senhora, não tinha a mínima regra! Ele calcinou-se com aguardente! Mas, mesmo assim, é aborrecido ver partir uma pessoa conhecida.

E, enquanto voltava a fechar a caixa, ia fazendo assim comentários sobre a clientela do médico.

– É com certeza o tempo – disse, olhando para os vidros com a cara franzida – que provoca todas estas doenças! Eu também não me sinto lá muito em forma, um destes dias terei mesmo de vir consultar o doutor, por causa de uma dor que tenho nas costas. Enfim, até à vista, senhora Bovary, à sua disposição, um criado às ordens!

E fechou a porta devagarinho.

Emma mandou servir o jantar no quarto, no canto do fogão, sobre um tabuleiro, comeu com muito vagar, tudo lhe soube bem.

“Fui bastante sensata!”, dizia para si mesma, a pensar nas estolas.

Ouviu passos na escada: era Léon. Levantou-se e apanhou, de cima da cómoda, o primeiro de uma rima de panos que tinha para embainhar. Mostrou-se muito ocupada quando ele entrou.

A conversa não teve interesse, pois a senhora Bovary abandonava-a constantemente, enquanto ele próprio se sentia bastante embaraçado. Sentado numa cadeira baixa, perto do fogão, fazia girar entre os dedos o estojo de marfim, ela ia dando os pontos, ou, de vez

em quando, com a unha, vincava a bainha do pano. Não dizia nada, e ele calava-se, cativo do seu silêncio, como o teria igualmente ficado das suas palavras.

“Pobre rapaz!”, pensava ela.

“Em que será que lhe desagradou?”, perguntava ele a si mesmo.

Léon, entretanto, acabou por dizer que teria de ir a Ruão num daqueles dias por causa de um assunto relacionado com os seus estudos.

– A sua assinatura de música já terminou, quer que lha renove?

– Não – respondeu ela.

– Porquê?

– Porque...

E, apertando os lábios, puxou lentamente uma longa linha cinzenta que enfiara na agulha.

Aquele trabalho irritava Léon. Parecia-lhe que os dedos de Emma iriam ficar todos esfolados nas pontas, veio-lhe à mente uma frase galante, mas não arriscou a dizê-la.

– Então, abandona-a? – insistiu ele.

– O quê? – disse ela com vivacidade. – A música? Oh, meu Deus, claro que sim! É que tenho a casa para cuidar, o marido para tratar, imensas coisas a fazer, enfim, uma quantidade de deveres que estão em primeiro lugar!

Ela olhou para o relógio. Charles estava atrasado. Então fingiu que se preocupava muito com o marido. Repetiu mesmo duas ou três vezes:

– Ele é tão bom!

O escriturário era amigo de Bovary. Mas aquela ternura surpreendeu-o de uma maneira desagradável, apesar disso, continuou a elogiá-lo, como achava dever fazer a toda a gente, dizia ele, e sobretudo ao farmacêutico.

– Ah, sim! É uma excelente pessoa.

– Sem dúvida – retorquiu o escriturário.

E pôs-se a falar da senhora Homais, cuja maneira descuidada de se vestir provocava normalmente o riso de ambos.

– E que tem isso? – interrompeu Emma. – Uma boa mãe de família não se preocupa com a sua toilette.

Depois mergulhou de novo no silêncio.

O seu comportamento foi o mesmo durante os dias que se seguiram, as suas palavras, os seus modos, tudo mudou.

Viram-na tomar a peito o governo da casa, voltar a frequentar regularmente a igreja e tratar a criada com um pouco mais de severidade.

Retirou Berthe da ama. Félicité trazia-a quando vinham visitas e a senhora Bovary despia-a para mostrar como era robusta. Dizia que adorava crianças, eram a sua consolação, a sua alegria, a sua loucura, e acompanhava as carícias com tais expansões líricas que, a outra gente que não fosse a de Yonville, teriam feito recordar a Religiosa de Nossa Senhora de Paris.

Quando Charles voltava, à noite, encontrava as suas pantufas a aquecer junto da lareira. Os seus coletes agora não tinham falta de forro e as camisas de botões, e até dava gosto ver no armário todos os barretes de algodão dispostos em pilhas iguais. Já não se mostrava contrariada, como antes, por passear no jardim, com tudo o que ele propusesse ela logo concordava, ainda que não adivinhasse as vontades às quais se submetia sem um murmúrio, e, quando Léon o via ao canto do fogo, depois de jantar, com ambas as mãos apoiadas na barriga, os pés sobre o rebordo da chaminé, as faces ruborizadas pela digestão, os olhos húmidos de felicidade, com a criança a gatinhar sobre o tapete e aquela mulher de cintura delicada que, por sobre as costas da poltrona, lhe ia dar um beijo na testa, dizia de si para consigo: “Que loucura! Deste modo, como será possível consegui-la?”

Emma pareceu-lhe assim tão virtuosa e inacessível que o fez abandonar toda e qualquer esperança.

Mas, através desta renúncia, colocava-a em condições extraordinárias. Emma desprende-se, para ele, das qualidades carnavais, de que não tinha nada a conseguir, e, no seu coração, foi sempre subindo e destacando-se, à maneira magnífica de uma apoteose que arrebatava. Era um daqueles sentimentos puros que não embaraçam o exercício da vida, que se cultivam porque são raros e cuja perda daria mais tristeza do que a posse satisfação.

Emma emagreceu e ficou com as faces pálidas e o rosto alongado. Com os seus bandós negros, os grandes olhos, o nariz correto, o andar de passarinho e, agora, sempre silenciosa, não parecia ela atravessar a existência mal lhe tocando e trazer na fronte a marca muito vaga de qualquer sublime predestinação? Era tão triste e tão calma, e, ao mesmo tempo, tão meiga e tão reservada, que ao pé dela se tinha a sensação de se ser dominado por um encanto glacial, como nas igrejas se tem um estremecimento ao sentir o perfume das flores

de mistura com a frieza dos mármore. Nem mesmo os outros escapavam àquela sedução. O farmacêutico dizia:

– É uma mulher de grandes recursos e que não ficaria deslocada numa capital de distrito.

As donas de casa admiravam-lhe a economia, os clientes a delicadeza e os pobres a caridade.

Emma, porém, vivia cheia de desejos, de raiva, de ódio. Aquele vestido de pregas escondia um coração revoltado e aqueles lábios tão pudicos não confessavam o seu tormento. Ela estava apaixonada por Léon e procurava a solidão para poder mais à vontade deleitar-se com a sua imagem. A visão da sua pessoa perturbava a volúpia daquela meditação. Emma palpitava ao ruído dos seus passos, depois, em presença dele, desfazia-se-lhe a emoção e, a seguir, só lhe ficava um imenso espanto, que terminava em tristeza.

Léon não sabia, quando saía de casa dela desesperado, que Emma se levantava logo a seguir para o ver na rua.

Preocupava-se com o que ele fazia, espiava-lhe o aspeto do rosto, inventou uma história complicada como pretexto para lhe visitar o quarto. A mulher do farmacêutico parecia-lhe muito feliz por dormir debaixo do mesmo teto, e os seus pensamentos iam constantemente pousar naquela casa, como os pombos do Leão de Ouro que ali iam molhar, nas goteiras, as patas cor de-rosa e as asas brancas. Mas, quanto mais Emma tomava consciência do amor, mais o recalrava, para que não aparecesse e o fazer diminuir. Sentia o desejo de que Léon lhe adivinhasse o sentimento, e imaginava circunstâncias de acaso, catástrofes que pudessem contribuir para isso. O que a detinha era, sem dúvida, a inércia ou o receio, e também o pudor. Imaginava que o tinha repellido demasiado, que já não havia oportunidade e que tudo estava perdido. Também o orgulho, a satisfação de poder dizer: “Sou virtuosa”, e de olhar para o espelho assumindo poses de resignação, a consolava um pouco pelo sacrifício que acreditava estar fazendo.

Então, os apetites da carne, as cobiças do dinheiro e as melancolias da paixão, tudo se confundia num mesmo sofrimento, e, em vez de procurar afastar daí o pensamento, ainda mais se prendia ao mesmo, excitando-se à dor e procurando para isso todas as ocasiões. Irritava-se com um prato mal servido ou com uma porta entreaberta, lastimava-se pelo veludo que lhe faltava, pela felicidade que não tinha,

por as suas aspirações serem demasiado elevadas e por a casa ser acanhada de mais.

O que a exasperava é que Charles não dava a impressão de suspeitar do seu suplício. A convicção que ele tinha de a fazer feliz parecia-lhe um insulto imbecil e a segurança que revelava a esse respeito ingratidão. Por causa de quem se comportava ela tão escrupulosamente?

Não era ele o obstáculo a toda a felicidade, o motivo de toda a desgraça, como que o bico da fivela a travar aquela complexa correia que por todos os lados a amarrava?

Então voltou contra ele todo o ódio acumulado pelos seus aborrecimentos e cada esforço que fazia para o reduzir servia apenas para o aumentar, pois esse esforço inútil ia acrescentar-se aos outros motivos de desespero e contribuía ainda para maior afastamento. A sua própria docilidade lhe causava revolta. A mediocridade doméstica incitava-a a fantasias luxuosas; a ternura matrimonial, a desejos adúlteros. Preferiria que Charles lhe batesse, para poder com mais justiça detestá-lo, vingar-se dele. Por vezes assustava-se com as atrozes conjecturas que lhe vinham à ideia; e era necessário continuar a sorrir, escutar as suas próprias repetições de que ele era feliz, fazer de conta que o era, dar a entender isso aos outros!

Enojava-se, entretanto, daquela hipocrisia. Tinha tentações de fugir com Léon para qualquer parte, muito longe, tentar um destino novo; mas logo se lhe abria na alma um abismo de confusão, cheio de negrume.

“Ainda por cima, não me ama”, pensava ela; “qual vai ser o meu futuro? Que ajuda posso esperar, que consolação, que alívio?”

E ficava alquebrada, ofegante, inerte, soluçando baixinho e com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

– Porque é que não se avisa o patrão? – perguntava-lhe a criada quando a surpreendia nessas crises.

– São nervos – respondia Emma. – Não lhe digas nada, ele afligir-se-ia.

– Pois é! – continuava Félicité –, a senhora é exatamente como a Guérine, filha do Tio Guérin, o pescador de Pollet, que conheci em Dieppe antes de vir trabalhar para si. Ela era tão triste que vê-la de pé sobre a soleira da porta era a mesma coisa que ver um pano de enterro ali pendurado. O mal dela, segundo parece, era uma espécie de nevoeiro que tinha na cabeça, e os médicos não lhe podiam fazer nada,

nem tão-pouco o padre. Quando lhe dava com muita força, ia passear sozinha para a beira-mar, e às vezes até o oficial da alfândega, quando fazia a ronda, a ia encontrar estendida de bruços a chorar em cima dos seixos. Depois do casamento, dizem que lhe passou.

– Mas a mim – respondia Emma – foi depois do casamento que isto me apareceu.

CAPÍTULO VI

Uma tarde em que, sentada junto da janela aberta, acabara de olhar para Lestiboudois, o sacristão que aparava o bucho, Emma ouviu subitamente tocar as ave-marias.

Estava-se no princípio de abril, quando as primaveras começam a desabrochar; corria um vento cálido sobre os canteiros cultivados e as hortas, como as mulheres, pareciam cuidar das suas toilettes para as festas do Verão. Através das grades do caramanchão via-se, na extensão do outro lado, correr o rio pela pradaria, desenhando sobre a erva errantes sinuosidades. A neblina da tarde passava entre os álamos ainda sem folhas, esfumando-lhes os contornos com uma tonalidade violácea, mais desmaiada e transparente do que um véu subtil pairando sobre os seus ramos. Ao longe moviam-se animais; não se lhes ouviam os passos nem os mugidos; e o sino, continuando a tocar, prolongava nos ares a sua pacífica lamentação.

Com aquele repetido badalar, perdiam-se os pensamentos de Emma nas suas velhas recordações da juventude e do colégio.

Lembrou-se dos grandes candelabros, maiores do que os vasos de flores em cima do altar, e do tabernáculo com colunas.

Quisera, como outrora, encontrar-se ainda no meio da longa fila de mantilhas brancas, aqui e além interrompida pelos hirtos capuzes das boas freiras debruçadas sobre o genuflexório; ao domingo, na missa, quando levantava a cabeça, avistava o rosto meigo da Virgem entre as nuvens azuladas do incenso que subia. Sobreveio-lhe então uma forte comoção; sentiu-se débil e abandonada, como penugem de um pássaro que volteia na tempestade; e foi inconscientemente que se dirigiu à igreja, disposta a qualquer devoção, contanto que lhe absorvesse a alma e lhe fizesse esquecer completamente a existência.

Na praça encontrou Lestiboudois, que vinha de volta; pois, para não prejudicar o trabalho do dia, ele optava por interromper a tarefa e depois retomá-la, de modo que tocava as ave-marias quando lhe convinha. Além disso, o toque feito mais cedo avisava os garotos de que eram horas da catequese.

Alguns deles, que já haviam chegado, estavam a jogar o berlinde nas lajes do cemitério. Outros, encavalitados no muro, agitavam as pernas, ceifando com os tamancos as grandes ortigas nascidas entre a

pequena vedação e as últimas sepulturas. Era o único sítio onde havia verdura; tudo o resto eram pedras e o chão continuamente coberto por uma poeira fina, apesar da vassoura do sacristão.

As crianças corriam por ali em chinelos, como num chão de madeira preparado para elas, e ouvia-se-lhes o tumulto das vozes por entre as badaladas do sino. Diminuía com as oscilações da grande corda, que, caindo do alto do campanário, roçava com a ponta no chão. Passavam andorinhas pipilando e cortando o ar na trajetória do seu voo, voltando rapidamente aos seus ninhos amarelos, sob as telhas do beiral. No fundo da igreja brilhava uma lamparina, ou, melhor, uma torcida de lamparina dentro de um copo suspenso. A luz que deitava parecia, de longe, uma mancha esbranquiçada a tremer sobre o azeite. Um longo raio de sol atravessava toda a nave central, tornando ainda mais sombrios os lados e os ângulos do interior.

– Onde está o padre? – perguntou a senhora Bovary a um rapaz que se divertia a sacudir o molinete no seu encaixe demasiado largo.

– Ele já vem – respondeu o rapaz.

Com efeito, a porta do presbitério rangeu, deixando aparecer o padre Bournisien; as crianças escaparam-se, em confusão, para dentro da igreja.

– Estes gaiatos! – murmurou o eclesiástico. – São sempre os mesmos!

E acrescentou, apanhando um catecismo esfarrapado em que tropeçara:

– Não respeitam nada!

Mas, logo que reconheceu a senhora Bovary:

– Desculpe, não tinha reparado.

Enfiou o catecismo no bolso e deteve-se, continuando a balouçar entre os dedos a pesada chave da sacristia.

A claridade do sol-poente, que lhe dava em cheio no rosto, empalidecia-lhe a sarja da sotaina, com lustro nos cotovelos e a desfiar-se pela orla. Manchas de sebo e de tabaco seguiam, sobre o peito, a linha dos botõezinhos, tornando-se mais numerosas à medida que se lhe afastavam da gola, onde lhe pousavam as abundantes rugas da pele avermelhada, semeada de manchas amarelas, que desapareciam no meio dos pelos duros da sua barba grisalha. Acabara de jantar e respirava ruidosamente.

– Como tem passado? – acrescentou.

– Mal – respondeu Emma. – Ando doente.

– Olhe, eu cá também – continuou o sacerdote. – São estes primeiros calores, não é?, que nos amolecem espantosamente. Enfim, que quer? Nascemos para sofrer, como diz São Paulo.

Mas o doutor Bovary que diz a isso?

– Ele!... – respondeu Emma, com um gesto desdenhoso.

– O quê? – replicou o velhote com grande admiração. – Ele não lhe receita nada?

– Oh! – exclamou ela –, não é dos remédios da Terra que eu preciso.

Mas o padre olhava de vez em quando para a igreja, onde os garotos, todos ajoelhados, se empurravam uns aos outros com os ombros e caíam como um baralho de cartas.

– Eu desejava saber... – prosseguia ela.

– Espera, espera, Riboudet – gritou o eclesiástico com voz colérica –, já te vou aquecer as orelhas, grande maroto! Depois, voltando-se para Emma:

– É o filho do carpinteiro Boudet; os pais não se ralam e deixam-no fazer tudo o que lhe apetece. E, contudo, poderia aprender depressa, se quisesse, porque é bastante inteligente. Eu então, às vezes, por brincadeira, chamo-lhe Riboudet (como o monte que se sobe quando se vai para Maronne). Ah!, ah! Monte Riboudet! No outro dia disse isto ao senhor Bispo e ele riu-se... dignou-se achar graça. E o senhor Doutor, como vai?

Emma parecia não estar a ouvir. O padre continuou:

– Sempre muito ocupado, naturalmente? É que ele e eu somos, com certeza, as duas pessoas que mais têm que fazer cá na paróquia. Mas ele lá é médico dos corpos, acrescentou, com uma grossa gargalhada; eu sou o médico das almas!

Ela fixou no padre um olhar suplicante:

– Sim..., o senhor alivia todas as misérias.

– Oh!, nem me fale nisso, senhora Bovary! Ainda esta manhã tive de ir a Bas-Diauville por causa de uma vaca que estava inchada; pensavam que era bruxedo. Todas as vacas deles, não sei como... Mas desculpe! Longuemarre e Boudet! Vamos lá a ver! Querem fazer o favor de acabar com isso?...

E, num pulo, correu para a igreja.

Os miúdos apertavam-se em torno do púlpito, trepavam para cima do banco do chantre, abriam o missal; outros, em bicos de pés,

iam-se aventurando a entrar mesmo no confessionário. Mas o padre, surgindo subitamente, distribuiu a todos uma saraivada de bofetadas.

Pegando-lhes pela gola da jaqueta, suspendia-os do chão e pousava-os de novo com força de joelhos nas lajes do coro, como se os quisesse plantar naquela posição.

– Veja bem como os pobres agricultores são dignos de lástima! – disse o padre, depois de voltar para junto de Emma, enquanto desdobrava o seu grande lenço de chita, segurando-lhe uma ponta com os dentes.

– Há mais quem o seja – respondeu ela.

– Pois com certeza! Os operários das fábricas, por exemplo.

– Não são esses...

– Queira desculpar-me, mas tenho lá conhecido pobres mães de família, mulheres virtuosas, posso-lhe garantir, verdadeiras santas, que até falta de pão passam.

– E aquelas – continuou Emma (que falava contorcendo os cantos da boca) –, aquelas, senhor Prior, que têm pão e que não têm...

– Fogo para se aquecer no Inverno – atalhou o padre.

– Que importa isso?

– Como? Que importa? A mim parece-me que, quando se tem bom aquecimento, boa alimentação... porque, enfim...

– Oh, meu Deus! Meu Deus! – suspirava ela.

– Sente-se maldisposta? – perguntou o padre, aproximando-se com ar preocupado. – É naturalmente da digestão, não? Tem de voltar para casa, senhora Bovary; beba um pouco de chá, que lhe fará bem, ou então um copo de água fresca com açúcar mascavado.

– Para quê?

E dava a impressão de ter acordado de um sonho.

– É que a vi passar a mão pela testa. Pensei que estivesse a sentir vertigens. – Depois, mudando de assunto: – Mas a senhora queria perguntar-me qualquer coisa. O que era então?

– Eu? Nada..., nada... – repetiu Emma.

E o seu olhar, que divagava em redor, voltou-se lentamente para o velho de sotaina. Fixaram-se ambos, frente a frente, sem dizer nada.

– Sendo assim, senhora Bovary – disse ele por fim –, queira desculpar-me, mas o dever acima de tudo, como sabe; tenho de despachar aqueles estouvados. Estamos quase na altura das primeiras comunhões e receio que me falte o tempo! É por isso que, desde a Ascensão, todas as quartas-feiras os faço aguentar mais uma hora.

Pobres crianças! Nunca é cedo de mais para os guiar no caminho do Senhor, como Ele mesmo nos recomendou pela boca do Seu Divino Filho... Estimo as suas melhoras; os meus cumprimentos ao senhor seu marido!

E entrou na igreja, fazendo logo à porta uma genuflexão.

Emma viu-o desaparecer entre a dupla fila de bancos, andando pesadamente, com a cabeça um pouco tombada sobre o ombro e as mãos meio abertas, voltadas para fora.

Ela rodou seguidamente sobre os calcanhares, com um só movimento, como uma estátua que girasse sobre um eixo, e tomou o caminho de casa. Mas a voz grossa do padre e a voz clara dos garotos ainda lhe chegavam aos ouvidos e continuavam a segui-la:

– Tu és cristão?

– Sim, senhor, sou cristão.

– É o que é um cristão?

– É aquele que, depois de ser batizado..., batizado..., batizado.

Emma subiu os degraus da escada agarrando-se ao corrimão e, quando chegou ao quarto, deixou-se cair numa poltrona.

A claridade esbranquiçada das vidraças ia diminuindo lentamente, com ondulações. Os móveis, no seu lugar, pareciam ter-se tornado mais inertes e perder-se na sombra como num oceano tenebroso. O fogo apagara-se, o relógio continuava o seu tiquetaque e Emma sentia-se vagamente admirada com toda aquela tranquilidade das coisas, enquanto havia no seu próprio íntimo tanta agitação. Mas, entre a janela e a mesinha de trabalho, lá estava a pequenina Berthe, cambaleando sobre as botinhas de malha, a procurar aproximar-se da mãe para se lhe agarrar às pontas das fitas do avental.

– Deixa-me! – disse esta, afastando-a com a mão.

A pequerrucha logo voltou a aproximar-se ainda mais, encostando-se-lhe aos joelhos; e, apoiando neles os bracinhos, erguia para ela os seus grandes olhos azuis, enquanto um fio de saliva pura lhe escorria do lábio sobre a seda do avental.

– Deixa-me! – repetiu a mãe toda irritada.

A expressão que fez assustou a criança, que se pôs a chorar.

– Já te disse que me deixes! – repetiu, repelindo-a com o cotovelo.

Berthe foi cair ao pé da cómoda, contra a patera de cobre; fez um golpe na cara, donde saía sangue. A senhora Bovary precipitou-se para a levantar, rebentou o cordão da campainha, gritou com toda a força

pela criada e começava já a vociferar quando apareceu Charles. Era a hora do jantar e acabava de chegar a casa.

– Olha aqui, querido – disse-lhe Emma com uma voz calma –, a menina, mesmo agora, a brincar, caiu no chão e feriu-se.

Charles garantiu-lhe que não era nada grave e foi buscar um emplastro.

A senhora Bovary não desceu à sala e quis ficar sozinha a tomar conta da filha.

Depois, contemplando-a a dormir, o que lhe restava de preocupação dissipou-se gradualmente e viu-se aos seus próprios olhos bem parva e tola por se ter momentos antes inquietado por tão pouca coisa. Berthe, efetivamente, já não soluçava. A sua respiração fazia agora levantar insensivelmente o cobertor de algodão. Tinham-lhe ficado aos cantos dos olhos umas grandes lágrimas e as pálpebras semicerradas deixavam ver, por entre as pestanas, duas pupilas pálidas, encovadas; o adesivo, colado na face, repuxava-lhe obliquamente a pele esticada.

“É uma coisa estranha”, pensava Emma, “como esta criança é feia!”

Quando Charles, às onze horas da noite, voltou da farmácia (onde, depois do jantar, fora entregar o resto do emplastro), encontrou a mulher de pé junto do berço.

– Uma vez que eu já te disse que não vai ser nada – disse-lhe ele, beijando-a na testa –, não te aflijas, minha querida, senão ficas doente!

Ele demorara-se bastante em casa do boticário. Embora não se tivesse mostrado ali muito emocionado, o senhor Homais fizera o possível por animá-lo, levantar-lhe o moral. Tinham então falado de diversos perigos que ameaçam as crianças e do descuido dos criados. A senhora Homais bem o sabia, pois conservava ainda no peito as marcas de uma porção de brasas que uma cozinheira, certa vez, lhe deixara cair em cima do bibe. Por isso, aqueles pais exemplares tomavam uma quantidade de precauções. As facas nunca estavam afiadas, nem os quartos encerados. Nas janelas tinham redes de arame e umas fortes barras fixas nos alizares. Os pequenos Homais, apesar da sua independência, não se podiam mexer sem alguém a vigiá-los; à menor constipação, o pai enchia-os de remédios peitorais, e até depois dos quatro anos usavam todos, implacavelmente, bonés enchumaçados. Na verdade, aquilo era uma mania da senhora Homais; o marido sentia-se interiormente preocupado, receando os resultados

de semelhante compressão sobre os órgãos do intelecto, e chegava às vezes a dizer-lhe:

– Mas pretendes então fazer deles caraíbas ou botocudos?

Charles, entretanto, procurava várias vezes interromper a conversação.

– Tenho um assunto para tratar consigo – dissera ele ao ouvido do escriturário, que logo se pôs a subir a escada na sua frente.

“Teria ele desconfiado de alguma coisa?”, pensava Léon.

Sentia o coração bater e perdia-se em conjecturas.

Finalmente, Charles, depois de fechar a porta, pediu-lhe que visse, ele mesmo, qual poderia ser o preço de um bom daguerreótipo; era uma surpresa sentimental que queria fazer à mulher, uma atenção requintada, o seu retrato de casaca preta. Mas queria saber antecipadamente com o que teria de contar; aquelas informações não deviam dar-lhe muita maçada, visto que Léon ia à cidade mais ou menos todas as semanas.

Com que finalidade? Homais suspeitava que havia ali qualquer história de rapaz, qualquer intriga de amor. Mas enganava-se;

Léon não andava atrás de nenhum namoro. Estava mais triste do que nunca e a senhora Lefrançois bem se apercebia disso pela quantidade de comida que deixava agora no prato. Para ver se descobria alguma coisa, ela foi interrogar o tesoureiro; Binet respondeu-lhe, em tom irritado, que não era pago pela polícia.

O companheiro parecia-lhe, entretanto, bastante estranho; pois muitas vezes Léon se recostava na cadeira, de braços caídos, queixando-se vagamente da existência.

– É que você não se distrai o suficiente – dizia o tesoureiro.

– Ora, como?

– Eu, no seu lugar, arranjava um torno!

– Mas eu não sei tornear – respondia o escriturário.

– Oh!, é verdade! – dizia o outro, passando a mão pelo queixo, com um ar de desdém misturado com satisfação.

Léon estava cansado de amar sem resultado; além disso, começava a sentir aquele abatimento que é provocado pela «instante repetição» da mesma vida, quando nenhum interesse a dirige e nenhuma esperança a sustém.

Sentia-se tão enjoado de Yonville e dos seus habitantes, que a vista de certas pessoas ou de certas casas o irritava até ao ponto de não a poder suportar; e o farmacêutico, apesar da boa pessoa que era,

tornava-se-lhe também completamente insuportável. Contudo, a perspectiva de uma situação nova assustava-o tanto quanto o seduzia.

Aquela apreensão depressa se transformou em impaciência, e então Paris começou a acenar-lhe, de longe, com a fanfarra dos seus bailes de máscaras, juntamente com o riso das operariazinhas galantes. Uma vez que era lá que teria de ir terminar o seu curso de Direito, porque não havia de pôr-se a caminho? Quem o impediria disso? E começou a preparar-se interiormente: planeou antecipadamente as suas ocupações.

Mobilou mentalmente um apartamento. Levaria ali uma vida de artista! Tomaria lições de guitarra clássica! Teria um roupão, uma boina basca, pantufas de veludo azul! E até contemplava já, por cima do fogão, dois floretes cruzados, com uma caveira e a guitarra em cima.

O mais difícil seria o consentimento da mãe; no entanto, nada lhe parecia mais razoável. O próprio patrão o aconselhava a ir para outro cartório, onde se pudesse desenvolver melhor.

Adotando então uma solução intermédia, Léon procurou um lugar qualquer de segundo – escriturário em Ruão, não o encontrou e acabou por escrever à mãe uma longa carta com pormenores, em que lhe expunha as razões para ir morar em Paris imediatamente. Ela consentiu.

Não se precipitou. Todos os dias, durante um mês inteiro, Hiven foi-lhe trazendo, de Yonville para Ruão e de Ruão para Yonville, caixas, malas, pacotes; e, depois de ter acrescentado o seu guarda-roupa, mandado estofar de novo as suas três poltronas, comprado um fornecimento de lenços, em resumo, depois de ter tomado mais disposições do que seria necessário para uma viagem à volta do mundo, foi adiando a partida de semana para semana, até que recebeu uma segunda carta da mãe, em que esta lhe dizia que se apressasse a partir, visto que desejava fazer o seu exame antes das férias.

Quando chegou o momento dos abraços, a senhora Homais chorou; Justine soluçava; Homais, fazendo-se forte, dissimulava a emoção; quis ser ele próprio a levar o paletó do amigo até à porta do notário, que o levaria a Ruão na sua carruagem. A Léon restava apenas o tempo necessário para se despedir do doutor Bovary.

Quando chegou ao cimo da escada, parou, de tal maneira lhe faltava o fôlego. Logo que entrou, a senhora Bovary levantou-se.

– Sou eu mais uma vez! – disse Léon.

– Eu tinha a certeza!

Emma mordeu os lábios e o sangue afluíu-lhe à pele do rosto, fazendo-a corar desde a raiz dos cabelos até à orla da gola.

Deixou-se ficar de pé, com o ombro encostado a uma ombreira.

– O doutor então não está? — prosseguiu ele.

– Está ausente. — E repetiu: — Está ausente.

Houve um momento de silêncio. Olharam um para o outro; e os seus pensamentos, confundidos na mesma angústia, abraçavam-se estreitamente, como dois peitos palpitantes.

– Gostava de beijar Berthe — disse Léon.

Emma desceu alguns degraus e chamou Félicité.

Ele olhou demoradamente em redor, detendo-se nas paredes, nas prateleiras, na chaminé, como que para penetrar em tudo, para levar tudo consigo.

Mas Emma voltou a entrar e a criada trouxe Berthe, que sacudia, na ponta de um cordel, um moínho de vento de cabeça para baixo.

Léon beijou-a repetidas vezes no pescoço.

– Adeus, pobre criança! Adeus, querida menina, adeus! E entregou-a de novo à mãe.

– Leve-a — disse esta à criada. Ficaram sós.

A senhora Bovary, de costas voltadas, tinha a cabeça encostada a um vidro; Léon conservava o boné na mão e batia com ele vagarosamente na coxa.

– Vai chover — disse Emma.

– Tenho capote — respondeu ele.

– Ah!

Ela voltou-se, com o queixo inclinado para baixo e a testa para a frente. Como sobre o mármore, a luz deslizava-lhe pela fronte até às sobrancelhas, sem que se pudesse saber o que Emma observava no horizonte nem o que estava pensando no fundo de si mesma.

– Bom, adeus! — suspirou ele.

Ela levantou a cabeça com um movimento brusco:

– Sim, adeus..., vá-se embora!

Avançaram um para o outro; ele estendeu a mão, ela hesitou.

– Então, à inglesa — disse ela, abandonando-lhe a sua e esforçando-se por rir.

Léon sentiu-a entre os dedos, parecendo-lhe que toda a própria substância do seu ser descia até à palma húmida daquela mão.

Depois largou-a; os olhos de ambos encontraram-se ainda uma vez e ele desapareceu.

Quando chegou ao mercado, parou e escondeu-se atrás de uma coluna para contemplar pela última vez aquela casa branca com as suas quatro gelosias verdes. Pareceu-lhe ver uma sombra atrás da janela do quarto; mas a cortina, desprendendo-se do alizar como se ninguém lhe tivesse tocado, moveu lentamente as suas longas pregas oblíquas, que num instante se estenderam todas, e ficou direita, mais imóvel do que uma parede de estuque. Léon lançou-se a correr.

Avistou de longe, na estrada, o cabriolé do patrão e, ao lado, um homem vestido de serguita, segurando o cavalo. Homais e o senhor Guillaumin conversavam ambos. Estavam à espera dele.

– Dê-me cá um abraço – disse o boticário, com as lágrimas nos olhos. – Aqui está o seu paletó, meu bom amigo; tenha cuidado com o frio! Cuide de si! Poupe-se!

– Vamos, Léon, suba! – disse o tabelião.

Homais debruçou-se sobre o guarda-lama e, com a voz entrecortada de soluços, soltou estas duas palavras tristes:

– Boa viagem!

– Boa tarde, – respondeu Guillaumin. – Larga!

Partiram e Homais voltou para casa.

A senhora Bovary abrira a janela que dava para o jardim e estava a olhar para as nuvens.

Estas acumulavam-se no Poente, do lado de Ruão, e enrolavam rapidamente as suas negras volutas, por trás das quais se viam estender grandes raios de sol, como flechas de ouro suspensas de um troféu, enquanto o restante do céu, vazio, tinha uma brancura de porcelana. Mas uma rajada de vento fez curvar os choupos e, subitamente, a chuva começou a cair ruidosamente sobre as folhas verdes. Depois voltou a aparecer o Sol, as galinhas cacarejavam, os pardais sacudiram as asas nas moitas húmidas e as poças de água na areia arrastaram, escoando-se, as flores cor-de-rosa de uma acácia.

“Como deve já ir longe!”, pensou ela.

O senhor Homais, como habitualmente, apareceu às seis e meia, durante o jantar.

– Lá se foi então embora o nosso rapaz! – disse, enquanto se sentava.

– Parece que sim! – respondeu o médico.

Depois, voltando-se na cadeira:

– E lá por sua casa, que novidades há?

– Nada de especial. Só a minha mulher é que esteve esta tarde um pouco comovida. Sabe como é, as mulheres, qualquer coisa as perturba! Sobretudo a minha! E seria errado revoltarmo-nos com isso, porque a constituição nervosa delas é bastante mais frágil do que a nossa.

– O pobre Léon! – dizia Charles. – Como vai ele viver em Paris?... Conseguirá acostumar-se?

A senhora Bovary suspirou.

– Ora, ora! – disse o farmacêutico, dando um estalinho com a língua. – Os bons petiscos nos restaurantes, os bailes de máscaras, o champagne! Tudo isso vai ajudar, garanto-lhe.

– Não creio que corra muito atrás dessas coisas – objetou o doutor Bovary.

– Nem eu! – apressou-se a responder Homais. – Apesar de que terá de fazer um pouco como os outros, para não se arriscar a passar por jesuíta. E não faz uma ideia da vida que levam esses farsantes lá no Bairro Latino com as atrizes! E também os estudantes são muito apreciados em Paris. Desde que saibam agradar, recebem-nos nas melhores sociedades, e há até damas do subúrbio de Saint-Germain que se apaixonam por eles, o que lhes permite, como resultado, fazerem bons casamentos.

– Mas – disse o médico – tenho um certo receio que... por lá...

– Tem razão – interrompeu o boticário –, há o reverso da medalha! É preciso andar sempre com a mão a segurar a carteira. Em Paris, por exemplo, está-se num jardim público e aparece um fulano, muito apresentável, condecorado até, que se poderia tomar por um diplomata; apresenta-se, estabelece-se a conversação; ele insinua-se, oferece uma pitada, apanha-nos o chapéu que caiu. A gente toma mais confiança, ele leva-nos ao café, convida-nos a ir à sua casa de campo, entre dois cálices apresenta-nos a uma quantidade de pessoas e, durante três quartas partes do tempo, não faz senão explorar-nos a bolsa ou levar-nos a dar passos perniciosos.

– Isso é verdade – respondeu Charles –, mas estava a pensar principalmente nas doenças, na febre tifoide, por exemplo, que ataca os estudantes da província.

Emma estremeceu.

– Devido à mudança de regime – continuou o farmacêutico – e à perturbação que daí resulta para todo o organismo. E, depois, a água de Paris, sabe como é!, a comida dos restaurantes, todos aqueles alimentos condimentados acabam por escaldar o sangue e não valem, por mais que o digam, um bom cozido feito em casa. Eu, por mim, sempre preferi a cozinha provinciana: é mais sã! Por isso é que, quando estudei Farmácia em Ruão, me hospedei numa pensão; comia com os professores.

E continuou então a expor as suas opiniões gerais e simpatias pessoais, até ao momento em que Justin o veio chamar para uma gemada especial que era preciso preparar.

– Nem um momento de descanso! – exclamou ele. – Sempre a correr! Não posso sair nem um minuto! Tenho de suar sangue e água, como um cavalo de lavoura! Que jugo desgraçado!

Depois, quando já estava junto da porta:

– A propósito – disse ele –, sabem a novidade?

– Qual?

– É que é muito provável – prosseguiu Homais, levantando as sobrancelhas e assumindo uma expressão das mais sérias –, que os comícios agrícolas do Sena Inferior se realizem este ano em Yonville-l’Abbaye. Pelo menos é o que consta. Esta manhã o jornal dizia qualquer coisa. Isso teria uma grande importância para o nosso concelho! Mas depois falamos no assunto. Obrigado, vejo bem; o Justin trouxe a lanterna.

CAPÍTULO VII

O dia seguinte foi para Emma um dia fúnebre. Tudo lhe parecia envolvido numa atmosfera negra que flutuava confusamente no exterior das coisas e o desgosto engolfava-se-lhe na alma com uivos brandos, como faz o vento do Inverno nos castelos abandonados. Era aquele sonhar com o que não voltará mais, a prostração em que se fica após cada facto consumado, enfim, essa dor provocada pela interrupção de qualquer gesto habitual, pela cessação brusca de uma vibração prolongada.

Como no regresso de Vaubyessard, quando as quadrilhas se lhe agitavam em turbilhão na cabeça, sentia agora uma melancolia taciturna, um desespero entorpecido. Léon ressurgia-lhe mais alto, mais belo, mais suave, mais vago; embora separado dela, não a abandonara; ali estava ele e as paredes da casa pareciam conservar-lhe ainda a sombra. Não podia despegar a vista daquela alcatifa que ele pisara, daquelas cadeiras vazias onde se sentara. O rio continuava a correr, empurrando lentamente as suas minúsculas vagas ao longo da margem escorregadia.

Tinham passeado por ali muitas vezes os dois, ouvindo aquele mesmo marulhar das ondas sobre os seixos cobertos de musgo.

Que boas horas de sol ali tinham passado! Que tardes belas, sós, à sombra, no fundo do jardim! Ele lia em voz alta, de cabeça descoberta, sentado num banco rústico feito de troncos secos; a brisa fresca da pradaria fazia tremer as páginas do livro e as campainhas do caramanchão... Mas ai!, fora-se embora o único encanto da sua vida, a única esperança possível de felicidade! Porque não se apoderara ela daquela ventura quando estava ao seu alcance! Porque não o retivera com as duas mãos, com os dois joelhos, quando lhe quisera fugir? E Emma amaldiçoava-se por não ter amado Léon; tinha sede dos seus lábios.

Sentiu vontade de correr para o pé dele, lançar-se-lhe nos braços e dizer-lhe: “Aqui me tens, sou tua!”

Mas embaraçava-se antecipadamente com as dificuldades da aventura e os seus desejos, a que se acrescentava o desgosto, ainda se tornavam mais ativos.

A partir de então, aquela recordação de Léon tornou-se o centro do seu tédio. Nele crepitava com mais força do que, numa estepe russa, uma fogueira de viajantes abandonada na neve. Emma corria para ela, chegava-se-lhe tão perto quanto podia, remexia delicadamente aquela fogueira quase a extinguir-se, ia buscar por toda a parte ao seu redor tudo o que pudesse avivá-la mais; e as mais longínquas reminiscências, do mesmo modo que as oportunidades mais recentes, aquilo que sentia, juntamente com o que imaginava; os seus desejos de volúpia que se dispersavam, os projetos de felicidade que estalavam ao vento como ramos secos, a sua virtude inútil, as esperanças desvanecidas, as tarefas domésticas, tudo juntava, tudo apanhava, e tudo servia para lhe aquecer a tristeza.

Entretanto, as chamas aplacaram-se, ou porque as reservas por si mesmas se exaurissem, ou porque o amontoamento fosse demasiado grande. O amor extinguiu-se, pouco a pouco, pela ausência e a saudade foi sufocada pelo hábito; aquele clarão de incêndio que lhe tingia de púrpura o céu pálido cobriu-se de mais sombras e extinguiu-se gradualmente. No meio do entorpecimento da sua consciência, chegou ela a tomar as repugnâncias pelo marido como aspirações pelo amante, os ardores do ódio como renovações da ternura; mas, como o furacão continuava a soprar e a paixão se consumiu até às cinzas, e não chegou qualquer auxílio, e nenhum sol apareceu, por todos os lados se fez noite cerrada e ela ficou perdida no meio de um horrível frio que a trespassava.

Recomeçaram então os maus dias de Tostes. Sentia-se agora muito mais infeliz, pois tinha a experiência do desgosto, com a certeza de que não teria fim.

Uma mulher que tantos sacrifícios impusera a si mesma poderia muito bem dispensar fantasias. Comprou um genuflexório gótico e despendeu, num mês, cerca de catorze francos de limões a limpar as unhas; escreveu para Ruão a encomendar um vestido de caxemira azul, escolheu na loja de Lheureux a mais bonita das suas estolas, atou-a à cintura por cima do roupão e, nessa indumentária, deixava-se estar, de persianas fechadas, estendida num canapé, com um livro na mão.

Variava muitas vezes de penteado: penteava-se à chinesa, com caracóis, com tranças; fez um risco ao lado, na cabeça, e enrolou o cabelo para baixo, como um homem.

Quis aprender italiano: comprou dicionários, uma gramática e uma quantidade de folhas de papel. Experimentou as leituras sérias, a

história e a filosofia. Às vezes, de noite, Charles acordava sobressaltado, julgando que o vinham chamar para ir atender um doente:

– Vou já – balbuciava ele.

E era o barulho de um fósforo que Emma riscara para acender a lâmpada. Mas acontecia com as leituras o mesmo que com os seus bordados, que, todos começados, lhe enchiam o armário; ela pegava-lhes, largava-as e passava a outras.

Tinha acessos, durante os quais era facilmente levada a fazer extravagâncias. Um dia apostou com o marido que seria capaz de beber metade de um grande copo de aguardente e, como Charles cometeu o disparate de a desafiar a fazê-lo, engoliu a aguardente até à última gota.

Apesar dos seus ares levianos (era o termo usado pelas senhoras de Yonville), Emma não parecia alegre e, habitualmente, conservava nos cantos da boca aquela contração imóvel que enrugava o rosto das solteironas e dos ambiciosos desiludidos. A sua palidez era geral, apresentando-se branca como linho, com a pele do nariz esticada junto das narinas, olhando para as pessoas de um modo vago. Por ter descoberto três cabelos brancos junto às fontes, fartou-se de falar da sua velhice.

Desmaiava muito frequentemente. Um dia deitou até um escarro de sangue e, vendo Charles correr, dando a entender que estava preocupado, respondeu:

– Ora! Que importância tem isto?

Charles foi refugiar-se no consultório; e chorou, com os cotovelos em cima da mesa, sentado na sua poltrona de escritório, por baixo da cabeça frenológica.

Escreveu então à mãe, pedindo-lhe que viesse, e tiveram os dois longas conversas acerca de Emma.

Qual seria a solução? Que se poderia fazer, uma vez que ela recusava todo e qualquer tratamento?

– Sabes o que a tua mulher precisava? – prosseguia a velha Bovary. – Eram ocupações obrigatórias, trabalho manual! Se, como tantas outras, ela se visse obrigada a ganhar o pão, não teria esses flatos que são o resultado de um monte de ideias que tem metidas na cabeça e da mandriice em que vive.

– No entanto, ela faz alguma coisa – dizia Charles.

– Ah!, faz alguma coisa! E o que é que faz? Lê romances , maus livros que até são contra a religião, em que se faz troça dos padres com citações tiradas de Voltaire. Mas tudo isso leva longe de mais, meu pobre filho, e qualquer pessoa que não tenha religião acaba sempre mal.

Resolveu-se, portanto, impedir que Emma lesse romances. A empresa não parecia nada fácil. Encarregou-se disso a boa senhora: quando passasse em Ruão, iria pessoalmente falar com o alugador dos livros e dizer-lhe que Emma suspendia a sua assinatura. Não haveria o direito de avisar a polícia se o livreiro, mesmo assim, persistisse na sua atividade de envenenador?

As despedidas entre a sogra e a nora foram secas. Durante as três semanas que haviam estado juntas não tinham trocado meia dúzia de palavras, além das informações e cumprimentos quando se encontravam à mesa e à noite, quando se iam deitar.

A mãe do doutor Bovary partiu numa quarta-feira, que era dia de mercado em Yonville.

A praça, desde manhã cedo, estava atulhada com uma enfiada de carroças, todas de varais voltados para o ar, estendendo-se ao longo das casas, desde a igreja até à estalagem. Do outro lado havia barracas de lona onde se vendiam tecidos de algodão, cobertores, meias de lã, juntamente com cabrestos para os cavalos e meadas de fitas azuis, cujas pontas voavam ao vento. Espalhadas nu chão estavam quinquilharias baratas, entre pirâmides de ovos e cestos de queijos, donde saíam palhinhas pegajosas. Ao pé das máquinas de debulhar trigo havia galinhas cacarejando dentro de gaiolas, com o pescoço saído por entre as grades. A multidão, acumulada toda no mesmo sítio, sem querer arredar pé, às vezes quase arrombava a montra da farmácia. Esta, às quartas-feiras, estava sempre cheia de gente, que ia lá, não tanto para comprar medicamentos, como para se fazer consultar, tão famosa era a reputação do senhor Homais nas aldeias circunvizinhas. A sua aprumada robustez havia fascinado os camponeses. Consideravam-no melhor médico do que todos os médicos.

Emma tinha-se debruçado à janela (instalava-se ali frequentemente: a janela, na província, substitui os teatros e os passeios) e estava entretida a ver aquela barafunda geral, quando reparou num cavaleiro de sobrecasaca de veludo verde. Trazia luvas amarelas, apesar de usar grossas polainas, e dirigia-se para casa do

médico, seguido por um camponês que caminhava cabisbaixo e com ar pensativo.

– Posso falar com o senhor Doutor? – perguntou ele a Justin, que conversava à porta com Félicité.

E, julgando ser ele o criado da casa:

– Diga-lhe que está aqui o senhor Rodolphe Boulanger de La Huchette.

Não era por vaidade territorial que o recém-chegado acrescentava ao nome a partícula, mas para melhor se dar a conhecer. La Huchette era, com efeito, uma herdade próxima de Yonville, cujo castelo ele acabava de comprar, juntamente com duas quintas que o próprio cultivava sem grande trabalho.

Vivia como rapaz solteiro e passava por ter pelo menos quinze mil libras de rendimento!

Charles entrou na sala. Boulanger apresentou-lhe o homem, que queria ser sangrado, porque sentia formigueiros pelo corpo todo.

– A sangria vai-me purgar – respondia ele a todos os argumentos.

Bovary mandou então trazer uma ligadura e uma bacia e pediu a Justin que segurasse nela. Depois voltou-se para o camponês, que já estava lívido:

– Não tenha medo, homem!

– Não, não, respondeu o outro, faça lá isso!

E, com ar fanfarrão, estendeu o grosso braço. Com a picada da lanceta, o sangue esguichou e foi sujar o espelho.

– Aproxima a bacia! – exclamou Charles.

– Olha! – dizia o campônio –, parece mesmo uma bica a correr! Tenho o sangue bastante vermelho! Deve ser bom sinal, não?

– Às vezes – comentou o oficial de saúde – não se sente nada no princípio, mas depois a síncope declara-se, especialmente nos indivíduos bem constituídos, como este.

O camponês, ao ouvir estas palavras, largou o estojo que fazia girar entre os dedos. Com um safanão dos ombros fez estalar as costas da cadeira. Deixou cair o chapéu.

– Já calculava isto – disse Bovary, aplicando o dedo sobre a veia.

A bacia começava a tremer nas mãos de Justin; os joelhos vacilaram-lhe e empalideceu.

– A minha mulher! Emma! – chamou Charles. Ela desceu a escada num pulo.

– Vinagre! – gritou ele. – Oh, meu Deus, dois de uma vez só!

E, na sua atrapalhão, tinha dificuldade em aplicar a compressa.

– Não é nada – dizia calmamente o senhor Boulanger, enquanto amparava Justin com os braços.

E sentou-o em cima da mesa, apoiando-lhe as costas contra a parede.

A senhora Bovary começou logo a tirar-lhe a gravata. Havia um nó nos cordões da camisa; levou uns minutos a remexer com os seus dedos leves no pescoço do rapaz; seguidamente pôs vinagre no seu lenço de cambraia e molhou-lhe as fontes com pequenos toques, soprando-lhes em cima delicadamente.

O carroceiro voltou a si; mas a síncope de Justin ainda durava e as pupilas desapareciam-lhe na esclerótica descorada como flores azuis dentro de leite.

– Tem de se lhe esconder isso – disse Charles.

A senhora Bovary pegou na bacia. Para a meter debaixo da mesa, com o movimento que fez ao inclinar-se, o vestido (era um vestido de Verão com quatro folhos, amarelo, de cintura descaída e largo de saia) abriu-se em volta dela, sobre o ladrilho da sala; e, à medida que Emma, abaixada, oscilava um pouco com o afastamento dos braços, o tecido tufado enrugava-se de um ou de outro lado, conforme as inflexões do corpo. Seguidamente foi buscar uma garrafa de água e estava a derreter pedaços de açúcar quando entrou o farmacêutico. A criada fora chamá-lo naquela balbúrdia; ele, encontrando o seu aluno com os olhos abertos, respirou fundo. Depois, girando-lhe em torno, olhava-o de alto a baixo.

– Parvo! – dizia ele. – É mesmo parvinho! Parvo com todas as letras! Olhem que grande coisa, afinal, uma flebotomia! É isto um valentão que não tem medo de nada! Parece um esquilo, o maroto que aí se vê, capaz de trepar a alturas vertiginosas para sacudir as nozes. Vá lá, fala, anda, gaba-te! Eis uma excelente inclinação para exerceres mais tarde a farmácia; é que podes ser chamado, em circunstâncias graves, diante dos tribunais, para esclarecer a consciência dos magistrados; e terás mesmo de manter o sangue-frio, raciocinar, mostrar que és um homem, ou então passar por um imbecil!

Justin não respondia. O boticário continuava:

– Quem te mandou cá vir? Estás sempre a importunar estes senhores! Ainda por cima, à quarta-feira, quando a tua presença me é mais necessária. Tenho lá agora vinte pessoas para atender. Deixei

tudo por tua causa. Vai, despacha-te! Corre! Espera lá por mim e toma conta dos frascos!

Quando Justin, depois de ajeitar a roupa, se foi embora, conversaram um pouco sobre desmaios. A senhora Bovary nunca tivera nenhum.

– É extraordinário numa mulher! – disse Boulanger. – Há até pessoas bastante sujeitas a desmaiar. Já vi, por exemplo, num duelo, uma testemunha perder os sentidos só por causa do ruído de carregar as pistolas.

– A mim – disse o boticário –, ver o sangue dos outros não me causa nenhuma impressão; mas só a ideia do meu sangue a correr seria suficiente para me provocar desfalecimentos, se me pusesse a pensar muito nisso.

Entretanto, o senhor Boulanger mandou embora o criado, dizendo que acalmasse o espírito, visto que já lhe fora feita a vontade.

– O que me proporcionou a vantagem de poder conhecê-la – acrescentou. E fixava Emma enquanto dizia esta frase.

Depois colocou três francos em cima da mesa, despediu-se com indiferença e saiu.

Dali a pouco encontrava-se já do outro lado do rio (era esse o caminho para regressar a La Huchette); Emma avistou-o na pradaria, caminhando debaixo dos choupos, demorando o passo, de vez em quando, como quem reflete.

“Que simpática que ela é!”, ia ele pensando; “é mesmo simpática, aquela mulher do médico! Lindos dentes, olhos negros, pezinhos delicados e o aspeto distinto de uma parisiense.

Donde diabo terá ela vindo? Onde a terá desencantado aquele grosseirão?”

Rodolphe Boulanger tinha trinta e quatro anos; possuía um temperamento agressivo e uma inteligência perspicaz, além de ter conhecido muitas mulheres, no que se tornara um especialista. Aquela parecera-lhe bonita; pensava já nela e no marido.

“Ele parece-me muito estúpido. Ela com certeza já se cansou de o aturar. Ele traz as unhas encardidas e uma barba de três dias. Enquanto sai a cavalo para tratar dos doentes, fica ela em casa a passar as meias. Com certeza que se aborrece, lhe dá vontade de viver na cidade, dançar a polca todas as noites! Pobrezita da mulher! Aposto que anseia pelo amor como uma carpa pela água em cima da mesa da cozinha! Com três palavras de galanteio, tenho a certeza de

que até me adorava! Seria uma delícia! Que encanto!... Pois é, mas depois, como é que me vou ver livre dela?”

Então os obstáculos ao prazer, entrevistados em perspectiva, fizeram-no, por contraste, pensar na amante. Era uma atriz de Ruão, que ele tinha por sua conta; e, quando se deteve na imagem dela, da qual, até em pensamento, se sentia saciado, pensou:

“Ah! A mulher do médico é muito mais bonita do que ela, sobretudo mais fresca. Virginie já começa mesmo a ficar gorda demais. É tão enfadonha com as suas alegrias! E, além disso, que mania aquela dos camarões!”

O campo estava deserto e Rodolphe nada ouvia à sua volta senão o bater regular da erva de encontro às botas, juntamente com o estrilar dos grilos escondidos, ao longe, nos campos de aveia; revia Emma na sala, vestida como a tinha visto, e pôs-se a despi-la mentalmente.

“Há de ser minha!”, exclamou, enquanto esmagava, com uma bengalada, um torrão de terra na sua frente.

Começou logo a examinar a parte prática do empreendimento.

Perguntou a si mesmo:

“Onde é que nos vamos encontrar? Como é que há de ser? Terá sempre a fedelha atrás dela, e a criada, os vizinhos, o marido, toda uma série de consideráveis complicações. Que maçada!”, dizia ele, “com tudo isso perde-se tempo de mais!”

Mas depois voltava a considerar:

“É que ela tem uns olhos que penetram no coração como verrumas. E aquela cor pálida!... Eu, que adoro as mulheres pálidas!”

Quando chegou ao alto da encosta de Argueil, tinha a sua resolução tomada.

“É só uma questão de procurar as ocasiões. Pois bem, passarei por lá de vez em quando, vou-lhes mandar umas peças de caça, umas aves; faço-me sangrar, se for preciso; ficaremos amigos, hei de convidá-los para minha casa... Ah!, é verdade!, vêm aí agora os comícios; ela vai aparecer e eu vou vê-la. Vamos começar, e ousadamente, que é o mais seguro.

CAPÍTULO VIII

Chegaram, efetivamente, os tais famosos comícios! No dia da solenidade, desde manhã que todos os habitantes conversavam, às portas, a respeito dos preparativos; tinham engrinaldado de heras a frontaria da Câmara; no meio de um prado fora montada uma tenda para o festejo e, ao centro da praça, diante da igreja, uma espécie de bombardinha devia assinalar a chegada do prefeito e o nome dos lavradores premiados. A guarda nacional de Buchy (que não havia em Yonville) viera juntar-se à corporação dos bombeiros, de que Binet era o comandante. Naquele dia pusera um colarinho ainda mais alto do que era costume; e, apertado na sua farda, tinha o tronco tão rígido e imóvel que toda a parte vital do corpo parecia ter-lhe descido para as pernas, que se erguiam em cadência, marcando o passo com um só movimento. Como havia certa rivalidade entre o tesoureiro e o coronel, um e outro, querendo mostrar os respetivos talentos, faziam manobrar separadamente os seus homens. Viam-se passar e voltar a passar, alternadamente, as dragonas vermelhas e os peitilhos pretos. A coisa não parava e voltava sempre ao princípio.

Nunca ali se vira tamanha exibição de pompa! Muitos moradores tinham lavado as fachadas das casas desde a véspera; pendiam bandeiras nacionais das janelas entreabertas; todas as tabernas estavam apinhadas; e, com o lindo tempo que fazia, as toucas engomadas pareciam mais brancas do que a neve, as cruces de ouro rebrilhavam ao sol esplêndido e os lenços de cor quebravam, com a sua mescla colorida, a escura monotonia das sobrecasacas e dos blusões azuis. As camponesas dos arredores, apeando-se dos cavalos, despregavam o grande alfinete que lhes segurava o vestido levantado em volta do corpo para evitar as nódoas; e os maridos, por sua vez, para poupar os chapéus, cobriam-nos com os lenços, dos quais seguravam uma ponta entre os dedos.

O povo afluía à rua principal por ambos os extremos da vila. Saía dos becos, das travessas, das casas, e ouvia-se de vez em quando o cair das aldrabas atrás das mulheres, que, de luvas de algodão, fechavam as portas para ir ver a festa. O que mais se admirava eram duas longas armações de madeira cobertas de balões, que flanqueavam um estrado onde iam ficar as autoridades; e havia ainda, ao pé das quatro colunas

da Câmara, quatro paus, à maneira de mastros, arvorando cada um o seu pequeno estandarte de tecido esverdeado, com inscrições bordadas a ouro. Num deles lia-se: Comércio; noutro: Agricultura; no terceiro: Indústria; e no quarto: Belas-Artes.

Mas o júbilo que alegrava todos os rostos parecia entristecer a estalajadeira Lefrançois. De pé, sobre os degraus da cozinha, murmurava consigo mesma:

“Que estupidez! Que estupidez aquela barraca de pano! Pensam eles que o prefeito se vai sentir bem a jantar ali, debaixo de uma tenda, como se fosse um saltimbanco? E chamam a estas trapalhadas zelar pelos interesses da terra! Para isso não valia a pena terem ido buscar um tasqueiro a Neufchâtel! E para quem? Para vaqueiros, para gente de pé descalço!...”

Ia a passar o boticário. Levava uma casaca preta, calças amarelas de nanquim, sapatos de castor e, excepcionalmente, um chapéu – um chapéu baixo.

– Um seu criado! – disse ele. – Desculpe-me, estou com muita pressa.

E, como a corpulenta viúva lhe perguntasse aonde ia:

– Parece-lhe estranho, não é? Eu, que fico sempre mais encafuado no meu laboratório do que um rato no queijo.

– Qual queijo?

– Não, nada! Não é nada! – continuou Homais. – Só queria dizer com isto, senhora Lefrançois, que costumo ficar sempre fechado em casa. Hoje, no entanto, dadas as circunstâncias, tenho mesmo de...

– Ah!, também lá vai? – perguntou ela com ar desdenhoso.

– Sim, vou – respondeu, admirado, o boticário. – Então não faço parte da comissão consultiva?

A Tia Lefrançois fixou-o durante alguns minutos e acabou por lhe responder a sorrir:

– Isso é outra coisa! Mas o que tem a agricultura a ver consigo? Então também entende disso?

– Pois está claro que entendo, visto que sou farmacêutico, quer dizer, químico! E a química, senhora Lefrançois, tendo por objeto o conhecimento da ação recíproca e molecular de todos os corpos da natureza, segue-se que a agricultura está compreendida no seu domínio! E, com efeito, a composição dos adubos, a fermentação dos líquidos, a análise dos gases e a influência dos miasmas, o que é tudo isso, pergunto, senão química – pura e simples?

A estalajadeira nada retorquiu. Homais continuou:

– Acha que para se ser agrônomo é preciso ter lavrado a terra ou criado galinhas? O que é preciso conhecer é a constituição das substâncias de que se trata, os jazigos geológicos, as ações atmosféricas, a qualidade dos terrenos, dos minerais, das águas, a densidade dos diferentes corpos e a sua capilaridade, que sei eu? E é preciso dominar a fundo todos os princípios da higiene, para dirigir, criticar a construção dos edifícios, o regime dos animais, a alimentação dos criados! É preciso ainda, senhora Lefrançois, conhecer a botânica; saber diferenciar as plantas, compreende?, para ver quais são as salutares e as deletérias, quais são as improdutivas e as nutritivas, se é melhor arrancá-las de um lado e plantá-las no outro, disseminar umas e destruir outras; em resumo, é preciso estar sempre em dia com a ciência, lendo livros e outras publicações, sempre na expectativa, a fim de poder indicar os melhoramentos...

A estalajadeira não tirava os olhos da porta do Café Francês, enquanto o farmacêutico continuava:

– Prouvera a Deus que os nossos agricultores fossem químicos, ou que, pelo menos, escutassem mais os conselhos da ciência! Eu, por exemplo, escrevi recentemente um volumoso opúsculo, uma memória de mais de setenta e duas páginas, intitulada: *Da Sidra, do Seu fabrico e dos Seus Efeitos; Seguida de Algumas Reflexões Novas sobre o Assunto*, que enviei à Sociedade Agronómica de Ruão; o que me valeu a honra de ser admitido entre os seus membros, secção de agricultura, classe de pomologia; pois bem, se a minha obra fosse dada à publicidade...

Mas aqui deteve-se o boticário, tão preocupada lhe parecia a senhora Lefrançois.

– Ora vejam lá aquilo! – dizia ela. – Nem se chega a perceber! Uma baiuca daquelas!

E, levantando os ombros de um jeito que lhe fazia esticar no peito as malhas da camisola, apontava com as duas mãos a taberna do seu rival, onde agora se ouviam cantigas.

– Demais a mais, já não lhe resta muito tempo – acrescentou ela. – Em menos de oito dias está tudo acabado.

Homais recuou estupefacto. A estalajadeira desceu os três degraus e, segredando-lhe ao ouvido, disse:

– Como! Então não sabia? Vão-lhe levantar uma penhora esta semana. É o Lheureux que o vai obrigar a liquidar tudo. Afundou-o com letras.

– Mas que pavorosa catástrofe! – exclamou o boticário, que tinha sempre expressões adaptadas a todas as situações imagináveis.

A hospedeira pôs-se então a contar-lhe aquela história, que ela sabia por Théodore, o criado do senhor Guillaumin, e, embora detestasse Tellier, censurava Lhereux, que era um aliciador, um servil.

– Olhe!, lá está ele, no mercado, a cumprimentar a senhora Bovary; que vai de chapéu verde. E ela até vai de braço dado com o senhor Boulanger.

– A senhora Bovary! – exclamou Homais. – Deixe-me ir já apresentar-lhe as minhas homenagens. Talvez gostasse de ter um lugar no recinto, debaixo das colunas.

E, sem escutar sequer a tia Lefrançois, que o chamava para lhe contar mais coisas, o farmacêutico afastou-se, de sorriso nos lábios e perna esticada, distribuindo cumprimentos à esquerda e à direita, ocupando muito espaço com as grandes abas da casaca preta, que flutuavam ao vento atrás dele.

Rodolphe, tendo-o avistado de longe, apressara o passo; mas a senhora Bovary sentiu faltar-lhe o fôlego; ele reduziu então o andamento e disse-lhe a sorrir, sem qualquer delicadeza:

– Foi para evitar aquele grosseirão, sabe?, o boticário. Emma deu-lhe um toque com o cotovelo.

“Que quererá dizer isto?”, perguntou a si mesmo.

E espreitou-a de soslaio, continuando sempre a andar.

O perfil dela estava tão sereno, que nada deixava adivinhar.

Destacava-se em plena luz, no oval do seu chapéu, cujas fitas de cor desmaiada lembravam folhas de funcho. Os olhos, de pestanas compridas e arqueadas, olhavam bem em frente e, conquanto fossem bem abertos, pareciam um pouco repuxados para as maçãs do rosto devido ao sangue, que lhe pulsava suavemente debaixo da pele fina. Um tom rosado atravessava-lhe o septo do nariz. Levava a cabeça ligeiramente inclinada para o ombro e via-se-lhe entre os lábios a ponta dos dentes alvos.

“Estará a troçar de mim?”, pensava Rodolphe.

Aquele gesto de Emma fora afinal um simples aviso; porque o senhor Lheureux os acompanhava, dirigindo-lhes de vez em quando algumas palavras, procurando entabular uma conversação:

– Está um dia magnífico! Toda a gente na rua! O vento sopra do nascente.

Nem Emma nem Rodolphe lhe alimentavam a conversa, enquanto Lheureux, ao mínimo movimento deles, se aproximava e, levando a mão ao chapéu, dizia:

“Se vos agrada a companhia...”

Quando chegaram defronte da casa do ferrador, em vez de seguir pelo caminho até à cancela, Rodolphe tomou bruscamente por um atalho, arrastando consigo a senhora Bovary, e exclamou:

– Boa tarde, senhor Lheureux! Muito obrigado!

– A maneira como o despediu! – disse ela, rindo-se.

– Porque é que nos havemos de deixar invadir pelos outros? – continuou ele. – E, uma vez que tenho hoje a felicidade de estar consigo...

Emma corou. Ele não terminou a frase. Falou então do bom tempo e do prazer de caminhar sobre a erva. Algumas margaridas haviam voltado a florir.

– Veja que lindos malmequeres! – disse ele. – Suficientes para fornecer muitos oráculos a todas as apaixonadas cá do sítio.

E acrescentou:

– Se eu apanhasse alguns. Que acha?

– Você está apaixonado? – perguntou ela, tossindo um pouco.

– Ora, quem sabe? – respondeu Rodolphe.

O prado começava a encher-se e as mães de família davam encontros com os seus grandes guarda-chuvas, os cestos e os pimpolhos. Muitas vezes tinham de se afastar para deixar passar uma longa fila de aldeãs, criadas de meias azuis, sapatos rasos, anéis de prata e cheirando a leite quando se passava perto delas. Caminhavam todas de mãos dadas, ocupando assim toda a extensão do prado, desde a linha dos álamos até à tenda do banquete. Mas era o momento do exame, e os lavradores, uns atrás dos outros, iam entrando numa espécie de hipódromo formado por uma longa corda suportada por estacas.

Os animais ali estavam, com as ventas voltadas para a corda, alinhando confusamente as suas ancas desiguais. Porcos entorpecidos enterravam o focinho no chão; vitelos mugiam; ovelhas balavam, as vacas, com um jarrete dobrado, estendiam o ventre em cima da relva e, ruminando lentamente, piscavam as pesadas pálpebras, evitando os moscardos que zumbiam em torno delas. Alguns carroceiros, de

braços nus, seguravam pelo cabresto garanhões que se empinavam e relinchavam, arreganhando o focinho para o lado das éguas. Estas mantinham-se sossegadas, de cabeça estendida e crina pendente, enquanto os poldros descansavam à sua sombra, ou se punham a mamar de vez em quando; e, por cima da longa ondulação de todos aqueles corpos amontoados, via-se alguma crina branca erguer-se, como uma vaga sacudida pelo vento, ou sobressaírem pontas de chavelhos e cabeças de homens a correr. Fora das estacas, uns cem passos afastado, estava um grande touro preto, amarrado pelo focinho, com uma argola de ferro enfiada nas ventas, imóvel como se fosse de bronze. Segurava-o pela corda um garoto esfarrapado.

Entretanto avançavam pelo meio das duas filas uns senhores que, com passo vagaroso, iam examinando cada animal e depois se consultavam uns aos outros em voz baixa. Um deles, que parecia mais importante, ia tomando notas num caderno enquanto andava. Era o presidente do júri: o senhor Derozerays de La Panville. Assim que reconheceu Rodolphe, avançou rapidamente para ele e disse-lhe, sorrindo com um ar amável:

– Com que então, senhor Boulanger, assim nos abandona?

Rodolphe respondeu que já lá ia. Mas, logo que o presidente desapareceu, acrescentou:

– Não, palavra de honra que não vou; para mim, a sua companhia vale mais do que a deles.

E, mesmo a fazer troça dos comícios, Rodolphe, para circular mais à vontade, ia mostrando ao polícia o seu cartão azul e parava, uma vez por outra, diante de um belo exemplar, que a senhora Bovary não apreciava nada. Dando-se conta disso, pôs-se então a dizer piadas a propósito das damas de Yonville e da sua toilette; depois desculpou-se pela maneira como ele próprio estava vestido. O seu traje tinha a incoerência das coisas comuns e rebuscadas, onde a pessoa vulgar crê geralmente entrever a revelação de uma existência excêntrica, as desordens do sentimento, as tiranias da arte e sempre um certo desprezo pelas convenções sociais, o que a seduz ou exaspera. Assim, a camisa de cambraia com punhos pregueados tufava-se com o vento, na abertura do colete, que era de cotim cinzento, e as calças de risca larga descobriam-lhe nos tornozelos os botins de duraque gaspeados de cabedal envernizado. Brilhavam tanto que até refletiam a erva. E pisava com eles o estrume dos cavalos, com uma mão enfiada no bolso do casaco e o chapéu de palha posto de banda.

– Aliás – acrescentou ele –, quando se vive no campo...

– Todos os cuidados com o vestir são tempo perdido – atalhou Emma.

– É verdade! – replicou Rodolphe. – Basta pensar que nem uma só destas pobres criaturas é capaz de compreender sequer o que seja um fato bem talhado!

Falaram então da mediocridade provinciana, das existências que ela sufocava e das ilusões que nela se desfaziam.

– É por isso – dizia Rodolphe – que me deixo afundar numa tristeza...

– O senhor! – exclamou ela com espanto. – Mas eu julguei que fosse muito alegre?!

– Ah, sim, aparentemente, porque na presença das pessoas sei afivelar uma máscara de brincalhão; e, no entanto, quantas vezes, à vista de um cemitério, à luz da Lua, não tenho perguntado a mim mesmo se não seria melhor ir-me juntar àqueles que estarão a dormir...

– Ora! E os seus amigos? – disse ela. – Não pensa neles?

– Meus amigos? Quais amigos? Tenho porventura alguns? Alguém que se preocupe comigo?

E acentuou estas últimas palavras com uma espécie de sibilar dos lábios.

Mas foram obrigados a afastar-se um do outro, por causa de uma enorme pilha de cadeiras que um homem transportava atrás deles. Vinha tão carregado que se lhe avistava apenas a ponta dos tamancos e a extremidade dos dois braços, bem abertos. Era Lestiboudois, o coveiro, que carregava, por entre a multidão, as cadeiras da igreja. Sempre cheio de imaginação para tudo o que dissesse respeito aos seus interesses, descobrira este meio de tirar partido dos comícios; e a ideia dava resultado, porque já nem sabia a quem havia de atender. Efetivamente, os aldeões, cheios de calor, disputavam aqueles assentos, cuja palha cheirava a incenso, e encostavam-se aos seus grandes espaldares, sujos da cera dos círios, com uma certa veneração.

A senhora Bovary retomou o braço de Rodolphe; este continuou, como se estivesse falando para si próprio:

– Sim!, faltou-me tanta coisa! Sempre só! Ah!, se eu tivesse tido um objetivo na minha vida, se houvesse encontrado uma afeição, se tivesse achado alguém... Oh!, como teria utilizado toda a energia de que sou capaz, como teria suplantado tudo, vencido tudo!

– No entanto, a minha impressão – replicou Emma – é a de que não tem muito de que se queixar.

– Acha isso? – disse Rodolphe.

– Porque, enfim... – prosseguiu ela –, o senhor livre. E acrescentou, depois de hesitar:

– Rico.

– Não faça pouco de mim – respondeu Rodolphe.

E, quando ela jurava que não estava a divertir-se à custa dele, ouviu-se um tiro de canhão; no mesmo instante, as pessoas começaram a correr, em confusão, para a vila.

Fora um alerta falso. O prefeito não chegara ainda; e os membros do júri encontravam-se em grande embaração, sem saber se haviam de começar a cerimónia ou continuar à espera.

Finalmente, ao fundo da praça, apareceu uma grande carruagem de aluguer, tirada por dois cavalos magros, fustigados, ora de um lado ora do outro, por um cocheiro de chapéu branco. Binet só teve tempo de gritar: “Às armas!”, e o coronel de o imitar.

Todos correram para os sarilhos. Na precipitação, alguns até se esqueciam dos colarinhos. Mas a equipagem prefeitoral pareceu adivinhar o embarço e a parelha das pilecas, bamboaleando-se sobre a atrelagem, chegou a trote curto à frente do vestíbulo da Câmara, precisamente no momento em que a guarda nacional e os bombeiros ali formavam, rufando os tambores e marcando passo.

– Levantem bem os braços e os joelhos! – gritou Binet.

– Alto! – gritou o coronel. – Pela esquerda, perfilar!

E, depois de um maneio de espingardas, em que o retinir das braçadeiras, chocalhando, soou como se uma panela de cobre caísse por uma escada aos trambolhões, todas as armas voltaram a descansar.

Viu-se então descer da carruagem um senhor vestido de casaca curta, com bordados de prata, calvo na frente, com um estranho topete na nuca, de rosto macilento e um ar de bonacheirão. Os olhos, bastante salientes e cobertos por umas pálpebras espessas, semicerravam-se para observar a multidão, enquanto levantava o nariz arrebitado e sorria com a boca recolhida. Reconheceu o administrador pela faixa e expôs-lhe que o senhor perfeito não pudera vir. Ele era um conselheiro da prefeitura; depois acrescentou algumas desculpas. Tuvache respondeu-lhe com muitas demonstrações de cortesia e o outro confessou-se confundido; e assim ficaram, frente a frente, quase testa com testa, com os membros do júri todos em roda, o conselho

municipal, as pessoas mais importantes, a guarda nacional e o povo. O conselheiro, encostando ao peito o seu pequeno tricórnio preto, reiterava os cumprimentos, enquanto Tuvache, curvado em arco, sorria também, gaguejava, procurava as frases, reafirmava a sua devoção à monarquia e assinalava a honra que era feita a Yonville.

Hippolyte, o moço da estalagem, recebeu os cavalos do cocheiro e, coxeando do seu pé boto, levou-os pelas rédeas para o alpendre do Leão de Ouro, onde se juntaram muitos camponeses a admirar a carruagem. Rufou o tambor, o obus troou e todos os senhores, em fila, subiram ao estrado, onde tomaram lugar nas poltronas de veludo vermelho, emprestadas pela senhora Tuvache.

Toda aquela gente se assemelhava. As deslavadas fisionomias louras, um pouco tismadas pelo sol, tinham a cor da sidra doce e as suíças entufadas saíam dos grandes colarinhos engomados, apertados por gravatas brancas com enormes nós. Todos os coletes eram de veludo e cruzados; todos os relógios tinham, na extremidade de uma comprida fita, um sinete oval, de cornalina; e todos apoiavam as duas mãos sobre as duas coxas, afastando cuidadosamente as pernas, mostrando o tecido das calças, que, por não ter sido deslustrado, brilhava mais do que o couro das botas grossas.

As damas da sociedade ficavam atrás, no vestíbulo, entre as colunas, enquanto a maioria do povo estava na frente, de pé, ou então sentado em cadeiras. Efetivamente, Lestiboudois levava para lá todas as que retirara do prado e continuava a ir, de minuto a minuto, buscar mais algumas à igreja, causando tal atravancamento com o seu negócio, que se tinha muita dificuldade em chegar até à pequena escada do estrado.

– Eu acho – disse Lheureux (dirigindo-se ao farmacêutico, que passava para ocupar o seu lugar) – que se devam ter levantado ali dois mastros venezianos, que qualquer coisa diferente, mais séria e mais rica. Teriam produzido um bonito efeito.

– Era mesmo – respondeu Homais. – Mas que quer? Foi o administrador que tomou tudo à sua conta. O pobre Tuvache não tem lá grande gosto e é mesmo destituído de tudo o que seja o espírito das artes.

Entretanto, Rodolphe subira, com a senhora Bovary, ao primeiro andar da Câmara, entrara na sala das sessões e, como esta se encontrasse vazia, resolvera que ali estariam muito bem, a gozar o espetáculo mais à vontade. Foi buscar três banquinhos, dos que

circundavam a mesa oval onde se encontrava o busto do monarca, e, chegando-os para junto de uma janela, sentaram-se um ao pé do outro.

Houve uma agitação em cima do estrado, um longo cochichar e muitos colóquios. Finalmente, o conselheiro levantou-se.

Sabia-se agora que se chamava Lieuvain, e o nome ia correndo no meio da multidão, de boca em boca. Depois de ter consultado algumas folhas, aproximando-as bem dos olhos para ver melhor, começou:

“Meus Senhores:

Seja-me permitido, em primeiro lugar (antes de vos falar do motivo desta reunião de hoje e este sentimento, estou certo disso, será partilhado por todos vós), seja-me permitido, dizia eu, fazer justiça à administração superior, ao governo, ao monarca, meus senhores, ao nosso soberano, a esse querido rei a quem nenhum ramo da prosperidade pública ou privada é indiferente e que dirige com uma mão ao mesmo tempo tão forte e tão prudente o carro do Estado por entre os incessantes perigos de um mar tempestuoso, sabendo, além disso, respeitar a paz como a guerra, a indústria, o comércio, a agricultura e as belas-artes.”

– Eu devia – disse Rodolphe – chegar-me um pouco para trás.

– Porquê? – perguntou Emma.

Mas, nesse momento a voz do conselheiro elevou-se num tom extraordinário. Ele declamava:

“Já lá vai o tempo, meus senhores, em que a discórdia civil ensanguentava as nossas praças públicas, em que o proprietário, o comerciante, o próprio operário, adormecendo pacificamente à noite, tremiam quando, repentinamente, eram acordados com o barulho dos alarmes incendiários, em que as máximas mais subversivas minavam audaciosamente as bases...”

– É que podem – continuou Rodolphe – avistar-me lá de baixo; depois teria de apresentar desculpas durante quinze dias, e, com a minha má reputação...

– Oh! Está-se caluniando a si mesmo – disse Emma.

– Não, não estou, ela é execrável, juro-lhe.

“Mas, meus senhores”, prosseguia o conselheiro, “se afastar da minha memória esses quadros sombrios e voltar os olhos para a situação atual da nossa bela pátria, que vejo eu? Por todo o lado florescem o comércio e as artes; por toda a parte, novas vias de comunicação, como outras tantas novas artérias no corpo do Estado, nele estabelecem novas relações; os nossos grandes centros industriais retomaram a sua atividade; a religião, mais fortalecida, sorri a todos os corações; os nossos portos estão cheios, a confiança renasce e, enfim, a França respira!...”

– Aliás – acrescentou Rodolphe –, do ponto de vista das pessoas, quem sabe se não terão razão?

– Mas como? – disse ela.

– Então não sabe – insistiu ele – que há almas continuamente atormentadas? Têm alternadamente necessidade de sonho e de ação, das paixões mais puras, dos gozos mais violentos, e por isso se lançam em toda a espécie de fantasias, de loucuras.

Ela então fitou-o como se olha para um viajante que andou por terras extraordinárias e prosseguiu:

- Nós, pobres mulheres, nem sequer temos essa distração!
- Triste distração, porque nela não se encontra a felicidade.
- E alguma vez ela se encontra? – perguntou Emma.
- Sim, um dia encontra-se – respondeu ele.

“E foi isso que vós compreendestes”, dizia o conselheiro.

“Vós, agricultores e trabalhadores dos campos; vós, pacíficos pioneiros de toda uma obra de civilização! Vós, homens de progresso e de moralidade! Vós compreendestes, dizia eu, que as tempestades políticas são ainda mais temíveis, na realidade, do que as desordens da atmosfera...”

– Encontra-se um dia – repetiu Rodolphe –, um dia, de repente e quando já não se tem esperança. Então abrem-se os horizontes, é como que uma voz que grita: “Aí está ela!”

Sente-se necessidade de fazer àquela pessoa a confidência da nossa vida, dar-lhe tudo, sacrificar-lhe tudo! Não há que dar explicações, tudo se adivinha. Já nos conhecíamos nos nossos sonhos. (E olhava para ela.) Enfim, está ali o tesouro que tanto procurávamos, ali, diante de nós; ele brilha, resplandece. No entanto, ainda

duvidamos, não temos coragem para acreditar; ficamos deslumbrados, como se tivéssemos saído da escuridão para a plena luz.

E, a rematar estas palavras, Rodolphe acrescentou a pantomina à sua frase. Passou a mão pelo rosto, como quem se sente atordoado; depois deixou-a cair sobre a de Emma. Esta retirou a sua. Mas o conselheiro continuava a leitura do discurso:

“E quem poderia admirar-se de que assim acontecesse, meus senhores? Unicamente quem fosse suficientemente cego, suficientemente mergulhado (não receio dizê-lo), suficientemente mergulhado nos preconceitos de uma outra época, para desconhecer ainda o espírito das populações agrícolas.

Onde, efetivamente, se poderá encontrar mais patriotismo do que nos campos, mais dedicação à causa pública, numa palavra, mais inteligência? E não me quero referir, meus senhores, àquela inteligência superficial, vão ornamento dos espíritos ociosos, mas antes a essa inteligência profunda e moderada que se dedica, acima de tudo, a alcançar objetivos úteis, contribuindo assim para o bem de cada indivíduo, para o melhoramento comum e para a proteção dos Estados, fruto do respeito pelas leis e da prática dos deveres...”

– Ainda mais esta! – disse Rodolphe. – Sempre os deveres, estou cansado de ouvir aquelas palavras. São uma data de velhos caturras de colete de flanela e de beatas de escalfeta e rosário na mão, repetindo-nos sempre a mesma cantilena aos ouvidos: “O dever! O dever!” Caramba! O dever é sentir aquilo que é grande, amar o que é belo e não aceitar todas as convenções da sociedade, com as ignomínias que ela nos impõe.

– No entanto..., no entanto... – objetava a senhora Bovary.

– Oh, não! Porque se há de declamar contra as paixões? Não são elas a única coisa bela que existe na Terra, a fonte do heroísmo, do entusiasmo, da poesia, da música, das artes, enfim, de tudo?

– Mas é necessário – disse Emma – seguir um pouco a opinião da sociedade e obedecer à sua moral.

– Ah!, mas é que existem duas – replicou ele –. A mesquinha, a convencional, a dos homens, a que varia constantemente e berra tão alto que se agita no chão, terra a terra, como esta assembleia de imbecis que está a ver. Mas a outra, a eterna, essa circunda tudo e está

acima de tudo, como a paisagem que nos rodeia e o céu que nos ilumina.

O senhor Lieuvain, que acabava de limpar a boca com o lenço de bolso, continuou:

“Que necessidade teria eu, meus senhores, de vos demonstrar aqui a utilidade da agricultura? Quem é então que provê às nossas necessidades? Quem fornece a nossa subsistência? Não será o agricultor? O agricultor, meus senhores, que, semeando com mão laboriosa os sulcos fecundos dos campos, faz nascer o trigo, que, moído, se torna em pó por meio de engenhosos aparelhos, tomando o nome de farinha, e que, transportado para as cidades, logo chega à loja do padeiro, o qual com ele confeciona um alimento que se destina tanto aos pobres como aos ricos. Não é ainda o agricultor quem, para o nosso vestuário, cria nos pastos os seus numerosos rebanhos? Como nos vestiríamos nós e como nos alimentaríamos sem o agricultor? E será mesmo necessário, meus senhores, procurar exemplos tão longe? Quem não refletiu frequentemente no ornamento das nossas capoeiras, que fornece, simultaneamente, uma macia almofada para as nossas camas, a sua carne suculenta para as nossas mesas e ainda os ovos? Mas não chegaríamos ao fim se fosse preciso enumerar, um após outro, todos os produtos que a terra bem cultivada, qual mãe generosa, distribui prodigamente pelos seus filhos. Aqui é a vinha; além são as macieiras para a sidra; ali, a colza; noutro lado os queijos; e o linho, meus senhores, não esqueçamos o linho, que nestes últimos anos teve um desenvolvimento considerável e para o qual chamarei mais particularmente a vossa atenção.”

Não tinha necessidade de a chamar: naquela multidão, todas as bocas estavam abertas, como que para lhe beber as palavras. Tuvache, ao lado dele, escutava-o franzindo os olhos; Derozerays, de vez em quando, fechava as pálpebras devagarinho; e, mais longe, o farmacêutico, com o filho Napoléon encostado aos joelhos, punha a mão em concha no ouvido, para não perder uma única sílaba. Os outros membros do júri oscilavam lentamente com o queixo na direção do colete, em sinal de aprovação. Os bombeiros, na base do estrado, descansavam apoiando-se nas baionetas; e Binet, imóvel, continuava de cotovelo levantado, com a ponta do sabre voltada para o ar. Ouvia, talvez, mas não devia ver nada, por causa da pala do capacete que lhe

descia até ao nariz. O seu ajudante, o filho mais novo do senhor Tuvache, ainda exagerara mais com o capacete, que era enorme e lhe oscilava em cima da cabeça, deixando ver de fora uma ponta do lenço de chita. Sorria lá debaixo com uma ternura muito infantil e o seu pequeno rosto pálido, onde corria o suor, tinha uma expressão de prazer, de fadiga e de sono.

A praça estava apinhada de gente até ao pé das casas. Viam-se pessoas em todas as janelas, outras de pé a todas as portas e Justin, diante da montra da farmácia, parecia todo absorvido na contemplação do que via. Apesar do silêncio, a voz de Lieuvain perdia-se no ar. Chegava apenas como retalhos de frases, de vez em quando interrompidas pelo ruído das cadeiras na multidão; depois ouvia-se, subitamente, vir mesmo ali de trás um longo mugido de vaca, ou então os balidos dos borregos, que, às esquinas das ruas, respondiam uns aos outros. De facto, os vaqueiros e os pastores tinham levado até ali os seus animais, que de vez em quando berravam, enquanto iam arrancando com a língua algum resto de folhagem que lhe pendesse do focinho.

Rodolphe aproximara-se mais de Emma e dizia-lhe em voz baixa, falando rapidamente:

– Não se sente revoltada contra esta conjuração da sociedade? Existirá um único sentimento que ela não condene? Os instintos mais nobres, as simpatias mais puras, são perseguidos, caluniados, e, se, afinal, duas pobres almas se encontram, tudo está organizado de maneira que não se possam juntar. Tentarão, apesar de tudo, agitarão as asas e chamar-se-ão uma à outra. Seja como for, mais cedo ou mais tarde, ao cabo de seis meses, ou de dez anos, reunir-se-ão, amar-se-ão por que a fatalidade o exige e nasceram uma para a outra.

Mantinha-se de braços cruzados sobre os joelhos e, erguendo o rosto para Emma, olhava-a de perto, fixamente. Ela distinguia-lhe nos olhos pequenos raios dourados em torno das pupilas negras e sentia até o perfume da pomada que lhe fazia brilhar a cabeleira. Então apoderou-se dela uma espécie de languidez, lembrou-se do Visconde, com quem valsara em Vaubyessard e cuja barba exalava, como aqueles cabelos, o mesmo perfume de baunilha e limão, e, maquinalmente, semicerrou as pálpebras para melhor o aspirar. Mas, com o gesto que fez ao endireitar-se na cadeira, avistou ao longe, mesmo no horizonte, a velha diligência *Andorinha*, que descia vagarosamente a encosta de Leux, arrastando atrás de si uma comprida nuvem de pó. Naquele

veículo amarelo voltara Léon, tantas vezes, para ela; e por aquela mesma estrada tinha ele partido para sempre!

Imaginou vê-lo à janela, na sua frente; depois tudo se confundiu, passaram nuvens; pareceu-lhe rodopiar ainda na valsa, à luz dos lustres, nos braços do Visconde, e que Léon não estava longe, que voltaria... e, contudo, continuava a sentir a cabeça de Rodolphe ali ao lado. A doçura desta sensação penetrava assim os desejos de outrora, que, como grãos de areia ao sopro do vento, lhe giravam em turbilhão no subtil arrebatamento do perfume que lhe invadia a alma.

Dilatou várias vezes as narinas, fortemente, para aspirar a frescura da hera que cingia os capitéis. Tirou as luvas e enxugou as mãos; depois começou a abanar o lenço para refrescar o rosto, enquanto, por entre o latejar das fontes, ouviu o rumor da multidão e a voz do conselheiro salmodiando as suas frases. Dizia ele:

“Continuai! Perseverai! Não escuteis nem as sugestões da rotina, nem os conselhos demasiado apressados de um empirismo temerário! Aplicai-vos sobretudo a melhorar o solo com bons adubos, a desenvolver as raças equídeas, bovinas, ovinas e porcinas! Que estes comícios sejam para vós uma espécie de arena pacífica onde o vencedor, no final, estenderá a mão ao vencido e confraternizará com ele, animando-o na esperança de maior êxito! E vós, veneráveis servidores, humildes criados, de quem, até hoje, nenhum governo havia tomado em consideração os penosos trabalhos, vinde receber a recompensa das vossas silenciosas virtudes e convencei-vos de que o Estado, de agora em diante, tem os olhos postos em vós, que ele vos anima, que ele vos protege, que honrará as vossas justas reclamações e aliviará, tanto quanto esteja ao seu alcance, o fardo dos vossos penosos sacrifícios!”

O senhor Lieuvain tornou então a sentar-se. Levantou-se o senhor Derozerays e começou outro discurso. Este não foi talvez tão floreado como o do conselheiro, mas tinha a recomendá-lo um carácter de estilo mais positivo, quer dizer, com conhecimentos mais específicos e considerações mais exatas. Por exemplo, perdeu menos tempo a elogiar o governo; alargou-se mais sobre a religião e a agricultura. Estabeleceu a relação entre uma e outra, mostrando como ambas haviam sempre concorrido para a civilização. Rodolphe e a senhora Bovary conversavam sobre sonhos, pressentimentos, magnetismo.

Remontando ao berço das sociedades, descrevia o orador esses tempos selvagens em que os homens se alimentavam de bolotas, no interior dos bosques. Depois deixaram as peles dos animais, vestiram-se de pano, abriram sulcos na terra, plantaram vinhas. Teria sido isto um bem e não haveria nesta descoberta mais inconvenientes do que vantagens? Derozerays punha o problema à consideração. Do magnetismo passara Rodolphe, a pouco e pouco, para as afinidades e, enquanto o senhor Presidente citava Cincinato lavrando com o seu arado, Diocleciano plantando as suas couves e os imperadores da China inaugurando o ano com sementeiras, o rapaz explicava a Emma que aquelas irresistíveis atrações tinham origem nalguma existência anterior.

– Por exemplo, nós – dizia ele –, por que razão nos conhecemos? Que acaso o permitiu? Foi, sem dúvida nenhuma, porque, através da separação, como dois rios que correm para se encontrar, os nossos declives particulares nos haviam impellido um para o outro.

E agarrou-lhe a mão; ela não a retirou.

“Conjunto de boas culturas!”, gritou o presidente.

– Há pouco, por exemplo, quando fui a sua casa...

“Ao senhor Bizet, de Quincampoix.”

– Sabia eu, porventura, que a acompanharia?

“Setenta francos!”

– Uma centena de vezes quis mesmo vir-me embora, e afinal segui-a, deixei-me ficar.

“Estrumes.”

– Assim como ficaria esta noite, amanhã, nos outros dias, toda a minha vida!

“Ao senhor Caron, de Argueil, medalha de ouro!”

– Porque nunca encontrei na companhia de ninguém um encanto tão completo.

“Ao senhor Bain, de Givx-y-Saint-Martin!”

– Por isso a levarei na lembrança.

“Por um carneiro merino...”

– Mas vai esquecer-me, terei passado como uma sombra.

“Ao senhor Belot, de Notre-Dame...”

– Oh., não, não será assim; não representarei alguma coisa no seu pensamento, na sua vida?

“Raça porcina, prêmio ex-aequo: aos senhores Lehérissé e Cullembourg; sessenta francos!”

Rodolphe apertava-lhe a mão e sentia-a muito quente e trémula, como uma rola cativa que quer retomar novamente o voo, mas, ou porque tentasse desprendê-la, ou então porque estivesse correspondendo àquela pressão, ela fez um movimento com os dedos; e ele exclamou:

– Oh!, obrigado! Vejo que não me repele! É muito bondosa! Compreenda que lhe pertence! Deixe-me vê-la, deixe-me contemplá-la!

Um pé de vento que entrou pelas janelas encrespou o pano da mesa e, lá em baixo na praça, todas as grandes toucas das camponesas se levantaram, como asas de borboletas brancas que se agitassem.

“Aproveitamento de bagaço de sementes oleaginosas”, continuava o presidente.

O homem apressava-se:

“Adubo flamengo, cultura do linho, drenagens, arrendamentos a longo prazo, serviços domésticos.”

Rodolphe já não falava. Fitavam-se ambos. Um desejo supremo fazia-lhes estremecer os lábios secos; e, suavemente, sem esforço, entrelaçaram-se-lhes os dedos.

“Catherine-Nicaise-Élisabeth Leroux, de Sassetotla-Guerrière, por cinquenta e quatro anos de serviço na mesma herdade, uma medalha de prata, no valor de vinte e cinco francos!”

“Onde está ela, Catherine Leroux?”, repetiu o conselheiro.

A mulher não se apresentava e ouviam-se vozes cochichar:

– Vai lá!

– Não.

– À esquerda!

– Não tenhas medo!

– Mas que estúpida!

– Afinal, sempre está presente? – exclamou Tuvache.

– Sim!... Aqui está ela!

– Então que se aproxime!

Viu-se subir ao estrado uma velhinha de aspeto tímido, parecendo encolher-se o mais que podia nas suas pobres roupas. Levava nos pés grossos tamancos de madeira e ao longo dos quadris um grande avental azul. O magro rosto, circundado por uma coifa simples, estava mais cheio de rugas do que uma maçã reineta já passada e das mangas da camisola vermelha saíam duas mãos compridas, de articulações nodosas. O pó dos celeiros, a potassa das barreiras e a suarda das lãs a

tal ponto as tinham encrostado, escoriado e endurecido, que pareciam sujas, apesar de bem lavadas e passadas por água limpa; e, à força de terem trabalhado, mantinham-se entreabertas, como que para apresentar por si mesmas o humilde testemunho de tantos sofrimentos suportados. Havia uma espécie de rigidez monacal que lhe realçava a expressão do rosto. Nenhuma tristeza ou ternura parecia abrandar aquele olhar baço. No trato com os animais adquirira-lhes o mutismo e a placidez. Era a primeira vez que se via no meio de tanta gente; e, interiormente assustada pelas bandeiras, pelos tambores, pelos senhores de casaca preta e pela cruz de honra do conselheiro, ficou completamente imobilizada, não sabendo se devia avançar ou fugir, nem porque a empurrava a multidão e os examinadores lhe sorriam. Assim se apresentava, diante daqueles prósperos, burgueses, esse meio século de servidão.

– Aproxime-se, veneranda Catherine-Nicaise-Élisabeth Leroux!
– disse o senhor Conselheiro, que tomara das mãos do presidente a lista dos homenageados.

E, examinando ora a folha de papel, ora a velha mulher, repetia num tom paternal:

– Aproxime-se, aproxime-se!

– Vossemecê é surda? – disse Turvache, saltando da poltrona.

E pôs-se-lhe a gritar ao ouvido:

– Cinquenta e quatro anos de serviço! Uma medalha de prata! Vinte e cinco francos! É para si.

Depois, quando recebeu a sua medalha, ficou a olhar para ela. Então assomou-lhe ao rosto um sorriso de beatitude e ouviram-na murmurar enquanto se afastava:

– Vou dá-la ao nosso prior, para dizer missas por mim.

– Que fanatismo! – exclamou o farmacêutico, inclinando-se para o tabelião.

Estava terminada a sessão; a turba dispersou; e agora, lidos todos os discursos, voltava cada um ao seu posto e tudo reentrava na normalidade: os senhores ralhavam aos criados e estes batiam nos animais, indolentes vencedores que tornavam para o estábulo com uma coroa verde entre os chavelhos.

Entretanto, os guardas nacionais tinham subido ao primeiro andar da Câmara, com bolos espetados nas baionetas, além do tambor do batalhão, que levava um cesto cheio de garrafas. A senhora Bovary tomou o braço de Rodolphe, que a acompanhou a casa dela;

separaram-se diante da porta; depois ele foi passear sozinho pela pradaria, à espera da hora do banquete.

O festim foi demorado, ruidoso, mal servido; as pessoas estavam tão apertadas que tinham dificuldade em mexer os cotovelos, e as tábuas estreitas que serviam de bancos estiveram quase a partir-se sob o peso dos convivas. Estes comiam abundantemente. Cada qual procurava a compensação da parte com que contribuía. O suor corria por todas as testas; e por cima da mesa, entre os candeeiros suspensos, flutuava um vapor esbranquiçado, como o nevoeiro de um rio em manhã de Outono. Rodolphe, com as costas coladas à lona da barraca, pensava de tal maneira em Emma que não ouvia nada. Mesmo por trás dele, em cima da relva, os criados empilhavam os pratos sujos; os companheiros de mesa falavam com ele, mas não lhes respondia; enchiam-lhe o copo e no seu cérebro estabelecia-se completo silêncio, apesar de o barulho aumentar cada vez mais. Pensava no que ela dissera e na forma dos seus lábios; via-lhe o rosto, como num espelho mágico, a brilhar na chapa das barretinas; as pregas do vestido a descer ao longo das paredes; e, nas perspectivas do futuro, os dias de amor desenrolavam-se até ao infinito.

Tornou a vê-la à noite, durante o fogo de artifício; mas ela estava com o marido, com a senhora Homais e o farmacêutico, que se afligia muito com o perigo dos foguetes perdidos e abandonava a cada momento o grupo para ir fazer recomendações a Binet.

As peças pirotécnicas, enviadas em nome do senhor Tuvache, tinham, por excesso de precaução, estado fechadas na cave deste; por essa razão, a pólvora húmida ardia mal e o principal trabalho, que devia representar um dragão mordendo a própria cauda, falhou completamente. De vez em quando lá disparava um pobre foguete de lágrimas; então, a multidão de boca aberta soltava um clamor, a que se juntava o grito das mulheres a quem apalpavam durante a escuridão. Emma, silenciosa, encostava-se docemente ao ombro de Charles; depois, erguendo o queixo, seguia no céu negro a trajetória luminosa dos foguetes. Rodolphe contemplava-a à luz dos balões que ardiam.

Estes foram-se extinguindo pouco a pouco. As estrelas acenderam-se. Chegaram a cair algumas gotas de chuva e ela atou o lenço sobre a cabeça desprotegida.

Nesse momento saiu da estalagem o fiacre do conselheiro. O cocheiro, que estava bêbedo, ficou subitamente calmo; e de longe, por cima da capota, entre duas lanternas, avistava-se-lhe o vulto

balouçando-se da direita para a esquerda, segundo os solavancos da carruagem.

– Na verdade – disse o boticário –, devia punir-se severamente a embriaguez! Gostava que se inscrevessem, semanalmente, à porta da Câmara, num quadro ad hoc, os nomes de todos aqueles que se tivessem intoxicado com álcool.

Além disso, no aspeto estatístico, ficar-se-ia com uma espécie de registos – patentes que, em caso de necessidade... Mas desculpem.

E correu novamente para o comandante dos bombeiros. Este voltava para casa. Ia rever o seu turno.

– Talvez não fosse mau – disse-lhe Homais – mandar um dos seus homens ou ir você mesmo...

– Deixe-me em paz – respondeu o tesoureiro. – Não há nada!

– Podem estar sossegados – disse o boticário, quando voltou para junto dos amigos. – O senhor Binet garantiu-me que foram tomadas todas as medidas. Não caiu nem uma fagulha. As bombas estão cheias. Vamos dormir.

– Bem precisada estou! – disse a senhora Homais, que continuamente bocejava. – Mas, mesmo assim, tivemos um belíssimo dia para a nossa festa.

Rodolphe repetiu em voz baixa e com um olhar terno:

– Oh, sim, um dia belíssimo!

E, feitas as despedidas, todos se voltaram de costas.

Dois dias depois aparecia, em *Le Fanal de Rouen*, um grande artigo sobre os comícios. Escrevera-o Homais, com muita verve, logo no dia seguinte:

“Qual o motivo daqueles festões, daquelas flores, daquelas grinaldas? Para onde corria a multidão, como ondas de um mar enfurecido, sob as torrentes de um sol tropical derramando o seu calor sobre a nossa campina?”

Em seguida falava a respeito da condição dos camponeses. Certamente que o governo já fazia muito mas ainda não era suficiente! “Coragem!”, bradava ele; “há mil reformas que são indispensáveis, vamos realizá-las.” Depois, abordando a chegada do conselheiro, não esquecia o aspeto marcial da nossa milícia, nem as nossas buliçosas aldeãs, nem tão-pouco os velhos calvos, espécie de patriarcas que ali se achavam, alguns dos quais, despojos das nossas imortais falanges, sentiam ainda palpitar-lhes o coração ao som varonil dos tambores. Citava-se a si próprio como um dos principais membros do júri, e até

lembrava, numa nota, que o senhor Homais, farmacêutico, enviara à Sociedade de Agricultura uma memória sobre a sidra. Quando chegava à distribuição das recompensas, descrevia a alegria dos homenageados com traços ditirâmbicos. “O pai abraçava o filho, um irmão o outro irmão, o esposo a esposa. Alguns mostravam com orgulho a sua humilde medalha e, com certeza, ao chegarem a casa, ao pé da sua boa companheira, a terão pendurado, chorando, na parede discreta da sua choupana.”

“Por volta das seis horas, um banquete, organizado na cerca do senhor Liégeard, reuniu os principais assistentes da festa. Não deixou de reinar ali a maior cordialidade. Houve diversos brindes: “do senhor Lieuvain ao monarca! Do senhor Tuvache ao prefeito! Do senhor Derozerays à agricultura! Do senhor Homais à indústria e às belas-artes, essas duas irmãs! Do senhor Leplichey aos melhoramentos! À noite, um brilhante fogo de artifício iluminou subitamente os ares. Dir-se-ia um verdadeiro caleidoscópio, uma autêntica decoração de ópera; e, por um momento, a nossa pequena localidade pôde julgar-se transportada ao meio de um sonho das Mil e Uma Noites.”

Assinala-se que nenhum acontecimento desagradável veio perturbar esta reunião de família.”

E acrescentava:

“Apenas se notou a ausência do clero. Naturalmente, as sacristias entendem o progresso doutra maneira. Estais no vosso direito, senhores de Loiola!”

CAPÍTULO IX

Decorreram seis semanas. Rodolphe não voltou. Uma noite, por fim, apareceu. No dia seguinte ao dos comícios pensara:

“Não vamos lá voltar tão cedo; seria um erro.”

E ao cabo de uma semana partira para a caça. Depois da caça imaginara que seria já demasiado tarde, mas seguidamente fez este raciocínio:

“Ora, se ela me amou desde o primeiro dia, pela impaciência de me voltar a ver, deve amar-me ainda mais. Portanto, continuemos!”

E verificou que o cálculo fora bem feito quando, ao entrar na sala, notou que Emma empalidecia.

Ela estava só. O dia declinava. As pequenas cortinas de musselina, acompanhando os vidros, tornava mais denso o crepúsculo e os dourados do barómetro, sobre que caía um raio de sol, faziam reflexos no espelho, entre os recortes do polipeiro.

Rodolphe ficou de pé; Emma mal respondeu às suas primeiras frases de cortesia.

– Tenho tido muito que fazer – disse ele. – Estive doente.

– E foi grave? – exclamou ela.

– Pois bem – disse Rodolphe, sentando-se ao seu lado num tamborete –, não foi isso!... É que não queria voltar.

– Porquê?

– Não adivinha?

Olhou para ela mais uma vez, mas de maneira tão violenta que a fez baixar a cabeça e corar. E prosseguiu:

– Emma...

– Cavalheiro! – exclamou ela, afastando-se um pouco.

– Ah!, bem vê – replicou ele com voz melancólica – que eu tinha razão em não querer voltar; porque esse nome que me enche a alma e me escapou dos lábios me é interdito! Senhora Bovary!... Pois! É assim que toda a gente a chama! E, além disso, nem sequer é o seu nome; é um nome que pertence a outro!

E repetiu:

– Pertence a outro!

E escondeu o rosto entre as mãos.

– Sim, penso constantemente em si!... A saudade desespera-me! Oh!, perdão! ... Eu vou deixá-la... Adeus!... Vou para longe..., tão longe que não ouvirá falar mais de mim!... Hoje..., no entanto..., não sei que força me impeliu ainda para si! Porque não se pode lutar contra o Céu, não se resiste ao sorriso dos anjos! Somos sempre arrastados pelo que é belo, encantador, adorável!

Era a primeira vez que Emma ouvia alguém dizer-lhe estas coisas; e o seu orgulho, como quem que se espreguiça numa estufa, todo se dilatava brandamente ao calor daquela linguagem.

– Mas, se não vim – continuou ele –, se a não pude ver, oh!, pelo menos demorei-me a contemplar tudo aquilo que a rodeia. À noite, todas as noites, levantava-me, vinha até aqui, contemplava a sua casa, o telhado que brilhava ao luar, as árvores do jardim que balouçavam à sua janela e uma pequena lâmpada, uma luzinha que brilhava na sombra, através da vidraça. Ah! Mal sabia que ali, tão perto e tão longe, se achava um pobre miserável...

Emma voltou-se para ele com um soluço.

– Oh!, o senhor é bom! – disse ela.

– Não; é que a amo, só isso! Não pode duvidar! Diga-me uma palavra! Uma única palavra!

E Rodolphe, insensivelmente, deixou-se escorregar do tamborete para o chão; mas ouviu-se um ruído de tamancos na cozinha, e a porta da sala, conforme reparou, não estava fechada.

– Como seria generosa – prosseguiu ele enquanto se levantava – se satisfizesse uma fantasia minha!

Queria ver a casa; desejava conhecê-la; e, como a senhora Bovary não visse nisso inconveniente, ambos se levantavam, quando Charles entrou.

– Bom dia, senhor Doutor – disse-lhe Rodolphe.

O médico, lisonjeado com o inesperado tratamento, desfez-se em obséquios e o outro aproveitou para recobrar um pouco a calma.

– A senhora estava-me falando da sua saúde... – começou ele a dizer.

Charles interrompeu-o: andava realmente muito inquieto a esse respeito; as opressões que sua mulher sentia recomeçavam.

Então Rodolphe perguntou se não lhe faria bem o exercício de andar a cavalo.

– Decerto! É um excelente exercício, perfeitamente!... Aí está uma ideia! Deverias aproveitá-la.

E, objetando ela que não tinha cavalo, o senhor Rodolphe punha-lhe um à disposição; ela recusou o oferecimento; ele não insistiu; depois, para justificar a sua visita, contou que o carroceiro, o homem da sangria, sentia sempre tonturas.

– Passarei por lá – disse Bovary.

– Não, não, eu mando-o cá; vimos cá os dois, será mais cómodo para si.

– Ah!, muito bem. Agradeço-lhe.

E, logo que o casal ficou só:

– Porque não aceitas o oferecimento do senhor Boulanger, que é tão delicado?

Ela assumiu um ar contrariado, procurou mil desculpas e acabou por dizer que isso poderia talvez parecer estranho.

– Ora! A mim bem me importa! – disse Charles, fazendo uma pirueta. – A saúde primeiro que tudo! Acho que fazes mal!

– Pois é! E como queres que eu monte a cavalo, se não tenho fato de amazona?

– Tem de se encomendar um! – respondeu ele.

O fato decidiu-a.

Assim que este ficou pronto, Charles escreveu ao senhor Boulanger, dizendo que a mulher estava à sua disposição, e que ambos contavam com a sua condescendência.

No dia seguinte, ao meio-dia, apareceu Rodolphe à porta de Charles com dois magníficos cavalos. Um tinha pompons cor-de-rosa nas orelhas e uma sela de senhora em pele de gamo.

Rodolphe calçara grandes botas flexíveis, dizendo para si mesmo que ela certamente nunca vira outras iguais; efetivamente, Emma ficou encantada com o seu aspeto quando ele apareceu no pátio envergando uma grande casaca de veludo e calções brancos de malha. Emma estava pronta, à espera.

Justin fugiu da farmácia para ir vê-la, e também o boticário se deslocou. Pôs-se a fazer recomendações ao senhor Boulanger:

– Uma desgraça acontece num instante! Tome cuidado! Os cavalos são talvez fogosos!

Emma ouviu um rumor por cima da cabeça: era Félicité que tamborilava na vidraça para entreter a pequenina Berthe. A criança atirou-lhe de longe um beijo; a mãe respondeu-lhe acenando com o castão do pequeno chicote.

– Bom passeio! – gritou o senhor Homais. – Sobretudo prudência, muita prudência!

E agitou o jornal que tinha na mão, vendo-os afastar-se.

Logo que sentiu chão de terra, o cavalo de Emma tomou o galope. Rodolphe galopava ao lado dela. De quando em quando trocavam uma palavra. Com o rosto um pouco inclinado, a mão levantada e o braço direito caído, Emma abandonava-se à cadência do movimento que a embalava sobre a sela.

Na base da encosta, Rodolphe soltou as rédeas; partiram juntos, arrancando bruscamente; depois, no alto, de súbito, os cavalos estacaram e o grande véu azul voltou a descer.

Estava-se nos primeiros dias de outubro. Havia cerração nos campos. O nevoeiro estendia-se pelo horizonte, entre os contornos das colinas; alguns farrapos destacavam-se, subiam e desapareciam. Às vezes, numa abertura das nuvens, sob um raio de sol, avistavam-se ao longe os telhados de Yonville, com os quintais à beira do rio, os pátios, o muro e os campanários da igreja.

Emma semicerrava as pálpebras, procurando identificar a sua casa, e nunca aquela mísera aldeia onde vivia lhe parecera tão pequena. Da altura onde se encontravam, todo o vale se assemelhava a um imenso lago desmaiado, evaporando-se ao ar. Os amontoados de árvores, aqui e além, tinham o aspeto de rochedos escuros; e os altos topos dos álamos, ultrapassando a bruma, faziam lembrar areais remexidos pelo vento.

Ali ao lado, sobre a erva, entre os pinheiros, circulava uma luz mortiça na atmosfera tépida. A terra, arruivada como pó de tabaco, amortecia o ruído dos passos; e, no andamento, os cavalos empurravam, com a ponta das ferraduras, as pinhas caídas no chão.

Rodolphe e Emma seguiram assim a orla do bosque. De vez em quando, ela voltava-se para lhe evitar o olhar, e então apenas via os troncos dos pinheiros alinhados, numa sucessão contínua que a estonteava um pouco. Os cavalos resfolegavam. O couro das selas rangia.

Quando entraram na floresta apareceu o sol.

– Deus protege-nos! – disse Rodolphe.

– Acha que sim? – respondeu ela.

– Avancemos! Avancemos! – retorquiu ele.

Deu um estalido com a língua. Os dois animais deitaram a correr.

Os grandes fetos da beira do caminho prendiam-se ao estribo de Emma. Rodolphe, mesmo sem parar, inclinava-se e ia-os soltando. Outras vezes, para afastar os ramos, passava junto dela e Emma sentia-lhe o joelho roçar pela perna. O céu ficara azul. As folhas nem mexiam. Havia grandes espaços cobertos de urzes todas floridas; e as extensões de violetas alternavam com os maciços de árvores, que eram pardos, ruivos ou dourados, segundo a diversidade das folhagens. Muitas vezes ouvia-se passar, debaixo dos arbustos, um leve bater de asas, ou então o grito rouco e suave dos corvos, que voavam entre os carvalhos.

Aparearam-se. Rodolphe prendeu os cavalos. Ela seguia na frente, pisando o musgo, entre os sulcos do caminho.

Mas o vestido, comprido de mais, embaraçava-lhe os movimentos, apesar de o levar erguido pela cauda, e Rodolphe, caminhando atrás dela, contemplava, entre o tecido preto e a botina também preta, a delicadeza da meia branca, que se lhe afigurava como que um pouco da sua nudez.

Emma parou.

– Estou cansada – disse ela.

– Vamos, experimente mais um pouco! – respondeu ele. Ânimo!

Cem passos adiante, ela voltou a parar e, através do véu, que do chapéu de homem lhe descia obliquamente sobre os quadris, distinguia-se-lha o rosto numa transparência azulada, como se estivesse nadando debaixo de ondas azuis.

– Mas aonde vamos nós?

Ele não respondeu. Ela respirava de um modo reprimido.

Rodolphe olhava em redor e mordia o bigode.

Chegaram a um lugar mais descoberto, onde tinham abatido algumas árvores. Sentaram-se sobre um tronco derrubado e Rodolphe começou a falar-lhe do seu amor.

Não principiou por a assustar com galanteios. Mostrou-se calmo, sério, melancólico.

Emma escutava-o de cabeça baixa, enquanto, com a ponta do pé, ia remexendo na caruma seca espalhada pelo chão.

Mas, quando ele lhe disse:

– Não são agora comuns os nossos destinos?

Ela respondeu:

– Isso não! Sabe bem que é impossível.

E levantou-se para se retirar. Ele segurou-a pelo pulso. Emma deteve-se. Depois, tendo-o fitado durante alguns minutos com um olhar amoroso e húmido, disse rapidamente:

– Olhe! Não falemos mais nesse assunto... Onde estão os cavalos? Vamo-nos embora.

Rodolphe teve um gesto de cólera e de enfado. Ela repetiu:

– Onde estão os cavalos? Onde estão os cavalos?

Então, sorrindo com um sorriso estranho, olhar fixo e dentes cerrados, ele avançou de braços abertos. Ela recuou a tremer.

Balbuciava:

– O senhor mete-me medo! Está-me fazendo mal! Vamo-nos embora.

– Já que é necessário... – prosseguiu ele, mudando de expressão.

E imediatamente voltou a mostrar-se respeitador, delicado e tímido. Ela deu-lhe o braço. Regressaram. Rodolphe ia-lhe dizendo:

– O que foi que se passou consigo? Porquê? Não percebi! Está sem dúvida equivocada a meu respeito. O seu lugar na minha alma é o de uma madona sobre um pedestal, num lugar elevado, forte e imaculada. Mas preciso de si para viver! Necessito dos seus olhos, da sua voz, do seu pensamento. Seja minha amiga, minha irmã, meu anjo!

E, estendendo o braço, enlaçava-lhe a cintura. Ela procurava brandamente soltar-se. Ele segurava-a assim enquanto caminhavam.

Ouviram então os dois cavalos tosando a erva.

– Oh!, um momento – disse Rodolphe. – Não nos vamos embora! Fique!

E levou-a até mais longe, à beira de uma lagoa, onde lentilhas aquáticas cobriam a água de verdura. Alguns nenúfares murchos conservavam-se imóveis entre os juncos. Ao ruído que faziam com os passos na relva saltavam rãs para se esconder.

– Faço mal, faço mal – dizia ela. – Não tenho juízo em escutá-lo.

– Porquê?... Emma! Emma!

– Oh! Rodolphe!... – disse lentamente a jovem mulher, encostando-se ao ombro dele.

O pano do vestido prendia-se ao veludo da casaca. Ela curvou para trás o alvo pescoço, que se dilatou com um suspiro; e, desfalecida, banhada em lágrimas, com um prolongado estremecimento e escondendo o rosto, entregou-se.

Caíam as sombras do crepúsculo; o sol horizontal, passando entre os ramos, deslumbrava-lhe a vista. Aqui e além, em redor dela, na

folhagem ou no chão, tremiam manchas luminosas, como se colibris, voando, tivessem espalhado as suas plumas. O silêncio era completo; uma certa doçura parecia destacar-se das árvores; Emma ouvia o coração, cujo pulsar recomeçava, e sentia o sangue circular-lhe no corpo como uma torrente de leite. Ouviu então muito ao longe, para lá da mata, sobre as outras colinas, um grito vago e prolongado, uma voz que se arrastava e que ela escutava em silêncio, como uma melodia que se misturava com as últimas vibrações dos seus nervos emocionados. Rodolphe, de charuto entre os dentes, consertava, com o seu canivete, uma das rédeas, que rebentara.

Voltaram a Yonville pelo mesmo caminho. Viram ainda na lama os sinais das patas dos cavalos, lado a lado, e os mesmos arbustos, os mesmos calhaus no meio da erva. Nada mudara em redor de ambos; e para ela, entretanto, sobrevivera qualquer coisa mais importante do que se as montanhas se houvessem deslocado. Rodolphe, de momento a momento, inclinava-se e pegava-lhe na mão para a beijar.

Ela estava encantadora a cavalo! Direita, cintura delgada, joelho dobrado sobre a crina do animal e um pouco corada pelo ar livre, na vermelhidão crepuscular.

À entrada de Yonville fez caracolar o cavalo sobre a calçada.

Assomavam às janelas para a ver.

O marido, ao jantar, achou-lhe bom parecer; mas ela fez que não ouviu quando ele perguntou que tal fora o passeio; deixou-se ficar com o cotovelo apoiado junto do prato, entre as duas velas acesas.

– Emma! – disse ele.

– O que é?

– Sabes, passei esta tarde por casa do senhor Alexandre; ele tem uma velha poldrinha ainda muito bonita, apenas um pouco coroadada, e que poderíamos conseguir, tenho a certeza, por uma centena de escudos...

E acrescentou:

– Pensando até que isso te agradaria, fiquei com ela... comprei-a... Achas que fiz bem? Diz lá.

Emma balouçou a cabeça em sinal de assentimento; depois, passado um quarto de hora:

– Vais sair esta noite? – perguntou.

– Sim. Porquê?

– Oh! Por nada, meu amigo.

E, mal se descartou de Charles, foi-se fechar em cima, no quarto.

Começou por sentir uma espécie de atordoamento; via as árvores, os caminhos, os valados, Rodolphe, e sentia ainda o amplexo dos seus braços, enquanto a folhagem tremia e os juncos sibilavam.

Olhando, porém, para o espelho, admirou-se com o aspeto do rosto. Nunca se vira com os olhos tão grandes, tão negros nem tão profundos. Havia qualquer coisa de subtil espalhada na sua pessoa que a transfigurava.

Repetia consigo mesma: “Tenho um amante! Um amante!”, deleitando-se nesta ideia como se fosse a da chegada de uma nova puberdade. Ia então possuir finalmente aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade de que havia já desesperado. Entrava no que quer que fosse de maravilhoso, em que tudo seria paixão, êxtase, delírio; sentia-se circundada por uma imensidão de azul, os píncaros do sentimento cintilavam-lhe na imaginação e a existência ordinária só lhe aparecia muito ao longe, lá em baixo, na sombra, pelos intervalos daquelas eminências.

Lembrou-se então das heroínas dos livros que lera, e toda aquela lírica legião de mulheres adúlteras começou a cantar-lhe na memória, com vozes de irmãs que a seduziam.

Tornava-se ela mesma agora parte autêntica dessas imaginações e realizava o longo devaneio da sua juventude, enquadrando-se naquele tipo de mulher apaixonada que tanto invejara. Além disso, Emma sentia uma satisfação de vingança. Já sofrera bastante! Mas agora triunfava, e o amor, por tanto tempo reprimido, jorrava livremente em alegre efervescência. Saboreava-o sem remorsos, sem inquietude, sem desassossego.

O dia seguinte passou-se numa nova doçura. Fizeram juramentos um ao outro. Rodolphe interrompia-a com os seus beijos; ela pedia-lhe, fixando-lhe as pálpebras semicerradas, que a chamasse mais uma vez pelo nome e lhe repetisse que a amava.

Foi na floresta, como na véspera, numa cabana de tamanqueiros. As paredes eram de palha e o teto tão baixo que tinham de manter-se curvados. Sentaram-se encostados um ao outro, sobre uma cama de folhas secas.

A partir desse dia escreviam-se regularmente todas as noites. Emma levava a sua carta ao fundo do jardim, junto do rio, e metia-a numa fresta do terraço.

Rodolphe ia lá buscá-la e no mesmo lugar metia outra, que ela acusava sempre de ser demasiado pequena.

Uma manhã em que Charles saíra antes do amanhecer deixou-se tentar pela fantasia de ver Rodolphe naquele mesmo momento.

Poderia chegar num instante à Huchette, demorar-se lá uma hora e regressar a Yonville enquanto todos estariam ainda a dormir.

Esta ideia fê-la arder em desejos, e logo se achou no meio do campo, caminhando a passos rápidos, sem olhar para trás.

O dia começava a despontar. Emma, de longe, reconheceu a casa do amante, onde dois cata-ventos em cauda de andorinha se recortavam a negro sobre o pálido crepúsculo.

Passado o pátio da granja, havia um bloco de habitações que devia ser o palacete. Entrou, como se as paredes, à sua aproximação, se tivessem afastado por si mesmas. Um grande lanço de escada dava acesso a um corredor. Emma levantou o fecho de uma porta e, no mesmo instante, viu no fundo do quarto um homem adormecido. Era Rodolphe. Soltou um grito.

– Tu!, tu! – repetia ele. – Como conseguiste vir aqui?.. Olha! Tens o vestido molhado!

– Amo-te! – respondeu ela, passando-lhe o braço em volta do pescoço.

Depois do êxito desta primeira audácia, todas as vezes que Charles saía muito cedo, Emma vestia-se rapidamente e descia pé ante pé a escada que conduzia à beira da água.

Mas, se acontecia a prancha das vacas encontrar-se levantada, era necessário seguir ao longo dos muros que contornavam o rio; a margem era escorregadia; para não cair, ela agarrava-se às moitas de goiveiros secos.

Depois atravessava os campos lavrados, onde se atolava, tropeçava e fazia força para despegar as botinas ligeiras. O lenço amarrado sobre a cabeça agitava-se ao vento ao passar pelos pastos; ela tinha medo dos bois e largava a correr; chegava sem fôlego, as faces rosadas, exalando de toda a sua pessoa um fresco perfume de seiva, de verdura e de ar puro.

Rodolphe, àquela hora, dormia ainda. Era como se uma manhã de Primavera lhe entrasse pelo quarto.

As cortinas amarelas das vidraças deixavam passar suavemente uma loura luz velada. Emma entrava às apalpadelas, piscando os olhos, enquanto as gotas de orvalho suspensas dos bandós lhe formavam como que uma auréola de topázios a toda a volta do rosto. Rodolphe, rindo, puxava-a para si e apertava-a contra o coração.

Depois ela examinava o aposento, abria as gavetas dos móveis, penteava-se com o pente dele e mirava-se no espelho de fazer a barba. Muitas vezes até metia entre os dentes o pipo de um grande cachimbo que estava sobre a mesa— de cabeceira, entre limões e pedaços de açúcar, ao pé de um jarro com água.

Precisavam de um bom quarto de hora para as despedidas. Então Emma chorava; quisera nunca mais se separar de Rodolphe.

Qualquer coisa mais forte do que ela a puxava para ele, de tal modo que, um dia, vendo-a aparecer inesperadamente, Rodolphe franziu a testa como quem se sente contrariado.

— O que é que tens? — disse ela. — Estás doente? Fala para mim!

Finalmente, ele declarou, com ar sério, que as visitas dela estavam a tornar-se imprudentes e que ela se comprometia.

CAPÍTULO X

Pouco a pouco, aqueles receios de Rodolphe tomaram posse dela. O amor tinha começado por embriagá-la, não a deixando pensar em mais nada. Mas agora, que se lhe havia tornado indispensável à vida, receava sofrer-lhe a mínima perda, ou até mesmo perturbá-lo. Quando voltava de casa dele, lançava em torno de si olhares inquietos, vigiava cada vulto que passasse no horizonte e cada postigo da vila donde pudesse ser avistada. Escutava os passos, os gritos, o ruído das charruas; parava mais pálida e mais trémula do que as folhas dos choupos balouçando por cima da sua cabeça.

Certa manhã em que voltava para casa pareceu-lhe de repente distinguir o longo cano de uma carabina que dava a impressão de estar apontada para ela. Saía obliquamente do rebordo de um barril, meio escondido na vegetação, à beira de uma vala.

Emma, quase a desmaiar de terror, continuou, no entanto, a avançar, quando do barril surdiu um homem, à semelhança daqueles diabos de mola que saltam repentinamente do fundo das caixinhas de surpresas. Tinha polainas afiveladas até aos joelhos, boné enfiado até aos olhos, os lábios a tremer e o nariz vermelho. Era Binet, o comandante dos bombeiros, à espera dos patos bravos.

– Devia ter avisado de longe! – exclamou ele. – Quando se vê uma espingarda, deve-se sempre dar sinal.

Com este arrazoado, o tesoureiro procurava dissimular o medo que acabara de sentir; porque, existindo uma postura municipal que proibia a caça aos patos a não ser de barco, o senhor Binet, apesar do seu respeito pelas leis, encontrava-se em transgressão. De maneira que lhe parecia ver surgir, a cada instante, o guarda-florestal. Mas este sobressalto excitava-lhe o prazer e, sozinho dentro do seu barril, felicitava-se pela sorte e pela esperteza que tinha.

Vendo Emma, pareceu aliviado de um grande peso e, entabulando imediatamente a conversação, disse:

– Não faz calor nenhum, está um frio que corta! Emma não respondeu. Ele continuou:

– E a senhora a sair assim tão cedo?

– É verdade – balbuciou ela. – Venho de casa da ama onde está a minha filha.

– Ah, perfeitamente. Perfeitamente. Pois eu, tal como me vê, estou aqui desde madrugada; mas o tempo está tão enevoado que, a não ser que me venham parar as penas mesmo à boca do cano...

– Passe muito bem, senhor Binet – interrompeu ela, voltando-lhe as costas.

– Às suas ordens – replicou ele secamente. E voltou a enfiar-se no barril.

Emma arrependeu-se de ter deixado assim tão bruscamente o tesoureiro. Ele iria sem dúvida fazer conjecturas desfavoráveis. A história da ama era a pior desculpa, porque toda a gente sabia em Yonville que a pequenita dos Bovary há um ano já que voltara para casa dos pais. Além disso, não morava ninguém por ali perto e aquele caminho só dava passagem para a Huchette; portanto, Binet calculara donde ela vinha e não se calaria, daria à língua, era mais que certo! Emma ficou até à noite a torturar o espírito com todos os projetos de mentiras imagináveis, vendo sempre na sua frente aquele caçador imbecil.

Charles, depois do jantar, vendo-a inquieta, quis levá-la a casa do farmacêutico para a distrair; e a primeira pessoa com quem Emma encarou na farmácia logo haveria de ser ele, o tesoureiro! Estava de pé, diante do balcão, iluminado pela luz da redoma vermelha, e dizia:

– Dê-me, por favor, meia onça de vitríolo.

– Justin – gritou o boticário –, traz-me o ácido sulfúrico!

Depois, voltando-se para Emma, que queria subir ao quarto da senhora Homais:

– Não, pode esperar, não vale a pena, ela desce já. Entretanto vá-se aquecendo um pouco ao pé do fogão. Desculpe-me... Boa tarde, doutor. (o farmacêutico sentia grande prazer em pronunciar esta palavra doutor, como se, dirigindo-a a outro, fizesse ressaltar sobre si mesmo qualquer coisa da pompa que lhe atribuía)... Mas toma cuidado, não derrubes algum almofariz! Vai antes buscar as cadeiras da salinha; já sabes que não se desarrumam as poltronas da outra sala.

Homais saía precipitadamente do balcão para arrumar a sua poltrona, quando Binet lhe pediu meia onça de ácido de açúcar.

– Ácido de açúcar? – disse desdenhosamente o farmacêutico. – Não sei o que é, desconheço! Talvez queira dizer ácido oxálico? É oxálico, não é?

Binet explicou que tinha necessidade de um mordente para fazer uma água de cobre que servisse para desferrujar diversos apetrechos de caça. Emma estremeceu. O farmacêutico pôs-se a dizer:

– Com efeito, o tempo não está propício, por causa da humidade.

– No entanto – prosseguiu o tesoureiro com um ar de finório – há pessoas que se dão bem com ele.

Ela sentia-se sufocar.

– Dê-me ainda...

“E nunca mais se vai embora!”, pensava Emma.

– Meia onça de pez e terebintina, quatro onças de cera virgem e onça e meia de negro-animal, se faz favor, para limpar as correias envernizadas do meu equipamento.

Começava o boticário a cortar a cera, quando a senhora Homais apareceu com Irma nos braços, Napoléon agarrado à saia e Athalie atrás. Foi sentar-se no banco de veludo encostado à janela e o pequeno acocorou-se num tamborete, enquanto a irmãzita mais velha girava à volta da caixa de melaço, ao pé do paizinho. Este enchia funis e rolhava frascos, colava rótulos, fazia pacotes.

Estabelecia-se silêncio em torno dele; e apenas se ouvia de tempos a tempos tinir os pesos nas balanças, de mistura com algumas palavras do farmacêutico, em voz baixa, dando conselhos ao praticante.

– Como vai a sua menina? – perguntou de repente a senhora Homais.

– Silêncio! – exclamou o marido, que escrevia algarismos no borrador.

– Porque não a trouxe consigo? – prosseguiu ela a meia voz.

– Chiu! Chiu! – fez Emma, apontando para o boticário.

Mas Binet, todo absorvido a conferir a soma, provavelmente não ouvira nada. Finalmente saiu. Então Emma, aliviada, soltou um grande suspiro.

– Como respira fundo! – disse a senhora Homais.

– Ah! É que está um pouco de calor – respondeu ela.

Trataram, pois, no dia seguinte, de organizar os seus encontros. Emma queria subornar a criada com um presente; mas seria melhor descobrir em Yonville uma casa discreta. Rodolphe prometeu procurar uma.

Durante todo o Inverno, três ou quatro vezes por semana, quando já era noite fechada, vinha ele ter ao jardim. Emma, de propósito, tirara da cancela a chave, que Charles julgava haver-se perdido.

Para a avisar, Rodolphe atirava um punhado de areia contra as persianas. Ela erguia-se em sobressalto; mas às vezes era obrigada a esperar, porque Charles tinha a mania de ficar ao pé do fogo, numa conversa que parecia não ter fim.

Emma mordida-se de impaciência. Se fosse possível, lançá-lo-ia pela janela fora com os olhos. Por fim começava a fazer a sua toilette de noite; depois pegava num livro e continuava a ler muito sossegadamente, como se a leitura a distraísse. Mas Charles, já na cama, chamava-a para se deitar.

– Vem, anda, Emma – dizia ele de vez em quando.

– Sim, já vou! – respondia ela.

Entretanto, como a luz das velas o incomodava, voltava-se para a parede e adormecia. Ela escapava-se, suspendendo a respiração, sorridente, palpitante, despida.

Rodolphe trazia um grande capote; envolvia-a completamente e, passando-lhe o braço em volta da cintura, sem falar, levava-a até ao fundo do jardim.

Era debaixo do caramanchão, sobre aquele mesmo banco de troncos velhos onde antes Léon a contemplara tão amorosamente durante as noites de Verão. Agora já nem pensava nele.

As estrelas brilhavam por entre os ramos dos jasmineiros sem folhas. Ouviam, por trás, o rio a correr e, de quando em quando, na margem, o estalar dos juncos secos. Aqui e além, na escuridão, avolumavam-se maciços de sombra, que, por vezes, estremecendo todos num único movimento, se erguiam e inclinavam como imensas vagas negras que avançassem para os envolver. O frio da noite fazia-os estreitarem-se mais; os suspiros que se lhes soltavam dos lábios pareciam-lhes mais intensos; os olhos, que ambos mal podiam ver, pareciam-lhes maiores e, no meio do silêncio, havia palavras ditas em sussurro que lhes caíam na alma com uma sonoridade cristalina e ali se repercutiam em vibrações múltiplas.

Quando a noite estava chuvosa, iam refugiar-se no gabinete das consultas, entre o telheiro e a cavalaria. Ela acendia um dos castiçais da cozinha, que escondera atrás dos livros.

Rodolphe instalava-se ali como em casa. A vista dos livros e da secretária, de todo o aposento, enfim, excitava-lhe o humor; e não se continha sem dizer, a propósito de Charles, uma série de gracejos que embaraçavam Emma. Esta preferiria vê-lo mais sério e, ocasionalmente, mesmo mais dramático, como daquela vez em que lhe parecera ter ouvido um rumor de passos que se aproximavam.

– Vem gente! – disse Emma.

Ele assoprou a vela.

– Tens a tua pistola?

- Para quê?
- Mas... para te defenderes – replicou ela.
- De quem? Do teu marido? Oh, desgraçado dele!

E rematou a frase com um gesto que significava: Esmagava-o com um piparote.” Emma ficou surpreendida com tanta bravura, apesar de ter notado nele um género de indelicadeza e de grosseria ingénua que a scandalizou.

Rodolphe refletiu muito naquela história da pistola. Se ela falara a sério, a coisa era bastante ridícula, pensava, e até odiosa, porque, pela sua parte, não tinha nenhuma razão para odiar o pobre do Charles, não se sentindo propriamente devorado por ciúmes; e, a propósito disto, fizera-lhe Emma um grande juramento, que ele também não achara do melhor gosto.

Além disso, ela tornava-se muito sentimental. Fora necessário trocarem retratos em miniatura, tinham cortado um ao outro madeixas de cabelo e agora pedia ela um anel, uma verdadeira aliança de casamento, em sinal de aliança eterna.

Falava-lhe muitas vezes dos sinos da tarde ou das vozes da natureza; depois falava-lhe da sua mãe e da mãe dele. Havia vinte anos que Rodolphe a perdera. Emma, no entanto, consolava-o com afetações da linguagem, como se ele fosse um miúdo abandonado, e até lhe dizia, às vezes, fixando a Lua:

– Tenho a certeza de que, lá em cima, juntas, ambas aprovam o nosso amor.

Porém, Emma era tão linda! Bem poucas havia ele possuído com semelhante candura! Aquele amor sem libertinagem era para Rodolphe qualquer coisa de novo que, fazendo-o sair dos seus hábitos fáceis, lhe acariciava ao mesmo tempo o orgulho e a sensualidade. A exaltação de Emma, que o seu bom senso burguês desdenhava, parecia-lhe, no fundo, encantadora, uma vez que era dirigida à sua pessoa. Então, certo de ser amado, deixou de se constranger e, insensivelmente, foi modificando as suas maneiras.

Já não tinha, como dantes, aquelas palavras tão doces que a faziam chorar, nem aquelas carícias veementes que a faziam

endoidecer; de tal maneira que o grande amor existente entre ambos, e em que ela vivia mergulhada, lhe pareceu diminuir aos seus pés, como a água de um rio absorvida pelo seu próprio leito descobrindo o lodo. Emma não quis acreditar; redobrou de ternura; e Rodolphe foi escondendo cada vez menos a sua indiferença.

Ela não sabia se lastimava ter-lhe cedido, ou se não desejava, pelo contrário, querer-lhe ainda mais. A humilhação de se sentir fraca transformava-se num rancor que se acalmava com as voluptuosidades. Não era dedicação, era uma espécie de sedução permanente. Ele subjugava-a. Ela quase que tinha medo dele.

Apesar disso, as aparências eram mais serenas que nunca, porque Rodolphe conseguira conduzir o adultério segundo a sua fantasia; e, ao fim de seis meses, quando chegou a Primavera, encontravam-se, um em relação ao outro, como duas pessoas casadas que alimentam tranquilamente uma chama doméstica.

Era a época em que o tio Rouault enviava o seu peru, em recordação da perna curada. O presente chegava sempre com uma carta. Emma cortou o fio que a prendia ao cesto e leu as seguintes linhas:

Meus queridos filhos:

Espero que esta vos possa encontrar de boa saúde e que o peru seja tão bom como os outros; ele até me parece um pouco mais tenro e mesmo mais carnudo. Mas, da próxima vez, para variar, vou mandar um galo, a não ser que mantenham a preferência pelos perus; e devolvam-me a cesta, por favor, juntamente com as duas anteriores. Tive um azar com a cocheira, numa noite de muito vento foi-se-me a cobertura pelos ares. A colheita também não foi muito famosa. Enfim, não sei quando vos poderei ir ver. Agora é-me tão difícil deixar a casa, desde que estou só, minha boa Emma!

E seguia-se um intervalo entre as linhas, como se o pobre homem tivesse deixado cair a pena para meditar por algum tempo.

Quanto a mim, vou passando bem, a não ser uma constipação que apanhei no outro dia na feira de Ivetot, onde fui contratar um pastor, porque tinha mandado o meu embora por ser de má boca. É uma carga de trabalhos com esses ladrões! Ainda por cima era desonesto.

Soube por um vendedor ambulante que passou por aí este Inverno Que foi arrancar um dente que o Bovary continua a trabalhar no duro. Não me admira nada isso, e o homem mostrou-me o dente, tomámos um café juntos.

Perguntei-lhe se ele te tinha visto e disse-me que não, mas que vira dois cavalos na estrebaria, donde concluo que o negócio está dando.

Ainda bem, meus queridos filhos, e que Nosso Senhor vos conceda toda a felicidade que se possa imaginar.

Tenho muita pena de ainda não conhecer a minha querida netinha Berthe Bovary. Plantei para ela, no quintal, por baixo do teu quarto, uma linda ameixeira e não deixo que ninguém lhe toque, a não ser para depois lhe fazer compotas, que vou guardar no armário, para ela comer quando cá vier.

Adeus, meus queridos filhos. Um beijo para ti, minha filha, para si também, meu genro, e para a pequenina, em ambas as faces.

Sou com muitas saudades,

Vosso pai afetuosos,

Théodore Rouault.

Emma ficou ainda alguns minutos com o papel entre os dedos.

Os erros de ortografia eram uns atrás dos outros e ela seguia o meigo sentido daquelas palavras que pareciam o cacarejar de uma galinha meio escondida atrás de uma sebe de espinhos. A tinta fora seca com cinzas da lareira, porque lhe caiu um pouco

de pó cinzento sobre o vestido, e parecia-lhe até estar vendo o pai curvado sobre o lume para pegar na tenaz. Há quanto tempo já que não estava ao pé dele, no escabelo, junto à chaminé, quando se punha a queimar a ponta de um pau na grande chama dos juncos marinhos que crepitavam!... Lembrava-se das tardes de Verão cheias de sol. Os poldros relinchavam quando passava alguém e galopavam, galopavam...

Havia debaixo da sua janela um cortiço, e algumas vezes as abelhas, volteando na luz, batiam contra a vidraça como balas de ouro fazendo ricochete. Que tempo feliz aquele! Que liberdade! Que esperança! Que abundância de ilusões! Agora já não lhe restava nenhuma! Gastara-as todas com as aventuras da sua alma, em todas as condições sucessivas, na virgindade, no casamento e no amor, perdendo-as assim continuamente ao longo da vida, como um viajante que deixa parte da sua riqueza em cada estalagem do caminho.

Mas quem a fazia assim tão infeliz? Onde estava a extraordinária catástrofe que a revolvera? E ergueu a cabeça, olhando em torno de si, como que para procurar a causa do que a fazia sofrer.

Um raio de abril refulgia nas porcelanas da prateleira, o fogo crepitava, ela sentia debaixo das pantufas a macieza da alcatifa, o dia estava claro, a atmosfera cálida, e ouvia a filha soltando gargalhadas.

Com efeito, a pequenina brincava nesse momento sobre a erva, no meio do feno posto a secar. Estava deitada de bruços, no alto de uma meda de feno. A criada segurava-a pela saia.

Lestiboudois andava ao lado a sachar e, todas as vezes que se aproximava, a criança inclinava-se e agitava os dois braços no ar.

– Traga-ma cá! – disse a mãe, precipitando-se para a beijar. Como eu gosto de ti, minha querida filha! Como gosto de ti!

Depois, reparando que ela tinha as pontas das orelhas um pouco sujas, tocou a campainha para trazerem água quente e limpou-a, mudou-lhe a roupa, as meias, os sapatos, fez-lhe mil

perguntas sobre a saúde, como se fosse o regresso de uma viagem, e, por fim, voltando a beijá-la e choramingando, entregou-a de novo à criada, que ficou estupefacta diante daqueles excessos de ternura.

Rodolphe, à noite, achou-a mais séria do que habitualmente.

“Isto passa-lhe”, pensou ele, “é um capricho”.

E faltou consecutivamente a três encontros. Quando apareceu novamente, ela mostrou-se fria e quase desdenhosa.

“Ah!, perdes o teu tempo, minha amiguinha...”

Fez de conta que não lhe notava os suspiros melancólicos, nem o lenço que tirava do bolso.

Foi então que Emma se arrependeu!

Perguntou até a si mesma porque detestava Charles e se não teria sido melhor conseguir amá-lo. Ele, porém, não lhe dava grande ensejo a tais regressos do sentimento, de modo que a fazia sentir-se muito embaraçada com a sua veleidade de sacrifício, quando o boticário, mesmo a propósito, lhe veio proporcionar uma oportunidade.

CAPÍTULO XI

Tinha Homais lido recentemente o elogio de um novo método para curar pés aleijados, e, como era partidário do progresso, concebeu a patriótica ideia de que Yonville, para se pôr à altura, devia ter operações de estrefopodia.

– Porque – dizia ele a Emma -o que é que se arrisca? Veja bem (e contava, pelos dedos, as vantagens da tentativa): êxito quase certo, alívio e embelezamento do doente, celebridade rapidamente adquirida pelo operador. Porque é que o seu marido, por exemplo, não haveria de querer ajudar aquele pobre Hippolyte, do Leão de Ouro? Note que ele não deixaria de fazer propaganda da cura a todos os viajantes, e, depois (Homais baixava a voz e olhava em torno de si), quem me poderia impedir de enviar para o jornal uma pequena nota sobre o assunto? Oh, meu Deus! um artigo circula..., fazem-se comentários..., acaba por ser como a bola de neve! E quem sabe? Quem sabe?

Efetivamente, Bovary poderia ter êxito, nada indicava a Emma que ele não fosse hábil, e que satisfação haveria de sentir por tê-lo animado num empreendimento com o qual tanto a reputação como a fortuna dele viessem a aumentar! Ela nada mais pedia agora do que poder apoiar-se em qualquer coisa de mais sólido que o amor.

Charles, solicitado pelo boticário e por ela, deixou-se convencer. Mandou vir de Ruão o livro do doutor Duval e todas as noites, com a testa apoiada nas mãos, mergulhava na sua leitura.

Enquanto o médico estudava os equinos, os varos e os valgos, ou seja, a estrefocatopodia, a estrefendopodia e a estrefexopodia (ou, melhor dizendo, os diferentes desvios do pé: para baixo, para dentro ou para fora), juntamente com a estrefipopodia e a estrefanopodia (por outras palavras, torção para baixo e reviramento para cima), o senhor Homais, com toda

a espécie de raciocínios, exortava o moço da estalagem a deixar-se operar.

– Quando muito, sentirás, talvez, uma ligeira dor, é uma simples picada como a de uma pequena sangria, menos do que a extirpação de certos calos.

Hippolyte, refletindo, revolvia uns olhos estúpidos.

– Eu, no entanto – continuava o farmacêutico –, não tenho nada com isso! É por ti! Simples sentimento humanitário!

Gostava de ver-te, meu amigo, livre da tua hedionda claudicação, com esse baloiçar da região lombar, que, por mais que digas, te deve prejudicar consideravelmente no exercício da tua profissão.

Então, Homais fazia-lhe ver como ele se haveria de sentir depois mais alegre e desembaraçado, e até lhe dava a entender que ficaria em melhores condições de agradar às mulheres, e o moço de cavalaria punha-se a sorrir grosseiramente. Depois atacava-o pelo lado da vaidade:

– Não és um homem, caramba? Que seria então se tivesses de servir no exército, de combater pela pátria?... Ah! Hippolyte!

E Homais afastava-se, declarando que não compreendia aquela teimosia, aquela cegueira em recusar os benefícios da ciência.

O infeliz cedeu, porque foi uma autêntica conjuração. Binet, que nunca se metia nos assuntos dos outros, a senhora Lefrançois, Artémise, os vizinhos e até o administrador, o senhor Tuvache, toda a gente o instigou, lhe fez sermões, o procurou envergonhar, mas o que acabou por convencê-lo foi o facto de não lhe custar dinheiro. Bovary encarregava-se mesmo de oferecer o aparelho para a operação. Emma tivera a ideia dessa generosidade, e Charles acedeu, dizendo para consigo que a sua mulher era um anjo.

Com os conselhos do farmacêutico, e depois de ter voltado três vezes ao princípio, conseguiu então que o marceneiro, ajudado pelo serralheiro, lhe construísse uma espécie de caixa

com o peso aproximadamente de oito libras, em que não houve economia de ferro, madeira, lata, couro, porcas e parafusos.

Entretanto, para saber que tendão cortar a Hippolyte, era necessário primeiro conhecer a espécie de pé boto que ele tinha.

Tinha ele um pé que fazia quase uma linha reta com a perna, o que não impedia que fosse voltado para dentro, de sorte que era um equino combinado com um pouco de varo, ou então um varo ligeiro fortemente acentuado de equinismo. Mas, com aquele pé equino, efetivamente grosso como uma pata de cavalo, de pele rugosa, tendões secos, grandes dedos, em que as unhas negras pareciam os cravos de uma ferradura, o estrefópode galopava como um veado de manhã até à noite. Era continuamente visto na praça, a saltitar em volta das carroças, atirando para a frente o seu membro desigual. Parecia até ter mais vigor naquela perna do que na outra. À força de ser exercitada, ela como que tinha contraído qualidades morais de paciência e energia, e, quando lhe davam algum trabalho importante, era sobre essa perna que ele, de preferência, se apoiava.

Ora, visto tratar-se de um equino, era preciso cortar o tendão de Aquiles, ainda que se tivesse de mexer mais tarde no músculo tibial anterior para resolver o problema do varo, porque o médico não ousava fazer ao mesmo tempo as duas operações, e mesmo assim já se sentia tremer de medo, não fosse atingir alguma região importante que não conhecesse.

Nem Ambroise Paré, aplicando pela primeira vez desde Celso, após quinze séculos de intervalo, a laqueação imediata de uma artéria, nem Dupuytren, quando estava para abrir um abscesso através de uma espessa camada de encéfalo, nem Gensoul, quando fez a primeira ablação do maxilar superior, sentiram provavelmente palpitar tanto o coração, tremer a mão tanto, nem uma tão grande tensão mental como aconteceu ao doutor Bovary quando se aproximou de Hippolyte com o seu tenótomo entre os dedos. E, como nos hospitais, via-se ao lado, em cima de uma mesa, uma quantidade de farrapos de linho, de

linhas enceradas e muitas ligaduras, uma pirâmide de ligaduras, todas as ligaduras que havia em casa do boticário. Fora Homais quem organizara, desde a manhã, todos estes preparativos, tanto para deslumbrar a multidão, como para se iludir a si próprio.

Charles picou a pele, ouviu-se um estalido seco. O tendão estava cortado, a operação terminada. Hippolyte não se refazia da surpresa, inclinava-se sobre as mãos de Bovary para cobri-las de beijos.

– Vamos! Acalma-te – dizia o boticário. – Testemunharás depois o teu reconhecimento ao teu benfeitor!

E desceu a contar o resultado a cinco ou seis curiosos que estacionavam no pátio e imaginavam que Hippolyte ia logo aparecer a andar direito. Depois Charles, tendo afivelado o seu doente ao aparelho mecânico, voltou para casa, onde Emma, toda ansiosa, o esperava à porta. Ela saltou-lhe ao pescoço, sentaram-se à mesa, ele comeu muito e quis até, à sobremesa, tomar uma chávena de café, extravagância que se permitia ter apenas ao domingo, quando havia visitas.

O serão foi encantador, cheio de conversa, de sonhos em comum. Falaram da futura fortuna, dos melhoramentos a fazer na casa, ele via alastrar-se a sua fama, avolumar-se o seu bem-estar, tendo sempre o amor da mulher, e ela sentia-se feliz por se refrescar com um sentimento novo, mais são, melhor, por experimentar, enfim, alguma ternura por aquele pobre rapaz que tanto lhe queria. Passou-lhe pela cabeça, durante um momento, a lembrança de Rodolphe, mas voltou os olhos para Charles: notou até com surpresa que ele não tinha os dentes feios.

Estavam eles na cama quando o senhor Homais, sem atender à cozinheira, entrou de repente no quarto, segurando na mão uma folha de papel em que acabava de escrever. Era a publicidade destinada a *Le Fanal de Rouen*. Vinha trazê-la para que a lessem.

– Leia o senhor mesmo – disse Bovary.

Ele leu:

– “Apesar dos preconceitos que cobrem ainda uma parte da face da Europa como uma rede, a luz começa, contudo, a penetrar nos nossos campos. Foi assim que, na terça-feira, a nossa pequena vila de Yonville se viu teatro de uma experiência cirúrgica que é, ao mesmo tempo, um ato de elevada filantropia. O doutor Bovary, um dos nossos mais distintos especialistas...”

– Oh!, é de mais! É de mais! – dizia Charles, sufocado pela emoção.

– Deixe-se disso, não é nada de mais! Ora essa!... operou um pé aleijado... Não pus o termo científico porque, como sabe, num jornal..., talvez nem toda a gente compreendesse, é preciso que as massas...

– Tem razão – disse Bovary. – Continue.

– Volto a ler – disse o farmacêutico. – “O doutor Bovary, um dos nossos mais distintos especialistas, operou um pé aleijado a Hippolyte Tautain, moço de cavaliçã há vinte e cinco anos no hotel do Leão de Ouro, gerido pela viúva Lefrançois, na Praça de Armas. A novidade da experiência e o interesse que se ligava ao assunto tinha atraído uma tal afluência de habitantes, que havia uma verdadeira multidão à entrada do estabelecimento. A operação, afinal, foi praticada como que por encanto e mal apareceram sobre a pele algumas gotas de sangue, como para assinalar que o tendão rebelde acabava finalmente de ceder aos esforços da arte. O doente, coisa estranha (afirmamolo *de visu*), não acusou nenhuma dor. O seu estado, até ao presente, não deixa nada a desejar. Tudo leva a crer que a convalescença será breve, e quem sabe até se, na próxima festa da vila, não veremos o nosso bom Hippolyte figurar nas danças báquicas, no meio de um coro de alegres companheiros, provando assim perante o olhar de todos, com energia e agilidade nos saltos, a sua completa cura? Honra, pois, aos sábios generosos! Honra aos espíritos infatigáveis que consagram as suas vigílias ao melhoramento ou ainda à cura da espécie humana! Honra!, três vezes honra! Não será este o caso de excluir que os cegos verão, os surdos ouvirão e os coxos

andarão? O que outrora o fanatismo prometia aos seus eleitos oferece hoje a ciência a todos os homens! Manteremos os nossos leitores informados acerca das fases sucessivas desta cura tão extraordinária.”

Isto não impediu que, cinco dias depois, aparecesse a tia Lefrançois, desvairada, a gritar:

– Acudam! Ele está a morrer!... Eu perco a cabeça!

Charles precipitou-se para o Leão de Ouro e o farmacêutico, que o viu passar pela praça, sem chapéu, abandonou a farmácia.

Apareceu ele também esbaforido, afogueado, inquieto, a perguntar a todos os que subiam a escada:

– O que tem então o nosso interessante estrefópode?

O estrefópode contorcia-se em atrozes convulsões, de tal maneira que a caixa mecânica em que tinha a perna encerrada batia contra a parede, a ponto de a esburacar.

Com muitas precauções, para não deslocar a posição do membro, retirou-se então a caixa e viu-se um espetáculo horrroso.

A forma do pé desaparecia numa tal inchação que toda a pele parecia prestes a estalar e estava coberta de equimoses provocadas pelo famoso aparelho.

Hippolyte já se queixara com dores, mas não lhe tinham ligado importância, houve que reconhecer que ele sempre tivera alguma razão e deixaram-no livre durante algumas horas. Mas, mal o edema desaparecera um pouco, logo os dois sábios acharam por bem repor o membro no aparelho, apertando-o mais, para apressar os resultados.

Enfim, três dias depois, como Hippolyte já não aguentava mais, retiraram uma vez mais o mecanismo, ao mesmo tempo que ficavam muito admirados com o resultado que se lhes deparou.

Estendia-se pela perna uma tumefação lívida, com algumas ampolas por onde escorria um líquido escuro. A coisa tomava um aspeto grave. Hippolyte começava a aborrecer-se e a tia

Lefrançois instalou-o na sala pequena, ao pé da cozinha, para que ao menos tivesse alguma distração.

Mas o tesoureiro, que todos os dias ali ia jantar, queixava-se amargamente de tal vizinhança. Levaram então Hippolyte para a sala de bilhar.

Ali estava ele, gemendo debaixo dos grosseiros cobertores, pálido, com a barba crescida, os olhos encovados e, de tempos a tempos, voltando a cabeça coberta de suor na suja almofada onde pousavam as moscas. A senhora Bovary ia vê-lo. Levava-lhe panos para as cataplasmas e consolava-o, animava-o. Aliás, não lhe faltava companhia, sobretudo nos dias de mercado, quando em volta deles os aldeãos empurravam as bolas do bilhar, esgrimiam com os tacos, fumavam, bebiam, cantavam e vociferavam.

– Como estás tu? – perguntavam eles, batendo-lhe no ombro. – Eh, lá!, parece que estás desanimado! Mas a culpa é tua.

Devias fazer isto, fazer aquilo.

E contavam-lhe histórias de indivíduos que se tinham curado com remédios diferentes daqueles, depois, à maneira de consolação, acrescentavam:

– É que ligas demasiada importância a isso! Levanta-te daí! Estás refestelado como um rei! O que é verdade, meu intrujão, é que não estás a cheirar nada bem!

Com efeito, a gangrena ia subindo cada vez mais. O próprio Bovary sentia-se doente com aquilo. Vinha vê-lo a todas as horas, de momento a momento.

Hippolyte olhava-o com olhos espantados e balbuciava, soluçando:

– Quando é que vou ficar bom?... Ai!, salve-me... Oh, que desgraça a minha!, que desgraça a minha!

O médico ia-se embora, voltando a recomendar-lhe a dieta.

– Não lhe dês ouvidos, rapaz – dizia-lhe a tia Lefrançois. Não estás farto de ser martirizado? Ainda apanhas alguma fraqueza. Anda, engole!

E apresentava-lhe um bom caldo, um pedaço de carneiro, um bocado de toucinho e, às vezes, um copinho de aguardente, que ele nem tinha coragem de levar à boca.

O padre Bournisien, sabendo que ele estava a piorar, pediu para o ver. Começou por lastimá-lo da sua doença, dizendo, ao mesmo tempo, que se devia regozijar, pois que essa era a vontade de Nosso Senhor, e aproveitar quanto antes a ocasião para se reconciliar com o Céu.

– Porque – dizia o eclesiástico num tom paternal – tu negligenciavas um pouco os teus deveres, raras vezes aparecias no ofício divino, há quantos anos não te aproximas da mesa da comunhão? Compreendo que as tuas ocupações e o turbilhão do mundo tenham podido afastar-te do cuidado da salvação. Mas agora é o momento de refletir. Não percas a esperança, tenho conhecido grandes culpados que, prestes a comparecer na presença de Deus (bem sei que ainda não chegaste a esse ponto), tinham implorado a sua misericórdia e que certamente morreram nas melhores disposições. Espero que, tal como eles, tu nos dês bons exemplos! De maneira que, por precaução, quem te impede de rezar de manhã e à noite uma ave-maria... e um padre-nosso? Faz então isso! Olha, em atenção a mim, dá-me esse prazer. O que é que te custa?... Prometes-me?

O pobre diabo prometeu. O padre voltou nos dias seguintes.

Cavaqueava com a estalajadeira e até contava anedotas entremeadas de gracejos, de trocadilhos que Hippolyte não entendia. Depois, quando as circunstâncias o permitiam, voltava aos assuntos da religião, assumindo uns ares convenientemente apropriados.

O seu zelo pareceu dar resultado, pois o estrefópode, dentro de pouco tempo, manifestou o desejo de ir em peregrinação ao Bom Socorro, se ficasse curado, ao que o padre Bournisien respondeu que não via nisso nenhum inconveniente, duas precauções valem mais do que uma. Não se perdia nada com isso.

O boticário indignava-se com o que ele chamava as manobras do padre, achava que prejudicavam a convalescença de Hippolyte e repetia para a senhora Lefrançois:

– Deixem-no! Deixem-no! O vosso misticismo perturba-lhe o moral!

Mas a boa mulher não lhe dava ouvidos. Ele era o centro de tudo. Por espírito de contradição, até pendurou à cabeceira do doente uma piazinha de água benta, com um raminho de buxo.

Entretanto, a religião não parecia ajudá-lo mais do que a cirurgia e a invencível podridão ia sempre subindo das extremidades para o ventre. Por mais que tivessem variado as poções e as cataplasmas, os músculos iam mirrando de dia para dia e, por fim, Charles acenou afirmativamente com a cabeça quando a tia Lefrançois lhe perguntou se não podia, como último recurso, mandar chamar o doutor Canivet, de Neufchâtel, que era uma celebridade.

Doutor em Medicina, de cinquenta anos de idade, desfrutando uma boa posição e seguro de si mesmo, o colega não teve pejo de se rir desdenhosamente quando descobriu aquela perna gangrenada até ao joelho. Depois de declarar com toda a franqueza que era necessário amputá-la, foi à farmácia invetivar os asnos que tinham conseguido reduzir um infeliz àquele estado. Sacudindo o senhor Homais pelo botão da sobrecasaca, pôs-se a vociferar:

– Ora aí estão as invenções de Paris! As ideias desses senhores da capital! É como o estrabismo, o clorofórmio e a litotripsia, uma data de monstruosidades que o governo devia proibir! Querem fazer-se espertos e toca de enfiar remédios sem querer saber das consequências. Nós cá não somos tão competentes como eles, não somos sábios, janotas, delambidos, somos é práticos, médicos que curam, e não nos passaria pela cabeça operar quem goza de perfeita saúde! Endireitar pés botos! Mas alguma vez se podem endireitar os pés botos? Era a mesma coisa que querer, por exemplo, endireitar um corcunda!

Homais sofria ao ouvir aquele discurso e dissimulava o seu mal-estar com um sorriso bajulador, por precisar de tratar com deferência o doutor Canivet, cujas receitas chegavam às vezes a Yonville, por isso não tomou a defesa de Bovary, não fez, por seu lado, nenhuma observação e, abandonando os seus princípios, sacrificou a dignidade aos interesses mais sérios do negócio.

Foi na vila um acontecimento importante aquela amputação da coxa pelo doutor Canivet. Todos os habitantes, nesse dia, se haviam levantado mais cedo e a rua principal, apesar de cheia de gente, tinha qualquer coisa de lúgubre, como se se tratasse de uma execução capital. Discutia-se na mercearia a doença do Hippolyte, as lojas não vendiam nada e a senhora Tuvache, mulher do administrador, não arredava da janela, na impaciência de ver chegar o operador.

Este chegou conduzindo o seu próprio cabriolé. Mas, como a mola do lado direito acabara por se cansar com o peso da sua corpulência, acontecia que o veículo seguia um pouco tombado, deixando ver, no outro assento, ao lado do médico, uma grande caixa, coberta de carneira vermelha, com três fechos de cobre brilhando magistralmente.

Quando entrou de rompante no portão do Leão de Ouro, o médico ordenou, aos berros, que lhe desatrelassem o cavalo, depois foi à cavalaria verificar se ele comia bem a aveia, porque, sempre que chegava a casa dos doentes, se ocupava primeiramente da sua égua e do seu cabriolé. Até se dizia, a propósito disso: “Ah!, o doutor Canivet é um tipo original!”, E ainda o estimavam mais por aquele inabalável aprumo. Poderia morrer todo o universo até à última pessoa, que ele não saía do menor dos seus hábitos.

Homais apresentou-se.

– Estou a contar consigo – disse o médico. – Estamos prontos? Então vamos!

Mas o boticário, corando, confessou que era demasiado sensível para assistir a uma operação daquelas.

– Quando se é simples espectador – dizia ele –, a imaginação, como sabe, impressiona-se! E depois tenho o sistema nervoso de tal maneira...

– Ora adeus! – interrompeu Canivet. -o que o senhor me parece é que é propenso à apoplexia. Aliás, isso não me admira nada, porque os senhores farmacêuticos estão sempre encafuados na sua cozinha, o que deve acabar por lhes alterar o temperamento. Olhe bem para mim: todos os dias me levanto às quatro horas, faço a barba com água fria (nunca sinto frio) e não uso flanela, nunca me constipo, tenho uma boa caixa torácica! Vivo ora de uma maneira, ora doutra, como um filósofo, com aquilo que me cai no prato. É por isso que não sou delicado como o senhor e tanto se me faz esquartejar um cristão como a primeira ave que me apareça. Depois disto, o senhor dirá que é o hábito..., o hábito!...

Então, sem qualquer consideração por Hippolyte, que suava de angústia dentro dos lençóis, aqueles senhores entabularam uma conversa em que o boticário comparava o sangue-frio... de um cirurgião com o de um general, e o paralelo agradou a Canivet, que se espraizou em palavreado sobre as exigências da sua arte.

Considerava-a como um sacerdócio, ainda que os oficiais de saúde contribuíssem para o seu descrédito. Por fim, voltando ao doente, examinou as ligaduras trazidas por Homais, as mesmas que tinham sido apresentadas para a operação do pé boto, e reclamou alguém para vir segurar no membro.

Mandaram chamar Lestiboudois, e o doutor Canivet, depois de arregaçar as mangas, passou à sala de bilhar, enquanto o boticário se deixava ficar ao pé de Artémise e da estalajadeira, mais pálidas as duas do que os aventais que traziam, e de ouvido apurado na direção da porta.

Enquanto isto se passava, Bovary não se atrevia a sair de casa. Manteve-se em baixo, na sala, sentado ao pé do fogão apagado, de queixo encostado ao peito, as mãos juntas, os olhos parados. “Que infelicidade”, pensava ele, “que desilusão!”

Tomara, no entanto, todas as precauções imagináveis. Fora a fatalidade que se lhe atravessara no caminho. De qualquer maneira, se Hippolyte viesse ainda a morrer, teria sido ele a assassiná-lo. E, depois, que razões poderia apresentar quando fosse visitar doentes e lhe fizessem perguntas? Talvez, entretanto, se tivesse enganado em qualquer coisa? Procurava, mas não encontrava.

Contudo, até os mais famosos cirurgiões estavam sujeitos a enganar-se. Nisso ninguém iria acreditar!

Pelo contrário, iriam rir-se e falar mal! O caso espalhar-se-ia até Forges!, até Neufchâtel!, até Ruão!, por toda a parte! Quem sabe se alguns colegas não iriam escrever contra ele? Isso daria lugar a uma polémica, seria necessário responder pelos jornais. O próprio Hippolyte poderia mover-lhe um processo. Via-se desacreditado, arruinado, perdido! E a sua imaginação, assaltada por uma multidão de hipóteses, balouçava no meio de todas elas como um barril vazio lançado ao mar, rolando sobre as ondas.

Emma, na frente dele, fitava-o, não participava da sua humilhação, mas sentia outra: a de ter imaginado que semelhante homem pudesse ter algum valor, como se não tivesse já verificado dezenas de vezes a sua mediocridade.

Charles passeava de um lado para outro, na sala. As botas faziam ranger o soalho.

– Senta-te, que me irritas! – disse ela.

Ele sentou-se.

Mas como pudera ela (tão inteligente como era) enganar-se uma vez mais? Além disso, por que deplorável mania haveria de ter estragado assim a sua existência em sacrifícios contínuos?

Recordava todos os seus instintos de luxo, todas as privações da alma, as baixeiras do casamento, da vida doméstica, os sonhos desfeitos na lama como andorinhas feridas, tudo o que havia desejado, tudo o que negara a si mesma, tudo o que poderia ter tido! E porquê? Porquê?

No meio do silêncio que enchia a vila, atravessou o ar um grito lancinante. Bovary ficou pálido como se fosse desmaiar.

Ela franziu as sobrancelhas num gesto nervoso, depois prosseguiu no pensamento. Fora, no entanto, por ele, por aquele ser, por aquele homem que não compreendia nada, que não sentia nada, pois estava ali muito tranquilamente, sem sequer pensar que o ridículo do seu nome iria dali em diante atingi-la a ela tanto como a ele. Fizera esforços para o amar e arrependera-se, chorando, de haver cedido a outro.

– Quem sabe se era um valgo! – exclamou subitamente Bovary, que estivera meditando.

Com o choque imprevisto desta frase caindo-lhe sobre o pensamento como uma bala de chumbo numa salva de prata, Emma, estremecendo, ergueu a cabeça, tentando adivinhar o que ele queria dizer, olharam-se ambos silenciosamente, quase surpreendidos de se verem, de tal modo se encontravam, em espírito, afastados um do outro. Charles contemplava-a com o olhar turvo de um bêbedo, enquanto escutava, imóvel, os últimos gritos do amputado, que se sucediam em modulações arrastadas, cortadas por arranques agudos, como o uivo longínquo de um animal a ser degolado.

Emma mordida os lábios descorados e, rolando entre os dedos um dos raminhos do polipeiro que ela quebrara, fixou sobre Charles o ponto ardente das pupilas, como duas flechas de fogo prestes a disparar. Tudo nele agora a irritava, o rosto, o vestuário, o que ele não dizia, toda a sua pessoa, a sua própria existência. Arrependia-se, como de um crime, da sua virtude passada, e o que dela ainda restava desabava sob os golpes furiosos do seu orgulho. Deleitava-se com todas as ironias maliciosas do adultério triunfante. A recordação do amante vinha-lhe ao espírito com atrações vertiginosas: entregava-lhe a alma, impelida para a sua imagem por um novo entusiasmo, e Charles parecia-lhe tão separado da sua vida, tão definitivamente ausente, tão impossível e aniquilado, como se fosse morrer e estivesse agonizando na sua frente.

Ouviu-se um ruído de passos na rua. Charles olhou e, através da persiana descida, distinguiu ao lado do mercado, em

pleno sol, o doutor Canivet limpando a testa com o lenço. Homais, atrás dele, levava na mão uma grande caixa vermelha e ambos se dirigiam para o lado da farmácia.

Então, por um súbito ataque de ternura e de desânimo, Charles voltou-se para a mulher, dizendo:

– Dá-me um beijo, minha querida!

– Deixa-me – disse ela, rubra de cólera.

– Que tens tu? Mas o que é que tens? – repetia ele, estupefacto. – Acalma-te! Sossega!... Sabes bem que te amo!... Anda cá!

– Basta! – gritou ela com uma expressão terrível.

E fugiu da sala, atirando a porta com tanta força que o barómetro saltou da parede e se fez em pedaços no chão.

Charles deixou-se cair na poltrona, transtornado, pensando no que ela poderia ter, imaginando uma doença nervosa, chorando e sentindo vagamente circular em torno de si qualquer coisa de funesto e incompreensível.

Quando Rodolphe, à noite, chegou ao jardim, encontrou a amante à sua espera ao fundo da escada, sobre o primeiro degrau. Abraçaram-se e todo o seu ressentimento se desfez como a neve ao calor daquele beijo.

CAPÍTULO XII

Recomeçaram a amar-se. Frequentemente, até, ao meio do dia, Emma resolvia escrever-lhe, depois, por dentro dos vidros, fazia sinal a Justin, que desatava rapidamente o avental e corria à Huchette. Rodolphe chegava, era para lhe dizer que estava enfadada, que o marido lhe era odioso e que levava uma existência horrível!

– Posso eu porventura fazer alguma coisa? – exclamou ele um dia, impaciente.

– Ah!, se tu quisesses!...

Ela estava sentada no chão, entre os joelhos dele, com os cabelos soltos, o olhar perdido.

– Continua – disse Rodolphe. Ela suspirou.

– Iríamos viver juntos longe daqui..., em qualquer parte...

– Estás louca, realmente! – disse ele a rir. – Como pode ser uma coisa dessas?

Ela insistiu no assunto, ele fez que não compreendia e desviou a conversação.

O que ele não compreendia era toda aquela perturbação numa coisa tão simples como o amor. Emma tinha um motivo, uma razão, como que um reforço para a sua dedicação.

Aquela ternura, com efeito, aumentava de dia para dia, com a repulsa que sentia pelo marido. Quanto mais se entregava a um, mais detestava o outro, nunca Charles lhe parecia tão desagradável, ter as mãos tão sapudas, o espírito tão grosseiro e os modos tão vulgares como depois destes encontros com Rodolphe, em que passavam algum tempo juntos. Então, enquanto fazia de esposa e mulher virtuosa, sentia-se inflamar pela ideia daquela cabeça cujos cabelos negros se enrolavam em caracol sobre a fronte crestada, daquele corpo ao mesmo tempo tão robusto e tão elegante, daquele homem, enfim, tão cheio de experiência e discernimento, tão arrebatado no desejo! Era para

ele que limava as unhas com um cuidado de cinzelador e punha sempre mais *could cream* na pele e *pachuli* nos lenços.

Carregava-se de braceletes, de anéis, de colares. Quando o esperava, enchia de rosas os seus dois grandes vasos de vidro azul e arrumava o quarto e arranjava-se como uma cortesã que espera um príncipe. A criada tinha de estar sempre a lavar roupa, e, durante o dia todo, Félicité não arredava pé da cozinha, onde o pequeno Justin muitas vezes lhe fazia companhia, vendo-a trabalhar.

Com o cotovelo em cima da grande prancha onde ela passava a ferro, Justin contemplava avidamente toda aquela roupa de mulher espalhada à sua volta: os saiotes de bombazina, os lenços do pescoço, os colarinhos, as calças com cordões, largas nas ancas e estreitas em baixo.

– Para que serve isto? – perguntava o rapazito, passando a mão na crinolina ou nos colchetes.

– Então tu nunca viste nada! – respondia Félicité, rindo. Como se a tua patroa, a senhora Homais, não usasse a mesma coisa.

– Ah, sim!, a senhora Homais! E acrescentava, em tom meditativo:

– E ela é uma senhora como esta?

Mas Félicité impacientava-se de o ver girar assim à sua volta. Tinha mais seis anos do que ele, e Théodore, o criado do senhor Guillaumin, começava a fazer-lhe a corte.

– Deixa-me em paz! – dizia ela, mudando de lugar a tigela de goma. Vai lá mas é pilar as amêndoas, andas sempre a remexer em coisas de mulheres, espera ao menos que te apareçam alguns pelos na barba, meu fedelho maldoso, para depois te meteres nestes assuntos.

– Vá lá, não se zangue comigo, que lhe vou engraxar as botinas.

E logo tirou de cima da prateleira as botinas de Emma, todas empastadas de lama – a lama das saídas à socapa –, que se lhe

desfazia em pó entre os dedos e que ele via pairar levemente num raio de sol.

– Que medo que tu tens de as estragar! – dizia a cozinheira, que não usava de tantos cuidados quando as limpava, porque a senhora, mal começavam a envelhecer, as punha logo de parte.

Emma tinha uma quantidade delas no seu armário, que estragava como lhe apetecia, sem que Charles se permitisse fazer-lhe a mínima observação.

Do mesmo modo desembolsou ele trezentos francos por uma perna de madeira que ela achou conveniente oferecer a Hippolyte. Era enchumada de cortiça, tinha articulações com molas, um complicado mecanismo coberto por uma calça preta e a terminar numa bota envernizada. Mas Hippolyte, não se atrevendo a usar todos os dias uma perna tão bonita, suplicou à senhora Bovary que lhe arranjasse outra mais simples. O médico, bem entendido, fez ainda mais essa despesa.

O moço de cavalaria começou então, pouco a pouco, a sua atividade. Viam-no, como antes, percorrer toda a aldeia e, quando Charles ouvia de longe o bater seco da sua perna de pau sobre a calçada, apressava-se rapidamente a tomar por outro caminho.

Fora o senhor Lheureux, o mercador, que se encarregara da encomenda, isso lhe proporcionava ocasião de conversar de vez em quando com Emma. Falava-lhe das novidades recebidas de Paris, de mil curiosidades femininas, mostrava-se muito complacente e nunca reclamava dinheiro. Emma deixava-se ir nesta facilidade de satisfazer todos os caprichos.

Assim, ela quis mandar vir, para oferecer a Rodolphe, um lindíssimo pingalim que existia em Ruão, num armazém de chapéus de-chuva.

O senhor Lheureux, na semana imediata, apresentou-lho em cima da mesa.

Mas logo no dia seguinte lhe apareceu em casa com uma fatura de duzentos e setenta francos, sem contar os centavos.

Emma ficou muito embaraçada: todas as gavetas da secretária estavam vazias, deviam-se mais de quinze dias a Lestiboudois, dois trimestres à criada, ainda uma quantidade de outras coisas, e Bovary esperava impacientemente o envio que o senhor Derozerays tinha o hábito de lhe fazer, todos os anos, pelas vésperas de São Pedro.

A princípio, Emma conseguiu descartar-se de Lheureux, mas, por fim, ele perdeu a paciência: via-se apertado pelos fornecedores, tinha muito capital na mão dos clientes e, se não recebesse algum dinheiro, seria obrigado a levar outra vez todas as mercadorias com que ela lhe ficara.

– Está bem! Leve-as! – disse Emma.

– Oh!, estava a brincar! – replicou ele. – Só há uma coisa de que tenho pena: é do pingalim. Palavra de honra! Acho que vou pedi-lo ao senhor doutor.

– Não!, não! – acudiu ela.

“Ah!, apanhei-te!”, pensou Lheureux.

E, seguro da sua descoberta, saiu repetindo a meia voz e com o seu assobiozinho habitual:

“Pois seja! Veremos! veremos!”

Ela pensava em como sair daquele apuro, quando a cozinheira entrou, colocando em cima do fogão um pequeno rolo de papel azul, da parte do senhor Derozerays. Emma foi a correr abri-lo. Continha quinze napoleões. Era a conta. Ouviu Charles subir a escada, atirou o ouro para o fundo da sua gaveta e retirou a chave.

Três dias depois, Lheureux voltou a aparecer.

– Tenho uma proposta a fazer-lhe – disse ele. – Se, em vez da importância combinada, a senhora quisesse...

– Aqui a tem – disse ela, colocando-lhe na mão catorze napoleões.

O mercador ficou estupefacto. Então, para dissimular o malogro, desfez-se em desculpas e em ofertas de serviços, que Emma recusou, depois, ela ficou durante alguns minutos apalpando, no bolso do avental, as duas moedas de cem soldos

que ele lhe devolvera. Prometeu a si mesma economizar, a fim de repor mais tarde...

“Ora!”, pensou ela, “nunca mais pensará nisso.”

Além do pingalim com castão de prata dourada, Rodolphe recebera um sinete com esta divisa: *Amor nel cor*, recebeu ainda um lenço para agasalhar o pescoço e, finalmente, uma caixa para charutos igualzinha à do visconde, que Charles em tempos achara na estrada e que Emma conservava consigo.

Entretanto, estas ofertas humilhavam-no. Recusava algumas, ela insistia e Rodolphe acabava por obedecer, achando-a tirânica e demasiado importuna.

Depois, ela tinha ideias estranhas:

– Quando bater a meia-noite – dizia ela –, pensa em mim!

E, se ele confessava ter-se esquecido, fazia-lhe uma quantidade de censuras, terminando sempre com a eterna pergunta:

– Amas-me?

– Claro que te amo! – respondia ele.

– Muito?

– Com certeza!

– E nunca amaste outras?

– Julgas então que me conheceste virgem? – exclamava ele, rindo.

Emma chorava e ele esforçava-se por consolá-la, enfeitando com trocadilhos os seus protestos.

– Oh!, é que eu amo-te! – prosseguia ela. – Amo-te a ponto de não poder passar sem ti, sabes isso? Às vezes tenho desejos de te ver e sinto-me atormentada por todas as fúrias do amor. Ponho-me a perguntar: “Onde estará ele? Quem sabe se está a falar com outras mulheres? Elas sorriem-lhe, ele aproxima-se...” Mas não! Nenhuma outra te agrada, não é verdade? Há algumas mais belas, mas eu sei amar melhor! Sou tua serva e tua concubina. Tu és o meu rei, o meu ídolo, tu és bom, tu és belo!, tu és inteligente!, tu és forte!

Tantas vezes havia ele escutado estas coisas, que já não lhes encontrava nenhuma originalidade. Emma assemelhava-se a todas as amantes, e o encanto da novidade, pouco a pouco, caindo como a roupa que se despe, deixava a nu a eterna monotonia da paixão, que tem sempre as mesmas formas e a mesma linguagem. Rodolphe, um homem com tanta prática, não distinguia a diferença de sentimentos na semelhança das expressões. Porque lábios libertinos ou venais lhe haviam murmurado frases do mesmo género, só muito vagamente acreditava na ingenuidade daquelas.

Era preciso dar o desconto, pensava ele, aos discursos exagerados que escondem afeições medíocres, como se a plenitude da alma não transbordasse por vezes nas metáforas mais ocas, já que jamais alguém pôde dar a exata medida das suas necessidades, ou das suas concepções, ou das suas dores, É que a palavra humana é como um caldeirão rachado em que se batem melodias para fazer dançar os ursos, quando o que se pretendia era enternecer as estrelas.

Mas, com aquela superioridade de crítica que têm os que, seja qual for o empenho, se mantêm de pé atrás, Rodolphe descobriu naquele amor gozos a explorar. Julgou incômoda toda a espécie de pudor. Passou a tratá-la sem qualquer respeito.

Fez dela uma coisa maleável e corrupta. Era uma espécie de apego idiota cheio de admiração por ele, de voluptuosidade para ela, uma felicidade que a entorpecia, afundava-se-lhe a alma nesta embriaguez e nela se afogava, engelhada, como o duque de Clarence no seu tonel de malvasia.

Só por efeito dos seus hábitos amorosos, a senhora Bovary mudou de maneiras. O seu olhar tornou-se mais atrevido e a sua conversação mais livre, cometeu até a inconveniência de passear com o senhor Rodolphe, de cigarro na boca, como que para caçoar das pessoas, enfim, os que ainda duvidavam deixaram de ter dúvidas quando ela foi vista, um dia, descer da *Andorinha*, de corpo cingido por um colete, como os homens, e a própria sogra, que, depois de uma terrível cena com o marido, se viera

refugiar em casa do filho, não foi a senhora menos escandalizada. Muitas outras coisas lhe desagradaram: primeiramente, Charles não dera ouvidos aos seus conselhos sobre a proibição dos romances, depois, também não lhe agradava o gênero da casa, tomou a liberdade de fazer observações e houve zanga, sobretudo uma vez, por causa de Félicité.

A mãe do doutor Bovary, na véspera à noite, ao atravessar o corredor, surpreendera-a na companhia de um homem, um sujeito de colarinho escuro, de cerca de quarenta anos e que, ao ruído dos passos dela, se escapara rapidamente da cozinha. Então, Emma desatou a rir, mas a boa senhora exaltou-se, declarando que, salvo querendo escarnecer dos bons costumes, devia vigiar os hábitos dos criados.

– A que mundo pertence a senhora? – retorquiu a nora, com um olhar de tal modo impertinente que a mãe Bovary lhe perguntou se ela, com semelhante atitude, não estaria defendendo a sua própria causa.

– Saia! – gritou Emma, levantando-se de um pulo.

– Emma!... Mamã!... – exclamava Charles, para as reconciliar.

Mas ambas tinham desaparecido, levadas pela exasperação. Emma batia o pé, ao mesmo tempo que repetia:

– Oh, que modos! Que grosseria!

Ele correu para a mãe, ela tinha perdido as estribeiras e balbuciava:

– É uma insolente!, uma estouvada!, ou coisa pior ainda!

E queria ir-se embora imediatamente se a outra não lhe viesse pedir desculpa. Charles voltou então para o pé da mulher e suplicou-lhe que cedesse, pôs-se de joelhos e ela acabou por responder:

– Está bem! Vou.

Efetivamente, estendeu a mão à sogra com uma dignidade de marquesa, dizendo-lhe:

– Desculpe, minha senhora.

Depois, subindo ao quarto, Emma atirou-se de bruços para cima da cama e chorou como uma criança, com a cabeça enterrada no travesseiro.

Tinham combinado, ela e Rodolphe, que, no caso de acontecer qualquer coisa de extraordinário, ela prenderia à persiana um pedaço de papel branco, para que, no caso de ele se encontrar em Yonville, acorrer logo ao beco, atrás da casa. Emma fez o sinal, e já havia três quartos de hora que esperava quando, subitamente, avistou Rodolphe à esquina do mercado. Teve a tentação de abrir a janela e de o chamar, mas ele já desaparecera. Caiu de novo no seu desespero.

Logo de seguida, no entanto, pareceu-lhe ouvir passos na calçada. Era ele, com certeza, ela desceu a escada e atravessou o pátio. Ele lá estava, do lado de fora. Emma atirou-se-lhe nos braços.

– Vê lá, tem cuidado! – disse ele.

– Oh!, se tu soubesses! – respondeu ela.

E pôs-se a contar-lhe tudo, à pressa, sem nexos, exagerando os factos, inventando algumas coisas e voltando tantas vezes atrás que ele acabou por não compreender nada do que se passara.

– Então, meu pobre anjo, coragem, anima-te, tem paciência!

– Mas já há quatro anos que tenho paciência e que sofro!...

Um amor como o nosso devia confessar-se diante do Céu! Eles estão a torturar-me. Já não aguento mais! Salva-me!

Ela estreitava-se contra Rodolphe. Os seus olhos, inundados de lágrimas, pareciam luzes cintilando debaixo de água, a garganta contraía-se-lhe numa respiração ofegante, nunca Rodolphe sentira tanto amor por ela, a tal ponto que perdeu a cabeça e lhe disse:

– Que achas então que devemos fazer?

– Leva-me! – gritou ela. – Foge comigo!... Peço-te por tudo que me leves.

E precipitou-se sobre a boca dele, como que para agarrar ali o inesperado consentimento que, na forma de um beijo, se exalava.

– Mas... – retornou Rodolphe.

– Mas o quê?

– E a tua filha?

Ela refletiu alguns minutos e depois respondeu:

– Levamo-la connosco e pronto!

– Que mulher! – disse ele para consigo, vendo-a afastar-se.

Emma escapara-se para o jardim, pois estavam a chamá-la.

A mãe Bovary, nos dias seguintes, ficou muito admirada com a transformação da sua nora. Efetivamente, Emma mostrou-se mais dócil e levou a deferência ao ponto de lhe pedir uma receita para fazer conserva de pepinos.

Seria na intenção de melhor os iludir a ambos? Ou queria ela, por uma espécie de voluptuoso estoicismo, sentir mais profundamente a amargura das coisas que iria abandonar? Mas não prestava qualquer atenção a esse género de sentimentos, vivia, pelo contrário, como perdida no antegozo da sua próxima ventura. Com Rodolphe era um inesgotável tema de conversação.

Apoiava-se ao ombro dele e murmurava:

– Hem? Quando estivermos na mala-posta!... Já pensaste bem? Será possível? A mim parece-me que, quando sentir a carruagem arrancar, será como se subíssemos num balão, como se partíssemos em direção às nuvens. Sabes que estou a contar os dias?... E tu?

Nunca a senhora Bovary estivera tão bela como naquela época, tinha aquela indefinível beleza que resulta da alegria, do entusiasmo, do êxito, e que é nem mais nem menos que a harmonia do temperamento com as circunstâncias.

Os seus desejos, os seus pesares, a experiência do prazer e as ilusões constantemente renovadas, como o adubo, a chuva, os ventos e o Sol fazem às flores, tinham-na feito desenvolver gradualmente e desabrochava, por fim, na plenitude da sua

natureza. As pálpebras pareciam talhadas expressamente para os seus longos olhares amorosos, em que a pupila se perdia, enquanto uma forte respiração fazia arquear as narinas delicadas e levantava o canto carnudo dos lábios, onde, à luz, se via a leve sombra de um pouco de penugem escura. Dir-se-ia que um artista hábil em seduções lhe havia disposto sobre a nuca o rolo dos cabelos: enrolavam-se numa massa pesada, negligentemente, aos acasos do adultério, que todos os dias os desmanchava. A voz tomava-lhe agora inflexões mais lânguidas, o mesmo acontecendo com o busto, qualquer coisa de subtil e penetrante se lhe desprendia até das pregas do vestido e do arqueamento do pé. Charles, como nos primeiros tempos do casamento, achava-a deliciosa e irresistível de todo.

Quando ele regressava a meio da noite, não se atrevia a acordá-la. A lamparina de porcelana arredondava no teto uma claridade trémula e as cortinas fechadas do pequeno berço formavam como que uma cabana branca que sobressaía da sombra, ao lado da cama. Charles contemplava-as. Parecia-lhe ouvir a leve respiração da filha. Ela iria agora crescer, cada estação do ano levá-la-ia a fazer rapidamente um novo progresso. Já a via regressando da escola ao fim da tarde, toda risonha, com o bibe manchado de tinta, de cestinha no braço, depois seria preciso pô-la num colégio, o que representaria uma despesa grande, como haveria de ser? Então refletia. Pensava em arrendar uma pequena quinta nos arredores, que ele mesmo vigiaria, todas as manhãs, quando saísse para ir ver os doentes. Pouparia então a receita e pô-la-ia na caixa económica, depois compraria ações em qualquer parte, fosse do que fosse, além disso, a clientela aumentaria, contava que assim sucedesse, porque queria que Berthe tivesse uma boa educação, que fosse prendada, que aprendesse piano. Ah!, como haveria de ser linda, mais tarde, quando tivesse quinze anos, quando, parecendo-se com a mãe, usasse, como ela, grandes chapéus de palha! De longe pareciam duas irmãs. Imaginava-a trabalhando à noite junto deles, à luz do candeeiro, bordaria umas pantufas para ele,

tomaria conta do governo doméstico e encheria toda a casa com a sua gentileza e alegria.

Finalmente, pensariam em dar-lhe uma situação: encontrariam para ela um bom rapaz com uma posição sólida, ele fá-la-ia feliz e assim seria para sempre.

Emma não dormia, fingia que estava adormecida, e, enquanto ao seu lado Charles se deixava vencer pelo sono, ela despertava em sonhos diferentes.

Ao galope de quatro cavalos, era arrebatada, havia oito dias, para um país novo, donde não mais voltariam. Iam, iam, de braços enlaçados, sem falar. Muitas vezes, do alto de uma montanha, avistavam subitamente alguma esplêndida cidade com os seus zimbórios, pontes, navios, florestas de limoeiros e catedrais de mármore branco, cujos campanários pontiagudos sustentavam ninhos de cegonhas. Caminhava-se a passo, por causa das grandes lajes, e havia no chão ramos de flores oferecidos por mulheres em corpete encarnado. Ouviam-se tocar os sinos, relinchar os cavalos, juntamente com o gemido das guitarras e o murmúrio das fontes, dissipando vapor que refrescava pilhas de frutos, dispostos em pirâmide junto de estátuas pálidas que sorriam sob os jatos de água. Depois chegavam, uma noite, a uma aldeia de pescadores, onde redes escuras secavam ao vento, ao longo da falésia e das cabanas. Era lá que ficariam a viver, morariam numa casa baixa, de telhado plano, à sombra de uma palmeira, no fundo de um golfo, à beira do mar. Passeariam de gôndola, baloiçar-se-iam na rede suspensa, teriam uma existência fácil e folgada como as suas roupas de seda, cálida e cheia de estrelas como as noites suaves que contemplariam. Entretanto, na imensidão daquele futuro que, na sua imaginação, ela fazia aparecer, nada de particular acontecia, os dias, todos magníficos, eram semelhantes como as ondas, e a cena estendia-se até ao horizonte, infinita, harmoniosa, azulada e coberta de sol. Mas a criança punha-se a tossir no seu bercinho, ou então Bovary ressonava com mais força, e Emma só adormecia de manhã, quando a aurora

embranquecia as vidraças e já o pequeno Justin, na praça, abria os taipais da farmácia.

Mandara chamar o senhor Lheureux e dissera-lhe:

– Vou precisar de um capote, um capote largo, de gola grande, e forrado.

– Vai viajar? – perguntou ele.

– Não, mas..., não interessa, conto consigo não é verdade?, e com pressa!

Ele inclinou-se.

– Preciso ainda de um baú... – continuou –, não muito pesado..., cómodo.

– Sim, sim, perfeitamente, de cerca de noventa e dois centímetros por cinquenta, como agora se fazem.

– E um saco de dormir.

“Decididamente”, pensou Lheureux, “aqui há trapalhada.”

– E olhe – disse a senhora Bovary, tirando o relógio do cinto –, leve isto, pagar-se-á com o que lhe render.

Mas o negociante exclamou que não era preciso, conheciam-se, ia lá agora desconfiar dela? Que criancice! Ela insistiu, no entanto, em que levasse pelo menos a corrente, e já ele a metera no bolso e se ia embora, quando Emma o chamou novamente:

– Deixe ficar tudo em sua casa. Quanto ao capote – ela pareceu refletir –, também não o traga, dê-me só o endereço do alfaiate e previna-o para que o tenha à minha disposição.

Era no mês seguinte que deviam fugir. Ela sairia de Yonville como se fosse para ir fazer compras a Ruão. Rodolphe teria marcado os lugares, conseguido os passaportes e até escrito para Paris, a fim de terem transporte completo até Marselha, onde comprariam uma caleche e, de lá, continuariam sem parar, pela estrada de Génova. Ela teria tido o cuidado de mandar para casa de Lheureux a bagagem, que seria levada diretamente à *Andorinha*, de modo que assim ninguém suspeitaria, e, em tudo aquilo, a filha não entrava nos planos. Rodolphe evitava falar no assunto, talvez ela já não pensasse mais nisso.

Ele quis ter ainda mais duas semanas na sua frente, para terminar alguns preparativos, depois, ao cabo de oito dias, pediu outros quinze, depois disse que estava doente, em seguida foi fazer uma viagem, o mês de agosto passou, e, após todos aqueles atrasos, acertaram em que seria irrevogavelmente para o dia 4 de setembro, uma segunda-feira.

Finalmente chegou o sábado da antevéspera. Rodolphe apareceu à noite, mais cedo que de costume.

– Está tudo pronto? – perguntou-lhe ela.

– Está.

Deram então a volta a um canteiro e foram sentar-se perto do terraço, sobre o parapeito do muro.

– Estás triste – disse Emma.

– Não, porquê?

Apesar disso, ele olhava-a com meiguice, de um modo singular.

– É por te ires embora? – continuou ela –, por deixares os teus amigos, a tua vida? Ah!, compreendo... Mas eu não tenho nada neste mundo! Tu és tudo para mim. Serei também tudo para ti, serei a tua família, a tua pátria, tratarei de ti, amar-te-ei.

– És encantadora! – disse ele, tomando-a nos braços.

– Verdade? – respondeu ela, com um risinho de volúpia. Amas-me? Então jura!

– Se te amo! Se te amo! Mas adoro-te, meu amor!

A Lua, bem redonda e cor de púrpura, erguia-se a rasar o horizonte, ao fundo da pradaria. Subia rápida entre os ramos dos ulmeiros, que de vez em quando a escondiam, como uma cortina preta com buracos. Depois ela apareceu, resplendente de brancura, no céu limpo que iluminava, e então, afrouxando a sua marcha, deixou cair sobre o rio uma grande mancha, que produzia uma infinidade de estrelas, aquele clarão de prata parecia retorcer-se ali até ao fundo, à maneira de uma serpente sem cabeça, coberta de escamas luminosas. Assemelhava-se também a um monstruoso candelabro, ao longo do qual corriam gotas de diamante em fusão. A noite meiga estendia-se em redor

deles, toalhas de sombra cobriam a folhagem. Emma, de olhos semicerrados, aspirava com grandes suspiros o vento fresco que soprava. Não falavam um ao outro, perdidos como estavam na invasão dos seus devaneios. A ternura dos dias passados voltava a inundar-lhes o coração, abundante e silenciosa como o rio que corria, com tanta indolência quanta se exalava do perfume das silindras, projetando-lhes na memória sombras mais vastas e mais melancólicas do que aquelas que os salgueiros imóveis estendiam no chão. De vez em quando, um animal noturno, ouriço ou doninha, saindo à caça, fazia deslocar as folhas, ou então ouvia-se por instantes um pêssego maduro cair sozinho da latada.

– Oh!, que noite maravilhosa! – disse Rodolphe.

– Vamos ter outras noites maravilhosas! – respondeu Emma.

E, como se falasse consigo mesma:

– Sim, vai ser bom viajar... Porque terei então, apesar de tudo, o coração triste? Será a apreensão do desconhecido..., o efeito dos hábitos que se abandonam..., ou será...? Não, é o excesso de felicidade! Sou muito fraca, não sou? Perdoa-me!

– Ainda é tempo! – exclamou ele. – Pensa bem, que talvez te venhas a arrepender.

– Nunca! – respondeu ela impetuosamente.

E, aproximando-se mais dele:

– Que infelicidade me poderá então acontecer? Não há deserto, nem precipício, nem oceano que eu não seja capaz de atravessar contigo. À medida que formos vivendo juntos, será como um abraço cada vez mais apertado, mais completo! Não teremos nada que nos perturbe, nenhuma preocupação, nenhum obstáculo! Estaremos sós, entregues a nós mesmos, eternamente... Fala, responde-me.

Ele ia respondendo a intervalos regulares: “Sim... sim!...” Emma passara-lhe as mãos pelos cabelos e repetia com uma voz infantil, apesar das grandes lágrimas que lhe corriam pelo rosto:

– Rodolphe! Rodolphe!... Oh!, Rodolphe, meu querido Rodolphe!

Soou a meia-noite.

– Meia-noite! – exclamou ela. – Vamos, é amanhã! Só mais um dia!

Ele levantou-se para se ir embora, e, como se aquele gesto de Rodolphe tivesse sido o sinal para a fuga, Emma, repentinamente, assumindo um tom alegre:

– Tens os passaportes?

– Tenho.

– Não te esqueces de nada?

– Não.

– Tens a certeza?

– Tenho a certeza.

– É no Hotel de Provença, não é, que esperas por mim?... , ao meio-dia?

Ele fez um gesto com a cabeça.

– Então, até amanhã! – disse Emma, com uma última carícia.

E ficou a vê-lo afastar-se.

Rodolphe não se voltou. Emma correu atrás dele e, debruçando-se à beira da água, entre os silvados:

– Até amanhã! – exclamou.

Ele estava já do outro lado do rio e caminhava rapidamente pela pradaria.

Passados alguns minutos, Rodolphe parou, e, quando a viu com o seu vestido branco desvanecer-se pouco a pouco na sombra como um fantasma, começou-lhe o coração a bater com tal intensidade, que teve de se encostar a uma árvore para não cair.

– Que imbecil que eu sou! – disse ele, praguejando espantosamente. – Não tem importância, era uma linda amante!

E, no mesmo instante, veio-lhe novamente ao espírito a beleza de Emma, com todos os prazeres daquele amor. Primeiro enterneceu-se, depois revoltou-se contra ela.

– Com franqueza – exclamava ele gesticulando –, não me posso expatriar, ficar com a responsabilidade de uma criança.

Dizia coisas para reforçar a decisão tomada.

– E, além disso, as atrapalhões, a despesa... Ah!, não, não, mil vezes não! Seria estúpido de mais.

CAPÍTULO XIII

Mal chegou a casa, Rodolphe sentou-se bruscamente à escrivaninha, debaixo da cabeça de veado posta na parede à maneira de troféu. Mas, quando pegou na pena, não foi capaz de escrever nada, de modo que, apoiando-se nos dois cotovelos, se pôs a refletir. Emma parecia ter recuado para um passado longínquo, como se a resolução por ele tomada tivesse estabelecido subitamente entre os dois um imenso intervalo.

Para tornar a evocar qualquer coisa dela, foi procurar no armário, à cabeceira da cama, uma velha caixa de biscoitos de Reims, onde tinha o hábito de meter todas as cartas de mulheres. De dentro saiu um cheiro de poeira húmida e rosas murchas. Primeiro encontrou um lenço de bolso, coberto de gotinhas desmaiadas. Era um lenço dela, de uma vez que, a passear, deitara sangue pelo nariz, já nem se lembrava. Havia depois, dobrado em todos os cantos, o retrato oferecido por Emma, o traje pareceu-lhe pretensioso e o olhar, afetado, do mais deplorável efeito, depois, à força de olhar para aquela imagem e de evocar a recordação do modelo, os traços de Emma foram-se-lhe pouco a pouco confundindo na memória, como se a figura viva e a figura pintada, roçando-se uma na outra, se tivessem reciprocamente apagado. Finalmente, leu cartas dela, estavam cheias de explicações referentes à viagem, breves, técnicas e insistentes como cartas comerciais. Quis rever as longas, as de outrora, para encontrá-las no fundo da caixa, Rodolphe desarrumou todas as outras, e, maquinalmente, pôs-se a remexer aquele monte de papéis e de coisas, encontrando a trouxe-mouxe ramalhetes, uma liga, uma máscara negra, alfinetes e cabelos – cabelos!, escuros, louros, alguns, até, presos à ferragem da caixa, partiam-se quando a abria.

Vagueando assim no meio das suas recordações, examinava as caligrafias e o estilo das cartas, tão variadas como as respetivas ortografias. Eram ternas ou joviais, galhofeiras ou melancólicas, algumas pediam amor e outras pediam dinheiro.

A propósito de uma palavra, lembrava-se de feições, de certos gestos, de um som de voz, no entanto, algumas vezes não se lembrava de nada.

Efetivamente, aquelas mulheres, acorendo-lhe todas juntas ao pensamento, apertavam-se umas às outras e reduziam as suas proporções, como que no mesmo nível de amor que as fazia iguais. Pegando então num punhado daquelas cartas todas misturadas, entreteve-se durante alguns momentos a fazê-las cair em cascata, da mão direita para a mão esquerda. Por fim, entediado, sonolento, Rodolphe voltou a colocar a caixa dentro do armário, dizendo para si mesmo:

“Que monte de patéticos!...”

Isto resumia a sua opinião, porque os prazeres, como garotos no pátio de um colégio, de tal modo lhe haviam espezinhado o coração que nenhuma verdura nele nascia, e quem por lá passava, mais estouvado do que as crianças, nem ao menos deixava, como elas, o nome gravado na parede.

“Vamos lá começar”, pensou ele!

Escreveu:

Coragem, Emma! Tenha coragem! Não quero fazer a infelicidade da sua existência...

“No fim de contas, é verdade”, pensou Rodolphe. “Procedo no seu interesse, sou honesto.”

Acaso ponderou maduramente a sua determinação? Sabe o abismo para o qual eu a estava arrastando, pobre anjo? Não sabe, pois não? Ia confiante e louca, acreditando na felicidade, no futuro... Como somos infelizes, insensatos!

Rodolphe deteve-se para procurar aqui uma boa desculpa.

“Se eu lhe dissesse que perdi toda a minha fortuna?... Isso não! Aliás não resolveria nada. Daria para recomeçar mais tarde. Pode-se lá fazer ouvir a razão a mulheres daquele gênero!”

Refletiu e depois acrescentou:

Nunca a esquecerei, acredite-me, e terei sempre por si uma profunda dedicação, mas, um dia, mais tarde ou mais cedo, este ardor (é essa a sorte de tudo o que é humano) reduzir-se-ia, sem dúvida! Surgir-nos-ia o enfado, e quem sabe se até eu não passaria pelo atroz sofrimento de assistir aos seus remorsos e de participar eu próprio neles, por ter sido o causador de tudo. Basta-me a ideia dos seus desgostos para me torturar, Emma! Esqueça-me! Porque haveria eu

de conhecê-la? E porque haveria de ser tão bela? Serei culpado disso? Oh, meu Deus!

Não, não me acuse. A culpa é da fatalidade!

“Aqui está uma palavra que produz sempre efeito”, pensou ele.

Se a Emma fosse uma dessas mulheres de coração frívolo, como se veem tantas, então sim, eu teria podido, por egoísmo, tentar uma experiência sem perigo para si. Mas essa deliciosa exaltação, causa ao mesmo tempo do seu encanto e do seu tormento, impede-a de compreender, mulher adorável, a falsidade da nossa posição futura. Tão-pouco tinha eu a princípio refletido nisso e descansava à sombra dessa felicidade ideal, como à sombra da mançanilha, sem prever as consequências.

“Ela vai talvez acreditar que é por avareza que renuncio... Deixá-lo! Não faz mal! O que é preciso é acabar com isto!”

O mundo é cruel, Emma. Onde quer que estivéssemos, ele perseguir-nos-ia. Teria de suportar perguntas indiscretas, a calúnia, o desdém, talvez até o ultraje. O ultraje para si!

Não!... O que eu desejaria era fazê-la sentar sobre um trono!

Levo a recordação da sua pessoa como um talismã! Sim, porque me puno com o desterro de todo o mal que lhe tenho causado.

Vou-me embora. Para onde? Nada sei, porque estou louco! Seja sempre boa! Conserve a lembrança do desgraçado que a perdeu.

Ensine o meu nome à sua filha, para que o repita nas suas orações.

A chama das duas velas estremecia. Rodolphe levantou-se para ir fechar a janela e, quando se voltou a sentar, pensou:

“Parece-me que é tudo. Ah!, ainda mais isto, para que não venha outra vez agarrar-se a mim:”

Já estarei longe quando ler estas tristes linhas, pois quis fugir bem depressa para evitar a tentação de voltar a vê-la. Nada de fraquezas! Voltarei depois, e talvez que, mais tarde, possamos conversar juntos, friamente, sobre os nossos antigos amores. Adeus!

E havia um último adeus, separado em duas palavras: “A Deus!”, o que lhe pareceu de muito bom efeito.

“Agora como é que eu vou assinar?” pensou ele. “Seu muito dedicado?... Não. Seu amigo?... Sim, é isso.”

Seu amigo.

Releu a carta. Pareceu-lhe boa.

“Pobre mulher!”, pensou, com enternecimento. “Vai acreditar que sou mais insensível do que uma rocha, faziam falta algumas lágrimas em cima disto, mas não sou capaz de chorar, não tenho culpa.” Então, pondo água num copo, Rodolphe molhou um dedo e deixou cair do alto uma grande gota que fez uma mancha esbatida sobre a tinta, depois, querendo lacrar a carta, encontrou o sinete *Amor nel cor*.

“Isto é que não vem nada a propósito... Ora, não tem importância!” No fim de tudo fumou três cachimbadas e foi-se deitar.

No dia seguinte, quando se levantou (cerca das duas horas, porque se deitara tarde), mandou apanhar um cesto de damascos.

Colocou a carta no fundo, debaixo de folhas de parreira, e deu imediatamente ordem a Girard, o moço do arado, que levasse aquilo delicadamente a casa da senhora Bovary. Costumava servir-se daquele meio para se corresponder com ela, enviando-lhe, conforme a época do ano, fruta ou caça.

– Se ela te pedir notícias minhas – disse-lhe ele –, responde que saí para uma viagem. Tens de entregar o cesto diretamente nas mãos dela... Vai, anda, e tem cuidado!

Girard envergou a sua blusa nova, atou o lenço por cima dos damascos e, caminhando a passos largos e pesados nas suas enormes galochas ferradas, tomou tranquilamente o caminho de Yonville.

A senhora Bovary, quando o rapaz lá chegou, estava com Félicité, arrumando, em cima da mesa da cozinha, um embrulho de roupa.

– Aqui está isto que o meu patrão lhe manda – disse o moço.

Emma sentiu-se imediatamente apreensiva e, enquanto procurava qualquer moeda no bolso, fitava o camponês com olhos desvairados, enquanto este, por sua vez, a olhava espantado, não compreendendo como um presente tão simples pudesse comover alguém daquele modo. Finalmente, o rapaz saiu.

Félicité ficou. Emma não aguentava mais, correu para a sala como se lá fosse colocar os damascos, despejou o cesto, arrancou as folhas, achou a carta, abriu-a e, como se atrás dela houvesse um terrível incêndio, desatou a fugir para o quarto, aterrorizada.

Charles estava lá, ela viu-o, ele falou-lhe, ela não ouviu nada e continuou a subir rapidamente os degraus, ofegante, desvairada, entontecida, segurando sempre aquela horrível folha de papel, que lhe estalava entre os dedos como um bocado de lata. No segundo andar parou diante da porta do sótão, que estava fechada.

Então quis acalmar-se, lembrou-se da carta, tinha de acabar de a ler, mas não conseguia. Além disso, onde? Como? Os outros vê-la-iam.

“Ah! Não, aqui estarei bem”, pensou. Empurrou a porta e entrou.

O telhado de ardósia deixava cair a prumo um calor pesado que lhe apertava as fontes e a sufocava, arrastou-se até à trapeira fechada, correu-lhe o ferrolho e a luz jorrou deslumbrante no mesmo momento.

Em frente, para além dos telhados, estendia-se a planície até se perder de vista. Em baixo, a praça da vila estava deserta, as pedras do ladrilho cintilavam, os cata-ventos das casas mantinham-se imóveis, à esquina da rua, saía de um andar inferior uma espécie de ronco com modulações estridentes. Era Binet a torneiar.

Emma encostara-se ao peitoril da água-furtada e relia a carta com risadas de cólera. Mas, quanto mais fixava nela a atenção, mais as ideias se lhe confundiam. Continuava a vê-lo, a ouvi-lo, a estreitá-lo nos braços, no peito, as pulsações do coração causavam-lhe a sensação de fortes pancadas de aríete, acelerando-se umas após outras, com intermitências desiguais.

Lançava o olhar em redor, sentindo o desejo de que o mundo se desmoronasse. Porque não acabar com tudo? Quem a impediria? Era livre. E avançou, olhou para a calçada e disse para consigo:

“Vamos! Vamos!” O raio luminoso que vinha diretamente de baixo atraía-lhe para o abismo o peso do corpo. Parecia-lhe que o solo da praça oscilava, elevando-se ao longo das paredes, e que o sobrado se inclinava para a extremidade, como um navio sobre as ondas. Emma segurava-se mesmo à borda, quase suspensa, rodeada por um grande espaço. O azul do céu invadia-a, o ar circulava-lhe na cabeça vazia, bastava-lhe ceder, deixar-se levar, e o ronco do torno não parava, como uma voz furiosa que a estivesse chamando.

– Ó mulher!, mulher! – gritou Charles.

Emma deteve-se.

– Mas onde é que estás? Vem daí!

A consciência de ter acabado de escapar à morte quase a fez desmaiar de terror, fechou os olhos, depois estremeceu ao contacto de uma mão que lhe tocava no braço: era Félicité.

– O senhor está à sua espera, a sopa já está nos pratos.

E teve de descer! Não teve outro remédio senão sentar-se à mesa!

Experimentou comer. Os pedaços de comida sufocavam-na. Então desdobrou o guardanapo, como que para examinar as passagens que tinha, e procurou mesmo entregar-se a esse trabalho, contar os fios do tecido. Subitamente voltou a lembrar-se da carta. Tinha-a então perdido? Onde poderia encontrá-la? Mas sentia-se tão esgotada que não conseguiu inventar nenhum pretexto para se levantar da mesa. Além disso acobardara-se, tinha medo de Charles, ele com certeza sabia de tudo!

Efetivamente, ele pronunciou, de modo singular, as seguintes palavras:

– Parece que não veremos tão cedo o senhor Rodolphe.

– Quem foi que te disse? – respondeu ela, estremecendo.

– Quem me disse? – replicou ele, um pouco surpreendido com o tom brusco dela. – Foi o Girard, que encontrei há momentos à porta do Café Francês. Parece que vai ou que foi fazer uma viagem.

Emma teve um soluço.

– Porque é que te admiras? Ele ausenta-se assim de tempos a tempos para se distrair e acho que faz muito bem! Quando se tem uma fortuna e se é ainda novo!... Aliás, o nosso amigo diverte-se à larga! É um grande estroina. O senhor Langlois contou-me...

Calou-se, por decoro, por causa da criada, que entrava nesse momento. Esta repôs dentro do cesto os damascos espalhados em cima do aparador,

Charles, sem notar o rubor da mulher, pediu os frutos, pegou num e deu-lhe uma dentada.

– Oh! Magnífico! – dizia ele. – Toma, prova.

E estendeu-lhe o cesto, que ela repeliu delicadamente.

– Mas cheira: que perfume! – insistiu ele, passando-o várias vezes por debaixo do nariz de Emma.

– Falta-me o ar! – exclamou ela, levantando-se de um pulo.

Mas, por um esforço de vontade, este espasmo desapareceu, depois continuou:

– Não é nada! Não é nada! É nervoso! Senta-te e come!

Porque temia que lhe fizessem perguntas, que a fossem tratar, que não a deixassem mais.

Charles, para obedecer, voltara a sentar-se e cuspiu na mão os caroços dos damascos, que colocava seguidamente no prato.

Subitamente passou na praça, a trote rápido, um tálburi azul. Emma deu um grito e caiu hirta, de costas, no chão.

Com efeito, Rodolphe, depois de muitas reflexões, decidira-se a partir para Ruão. Ora, como da Huchette para Buchy não há outro caminho senão o de Yonville, teve de atravessar a vila, e Emma reconheceu-o, à luz das lanternas que, como um relâmpago, rasgavam o crepúsculo.

O farmacêutico, com o tumulto que se produziu em casa do Bovary, precipitou-se para lá. A mesa, com todos os pratos, estava tombada: molho, carne, facas, saleiro e galheteiro, tudo espalhado pelo aposento, Charles pedia socorro, Berthe, assombrada, gritava e Félicité, com as mãos a tremer, desapertava a senhora, que tinha movimentos convulsivos por todo o corpo.

– Vou a correr ao laboratório – disse o boticário – buscar um pouco de vinagre aromático.

Depois, quando ela voltou a abrir os olhos com o cheiro do frasco, disse ainda:

– Eu tinha a certeza, isto até acordava um morto.

– Fala! – dizia Charles, fala conosco! Sossega! Sou eu, o teu Charles, que te ama! Não me reconheces? Olha, aqui tens a tua filhinha: vá, dá-lhe um beijo!

A criança estendia os braços à mãe para se lhe pendurar no pescoço. Mas, desviando a cabeça, Emma disse com voz sacudida:

– Não, não... ninguém!

E tornou a desmaiar. Levaram-na para a cama.

Ficou ali estendida, de boca aberta, com as pálpebras cerradas, as mãos estendidas, imóvel e branca como uma estátua de cera. Dos olhos saíam-lhe dois fios de lágrimas que corriam lentamente sobre o travesseiro.

Charles, de pé, conservava-se ao fundo da alcova e o farmacêutico, junto dele, mantinha o silêncio meditativo que convém adotar nas ocasiões sérias da vida.

– Tenha calma – disse ele, dando-lhe um toque no cotovelo. – Parece-me que o paroxismo já passou.

– Sim, agora está a repousar um pouco! – respondeu Charles, que a via dormir. – Minha pobre mulher!... Minha pobre mulher!... Foi uma recaída!

Então, Homais quis saber como tinha surgido aquele acidente.

Charles respondeu que lhe tinha sobrevivendo repentinamente, quando ela estava comendo damascos.

– É extraordinário!... – continuou o farmacêutico. – Mas podem até ter sido os damascos que lhe provocaram a síncope!

Há temperamentos extremamente sensíveis em relação a determinados aromas. Seria um bom assunto de investigação, tanto no aspeto patológico como no aspeto fisiológico. Os padres, que sempre utilizaram perfumes nas suas cerimónias, conhecem-lhes a importância. Fazem isso para nos embotar a mente e provocar êxtases, o que é, aliás, fácil de conseguir em pessoas do sexo feminino, que são mais delicadas do que nós. Conhecem-se casos de algumas que desmaiaram com o cheiro de chifre queimado, de pão quente...

– Cuidado, para não a despertar! – disse Bovary em voz baixa.

– E não são apenas os humanos – continuou o boticário –, mas até os animais estão sujeitos a estas anomalias. O doutor naturalmente não desconhece o efeito singularmente afrodisíaco que provoca o *Nepeta cataria*, vulgarmente chamada erva de-gato, na espécie felina, por outro lado, para lhe citar um exemplo de que garanto a autenticidade, Bridoux (um dos meus antigos camaradas, atualmente estabelecido na Rue Malpalu) possui um cão que entra em convulsões de cada vez que se lhe apresenta uma caixa de rapé. Muitas vezes ele até faz a experiência diante dos amigos, na casa que tem no Bosque Guillaume. Poder-se-ia imaginar que um simples esternutatório seria suficiente para causar semelhante devastação no organismo de um quadrúpede? É extremamente curioso, não é verdade?

– Pois é – respondeu Charles, que nem o escutava.

– Isto prova – continuou o outro, sorrindo com um ar de benigna suficiência –, as inumeráveis irregularidades do sistema nervoso. No que diz respeito à sua esposa, ela sempre me pareceu, confesso, uma verdadeira sensível. Por isso eu nunca lhe aconselharia, meu bom amigo, nenhum desses pretensos remédios que, a pretexto de atacarem os sintomas, atacam mas é o temperamento. Nada de medicação desnecessária! Dieta, mais nada. Sedativos, emolientes, dulcificantes. Depois não pensa que seria talvez necessário tratar a imaginação?

– O quê? Como? – disse Bovary.

Ah! Aí está o problema! Essa é efetivamente a questão: *That is the question*, como li há pouco tempo no jornal.

Mas Emma, acordando, exclamou:

– E a carta? E a carta?

Pensaram que estivesse delirando, e delirou efetivamente a partir da meia-noite: declarara-se uma febre cerebral.

Durante quarenta e três dias, Charles não a deixou um instante. Abandonou todos os seus doentes, não se deitava, estava continuamente a tomar-lhe o pulso, a aplicar-lhe sinapismos, compressas de água fria. Mandava Justin buscar gelo a Neufchâtel, o gelo derretia-se pelo caminho, voltava a mandá-lo lá. Chamou o doutor Canivet para uma consulta, mandou vir de Ruão o doutor Larivière, seu antigo professor, estava desesperado. O que mais o assustava era o abatimento de Emma, ela não falava, não ouvia nada e até parecia não sofrer, como se tanto o corpo como a alma estivessem ambos repousando de todas as suas agitações.

Por meados de outubro, Emma pôde segurar-se sentada na cama, com almofadas atrás dela. Charles chorou quando a viu comer a sua primeira fatia de pão com doce. Voltaram-lhe as forças, levantava-se algumas horas durante a tarde e, um dia em que ela se sentia melhor, Charles procurou levá-la pelo braço a dar um passeio pelo jardim. Não se via a areia do caminho coberto de folhas secas, ela dava um passo de cada vez, arrastando as chinelas, e, apoiada no ombro de Charles, continuava a sorrir.

Chegaram assim ao fundo do jardim, junto do terraço. Ela endireitou-se lentamente, colocou a mão por cima dos olhos, para observar, olhou para longe, para muito longe, mas nada havia no horizonte senão grandes fogueiras de mato, fumegando sobre as colinas.

– Vais-te cansar, querida – disse Bovary.

E, empurrando-a levemente para a obrigar a entrar no caramanchão, continuou:

– Senta-te aqui neste banco: assim ficas bem.

– Não! Aí não, aí não! – balbuciou ela apenas.

Sentiu uma vertigem e, a partir daquela noite, agravou-se-lhe de novo a doença, com um ritmo mais incerto, é verdade, mas com características mais complexas. Tão depressa sofria do coração, como do peito, ora se queixava do cérebro, ora dos membros, apareceram-

lhe vômitos, no que pareceu a Charles reconhecer os primeiros sintomas de cancro.

E o pobre homem, para além de tudo aquilo, andava inquieto por falta de dinheiro.

CAPÍTULO XIV

Em primeiro lugar, não sabia como indemnizar o senhor Homais por todos os medicamentos levantados na farmácia dele, e, embora pudesse, como médico, deixar de os pagar, sentia-se envergonhado com aquele favor. Depois, a despesa da casa, agora a carga da cozinheira, tornava-se insustentável, as faturas choviam-lhe à porta, os fornecedores reclamavam, o mais impertinente era o senhor Lheureux. Este, com efeito, na fase mais aguda da doença de Emma, aproveitando-se da circunstância para exagerar a conta, tinha-se apressado a trazer o capote, o saco de dormir, dois baús em lugar de um e ainda uma quantidade de outras coisas. Por mais que Charles lhe dissesse que não tinha necessidade daquilo, o negociante respondia arrogantemente que lhe tinham encomendado todos aqueles artigos e que não os aceitaria em devolução, além disso, seria contrariar a senhora Bovary na sua convalescença, o doutor que refletisse, em resumo, estava disposto a levá-lo para o tribunal, mas não desistia dos seus direitos nem levaria as mercadorias.

Pouco depois Charles deu ordem para que estas lhe fossem entregues no armazém, Felicité esqueceu-se, ele tinha outras preocupações e ninguém mais pensou no assunto, o senhor Lheureux voltou à carga e, ora ameaçando, ora lamentando-se, manobrou a coisa de tal maneira que Bovary acabou por assinar uma letra com vencimento dali a seis meses. Porém, mal havia assinado a letra, surgiu-lhe uma ideia audaciosa: era a de pedir mil francos emprestados ao senhor Lheureux. Perguntou então, com um ar embaraçado, se não havia meio de os conseguir, acrescentando que seria por um ano e ao juro que fosse preciso pagar. Lheureux correu logo à sua loja, trouxe o dinheiro e redigiu uma promissória, na qual Bovary declarava dever pagar à sua ordem, no primeiro de setembro próximo, a soma de mil e

setenta francos, o que, com os cento e oitenta já estipulados, perfazia justamente mil duzentos e cinquenta.

Assim, emprestando a seis por cento de juro, acrescentados de um quarto pela comissão, e com os objetos fornecidos dando uma margem de, pelo menos, um terço, devia dar tudo, em doze meses, um lucro de cento e trinta francos, e esperava que o negócio não ficasse por ali, que não lhe pudessem pagar as letras, que estas fossem renovadas e que o seu dinheirinho, depois de engordar em casa do médico como numa casa de saúde, lhe voltasse às mãos, um dia, consideravelmente mais rechonchudo e aumentado a ponto de rebentar com o saco.

Aliás, tinha sorte com todas as coisas. Era adjudicatário de um fornecimento de sidra para o hospital de Neufchâtel, Guillaumin prometia-lhe ações das turfeiras de Grumesnil, e pensava em montar uma nova carreira de diligências entre Argueil e Ruão, a qual não tardaria certamente a arruinar a traquitana do Leão de Ouro e que, andando mais depressa, a preços mais económicos e levando mais bagagem, lhe poria assim na mão todo o comércio de Yonville.

Charles perguntou várias vezes a si próprio como seria possível, no ano seguinte, reembolsar tanto dinheiro, e procurava, imaginava expedientes, como o de recorrer ao seu pai ou o de vender qualquer coisa. Mas o pai não lhe dava ouvidos e ele, por sua vez, não tinha nada para vender. Descobria então tantas dificuldades que afastava logo do pensamento tão desagradável assunto de meditação. Acusava-se de se esquecer de Emma, como se todos os seus pensamentos pertencessem àquela mulher, não meditar nela continuamente seria como que roubar-lhe qualquer coisa.

O Inverno foi rigoroso. A convalescença da senhora Bovary foi demorada. Quando estava bom tempo, empurravam-na na sua cadeira para junto da janela, a que dava para a praça, pois ela agora tinha antipatia pelo jardim e a persiana desse lado ficava permanentemente fechada. Quis que vendessem o cavalo, aquilo

de que antes gostava era-lhe agora desagradável. Todas as suas ideias pareciam limitar-se ao cuidado consigo mesma.

Ficava na cama a comer pequenas refeições, tocava para chamar a criada, a fim de se informar sobre as suas tisanas ou para conversar com ela.

Entretanto, a neve acumulada sobre a cobertura do mercado lançava para dentro do quarto um reflexo branco, imóvel, depois era a chuva que caía. E Emma esperava todos os dias, com uma espécie de ansiedade, a infalível repetição de mínimos acontecimentos que nada de novo lhe traziam. O mais importante era, à noite, a chegada da *Andorinha*. Nesse momento, a estalajadeira gritava e outras vozes respondiam, enquanto a lanterna do Hippolyte, que procurava as bagagens debaixo do encerado, se assemelhava a uma estrela na escuridão. Ao meio-dia, Charles vinha a casa, seguidamente voltava a sair, depois ela tomava um caldo e, pelas cinco horas, no fim da tarde, as crianças que regressavam da escola, arrastando os tamancos sobre o ladrilho, batiam todas com as suas réguas no fecho das persianas, umas atrás das outras.

Era a essa hora que o padre Bournisien vinha vê-la. Perguntava-lhe pela saúde, trazia-lhe notícias e exortava-a à religião numa conversa carinhosa que ela não deixava de apreciar. A simples presença da sotaina dava-lhe conforto.

Um dia em que, no período mais grave da doença, ela se julgara agonizante, pedira a comunhão, e, à medida que no quarto se faziam os preparativos para o sacramento, que se armava o altar em cima da cómoda atafulhada de remédios e que Félicité espalhava pelo chão folhas de dalias, Emma começou a sentir-se invadida por uma forte impressão que a libertava de todas as dores, de toda a consciência e de todo o sentimento. A carne liberta deixara de pesar, começava outra existência, parecia-lhe que o seu ser, subindo para Deus, se ia aniquilar naquele amor como um incenso queimado que se dissipa em vapor. Aspergiram os lençóis com água benta, o padre retirou do sagrado cibório a alva hóstia, e foi desfalecendo numa alegria

celeste que ela avançou os lábios para aceitar o corpo do Salvador que lhe ofereciam. As cortinas da alcova flutuavam suavemente em torno dela como nuvens, e os reflexos dos dois círios acesos em cima da cómoda pareceram-lhe glórias deslumbrantes. Então deixou cair a cabeça, crendo ouvir nos espaços o canto das harpas seráficas e avistar num céu azul, sobre um trono de ouro, no meio dos santos empunhando palmas verdes, Deus o Pai irradiando majestade e, com um gesto, fazendo descer à Terra anjos com asas de fogo para a transportarem nos braços.

Esta visão esplêndida perdurou-lhe na memória como a coisa mais bela que era possível sonhar, de modo que agora ela se esforçava por voltar a ter a mesma sensação, que entretanto sentia, mas de um modo menos intenso, embora com a mesma profunda suavidade. A sua alma, extenuada pelo orgulho, repousava enfim na humildade cristã, e, saboreando o prazer de ser débil, Emma contemplava em si mesma a destruição da própria vontade, que devia dar amplo acolhimento às inundações da graça. Existiam, pois, no lugar da ventura, felicidades maiores, um outro amor acima de todos os amores, sem intermitência nem fim, que cresceria eternamente! Entrevia ela, por entre as ilusões da sua esperança, um estado de pureza flutuando acima da Terra, confundindo-se com o Céu, a que aspirava chegar. Quis tornar-se uma santa. Comprou rosários, passou a usar amuletos, desejava ter no quarto, à cabeceira da cama, um relicário engastado de esmeraldas, para o beijar todas as noites.

O prior estava encantado com aquelas disposições, ainda que, segundo ele, a religiosidade de Emma podia, à força de tanto fervor, acabar roçando pela heresia e mesmo pela extravagância. Mas, não se achando muito versado nessas matérias desde que ultrapassassem uma certa medida, escreveu a Boulard, livreiro do senhor Bispo, para que lhe enviasse qualquer obra de qualidade superior, destinada a uma senhora que estava cheia de graça. O livreiro, com a mesma indiferença

com que teria expedido quinquilharias para pretos, fez um embrulho ao acaso com tudo quanto tinha de momento no género de livros piedosos. Eram pequenos manuais de perguntas e respostas, panfletos em tom arrogante, à maneira de Maistre, e uma espécie de romances de capa cor de-rosa, em estilo melífluo, fabricados por seminaristas trovadores ou por sabichonas arrependidas. Havia *Pensai bem Nisto, O Homem Mundano aos Pés de Maria, pelo Senhor de..., Agraciado com Diversas Ordens, Dos Erros de Voltaire, para Uso da Juventude, etc.*

A senhora Bovary não tinha ainda o espírito suficientemente claro para se aplicar a sério fosse no que fosse, além disso, empreendeu estas leituras com demasiada precipitação. Irritou-se contra as prescrições do culto, a arrogância dos escritos polémicos desagradou-lhe pela obstinação em perseguirem pessoas que não conhecia, e os contos profanos misturados com religião pareceram-lhe escritos com tal ignorância do mundo que a afastaram insensivelmente das verdades de que esperava encontrar a prova. No entanto, persistiu e, quando o volume lhe caía das mãos, julgava-se tomada da mais fina melancolia católica que uma alma etérea pudesse conceber.

Quanto à memória de Rodolphe, sepultara-a bem no fundo do coração, e ali ficara ele, mais solene e imóvel do que a múmia de um rei dentro de um subterrâneo. Desse grande amor embalsamado saía uma certa exalação, que, atravessando tudo, perfumava de ternura a atmosfera imaculada onde queria viver. Quando se punha de joelhos sobre o genuflexório gótico, dirigia ao Senhor as mesmas palavras de suavidade que antes murmurara ao seu amante, durante as efusões do adultério. Era para atrair a fê, mas nenhuma delícia descia dos Céus e ela erguia-se dali com os membros fatigados e um vago sentimento de um imenso logro. Esta procura de Deus, pensava ela, não deixava de ser um mérito a mais, e, no orgulho da sua devoção, Emma comparava-se às grandes damas de outrora, com cuja

glória sonhara examinando uma pintura de Vallière e que, arrastando com tanta majestade as caudas cobertas de rendas dos seus longos vestidos, se retiravam para a solidão a fim de derramarem aos pés de Cristo todas as lágrimas de um coração ferido pela existência.

Entregou-se então a excessos de caridade. Cosia roupas para os pobres, mandava lenha às mulheres de parto, e Charles, ao entrar um dia em casa, encontrou na cozinha três vadios abancados a comer sopa. Mandou regressar a pequenita, que o marido, durante a doença dela, mandara para casa da ama. Quis-lhe ensinar a ler, por mais que Berthe chorasse, ela já não se irritava. Era uma resignação decidida, uma indulgência universal. A sua linguagem era, a propósito de tudo, cheia de expressões ideais. Dizia à criança:

– Já te passou a cólica, meu anjo?

A mãe do doutor Bovary não encontrava nada de que a censurar, salvo talvez aquela mania de fazer camisolas de malha para os orfãozinhos, em vez de remendar os seus esfregões. Mas, farta de querelas domésticas, a boa senhora gostava de estar naquela casa tranquila e deixou-se mesmo lá ficar até depois da Páscoa, para evitar os sarcasmos do velho Bovary, que não deixava de mandar preparar, todas as Sextas-Feiras Santas, uma linguiça. Além da companhia da sogra, que de certo modo a fortalecia um pouco nos princípios, com o seu juízo reto e as suas maneiras graves, Emma tinha ainda, quase todos os dias, outras visitas. Eram a senhora Langlois, a senhora Caron, a senhora Dubreuil, a senhora Tuvache e, regularmente, das duas às cinco horas, a excelente senhora Homais, que, essa, nunca quisera dar ouvidos a nenhum dos mexericos que se diziam a respeito da vizinha. Os pequenos Homais também a visitavam, Justin vinha com eles. Subia com eles até ao quarto e ficava de pé, junto da porta, imóvel, sem dizer nada. Muitas vezes até a senhora Bovary, sem reparar, chegava-se ao toucador. Começava por retirar a travessa, sacudindo a cabeça com um movimento brusco, e, quando Justin viu pela primeira vez toda aquela

cabeleira descendo até às curvas das pernas, desenrolando os seus anéis escuros, foi para o pobre rapaz como que uma iniciação em qualquer coisa extraordinária e nova cujo esplendor o assustou.

Emma, naturalmente, não notava as suas silenciosas solitudes nem a sua timidez. Não suspeitava que o amor, que desaparecera da sua vida, palpitava ali, junto dela, sob aquela camisa grosseira, naquele coração de adolescente, aberto às emanções da sua beleza. De resto, ela envolvia agora tudo numa tal indiferença, tinha palavras tão afetuosas e olhares tão altivos, maneiras tão desconcertantes, que não se lhe distinguia já o egoísmo da caridade, nem a corrupção da virtude. Uma noite, por exemplo, zangou-se com a criada, que lhe pedia autorização para sair e balbuciava, procurando um pretexto, e, inesperadamente, disparou:

– Então gostas dele?

E, sem esperar pela resposta de Félicité, que corava, acrescentou com um ar triste:

– Vai lá, corre! Diverte-te!

No começo da Primavera mandou revolver o jardim de uma ponta à outra, apesar das objeções de Bovary; ele, no entanto, ficou contente por vê-la finalmente manifestar uma vontade qualquer. Foi manifestando outras mais, – à medida que se ia restabelecendo. Primeiro encontrou processo de despedir a tia Rolet, a ama, que se habituara, durante a convalescença de Emma, a aparecer com demasiada frequência na cozinha, juntamente com os seus dois petizes e o hóspede, mais esfaimado que um canibal. Depois desembaraçou-se da família Homais, dispensou sucessivamente todas as outras visitas e começou mesmo a frequentar menos assiduamente a igreja, com grande aplauso do boticário, que lhe disse então amigavelmente:

– A senhora estava a ficar um pouco beata de mais!

O padre Bournisien continuava a aparecer todos os dias, quando terminava a catequese. Preferia ficar fora, respirando ar puro no meio do arvoredado, era assim que ele chamava ao

caramanchão. Era à hora a que Charles regressava. Sentiam calor, mandavam fazer sidra doce e bebiam juntos ao completo restabelecimento da senhora.

Binet estava por ali, ou seja, um pouco mais abaixo, junto do muro do terraço, pescando lagostins. Bovary convidava-o para um refresco e ele entendia-se muito bem a abrir as garrafas.

– Reparem – dizia ele, lançando um olhar satisfeito em torno de si até às extremidades da paisagem –, é preciso segurar a garrafa assim a prumo sobre a mesa e, depois de cortar os cordéis, ir aliviando a rolha muito devagar, a pouco e pouco, como se faz também com a água de Seltz, nos restaurantes.

Mas a sidra, durante a sua demonstração, muitas vezes lhe saltava para o rosto, e então o eclesiástico, com um riso maroto, nunca deixava de dizer este gracejo:

– A sua boa qualidade salta aos olhos!

O padre era realmente um homem simpático, e até nem se escandalizou quando um dia o farmacêutico aconselhou Charles a levar a senhora, para a distrair, ao teatro de Ruão, a ver o ilustre tenor Lagardy. Homais, admirado com aquele silêncio, quis saber a opinião dele, e o sacerdote declarou que considerava a música menos perigosa para os bons costumes do que a literatura.

Mas o farmacêutico tomou a defesa das letras. O teatro, pretendia ele, servia para criticar os preconceitos e, sob o disfarce do divertimento, ensinava a virtude.

– *Castigat ridendo mores*, senhor padre Bournisien! Veja, por exemplo, a maior parte das tragédias de Voltaire, estão habilmente semeadas de reflexões filosóficas que constituem para o povo uma verdadeira escola de moral e de diplomacia.

– Eu cá – disse Binet – vi em tempos uma peça intitulada *O Garoto de Paris*, onde se acentua o carácter de um velho general que é realmente admirável! Ele repreende um filho-família que seduzira uma operária, que por fim...

– Certamente – continuou Homais – existe a má literatura, do mesmo modo que a má farmácia, mas condenar em bloco a

mais importante das belas-artes parece-me uma estupidez, uma ideia gótica, digna dos tempos em que encarceraram Galileu.

– Bem sei – objetou o padre – que existem boas obras, de bons autores, no entanto, basta estarem reunidas pessoas de sexo diferente num salão encantador, ornado de pompas mundanas, ainda com os disfarces pagãos, as pinturas do rosto, as luzes, as vozes efeminadas, para que tudo acabe por engendrar uma certa libertinagem de espírito e sugira pensamentos desonestos, tentações impuras. Essa é, pelo menos, a opinião de todos os padres da Igreja. Enfim, acrescentou, adotando subitamente um tom místico da voz, enquanto enrolava com os dedos uma pitada de tabaco, se a Igreja condenou os espetáculos, tinha razão para os condenar, temos de nos submeter aos seus decretos.

Porque é que ela excomunga os comediantes? – perguntou o boticário. – Porque, no passado, eles concorriam abertamente com as cerimónias do culto. Sim, faziam-se representações, representavam-se no meio do coro umas espécies de farsas chamadas mistérios, nas quais muitas vezes se ofendiam as leis da decência.

O eclesiástico contentou-se em soltar um gemido e o farmacêutico prosseguiu:

– É como na Bíblia, há..., bem sabe..., certos pormenores... maliciosos, coisas... verdadeiramente... atrevidas!

E, notando um gesto de irritação da parte do padre Bournisien, continuou:

– Ah!, concorde que não é um livro para se pôr nas mãos de um jovem, e eu ficaria bastante contrariado se Athalie...

– Mas são os protestantes, e não nós – exclamou o outro impaciente –, que recomendam a Bíblia.

– Seja como for! – disse Homais. – Admira-me muito que, nos nossos dias, num século de luzes, se obstinem ainda a proibir um passatempo intelectual que é inofensivo, moralizante e até higiénico algumas vezes, não é, doutor?

– Sem dúvida – respondeu o médico indolentemente, talvez porque, tendo as mesmas ideias, não quisesse ofender ninguém, ou talvez por não ter ideias nenhuma.

A conversa parecia terminada, quando o farmacêutico achou conveniente descarregar um último golpe.

– Conheci padres que se vestiam com trajo secular para ir ver dançar as bailarinas.

– Ora adeus! – exclamou o cura.

– Digo-lhe que conheci!

E, separando as sílabas da sua frase, Homais repetiu:

– Co...nhe...ci.

– Pois então faziam muito mal – disse Bournisien, resignado a ouvir tudo.

– É verdade! E ainda fazem muitas outras! – exclamou o boticário.

– Senhor!... – prosseguiu o eclesiástico, com um olhar tão feroz que intimidou o farmacêutico.

– Eu só queria dizer – replicou o outro em tom menos brutal – que a tolerância é o meio mais seguro de atrair as almas à religião.

– Está certo!, está certo! – concedeu o velhote, voltando a sentar-se na cadeira.

Mas só lá se demorou dois minutos. Depois, logo que ele se foi embora, Homais disse para o médico:

– Isto é o que se chama dar uma bicada! Viu a maneira como o enrolei?... Enfim, acredite no que lhe digo, leve a sua esposa ao espetáculo, nem que seja para fazer danar uma vez na vida um desses corvos, com a breca! Se tivesse alguém que me substituísse, eu mesmo vos acompanharia. Decida-se! Lagardy vai dar uma única representação, está contratado para a Inglaterra com honorários consideráveis. Segundo dizem, é um boémio famoso. Vive a nadar em dinheiro! Faz-se acompanhar de três amantes e um cozinheiro! Todos esses grandes artistas queimam a vela pelos dois lados, têm necessidade de levar uma vida devassa que lhes excite um pouco a imaginação. Mas

acabam por morrer no hospital, porque não tiveram juízo para fazer economias enquanto eram jovens. Bem, bom apetite, até amanhã!

Aquela ideia do espetáculo germinou rapidamente na cabeça de Bovary, pois logo a comunicou à mulher, que começou por recusar, alegando o cansaço, a maçada, a despesa, mas, exceccionalmente, Charles não cedeu, a tal ponto estava convencido de que aquela distração lhe seria proveitosa. Não via nenhum impedimento, a mãe enviara-lhe trezentos francos com os quais já não contava, as dívidas correntes não eram exageradas e a data para o pagamento das letras ao senhor Lheureux vinha ainda tão longe que não era necessário pensar nela. Além disso, imaginando que Emma recusava por delicadeza, Charles continuou a insistir, de tal maneira que, à força de instâncias, ela acabou por se decidir. E, no dia seguinte, às oito horas, meteram-se na *Andorinha*.

O boticário, que nada retinha em Yonville, mas se julgava obrigado a não arredar pé dali, suspirou quando os viu partir.

– Então, boa viagem! – disse-lhes ele. – Felizes mortais!

Depois, dirigindo-se a Emma, que levava um vestido de seda azul, de quatro folhos:

– Acho-a linda como um amor! Vai fazer furor em Ruão.

A diligência parou no Hotel da Cruz Vermelha, na Praça Beauvoisine. Era uma daquelas estalagens como há em todos os lugares da província, com grandes estrebarias e quartos pequenos, vendo-se no meio do pátio galinhas a comer aveia debaixo dos cabriolés enlameados dos caixeiros-viajantes – boas velhas habitações com varanda de madeira carunchosa, estalando com o vento nas noites de Inverno, sempre cheias de gente, de barulho e de comezaina, com mesas negras e encardidas pelos jogos da glória, as grossas vidraças amarelecidas pelas moscas, os guardanapos húmidos manchados de vinho tinto, uma estalagem a cheirar a aldeia, como os moços das granjas vestidos à moda da cidade, e que tinha um café para o lado da rua e, do lado do campo, uma horta com legumes.

Charles começou logo a tomar providências. Confundiu camarotes com galerias, a plateia com as frisas, pediu explicações, não as compreendeu, falou com o porteiro e com o diretor, voltou à estalagem e depois novamente à bilheteira, e assim por diversas vezes, calcorreou a cidade de um extremo ao outro, desde o teatro até à avenida.

Emma comprou um chapéu, luvas e um ramallete. O marido tinha grande receio de perder o começo, e, sem ter tido tempo para engolir um caldo, apresentaram-se ambos à porta do teatro, que ainda se conservava fechada.

CAPÍTULO XV

A multidão estacionava encostada à parede, disposta simetricamente entre as balaustradas. Nas esquinas das ruas próximas, gigantescos cartazes repetiam em caracteres extravagantes: *Lúcia de Lammermoor... Lagardy... Ópera...*, etc.

Estava bom tempo, fazia calor, o suor escorria dos penteados e todos os lenços tirados dos bolsos limpavam as testas afogueadas, às vezes, uma aragem tépida, que soprava do lado do rio, agitava lentamente a orla dos toldos dos botequins. Um pouco mais baixo, entretanto, era-se refrescado por uma corrente de ar glacial que cheirava a sebo, a sola e a azeite. Era a exalação da Rue des Charrettes, cheia de grandes armazéns escuros onde se rolam barricas.

Com medo de parecerem ridículos, Emma quis que fossem dar um passeio pelo porto antes da entrada e Bovary, por prudência, conservou os bilhetes fechados na mão, dentro do bolso das calças, encostados à barriga.

Logo no vestíbulo Emma foi acometida por palpitações. Sorriu involuntariamente de vaidade, vendo o povo precipitar-se para a direita por outro corredor, enquanto ela subia a escada para os camarotes de primeira. Sentiu prazer, como uma criança, a empurrar com o dedo as grandes portas forradas, aspirou com toda a força dos pulmões o cheiro poeirento dos corredores e, já instalada no seu camarote, movia o busto com requebros de duquesa.

A sala começava a encher-se, tiravam-se lunetas de dentro dos estojos e os assinantes, reconhecendo-se de longe, trocavam saudações. Vinham distrair-se, com as belas-artes, das preocupações do comércio, mas, não podendo esquecer os negócios, continuavam a falar de algodões, de aguardente ou de anil. Viam-se cabeças de velhos, inexpressivas e apáticas, que, embranquecidas nos cabelos e na face, se assemelhavam a medalhas de prata embaciadas por vapores de chumbo. Os rapazes elegantes exibiam-se na plateia, ostentando, na abertura do colete, a sua gravata cor de-rosa ou verde— maçã, e a senhora Bovary admirava-os de cima, vendo-os apoiar nas bengalinhas com castão de ouro as palmas esticadas das suas luvas amarelas.

Entretanto acenderam-se as velas da orquestra, o lustre desceu do teto, espalhando, com o reflexo das suas facetas, uma alegria súbita na sala, depois entraram os músicos uns atrás dos outros e começou um prolongado chinfirim de roncões de baixos, gemidos de violinos, clarinadas de cornetins, pios de flautas e flautins. Logo se ouviram três pancadas no palco, começou então um rufo de timbales, os instrumentos de metal soltaram acordes e o pano, subindo, descobriu um cenário de paisagem.

Era uma encruzilhada de um bosque, com uma fonte, à esquerda, sombreada por um carvalho. Camponeses e senhores, todos de manta ao ombro, cantavam juntos uma canção de caça, depois apareceu um capitão que invocava o espírito do mal erguendo os dois braços para o céu, apareceu ainda outro, saíram ambos e os caçadores recomeçaram.

Emma revivia as leituras da sua juventude, encontrando-se em pleno Walter Scott. Pareceu-lhe ouvir, através do nevoeiro, o som das gaitas-de-foles escocesas ecoando pelas charnecas. Além disso, com a recordação do romance facilitando-lhe a compreensão do libreto, seguia a intriga frase a frase, enquanto indefiníveis pensamentos, que lhe surgiam no espírito, logo se dispersavam com as rajadas da música. Deixava-se embalar pelas melodias e sentia-se vibrar toda interiormente, como se os arcos dos violinos lhe estivessem roçando pelos próprios nervos. Não lhe chegavam os olhos para contemplar os trajes, os cenários, as personagens, as árvores pintadas, que estremeciam com o andar dos atores, e os gorros de veludo, as mantas, as espadas, todas aquelas fantasias que se agitavam na harmonia como numa atmosfera de outro mundo. Avançou então uma rapariga atirando uma bolsa a um escudeiro de verde. Depois ficou sozinha e ouviu-se uma flauta imitando o murmúrio de uma fonte ou um chilrear de pássaros. Lúcia atacou corajosamente a sua cavatina em sol maior, queixava-se de amor e pedia asas. Emma, do mesmo modo, quisera fugir da vida, arrebatada num abraço. Repentinamente apareceu Edgar Lagardy.

Tinha uma palidez esplêndida, daquelas que emprestam um quê da majestade dos mármore às ardentes raças do Sul. O seu tronco vigoroso vestia um gibão de cor escura, na coxa esquerda batia-lhe um punhalzinho cinzento, e relanceava olhares lânguidos, descobrindo os seus dentes alvos. Dizia-se que uma princesa polaca, ouvindo-o uma noite cantar na praia de Biarritz, onde consertava embarcações, se apaixonara por ele. Arruinara-se por sua causa. Depois ele

abandonara-a por outras mulheres, e aquela proeza sentimental não deixava de contribuir para a sua reputação artística. O comediante diplomata tinha mesmo o cuidado de incluir sempre nos cartazes uma frase poética sobre o fascínio da sua pessoa e a sensibilidade da sua alma. Uma bela voz, um imperturbável aprumo, mais jeito do que inteligência e mais ênfase do que lirismo, acabavam de realçar aquele admirável tipo de charlatão, que incluía um pouco de cabeleireiro e de toureiro.

Logo na primeira cena causou entusiasmo. Apertava Lúcia nos braços, deixava-a, voltava de novo, parecia desesperado: tinha acessos de ira, depois desabafos elegíacos de uma doçura infinita, e as notas escapavam-se-lhe da garganta despida, cheias de soluços e de beijos. Emma debruçava-se para o ver, esgravatando com as unhas o veludo do camarote. Enchia o coração daqueles lamentos melódicos que se arrastavam com o acompanhamento dos contrabaixos, como gritos de naufragos no tumulto de uma tempestade. Ela reconhecia todos os arrebatamentos e angústias que por pouco não lhe tinham provocado a morte. A voz da cantora não lhe parecia mais do que o eco da sua própria consciência e aquela ilusão que a encantava alguma coisa da sua própria vida. Mas ninguém no mundo a amará com um amor semelhante. Ele não chorara como Edgar, na última noite, à luz da Lua, quando diziam um ao outro: “Até amanhã, até amanhã!...”

A sala vinha abaixo com os aplausos, bisaram toda a parte final, os amantes falavam das flores da sua sepultura, dos juramentos, do exílio, da fatalidade, de esperanças, e, quando lançaram o último adeus, Emma deu um grito agudo, que se confundiu com a vibração dos acordes finais.

– Mas então porque é que aquele cavalheiro anda a persegui-la?
– perguntou Bovary.

– Nada disso – respondeu Emma. – É o seu amante.

– No entanto, ele jura vingar-se na família dela, enquanto o outro, o que apareceu há pouco, dizia: “Amo Lúcia e creio que sou amado por ela”. Além disso, saiu com o pai, abraçado a ele. Era mesmo o pai, não era, aquele tipo baixo e feio, com uma pena de galo no chapéu?

Apesar das explicações da mulher, desde o dueto recitativo em que Gilberto expõe ao seu amo Ashton as suas abomináveis manobras, Charles, quando viu o anel falso que devia enganar Lúcia, supôs que fosse uma lembrança de amor enviada por Edgar. Confessou, além

disso, não compreender a história, por causa da música, que prejudicava imenso as palavras.

– Que importa isso? – disse Emma –, Cala-te!

– É que eu – prosseguiu ele, inclinando-se-lhe sobre o ombro –, gosto de perceber o que se passa.

– Cala-te! Cala-te! – disse-lhe ela impaciente.

Lúcia adiantava-se, meio amparada pelas suas damas, com uma coroa de laranjeira no cabelo, mais pálida do que o cetim branco do vestido. Emma pensava no dia do seu casamento, e via-se lá longe, no meio dos trigos, seguindo pela vereda, a caminho da igreja. Porque não tinha ela então, como aquela, resistido, suplicado? Pelo contrário, sentira-se contente, sem reparar no abismo onde se precipitava... Ah!, se, na frescura da sua beleza, antes da conspurcação do casamento e da desilusão do adultério, pudesse ter entregado a sua vida a algum coração grande e sólido, então, com a virtude, a ternura, as volúpias e o dever confundindo-se numa coisa só, nunca teria descido de tão alta felicidade. Mas essa felicidade, sem dúvida, era uma mentira inventada para causar o desespero de todo o desejo. Ela conhecia agora a mesquinhez das paixões que a arte exagerava. Portanto, esforçando-se por desviar dela o pensamento, Emma queria apenas ver naquela reprodução das suas dores uma fantasia plástica boa para entreter a vista, e até sorria interiormente com uma piedade desdenhosa quando, no fundo do teatro, detrás do reposteiro de veludo, surgiu um homem de capa preta.

O enorme chapéu à espanhola caiu-lhe, com um gesto que fez, e logo os instrumentos e os cantores começaram a entoar o sexteto. Edgar, faiscando de raiva, dominava todos os outros com a sua voz mais clara. Ashton lançava-lhe, em notas graves, provocações homicidas, Lúcia soltava o seu agudo lamento, Artur modulava, à parte, sons intermédios e a baixa estatura do ministro roncava como um órgão, enquanto as vozes femininas, repetindo-lhe as palavras, continuavam deliciosamente em coro. Estavam todos no mesmo plano a gesticular, e a ira, a vingança, o ciúme, o terror, a misericórdia e a estupefação eram expressos simultaneamente por aquelas bocas entreabertas. O apaixonado traído brandia a sua espada nua, a gargantilha de rendas subia e descia conforme os movimentos do peito e o homem dava grandes passadas da direita para a esquerda, fazendo tilintar contra o sobrado as esporas douradas das suas botas flexíveis, que se lhe alargavam nos tornozelos. Devia ter, pensava ela, um amor

inexaurível, para o derramar sobre a multidão em tão grandes eflúvios. Todas as suas veleidades difamatórias se desvaneceram com a poesia do papel, que a invadia, e, atraída para o homem pela ilusão da personagem, procurou imaginar o que seria a vida dele, aquela vida retumbante, extraordinária, esplêndida, e que poderia ter sido a dela se, entretanto, o acaso tivesse querido. Ter-se-iam conhecido, ter-se-iam amado! Com ele, por todos os reinos da Europa, ela teria viajado de capital em capital, compartilhando com ele as fadigas e o orgulho, apanhando as flores que lhe atirassem, bordando-lhe os fatos ela própria. Depois, todas as noites, no fundo de um camarote, por trás das rótulas douradas, recolheria, maravilhada, as expansões daquela alma que teria cantado unicamente para ela, enquanto representava no palco, tê-la-ia fixado com o olhar. Uma súbita loucura se apoderou dela: ele fixava-a de certeza! Sentiu desejo de correr para os seus braços a fim de se refugiar na sua força, como na própria encarnação do amor, e dizer-lhe, gritar-lhe: “Rapta-me, leva-me, fujamos! Para ti, para ti!, todos os meus ardores e todos os meus sonhos!”

Desceu o pano.

O cheiro do gás misturava-se com a respiração da assistência, o vento feito pelos leques tornava a atmosfera mais sufocante ainda. Emma quis sair, a multidão atulhava os corredores e ela deixou-se novamente cair na poltrona, com palpitações que a sufocavam. Charles, com medo de a ver desmaiar, correu ao bufete para lhe trazer um copo de orchata.

Teve uma enorme dificuldade em regressar ao camarote, porque a cada passo lhe davam cotoveladas, por causa do copo que segurava com ambas as mãos, e chegou a entornar a maior parte do conteúdo nas costas de uma ruanense em mangas curtas, que, sentindo o líquido frio a escorrer-lhe pelos rins, atirou gritos de pavão, como se a estivessem assassinando. O marido dela, que era tecelão, enfureceu-se contra o desgraçado, e, enquanto, com o lençinho, a senhora limpava as manchas no seu belo vestido de tafetá cor de cereja, ia ele murmurando em tom mal-humorado palavras como indemnização, despesa e reembolso.

Por fim, Charles conseguiu chegar junto da mulher, dizendo-lhe esbaforido:

– Estava a ver que nunca mais cá chegava! Tanta gente!... E acrescentou:

– Vê se adivinhas quem encontrei lá em cima? O senhor Léon!

– Léon?

– Ele mesmo! Vem aqui cumprimentar-te.

E, ao acabar de dizer estas palavras, entrou no camarote o antigo escriturário de Yonville.

Estendeu a mão com uma desenvoltura de fidalgo: e a senhora Bovary adiantou maquinalmente a sua, obedecendo certamente à atração de uma vontade mais forte.

Não a voltara a apertar depois daquela noite de Primavera em que chovia sobre as folhas verdes, quando se tinham despedido, de pé, junto da janela. Mas, recordando-se rapidamente das conveniências da situação, fez um esforço para sacudir aquele torpor das recordações e pôs-se a balbuciar frases apressadas.

– Oh!, como está? Com que então, aqui!

– Silêncio! – gritou uma voz da plateia, porque começava o terceiro ato.

– Está então em Ruão?

– Estou.

– Desde quando?

– Rua! Rua!

Voltavam-se para eles, calaram-se.

Mas, a partir daquele momento, ela não ouviu mais nada, o coro dos convidados, a cena de Ashton e o seu escudeiro, o grande dueto em ré maior, tudo passou por ela à distância, como se os instrumentos se houvessem tornado menos sonoros e as personagens mais afastadas, lembrava-se das partidas de cartas em casa do farmacêutico e do passeio a casa da ama, das leituras debaixo do caramanchão, das conversas a sós ao canto da lareira, de todo aquele pobre amor tão calmo e tão prolongado, tão discreto, tão terno, que ela, entretanto, esquecera. Porque ressurgia então agora? Que combinação de aventuras o colocava de novo na sua vida? Léon colocara-se atrás dela, com o ombro encostado ao tabique, e, de vez em quando, Emma sentia-se estremecer com o sopro tépido das narinas dele, que lhe descia sobre os cabelos.

– Diverte-se com isto? – perguntou ele, inclinando-se tanto que a ponta do bigode lhe aflorou a face.

– Oh!, não, meu Deus! Nem por isso.

– Então ele propôs que saíssem do teatro e fossem a qualquer lado tomar uns gelados.

– Ah!, ainda não! Fiquemos! – disse Bovary. – Ela está com os cabelos soltos: isto promete ser trágico.

Mas a cena da loucura não interessava nada a Emma e a atuação da cantora parecia-lhe exagerada.

– Ela grita de mais – disse Emma, voltando-se para Charles, que escutava.

– Sim... talvez... um pouco – replicou ele, indeciso entre o privilégio de desfrutar aquele prazer e o respeito que tinha pelas opiniões da mulher.

Depois Léon disse, suspirando:

– Está um calor...

– Insuportável! É verdade.

– Estás maldisposta? – perguntou Bovary.

– Estou, falta-me o ar, vamos embora.

Léon colocou-lhe delicadamente sobre os ombros o grande xaile de renda e foram os três sentar-se ao ar livre, no porto, diante das montras de um café.

Primeiro falou-se da doença dela, ainda que Emma, de vez em quando, interrompesse Charles, com receio, dizia ela, de enfadar o senhor Léon, e este contou-lhes que viera a Ruão passar dois anos num bom cartório, para adquirir prática nas causas, que eram, na Normandia, muito diferentes daquelas que se tratavam em Paris. Depois pediu informações de Berthe, da família Homais, da tia Lefrançois, e, como na presença do marido nada mais tivessem a dizer um ao outro, depressa se esgotou o assunto da conversação.

Pessoas que saíam do espetáculo passaram pelo passeio, cantarolando ou berrando a plenos pulmões. “Ó belo anjo, minha Lúcia!” Então, Léon, para se mostrar entendido, pôs-se a falar de música. Tinha visto Tamburini, Rubini, Persiani, Grisi, e, ao pé desses, Lagardy, apesar de todo o seu espavento, não valia nada.

– No entanto – interrompeu Charles, que dava dentadinhas no seu gelado de rum –, dizem que no último ato ela é absolutamente admirável, tenho pena de haver saído antes do fim, porque já estava começando a divertir-me.

– Afinal – prosseguiu o escriturário –, ele dará dentro de pouco tempo outra representação.

Mas Charles respondeu que se iam embora no dia seguinte.

– A não ser – acrescentou, voltando-se para a mulher – que queiras cá ficar sozinha, querida.

E, mudando de tática perante esta inesperada oportunidade que se lhe oferecia à esperança, o jovem começou a fazer o elogio de Lagardy no trecho final. Era qualquer coisa de soberbo, de sublime! Assim Charles insistiu:

– Regressas no domingo. Anda, decide-te! Não debes hesitar, desde que tenhas a mínima impressão de que te poderás fazer bem.

Entretanto, as mesas em torno iam-se desocupando, um criado veio, discretamente, colocar-se junto deles, Charles, compreendendo, puxou pela bolsa, o escriturário reteve-lhe o gesto, e até não se esqueceu de deixar a mais duas moedas brancas que fez retinir em cima do mármore.

– Fico realmente aborrecido – murmurou Bovary –, com o dinheiro que o senhor...

O outro teve um gesto desdenhoso, cheio de cordialidade, e, pegando no chapéu, disse:

– Está combinado, não é verdade?, amanhã, às seis horas?

Charles argumentou mais uma vez que não podia estar ausente por mais tempo, mas nada impediria que Emma...

– Mas é que... – balbuciou ela com um sorriso singular –, não sei bem...

– Pronto! Vais refletir, veremos isso, a noite é boa conselheira... E, dirigindo-se a Léon, que os acompanhava, disse:

– Agora, que estás perto dos nossos sítios, espero que venha, uma vez por outra, jantar connosco.

O escriturário afirmou que não deixaria de o fazer, uma vez que tinha mesmo necessidade de ir a Yonville por um assunto do cartório. E separaram-se diante da passagem de Saint-Herbland, no momento em que soavam onze horas e meia na catedral.

PARTE III

CAPÍTULO I

Léon, ao mesmo tempo que estivera fazendo os seus estudos de Direito, frequentara razoavelmente a Choupana, onde obteve até um êxito relativamente grande entre as operariazinhas, que lhe achavam um ar distinto. Era o estudante mais bem comportado: não usava o cabelo demasiado comprido nem demasiado curto, não gastava logo no primeiro dia do mês todo o dinheiro do trimestre e mantinha boas relações com os professores. A respeito de excessos, sempre se abstera, tanto por pusilanimidade como por delicadeza.

Frequentemente, quando ficava no quarto a ler, ou então se ia sentar, à tarde, debaixo das tílias do Luxemburgo, deixava cair o Código no chão e vinham-lhe as recordações de Emma.

Mas, a pouco e pouco, este sentimento fora enfraquecendo e outros desejos se lhe foram sobrepondo, se bem que, apesar de tudo, aquele persistisse através destes, pois Léon não perdera toda a esperança, havia para ele uma espécie de promessa incerta que se projetava no futuro, como um fruto de ouro suspenso nalguma fantástica folhagem.

Depois, ao tornar a vê-la após três anos de ausência, reacendeu-se-lhe a paixão. Era preciso, pensou ele, resolver-se finalmente a querer possuí-la. Além disso, a sua timidez gastara-se ao contacto com as companhias de estroinice e ele voltava à província desprezando tudo o que não fosse sapato de verniz pisando o asfalto da capital. Se tivesse de enfrentar uma parisiense coberta de rendas, na sala de algum doutor ilustre, personagem condecorada, possuidora de carruagem, o pobre escriturário certamente tremeria como uma criança, mas aqui, em Ruão, no porto, diante da mulher daquele medicozinho, sentia-se à vontade, antecipadamente certo de que deslumbraria. O aprumo depende do meio onde se está: não se fala na sobreloja como no quarto andar e a mulher rica parece ter em torno de si, para lhe proteger a virtude, todas as suas notas de banco, como uma couraça, no forro do espartilho.

Depois de, na véspera à noite, se ter despedido do casal Bovary, Léon seguira-os de longe pela rua, e logo, vendo-os parar na Cruz Vermelha, voltara para trás e passara toda a noite a meditar num plano.

Então, no dia seguinte, pelas cinco horas, entrou na cozinha da estalagem com a garganta apertada, a face pálida e aquela determinação dos cobardes que nada consegue deter.

– O senhor não está – respondeu um criado. Isto pareceu-lhe de bom augúrio. Subiu.

Ela não se mostrou perturbada com a sua presença, pelo contrário, apresentou desculpas por se ter esquecido de lhe dizer onde estavam hospedados.

– Oh!, eu adivinhei – retorquiu Léon.

– Como?

Ele pretendeu ter sido guiado para ela, ao acaso, por instinto. Emma sorriu e, para remediar a tolice, Léon contou que passara toda a manhã a procurá-la, sucessivamente em todas as estalagens da cidade.

– Decidiu-se então a ficar? – acrescentou ele.

– Sim, mas fiz mal. Não nos podemos acostumar a prazeres impraticáveis quando à nossa volta se apresentam mil e uma exigências...

– Pois é! Imagino...

– Isso é que não, porque você não é mulher.

Mas os homens tinham também os seus desgostos, e a conversa encaminhou-se para algumas reflexões filosóficas. Emma alargou-se muito acerca da miséria das afeições terrenas e do eterno isolamento em que o coração se conserva encerrado.

Para se fazer valer, ou por uma ingénua imitação daquela melancolia que provocava a sua, o rapaz afirmou ter vivido extraordinariamente aborrecido durante todo o tempo dos estudos. As questões jurídicas irritavam-no, sentia-se atraído por outras vocações e a mãe não deixava de o atormentar em todas as cartas que lhe escrevia. Cada um explicitava cada vez mais os motivos da sua dor, à medida que ia falando, entusiasmando-se um pouco naquela confiança progressiva. Detinham-se, porém, algumas vezes diante da exposição completa da sua ideia e procuravam então imaginar uma frase que a pudesse resumir. Ela não confessou a sua paixão por outro, ele não disse que a esquecera.

Talvez Léon se não lembrasse já daquelas ceias depois do baile, com aventureiras, e, naturalmente, Emma não se recordava dos seus encontros anteriores, quando corria de manhã pelo meio das ervas, em direção ao castelo do amante.

Os ruídos da cidade mal lhes chegavam aos ouvidos, e o quarto parecia pequeno, mesmo apropriado para acentuar mais a solidão de ambos. Emma, vestida com um penteador de bombazina, apoiava o carrapicho nas costas da poltrona velha, o papel amarelo da parede fazia uma espécie de fundo dourado atrás dela, a cabeça descoberta refletia-se no espelho com o risco claro ao centro e as pontas das orelhas mostrando-se por baixo dos bandós.

– Mas desculpe – disse ela –, eu não devia falar desta maneira! Estou a maçar-lo com as minhas eternas lamúrias!

– Não, nunca, de modo nenhum!

– Se soubesse – prosseguiu ela, erguendo para o teto os seus belos olhos, onde bailava uma lágrima –, tudo quanto eu tinha sonhado!

– E eu então! Quanto sofri! Muitas vezes saía, desaparecia, arrastava-me pelos cais, atordoava-me com o barulho da multidão, sem poder ver-me livre da obsessão que me perseguia. Na avenida principal, numa loja de estampas, há uma gravura italiana que representa uma Musa. Tem uma túnica vestida e contempla a Lua, com miosótis sobre a cabeleira solta. Qualquer coisa me atraía constantemente para ali, passei lá horas inteiras. Depois, com uma voz trémula:

– Parecia-se um pouco consigo.

A senhora Bovary voltou a cara, para que ele não lhe visse nos lábios o irresistível sorriso que não podia conter.

– Muitas vezes – continuou ele – escrevia-vos cartas, que depois rasgava.

Emma não respondia. O rapaz continuou:

– Imaginava às vezes que o acaso a pudesse trazer. Parecia-me reconhecê-la às esquinas das ruas, e corria atrás de todas as tipoias a cuja portinhola via flutuar um xaile, um véu parecido com o seu...

Ela parecia determinada a deixá-lo falar sem o interromper.

De braços cruzados e rosto inclinado para baixo, fixava as rosetas das suas chinelas, dentro das quais ia fazendo pequenos movimentos intermitentes com os dedos dos pés.

Entretanto suspirou:

– O que há de mais lamentável do que arrastar, como eu, uma existência inútil? Se os nossos sofrimentos pudessem servir a alguém, a ideia do sacrifício consolar-nos-ia!

Ele começou a elogiar a virtude, o dever e as imolações silenciosas, dizendo sentir ele próprio uma incrível necessidade de dedicação que não podia saciar.

– Eu gostaria imenso de ser irmã da caridade – disse ela.

– Infelizmente – replicou ele –, não há para os homens missões santas como essas e não conheço nenhuma profissão..., a não ser talvez a de médico...

Com um leve encolher de ombros, Emma interrompeu-o para se queixar da doença de que estivera quase a morrer, que pena não ter morrido! Agora não estaria a sofrer. Léon invejou imediatamente a calma da sepultura, e até, uma noite, escrevera o seu testamento, recomendando que o amortalhassem naquela bonita manta orlada de veludo que fora oferta dela, pois era assim que desejariam ter ficado, um e outro procurando o ideal sobre que ajustar no presente a sua vida passada. Além disso, a palavra é um laminador que alonga sempre os sentimentos.

Porém, ante aquela invenção da manta, ela perguntou:

– Então porquê?

– Porquê?

Léon hesitava.

– Porque a amei muito!

E, felicitando-se por haver ultrapassado a dificuldade, espiava-lhe o rosto pelo canto da vista.

Parecia o céu quando um pé de vento faz desaparecer todas as nuvens. Pareceu retirar-se daqueles olhos azuis toda a carga de pensamentos tristes que os ensombrava, todo o rosto resplandecia.

Ele ficou à espera. Por fim ela respondeu:

– Sempre me tinha querido parecer...

Então relembrou os pequenos acontecimentos daquela existência longínqua, cujos prazeres e melancolias acabavam de ser resumidos numa só palavra. Ele recordava o berço de clematite, os vestidos que ela usara, os móveis do seu quarto, tudo na casa dela.

– E os nossos pobres gatos, onde estão?

– O frio matou-os este Inverno.

– Sabe que pensei muitas vezes neles? Imaginava-os como antes, quando, nas manhãs de Verão, o sol batia nas gelosias... e eu avistava os seus dois braços nus passando pelo meio das flores.

– Pobre amigo! – disse ela, estendendo-lhe a mão.

Léon logo lhe encostou rapidamente os lábios. Depois, no fim de muitos suspiros, disse:

– A senhora era para mim, naquele tempo, não sei que espécie de força irresistível que me cativava a vida. Uma vez, por exemplo, fui a sua casa, mas não se lembra disso, com certeza.

– Lembro, sim. Continue.

– Estava em baixo, na antecâmara, pronta para sair, já no último degrau, tinha até um chapéu com florezinhas azuis, e sem nenhum convite seu, involuntariamente, acompanhei-a.

Entretanto, de minuto a minuto, tomava cada vez maior consciência da tolice e continuava a caminhar ao seu lado, não ousando completamente segui-la, e não querendo deixá-la.

Quando entrava numa loja, eu ficava na rua e, através da vitrina, via-a tirar as luvas e contar o dinheiro em cima do balcão. Depois bateu à porta da senhora Tuvache, abriram-lha e eu fiquei como um idiota diante da porta grande e pesada que se fechara atrás de si.

Emma, escutando-o, admirava-se de ser tão velha, todas aquelas coisas que ressurgiam pareciam dilatar-lhe a existência, eram como que imensidades sentimentais a que ela se reportava, e dizia de vez em quando, em voz baixa e com as pálpebras semicerradas:

– Sim, é verdade!... É verdade! É verdade...

Ouviram bater as oito horas nos diferentes relógios do bairro Beauvoisine, onde abundam colégios, igrejas e grandes palácios abandonados. Tinham deixado de falar, mas, olhando um para o outro, ouviam uma espécie de zumbido na cabeça, como se qualquer coisa sonora emanasse reciprocamente das pupilas fixas. Tinham acabado de entretecer as mãos, o passado, o futuro, as reminiscências e os sonhos, tudo se achava confundido na doçura daquele êxtase. A noite adensava-se sobre as paredes, onde ainda brilhavam, meio perdidas na sombra, as cores fortes de quatro estampas que representavam cenas de A Torre de Nesle, com legendas por baixo, em espanhol e em francês. Pela janela corrediça via-se uma porção de céu escuro entre telhados pontiagudos.

Ela levantou-se para acender duas velas sobre a cómoda e depois voltou a sentar-se.

– Pois bem... – disse Léon.

– Pois bem? – retorquiu ela.

E ele procurava a maneira de reatar o diálogo interrompido, quando ela lhe disse:

– Porque será que, até hoje, ainda ninguém me tinha declarado sentimentos semelhantes?

O escriturário argumentou que as naturezas ideais eram difíceis de compreender. Ele, desde a primeira vista, sentira amor por ela, e desesperava-se a pensar na felicidade que poderiam ter tido se, por mercê do acaso, se houvessem encontrado mais cedo e se tivessem prendido um ao outro de maneira indissolúvel.

– Várias vezes pensei nisso – respondeu ela.

– Que sonho! – murmurou Léon.

E, tocando-lhe delicadamente na orla azul do cinto branco, acrescentou:

– E quem nos impede de recomeçar?...

– Não, meu bom amigo – respondeu ela. – Já estou muito velha..., você é jovem de mais..., esqueça-se de mim! Outras o amarão... e amá-las-á também.

– Nunca como a si! – exclamou ele.

– Como está a ser criança! Vamos, tenha juízo! Sou eu que quero!

Emma mostrou-lhe as impossibilidades daquele amor e que deviam contentar-se, como antes, com os simples termos de uma amizade fraternal.

Estaria falando seriamente? Naturalmente nem ela própria o sabia, obcecada como estava pelo encanto da sedução e pela necessidade de se defender dela, e, contemplando o rapaz com um olhar terno, repelia suavemente as tímidas carícias que ele com mãos trémulas procurava fazer-lhe.

– Ah!, perdão – disse ele recuando.

E Emma sentiu-se tomada de um vago terror diante daquela timidez, mais perigosa para ela do que o arrojo de Rodolphe, quando se lhe atirava de braços abertos. Nunca homem algum lhe parecera tão belo. Uma delicada candura ressaltava dos seus modos. Ele baixava as pestanas finas e longas, recurvadas. Ruborescia-se-lhe a macia epiderme do rosto – pensava ela – pelo desejo da sua pessoa, e Emma sentia um invencível desejo de o beijar. Então, inclinando-se para o relógio, como que para ver as horas:

– Meu Deus, como já é tarde! – disse ela. – Isto é que é tagarelar!

Léon compreendeu a alusão e procurou o chapéu.

– Até me esqueci do espetáculo! E o pobre Bovary que me deixou cá de propósito! O senhor Lormeaux, da Rue GrandPont, devia levar-me lá na companhia da mulher.

E a ocasião estava perdida, pois ela partiria no dia seguinte.

– É verdade? – perguntou Léon.

– Sim.

– No entanto, preciso de a ver ainda mais uma vez – continuou ele. – Tenho que lhe dizer...

– O quê?

– Uma coisa. Grave e séria. Não, além disso, não pode ir-se embora, é impossível! Se soubesse... Escute-me... Mas então não me compreendeu? Ainda não descobriu?...

– No entanto, o senhor explica-se bem – respondeu Emma.

– Ora, gracejos! Basta, chega! Por caridade, arranje maneira de nos voltarmos a ver..., uma vez, só uma.

– Está bem...

Emma interrompeu-se, depois, como se reconsiderasse, continuou:

– Mas aqui não!

– Onde desejar.

– Olhe...

Ela pareceu refletir e, logo num tom breve, prosseguiu:

– Amanhã, às onze horas, na catedral.

– Estarei lá! – exclamou ele, agarrando-lhe nas mãos, que ela desprendeu.

E, como ambos se encontravam de pé, ele colocado atrás dela e Emma de cabeça baixa, Léon inclinou-se-lhe sobre o pescoço e beijou-a demoradamente na nuca.

– Mas você está doido! O que é isso? Está doido! – dizia ela com risadinhas sonoras, enquanto os beijos se multiplicavam.

Então, adiantando a cabeça por cima do ombro dela, ele pareceu procurar-lhe nos olhos o consentimento. Estes pousaram nele com uma majestade glacial.

Léon deu três passos para trás para sair. Parou ainda no limiar.

Depois murmurou com voz trémula:

– Até amanhã.

Ela respondeu com um gesto da cabeça e desapareceu como uma ave no quarto contíguo.

À noite, Emma escreveu ao escriturário uma interminável carta a desligar-se do compromisso da entrevista: tudo estava agora terminado e, para a felicidade de ambos, não deviam voltar a

encontrar-se. Porém, uma vez a carta fechada, como não sabia o endereço de Léon, ficou grandemente embaraçada.

“Entregar-lha-ei eu mesma, pensou ela, ele virá.”

No dia seguinte, Léon, com a janela aberta e cantarolando na varanda, engraxou ele mesmo os sapatos, aplicando-lhes várias camadas de pomada. Vestiu calças brancas, meias finas, um casaco verde, espalhou no lenço toda a espécie de perfumes que tinha, depois mandou frisar o cabelo, mas desfrisou-o novamente para lhe dar uma elegância mais natural.

“Ainda é demasiado cedo!”, pensou, olhando para o relógio de cuco do cabeleireiro, que dava as nove horas.

Leu uma velha revista de modas, saiu, fumou um charuto, percorreu três ruas, pensou então que já estava na hora e dirigiu-se apressadamente para o adro de Nossa Senhora.

Estava uma bela manhã de Verão. As pratas reluziam nas vitrinas dos ourives e a luz que incidia obliquamente sobre a catedral fazia brilhar a cantaria cinzenta, um bando de pássaros voltejava no céu azul, em torno dos campanários em trifólio, a praça, rumorejante de gritos, cheirava às flores que lhe rodeavam o pavimento: rosas, jasmims, cravos, narcisos e tuberosas, intervaladas irregularmente por verduras húmidas, erva-de-gato e morugem para os pássaros, a fonte, ao centro, marulhava e, debaixo de enormes guarda-sóis, entre pirâmides de melões, as vendedeiras, em cabelo, envolviam em papel raminhos de violetas.

O rapaz pediu um. Era a primeira vez que comprava flores para uma mulher, quando as cheirou, inchou-se-lhe o peito de orgulho, como se aquela homenagem, destinada a ela, recaísse afinal sobre ele.

Entretanto tinha receio de ser notado e entrou resolutamente na igreja.

O suíço estava nessa altura à entrada, no meio da porta da esquerda, por baixo da Mariana Dançando, de pluma na cabeça, espadilhão à cinta, bastão em punho, mais majestoso do que um cardeal e reluzente como um cibório sagrado.

Avançou para Léon e, com aquele sorriso de bajuladora bondade que assumem os clérigos quando interrogam as crianças, disse:

– O senhor, naturalmente, não é daqui? Deseja ver as curiosidades da igreja?

– Não – respondeu o outro.

E começou por dar a volta às naves laterais. Depois voltou a olhar a praça. Emma não aparecia. Subiu ao coro.

A nave mirava-se nas pias cheias de água benta, com o começo das ogivas e algumas porções dos vitrais. Mas o reflexo das cores, quebrando-se na borda do mármore, continuava mais longe, sobre as lajes, como um tapete variegado. A luz exterior penetrava na igreja com três feixes enormes, pelas três portas abertas. De vez em quando, ao fundo, passava um sacristão e fazia diante do altar a oblíqua genuflexão dos devotos apressados. Os lustres de cristal pendiam imóveis. No coro ardia uma lamparina de prata, e das capelas laterais, das partes sombrias da igreja, escapava-se às vezes uma espécie de exalação de suspiros, com o som de uma grade que se fechava, repercutindo o seu eco nas altas abóbadas.

Léon, com passos reverentes, caminhava rente às paredes.

Nunca a vida lhe parecera tão agradável. Ela chegaria dentro de momentos, encantadora, agitada, espreitando para trás os olhares que a seguiam – e com o seu vestido de folhos, a luneta com cabo de ouro, as botinas finas, com todas as elegâncias que ele nunca saboreara, na inefável sedução da virtude que sucumbe. A igreja, como um gigantesco toucador, dispunha-se em torno dela, as abóbadas inclinavam-se para recolher na sombra a confissão do seu amor, os vitrais resplandeciam para iluminar-lhe o rosto e os turíbulo acendiam-se para que ela aparecesse como um anjo, envolta pelo fumo dos incensos.

Entretanto, ela não vinha. Léon sentou-se numa cadeira e deparou-se-lhe uma vidraça azul onde se viam barqueiros transportando cestos. Fixou-a demoradamente, com atenção, e contou as escamas dos peixes e os botões dos gibões, enquanto o espírito vagueava à procura de Emma.

O suíço, de longe, indignava-se interiormente contra aquele indivíduo que se atrevia a contemplar sozinho a catedral.

Parecia-lhe que ele se comportava de maneira monstruosa, que de algum modo o espoliava e quase cometia um sacrilégio.

Subitamente, um roçar de seda sobre as lajes, a aba de um chapéu, uma camalha preta... Era ela! Léon ergueu-se e correu ao seu encontro.

Emma estava pálida. Caminhava rapidamente.

– Leia! – disse ela, estendendo-lhe um papel... – Oh, não!

E retirou a mão bruscamente, para entrar na capela da Virgem, onde, ajoelhando-se encostada à cadeira, se pôs a rezar.

O rapaz ficou irritado com aquela fantasia beata, depois sentiu, apesar disso, um certo encanto de a ver, no meio do encontro, assim perdida nas suas orações, como uma marquesa andaluza, por fim acabou por se aborrecer, porque ela não terminava com aquilo.

Emma rezava, ou, melhor, esforçava-se por rezar, esperando que lhe descesse do Céu alguma solução súbita, e, para atrair o socorro divino, enchia os olhos com o esplendor do sacrário, aspirava o perfume das açucenas brancas que desabrochavam em grandes vasos e atendia ao silêncio da igreja, que apenas lhe fazia crescer o tumulto do coração.

Ela levantava-se e iam os dois partir, quando o suíço se aproximou rapidamente, dizendo:

– A senhora, naturalmente, não é daqui? A senhora deseja ver as curiosidades da igreja?

– Não, não! – exclamou o escriturário.

– E porque não? – retorquiu ela.

Pois agarrava-se, com a sua vacilante virtude, à Virgem, às esculturas, aos túmulos, a todas as oportunidades.

Então, para proceder por ordem, o suíço levou-os primeiro à entrada próxima da praça, onde, mostrando-lhes com o bastão um grande círculo de pedras pretas no chão, sem inscrições nem burilamentos:

– Aqui têm – disse majestosamente – a circunferência do belo sino de Amboise. Pesava quarenta mil libras. Não havia em toda a Europa outro igual. O artífice que o fundiu morreu de alegria...

– Vamos embora – disse Léon.

O homem continuou a caminhar, depois, novamente na capela da Virgem, estendeu os braços num gesto sintético de demonstração e, mais orgulhoso que um proprietário rural que mostra as suas latadas, prosseguiu:

– Esta pedra simples cobre Pierre de Brézé, senhor da Varenne e de Brissac, grande marechal de Poitou e governador da Normandia, morto na batalha de Montlhéry, a 16 de julho de 1465.

Léon, mordendo os lábios, sapateava nervosamente.

– E, à direita, aquele fidalgo todo coberto de ferro, sobre um cavalo empinado, é o seu neto Louis de Brézé, senhor de Breval e de Montchauvet, conde de Maulevrier, barão de Maun–, camarista do rei,

cavaleiro da Ordem e igualmente governador da Normandia, falecido a 23 de julho de 1531, num domingo, como diz a inscrição, e, por baixo, aquele homem pronto para descer à sepultura representa exatamente a mesma pessoa. Não se pode representar de uma maneira mais perfeita o nada, não é verdade?

A senhora Bovary pegou na sua luneta. Léon, imóvel, olhava para ela, nem tentando já dizer uma palavra, fazer um único gesto, tão desanimado se sentia perante aquela dupla determinação de tagarelice e indiferença.

O eterno guia continuava:

– Junto dele, aquela mulher ajoelhada a chorar é a sua esposa Diane de Poitiers, condessa de Brézé, duquesa de Valentinois, nascida em 1499 e falecida em 1566, e, à esquerda, a que tem uma criança nos braços, representa a Virgem Maria. Agora voltem-se para este lado: aqui estão os túmulos dos Amboise. Foram ambos cardeais e arcebispos de Ruão. Aquele foi ministro do rei Luís XII. Foi grande benemérito da catedral. Encontrou-se no seu testamento trinta mil escudos de ouro para os pobres.

E, sem se deter, enquanto ia falando, empurrou-os para uma capela atulhada por balaustradas, arregou algumas e descobriu uma espécie de tronco, que bem poderia ter sido uma estátua mal feita.

– Decorava antigamente – disse ele com um longo gemido –, o túmulo de Ricardo-Coração-de-Leão, rei da Inglaterra e duque da Normandia. Foram os calvinistas, senhor, que a reduziram a este estado. Tinham-na enterrado, por maldade, debaixo da cadeira episcopal de monsenhor. Reparem aqui na porta por onde monsenhor se dirige aos seus aposentos. Passemos agora a ver os vitrais da gárgula.

Mas León tirou rapidamente uma moeda branca do bolso e agarrou no braço de Emma. O suíço ficou estupefacto, não percebendo aquela intempestiva manifestação, quando ficavam ainda tantas coisas por mostrar aos estranhos. Por isso o chamou:

– Olhe, senhor! O zimbório!, o zimbório!...

– Obrigado – respondeu-lhe Léon.

– É uma pena não subir. Tem quatrocentos e quarenta pés de altura, menos nove do que a grande pirâmide do Egipto. É todo fundido, é...

Léon fugia, porque tinha a impressão de que o seu amor, que já por quase duas horas estivera imobilizado na igreja como as pedras, se

iria agora evaporar, como fumo, por aquela espécie de tubo truncado, de gaiola oblonga, de chaminé rendilhada que se ergue grotescamente sobre a catedral como extravagante experiência de algum caldeireiro fantasista.

– Onde vamos agora? – perguntava ela.

Sem responder, Léon continuava a andar rapidamente, e já a senhora Bovary mergulhava o dedo na água benta quando ouviram pelas costas uma respiração ofegante, entrecortada regularmente pelo bater de uma bengala. Léon voltou-se.

– Senhor!

– O que é?

Reconheceu o suíço, que trazia debaixo do braço, mas agora já em equilíbrio sobre a barriga, cerca de vinte grandes livros brochados. Eram as obras que tratavam da catedral.

– Imbecil! – resmungou Léon, correndo para fora da igreja. Um garoto traquinava no adro.

– Vai-me buscar um fiacre!

O miúdo partiu como uma bala pela Rue des Quatre-Vents, ficaram então sós durante alguns minutos, face a face, um pouco embaraçados.

– Oh, Léon!... Verdadeiramente..., não sei... se deva...! – Fazia trejeitos. Depois, com um ar grave, continuou:

– É que não é decente, sabe?

– Porquê? – replicou o escriturário. – É coisa corrente em Paris! E esta palavra, como argumento irresistível, decidiu-a.

Entretanto, o fiacre não chegava. Léon tinha receio de que ela voltasse a entrar na igreja. Finalmente apareceu a carruagem.

– Pelo menos saiam pela porta do Norte! – gritou-lhes o suíço, que ficara no limiar, para verem a Ressurreição, o Juízo Final, o Paraíso, o Rei David e os Condenados nas chamas do Inferno!

– Para onde vai o senhor? – perguntou o cocheiro.

– Para onde você quiser! – respondeu Léon, empurrando Emma para dentro do carro.

A pesada máquina pôs-se em andamento.

Desceu a Rue Grand-Pont, atravessou a Place des Arts, o cais

Napoléon, a Pont Neuf, e estacou diante da estátua de Pierre Corneille.

– Siga! – disse uma voz vinda do interior.

O carro arrancou novamente e, depois da encruzilhada La Fayette, deixou-se embalar pela descida e entrou a galope pela estação do caminho de-ferro.

– Não, siga em frente! – gritou a mesma voz.

O fiacre saiu do gradeamento e, pouco depois, entrando na Marginal, foi trotando suavemente, no meio dos grandes ulmeiros. O cocheiro limpou a testa, entalou o chapéu de cabedal entre os joelhos e desviou a carruagem para a alameda exterior, à beira da água, rente ao relvado.

Foi seguindo a margem do rio, pelo caminho de sirgagem, coberto de pedras soltas, e, por muito tempo, do lado de Oyssel, para lá das ilhas.

Subitamente, porém, lançou-se de um pulo através de Quatremares, Sotteville, a Grande-Chaussée, a Rue d'Elbeuf, e parou pela terceira vez diante do Jardim das Plantas.

– Pode seguir! – gritou a voz mais furiosamente.

E logo continuou a corrida, passando por Saint-Sever, pelo cais dos Curtidores, pelo cais das Mós, mais uma vez pela ponte, pelo largo do Campo de Marte e por trás dos jardins do hospital, onde os velhos de casaca preta passeavam ao sol, ao longo de um aterro todo verdejante de heras. Subiu o Boulevard Bouvreuil, percorreu o Boulevard Cauchoise e depois todo o monte Riboudet até à encosta de Deville.

Regressou, e então, sem direção nem destino, ao acaso, foi vagabundeando. Foi vista em Saint-Pol, em Lescure, no monte Gargan, no Rouge-Mare e na Place du Gaillard-Bois, nas Rues

Maladrerie e Dinanderie, em frente de Saint– Romain, SaintVivien, Saint-Maclou, Saint-Nicaise – em frente de Alfândega –, na atarracada Torre Velha, nos Três Cachimbos e no Cemitério Monumental. De vez em quando, o cocheiro lançava do seu lugar olhares desesperados às tabernas. Não compreendia que fúria de locomoção obrigava aqueles indivíduos a não querer parar. Tentou por diversas vezes, mas logo ouvia atrás de si exclamações iradas. Fustigava então o mais que podia as duas pilecas cobertas de suor, sem se importar com os solavancos, esbarrando ora num lado ora noutro, sem se preocupar, desmoralizado e quase a chorar de sede, de fadiga e de tristeza. E no cais, no meio de carroções e de barricas, e pelas ruas, sobre os bancos de pedra, os burgueses arregalavam os olhos perante aquela coisa extraordinária na província: uma carruagem com os

estores descidos aparecendo assim constantemente, mais fechada que um túmulo e sacudida como um navio.

Em dado momento, a meio do dia, em pleno campo, quando o Sol dardejava com mais intensidade sobre as velhas lanternas prateadas, uma mão sem luva atravessou as pequenas cortinas de tecido amarelo e lançou fora pedaços de papel rasgado que se dispersaram ao vento e foram cair mais longe, como borboletas brancas, sobre um campo de trevo vermelho florido.

Depois, pelas seis horas, a carruagem parou numa ruela do bairro Beauvoisine e apeou-se uma mulher que seguiu com o véu descido, sem voltar a cabeça.

CAPÍTULO II

Ao chegar à estalagem, a senhora Bovary ficou surpreendida de não ver a diligência. Hivert, que havia esperado por ela cinquenta e três minutos, acabara por se ir embora.

Nada havia, naturalmente, que a obrigasse a partir, mas dera a sua palavra de que regressaria naquela mesma tarde. Além disso, Charles estava à sua espera, e já ela sentia no íntimo essa cobarde submissão que, para muitas mulheres, é como que o castigo e, simultaneamente, a expiação do adultério.

Fez rapidamente a mala, pagou a conta, alugou no pátio um cabriolé e, insistindo com o boleiro, animando-o, informando-se minuto a minuto do tempo e dos quilómetros percorridos, conseguiu alcançar a *Andorinha* quase às primeiras casas de Quincampois.

Mal se instalou no seu canto, fechou os olhos e só voltou a abri-los ao fundo da descida, onde reconheceu, de longe, Félicité, de sentinela à porta do ferrador. Hivert deteve os cavalos e a cozinheira, esticando-se até ao postigo, disse misteriosamente:

– Minha senhora, é preciso que vá imediatamente a casa do senhor Homais. É por uma coisa urgente.

A vila estava silenciosa como de costume. Às esquinas das ruas viam-se uns montículos rosados fumegando ao ar livre, pois era a altura de fazer as compotas, e toda a gente em Yonville fazia a sua provisão no mesmo dia. Era, porém, de admirar, em frente da loja do farmacêutico, um monte muito maior, que ultrapassava todos os outros com a superioridade que um laboratório deve ter sobre os fogões particulares, uma necessidade coletiva sobre as fantasias individuais.

Emma entrou. A grande poltrona estava tombada e até *Le Fanal de Rouen* jazia por terra, estendido entre os dois almofarizes.

Empurrou a porta do corredor, e, no meio da cozinha, entre os potes escuros cheios de groselhas desengaçadas, açúcar em pó, açúcar aos bocados, balanças em cima da mesa, tachos ao lume, encontrou todos os Homais, grandes e pequenos, com aventais que chegavam até ao queixo e garfos na mão. Justin, de pé, mantinha a cabeça baixa enquanto o farmacêutico gritava:

– Quem te mandou ir buscá-lo ao cafarnaum?

– Então o que foi? Que há?

– O que foi? – respondeu o boticário. – Estamos a fazer compotas: elas estão a cozer, mas iam transbordar por causa da fervura demasiado forte, mando-o buscar outro tacho. Então ele, por indolência, por preguiça, vai ao meu laboratório e tira do prego onde está pendurada a chave do *cafarnaum*! Era o nome que o boticário dava a um gabinete que tinha no sótão, cheio de utensílios e mercadorias da sua profissão. Muitas vezes ali ficava sozinho longas horas, a colar rótulos, a transvasar, a atar embrulhos, e considerava-o não um simples armazém, mas um autêntico santuário, donde surgiam depois, elaboradas pelas suas mãos, todas as espécies de pílulas, pomadas, tisanas, loções e poções, que espalhariam a sua fama pelos arredores. Ninguém ali podia pôr os pés, e tinha-lhe tanto respeito que era ele próprio quem o varria. Enfim, se a farmácia, aberta a toda a gente, era o sítio onde exibia o seu orgulho, o *cafarnaum* era o refúgio onde, concentrando-se egoisticamente, Homais se deleitava no exercício das suas predileções, por isso o despropósito de Justin lhe parecia uma monstruosidade de irreverência, e, mais rubicundo do que as groselhas, continuava a repetir:

– Pois, do *cafarnaum*! A chave que tranca os ácidos e os alcalis cáusticos! Ir buscar um tacho de reserva! Um tacho com tampa! Um tacho de que talvez nunca venha a servir-me! Tudo tem a sua importância nas delicadas operações da nossa arte! Mas, que diabo!, há que fazer distinção e não utilizar para usos quase domésticos o que se destina aos farmacêuticos! É como se fôssemos trincar uma galinha com um escalpelo, como se um magistrado...

– Mas tem calma! — dizia a senhora Homais. E Athalie, puxando-lhe pela labita, disse:

– Papá! Papá!

– Não, deixem-me! – continuava o boticário. – Deixem-me!, caramba! Mais valia montar uma mercearia, palavra de honra! Anda lá então! Não respeites nada! Toca a partir!, a estragar! Solta as sanguessugas! Queima a alteia! Põe pepinos de conserva dentro dos frascos! Rasga as ligaduras!

– Entretanto o senhor tinha... – disse Emma.

– Um momento! Sabes a que te arriscaste?... Não viste nada no canto à esquerda, na terceira prateleira? Fala, responde, diz qualquer coisa!

– Eu... não sei... – balbuciou o rapazito.

– Ah, não sabes! Pois bem, eu é que sei! Viste uma garrafa de vidro azul, lacrada com lacre amarelo, que tem dentro um pó branco e na qual eu próprio escrevi: Perigoso! E sabes o que lá estava dentro? Arsénico! E tu vais tocar naquilo!, pegar num tacho que está mesmo ao lado!

– Ao lado! – exclamou a senhora Homais, juntando as mãos. – Arsénico? Podias envenenar-nos a todos!

E as crianças puseram-se a dar gritos, como se estivessem já a sentir dores atrozes nas entranhas.

Ou mesmo envenenar um doente! – continuava o boticário. –

Querias então que eu me fosse sentar no banco dos réus, no tribunal? Ver-me arrastado ao cadafalso? Ignoras o extremo cuidado que eu tenho com as manipulações, apesar de já estar habituadíssimo a elas? Muitas vezes eu próprio me assusto, quando penso na minha responsabilidade! Porque o governo persegue-nos e a legislação absurda que nos rege é uma verdadeira espada de Dâmocles suspensa sobre as nossas cabeças!

Emma já nem pensava em perguntar o que lhe queriam e o farmacêutico continuava com as suas frases esbaforidas:

Aí está como tu reconheces aquilo que se te faz! É assim que retribuis os cuidados paternos que te prodigalizo! Porque, sem mim, onde estarias tu? Que estarias tu a fazer? Quem te dá a comida, a educação, a roupa e todas as possibilidades de poderes um dia figurar com honra na sociedade? Mas para isso é preciso suar muito ao remo e ganhar, como se costuma dizer, calos nas mãos. *Fabricando fit faber, age quod agis.*

Estava tão exasperado que até citava latim. Teria mesmo citado chinês e gronelandês se conhecesse essas duas línguas, porque se encontrava numa dessas crises em que toda a alma mostra indistintamente tudo quanto tem dentro, tal como o oceano que, nas tempestades, se abre desde os sargaços das praias até à areia dos abismos.

E prosseguiu:

– Começo a arrepender-me profundamente de te ter tomado a meu cargo! Teria, com certeza, feito melhor deixando-te ficar naquela altura a chafurdar na miséria e na imundície onde nasceste! Só poderás vir a ter jeito para guardador de gado! Não tens nenhuma inclinação para as ciências! Quando muito, mal consegues colar um rótulo! E

vives na minha casa como um abade, repimpado como um galo na capoeira!

Emma, porém, voltando-se para a senhora Homais, disse:

– Tinham-me mandado cá vir...

– Oh!, santo Deus! – interrompeu com ar triste a boa senhora, não sei como lhe hei de dizer isto... É uma desgraça!

Não terminou. O boticário vociferava:

– Despeja-o! Esfrega-o e vai lá pô-lo onde estava! E despachate!

E, sacudindo Justin pela gola do blusão, fez-lhe cair um livro do bolso.

O rapaz baixou-se. Homais foi mais lesto e, apanhando o volume, observava-o, de olhos arregalados e boca aberta.

– O *Amor... Conjugal!* – disse ele, separando lentamente as palavras. – Ah!, muito bem! Muito bem! Muito lindo! E com gravuras!... Isto é de mais!

A senhora Homais aproximou-se.

– Não! Não toques nisso!

As crianças queriam ver as gravuras.

– Saíam daqui! — disse imperiosamente. Elas saíram.

Primeiramente pôs-se a dar grandes passadas de um lado para o outro, com o livro aberto na mão, revirando os olhos, sufocado, inchado, apoplético. Depois foi direito ao aprendiz e, postando-se-lhe na frente, com os braços cruzados:

– Mas tu tens então os vícios todos, meu infeliz?... Toma cuidado, que estás à beira de um abismo!... Nem sequer refletiste que este livro infame podia ir parar às mãos dos meus filhos, acender-lhes uma faísca no cérebro, manchar a pureza de Athalie, corromper Napoléon! Ele já tem atitudes de homem. Tens ao menos a certeza de que não o leu? Podes-me garantir...?

– Mas, afinal, senhor Homais – disse Emma –, tinha uma coisa para me dizer...?

– É verdade, senhora... O seu sogro morreu!

Efetivamente, o pai do doutor Bovary falecera na antevéspera, repentinamente, com um ataque de apoplexia, ao levantar-se da mesa, e, por excesso de precaução para com a sensibilidade de Emma, Charles pedira a Homais que fosse ele a dar-lhe, suavemente, a horrível notícia. Homais meditara na frase, arredondara-a, polira-a,

ritmara-a, era uma obra-prima de prudência e de transições, de finura e delicadeza, mas a cólera suplantara a retórica.

Emma, renunciando a obter qualquer pormenor, deixou então a farmácia, pois o senhor Homais recomeçara a sua série de impropérios. Acalmava-se, entretanto, e, por fim, apenas resmungava em tom paternal, abanando-se ao mesmo tempo com o barrete grego.

– Não é que eu desaprove inteiramente o livro! O autor era médico. Contém certos aspetos científicos que não fica mal a um homem conhecer, e sou até da opinião de que os deve conhecer. Mas mais tarde, mais tarde! Espera, pelo menos, que tu próprio sejas já homem e que a tua constituição física esteja formada.

À primeira pancada de Emma na aldraba, Charles, que a esperava, avançou para ela de braços abertos, dizendo-lhe com lágrimas na voz:

– Oh, minha querida amiguinha...

E inclinou-se suavemente para a beijar. Porém, ao contacto dos seus lábios, apoderou-se dela a recordação do outro e passou a mão pelo rosto, sentindo um estremecimento.

No entanto respondeu:

– Sim, já sei..., já sei...

Ele mostrou-lhe a carta em que a mãe lhe narrava o acontecimento sem nenhuma hipocrisia sentimental. Lastimava apenas que o marido não tivesse recebido o socorro da religião, tendo morrido em Doudeville, na rua, à porta de um café, depois de um almoço de comemoração patriótica, com antigos oficiais.

Emma devolveu a carta, depois, ao jantar, por consideração, fingiu não ter vontade de comer. Mas com a insistência dele, comeu mesmo resolutamente, enquanto Charles, na sua frente, se mantinha imóvel, numa atitude acabrunhada.

De vez em quando, levantando a cabeça, ele dirigia-lhe um demorado olhar, cheio de tristeza. Uma vez suspirou:

– Gostaria de o ter visto mais uma vez!

Ela calou-se. Depois, compreendendo que devia falar:

– Que idade tinha o teu pai?

– Cinquenta e oito anos!

– Ah!

E nada mais.

Um quarto de hora depois, ele acrescentou:

– A minha pobre mãe... o que vai ser dela agora? Emma esboçou um gesto de ignorância.

Vendo-a tão taciturna, Charles supôs que ela se afligisse e constrangeu-se a não dizer nada, para não avivar aquela dor que a abatia. Entretanto, sacudindo a sua própria dor, perguntou:

– Divertiste-te ontem bastante?

– Sim.

Quando retiraram a toalha da mesa, Bovary não se levantou e tão-pouco Emma, e, à medida que ela o encarava, a monotonia daquele espetáculo bania-lhe pouco a pouco do coração toda a espécie de enternecimento. Charles parecia-lhe acanhado, fraco, nulo, enfim, um pobre homem sob todos os aspetos. Como haveria de descartar-se dele? Que serão interminável aquele! Sentia um entorpecimento que parecia provocado por uma espécie de vapor de ópio.

Ouviram no vestíbulo o ruído seco de um pau batendo no soalho. Era Hippolyte, que trazia as bagagens da senhora. Para as pousar no chão, teve de descrever penosamente um quarto de círculo com a sua perna postiça.

“Já nem pensa naquilo!”, dizia Emma para consigo, olhando o pobre diabo, cujo áspero cabelo ruivo escorria suor.

Bovary procurava uma moedazita no fundo da sua bolsa, e, sem parecer compreender toda a humilhação que para ele representava a simples presença ali daquele homem, como a acusação personificada da sua incurável inépcia.

– Oh! tens um lindo ramalhete! – disse, vendo em cima do fogão as violetas de Léon.

– É – disse ela com indiferença. – Foi um ramalhete que comprei há pouco... a uma mendiga.

Charles pegou nas violetas e, refrescando com elas os olhos vermelhos das lágrimas, cheirou-as delicadamente. Emma retirou-lhas logo da mão e foi colocá-las num copo com água.

No dia seguinte chegou a viúva Bovary. Choraram muito, ela e o filho. Emma desapareceu, a pretexto de ter de dar ordens.

No outro dia foi preciso tratar em conjunto dos assuntos do luto. Foram sentar-se à beira da água, debaixo do caramanchão, com as suas caixas de costura.

Charles pensava no pai e admirava-se de sentir tanta afeição por aquele homem a quem, até então, lhe parecia ter amado apenas muito

mediocrementemente. A mãe pensava no marido. Os piores dias passados na companhia dele pareciam-lhe agora invejáveis.

Tudo se esvaía sob a instintiva saudade de um hábito tão prolongado, e, de vez em quando, ao mesmo tempo que fazia trabalhar a agulha, descia-lhe uma grande lágrima ao longo do nariz e aí ficava um momento suspensa. Emma pensava que, menos de quarenta e oito horas antes, estavam os dois juntos, longe do mundo, em completa embriaguez, não tendo olhos bastantes para se contemplarem um ao outro. Procurava lembrar os mais impercetíveis pormenores daquele dia que desaparecera. Mas a presença da sogra e do marido incomodava-a. Desejaria não ver nem ouvir nada, para não perturbar o recolhimento do seu amor que se ia perdendo, por mais que ela fizesse, pela ação das sensações exteriores.

Descosia o forro de um vestido, cujos retalhos se espalhavam em torno, a mãe Bovary, sem erguer os olhos, fazia ranger a sua tesoura, e Charles, com os chinelos de ouro e a velha sobrecasaca castanha que lhe servia de roupão, mantinha-se de mãos nos bolsos e também não falava, perto deles, Berthe, com um aventalzinho branco, rapava com a sua pazinha a areia dos passeios.

Subitamente viram Lheureux, o mercador de tecidos, entrar pela cancela.

Vinha oferecer os seus serviços, com o seu respeito pela fatal circunstância. Emma respondeu que pensava poder dispensar os seus préstimos. O negociante não se deu por vencido.

– Peço mil desculpas – disse ele. – Eu desejava ter uma palavrinha em particular.

Depois, em voz baixa:

– É a respeito daquele assunto..., sabe? Charles ficou rubro até às orelhas.

– Ah!, sim..., com certeza.

E, na sua atrapalhão, voltando-se para a mulher, disse:

– Não poderias tu..., querida...?

Ela pareceu compreendê-lo, pois levantou-se, e Charles disse à mãe:

– Não é nada! É certamente qualquer coisa da casa, sem importância.

Não queria que ela soubesse da história da letra, temendo-lhe as observações.

Logo que ficaram sós, o senhor Lheureux pôs-se abertamente a felicitar Emma pela herança, depois passou a falar de coisas indiferentes, de latadas, da colheita e da sua própria saúde, que ia sempre assim, assim, quando mal, nunca pior. Com efeito, ele tinha um trabalho de seiscentos diabos, apesar de, contrariamente ao que as pessoas comentavam, apenas ganhar para a manteiga com que barrava o pão.

Emma deixava-o falar. Havia dois dias que andava terrivelmente entediada!

– Então já está completamente restabelecida? – continuava ele. Olhe que eu sempre vi o seu pobre marido bastante atrapalhado! É um excelente rapaz, embora tenha havido entre nós dois certas dificuldades.

Emma perguntou quais, pois Charles ocultara-lhe a contestação dos fornecimentos.

– Mas a senhora bem sabe! – disse Lheureux. – Foi por causa das suas pequenas fantasias, as malas de viagem.

Lheureux puxara o chapéu para os olhos e, com as duas mãos atrás das costas, sorrindo e assobiando, fixava-a de frente, de um modo insuportável.

Desconfiaria ele de alguma coisa?

Emma sentiu-se perdida no meio de toda a espécie de apreensões. Por fim, ele prosseguiu:

– Mas acabámos por nos entender e eu vinha ainda propor-lhe um arranjo.

Era reformar a letra assinada por Bovary. O doutor, aliás, agiria como lhe fosse mais cómodo, não precisava de se atormentar, sobretudo agora que iria ter uma série de embarços.

– Até seria melhor para ele descarregar a responsabilidade sobre outra pessoa, sobre si, por exemplo, com uma procuração, seria simples, e então poderíamos fazer uns negociozinhos...

Emma não entendia. Ele calou-se. Em seguida, passando ao seu comércio, Lheureux declarou que a senhora não poderia deixar de lhe comprar qualquer coisa. Mandar-lhe-ia um barege preto, doze metros, o suficiente para um vestido.

Esse que a senhora tem é bom para trazer por casa. Precisa de outro para as suas visitas. Foi uma coisa que eu logo vi quando entrei. Tenho olho para essas coisas.

Não mandou nenhum tecido, foi ele próprio levá-lo. Depois voltou para o medir, voltou ainda a outros pretextos, procurando, todas as vezes, tornar-se simpático, ser prestável, enfeudar-se, como diria Homais, e sempre insinuando a Emma alguns conselhos sobre a procuração. Nunca falava da letra. Ela não pensava nisso, Charles bem lhe dissera qualquer coisa no início da convalescença, mas tantas agitações lhe tinham assaltado o espírito, que nunca mais se lembrara do assunto. Além disso, procurava evitar que se abrisse qualquer discussão importante, a mãe de Bovary admirava-se disso e atribuía a sua transformação aos sentimentos religiosos adquiridos durante a doença.

Mas, logo que a sogra partiu, Emma não tardou a deslumbrar o marido com o seu senso prático. Seria necessário obter informações, verificar as hipotecas, ver se haveria base para alguma licitação ou liquidação. Citava termos técnicos ao acaso, pronunciando palavras importantes como ordem, futuro, previdência, exagerando continuamente os embaraços da herança, até que um dia lhe apareceu com o modelo de uma autorização geral para gerir e administrar os seus interesses, contrair todos os empréstimos, assinar e endossar letras, pagar todas as importâncias, etc.. Aproveitara bem as lições de Lheureux.

Charles perguntou-lhe, ingenuamente, onde arranjava aquele papel.

– Foi no Guillaumin.

E, com o maior sangue-frio deste mundo, acrescentou:

– Não me fio muito nele. Os notários têm tão má reputação! Seria bom talvez consultar... Não conhecemos ninguém a não ser... Oh!, ninguém.

– A não ser que Léon... – replicou Charles, que refletia. Mas seria difícil de tratar o assunto por correspondência.

Então ela ofereceu-se para fazer a viagem. Charles recusou a oferta. Ela insistiu. Foi uma disputa de amabilidades. Por fim, Emma exclamou em tom de falsa insubordinação:

– Não, por favor, quem vai sou eu.

– Como és boa! – disse Charles, beijando-a na testa.

Logo no dia seguinte, ela embarcou na *Andorinha* para Ruão, a fim de consultar o senhor Léon, e por lá ficou durante três dias.

CAPÍTULO III

Foram três dias plenos, deliciosos, esplêndidos, uma autêntica lua-de-mel.

Instalaram-se no Hotel de Bolonha, que ficava no cais. E ali viveram, de persianas fechadas, portas trancadas, rodeados de flores e de xaropes gelados, que lhes levavam logo de manhã.

À tarde metiam-se num barco coberto e iam jantar a uma ilha.

Era a hora a que se ouvia, perto dos estaleiros, bater o maço dos calafates contra os cascos dos navios. O fumo do alcatrão erguia-se por entre as árvores e viam-se no rio grandes manchas oleosas ondulando irregularmente sob a cor púrpura do Sol, como placas de bronze florentino que flutuassem.

Desciam por entre os barcos amarrados, cujos longos cabos oblíquos roçavam a amurada da embarcação.

Os ruídos da cidade iam-se insensivelmente afastando, o rodar das carroças, o tumulto das vozes, o ladrar dos cães sobre as pontes dos navios. Ela desatava o chapéu e chegavam à sua ilha.

Entravam na sala baixa de um restaurante que tinha redes de pesca penduradas à porta. Comiam salmão frito, creme e cerejas. Deitavam-se na relva, iam beijar-se para debaixo dos álamos, e, como dois Robinsons, desejariam viver perpetuamente naquele lugar, que lhes parecia, na sua ventura, o sítio mais magnífico da Terra. Não era a primeira vez que viam árvores, céu azul, relva, que ouviam a água correr e a brisa soprar na folhagem, mas nunca tinham, sem dúvida, admirado tudo aquilo, como se a Natureza não existisse antes, ou tivesse começado a ser bela só depois da satisfação dos seus desejos.

À noite regressavam. O barco seguia a borda das ilhas.

Eles sentavam-se no fundo, ambos escondidos na sombra, sem falar. Os remos quadrados faziam barulho nos toletes de ferro, e isso, no silêncio, fazia o efeito da marcação de um metrônomo, enquanto à ré, a balsa, a reboque, produzia na água um marulhar doce e contínuo.

Uma vez apareceu a Lua, então não deixaram de dizer algumas frases a propósito, achando o astro melancólico e cheio de poesia, até Emma se pôs a cantar:

Lembras-te daquela noite? Vogando os dois, etc.

A sua voz harmoniosa e fraca perdia-se sobre as ondas, e o vento levava os garganteios que Léon ouvia passar, como um bater de asas, em torno dele.

Ela ia de pé, do outro lado, encostada à parede da chalupa, onde o luar entrava por um dos postigos abertos. O vestido negro, cuja saia se alargava em leque, tornava-a mais esguia e mais alta. Tinha a cabeça erguida, as mãos unidas e os olhos voltados para o céu. Às vezes, a sombra dos salgueiros escondia-a por completo, para voltar subitamente a aparecer, como uma visão, contra a luz da Lua.

Léon encontrou no chão, perto dela, uma fita de seda cor de papoila. O barqueiro examinou-a e acabou por dizer:

– Ah!, deve ser de um grupo que levei a passear no outro dia. Vieram uma quantidade de folgazões, homens e mulheres, com bolos, champanhe, cornetas, uma data de coisas! Havia sobretudo um homem alto, bem apresentado, de bigodinho, que era bastante divertido! E diziam-lhe assim: “Anda lá, conta-nos qualquer coisa..., Adolphe..., Dodolphe... creio eu.” Emma estremeceu.

– Sentes-te mal? – perguntou Léon, aproximando-se dela.

– Não, não é nada! Naturalmente é da frescura da noite.

– Também a ele não devia faltar mulheres – acrescentou em voz baixa o velho marinheiro, julgando dirigir assim ao estranho uma amabilidade.

Depois, cusbindo nas mãos, voltou a pegar nos remos.

Tiveram, no entanto, de se separar! As despedidas foram tristes. Era para casa da tia Rolet que ele devia escrever, Emma fez-lhe recomendações tão precisas sobre a maneira de utilizar um duplo sobrescrito, que ele ficou muito admirado com a sua astúcia amorosa.

– Então garantes-me que está tudo em ordem? – perguntou ela, num último beijo.

– Sim, decerto!

“Mas porque terá ela um empenho tão grande na procuração?”, pensou ele depois, enquanto seguia sozinho pelas ruas.

CAPÍTULO IV

Léon começou a tomar diante dos colegas um ar de superioridade, evitando-lhes a companhia, e a negligenciar completamente os processos.

Esperava as cartas dela, relia-as. Escrevia-lhe. Evocava-a com toda a força do desejo e das recordações. Em vez de diminuir com a ausência, aquele desejo de a voltar a ver aumentava, até que, num sábado de manhã, ele se escapou do cartório.

Quando, do alto da encosta, avistou no vale o campanário da igreja com a sua bandeira de lata girando ao vento, sentiu daquele prazer misturado com vaidade triunfante e comoção egoísta que devem sentir os milionários quando voltam a visitar a sua aldeia.

Foi rondar-lhe a casa. Brilhava uma luz na cozinha. Procurou espreitar-lhe a sombra atrás das cortinas. Não viu nada.

A tia Lefrançois, vendo-o, soltou grandes exclamações e achou-o crescido e magro, enquanto Artémise, pelo contrário, o achou forte e moreno.

Jantou na sala pequena, como dantes fazia, mas sozinho, sem o tesoureiro, porque Binet, cansado de esperar pela *Andorinha*, havia passado definitivamente a tomar a refeição uma hora mais cedo, e jantava agora às cinco em ponto, continuando, entretanto, a achar que o velho calhambeque quase sempre se atrasava.

Léon, afinal, decidiu-se, foi bater à porta do médico. A senhora estava no quarto, de onde só veio a descer um quarto de hora depois. O doutor pareceu encantado de o ver de novo, ele, entretanto, não arredou pé durante todo o serão, nem durante todo o dia seguinte.

Encontrou-se sozinho com ela, à noite, bastante tarde, no beco, atrás do jardim – no beco, como com o outro! Fazia trovoada e conversaram os dois debaixo de um guarda-chuva, à luz dos relâmpagos.

A separação tornava-se-lhes insuportável.

– Antes queria morrer! – dizia Emma.

Torcia-se sobre o braço dele, banhada em pranto.

– Adeus!... Adeus!... Quando voltarei a ver-te?

Voltaram atrás para se beijar mais uma vez, e foi nessa altura que ela lhe prometeu arranjar em breve, por qualquer meio, um processo de se verem livremente, com regularidade, pelo menos uma vez por semana. Emma não tinha dúvidas.

Estava, além disso, cheia de esperanças. Contava receber dinheiro.

Por isso comprou para o quarto um par de cortinas amarelas, de riscas largas, que Lheureux lhe gabara como sendo a um bom preço, sonhou com um tapete, e Lheureux, afirmando que não era nenhum bicho de-sete-cabeças, encarregou-se delicadamente de lho fornecer. Emma já não podia dispensar-lhe os serviços.

Mandava-o chamar vinte vezes por dia e ele largava logo o negócio, sem soltar um único queixume. Também não se compreendia por que razão a tia Rolet almoçava todos os dias em casa dela e até lhe fazia visitas em segredo.

Foi por essa altura, ou seja, no começo do Inverno, que Emma pareceu tomada de um grande ardor musical.

Uma noite em que Charles a escutava, ela recomeçou quatro vezes o mesmo trecho, enganando-se sempre, enquanto aquele, sem notar nenhuma diferença, exclamava:

– Bravo!..., muito bem!... Não deves parar! Continua!

– Oh, não! É horrível! Tenho os dedos enferrujados.

No dia seguinte, Bovary pediu-lhe que tocasse mais qualquer coisa para ele ouvir.

– Vá lá, então, para te fazer a vontade!

E Charles concordou que estava um pouco esquecida.

Enganava-se nas pautas, atrapalhava-se, depois, parando de repente, exclamou:

Acabou-se! Teria de tomar algumas lições, mas... Mordeu os lábios e acrescentou:

– Vinte francos de cada vez é demasiado caro!

– Sim, com efeito..., é um pouco caro... – disse Charles, galhofando ingenuamente. – Mas parece-me que se poderia fazer a coisa por menos, porque há artistas sem fama que às vezes valem mais do que as celebridades.

– Procura-os – replicou Emma.

No dia seguinte, ao voltar para casa, fitou-a com um ar manhoso e acabou por não se conter, atirando-lhe a seguinte frase:

– Que teimosia que tu às vezes tens! Estive hoje em Barfeuchères. Pois bem, a senhora Liégeard garantiu-me que as suas três filhas, que estão na Misericórdia, recebiam lições a cinquenta soldos cada uma, e ainda por cima de uma mestra famosa!

Ela encolheu os ombros e não voltou a abrir o seu instrumento.

Mas, quando passava perto dele (se Bovary estivesse presente), suspirava:

– Ah!, meu pobre piano!

E, quando alguém a visitava, nunca deixava de dizer que tinha abandonado a música e que não podia agora voltar a ela, por razões de força maior. Então as pessoas lastimavam-na. Era uma pena! Ela que tinha tanto talento! Chegaram a falar nisso a Bovary, envergonhando-o, sobretudo o farmacêutico.

– É mal feito! Nunca se devem deixar por cultivar as faculdades naturais. Além disso, o meu bom amigo deve pensar que, animando a sua esposa a estudar, economizará mais tarde na educação da sua filha! Eu sou da opinião de que as mães devem educar os seus próprios filhos. É uma ideia de Rousseau, talvez ainda um pouco nova, mas que acabará por triunfar, tenho disso a certeza, tal como o aleitamento materno e as vacinas.

Charles voltou então de novo a essa questão do piano. Emma respondeu com azedume que valia mais vendê-lo. Aquele pianozinho, que lhe proporcionara tantas satisfações vaidosas, vê-lo ir-se embora representava para Bovary uma espécie de suicídio indefinível de uma parte da própria mulher!

– Se tu quisesses... – dizia ele – de tempos a tempos uma lição, isso não seria, afinal de contas, uma coisa extremamente ruínosa.

– Mas as lições – replicava ela – só aproveitam se forem seguidas.

E foi este o modo como Emma se arranjou para conseguir do marido permissão para ir à cidade, uma vez por semana, ver o amante. Notou-se inclusivamente, ao cabo de um mês, que ela fizera consideráveis progressos.

CAPÍTULO V

Era quinta-feira. Ela levantava-se e vestia-se silenciosamente, para não acordar Charles, que lhe teria feito notar o facto de que se levantava demasiado cedo. Depois caminhava para trás e para diante, chegava-se à janela e ficava a olhar para a praça. A claridade do amanhecer circulava entre as colunas do mercado e na casa do farmacêutico, com as persianas ainda cerradas, começavam a perceber-se as maiúsculas do letreiro.

Quando o relógio marcava as sete horas e um quarto, dirigia-se para o Leão de Ouro, onde Artémise, bocejando, lhe vinha abrir a porta. A rapariga revolvía, para a senhora, as brasas enterradas nas cinzas. Emma ficava só na cozinha. De vez em quando saía. Hivert aparelhava a diligência sem se apressar, prestando, além disso, atenção à tia Lefrançois, que, passando pelo postigo a cabeça com o barrete de dormir, o encarregava de uma data de coisas e lhe dava explicações que chegariam para atrapalhar qualquer outro homem.

Emma batia com a sola das botinas nas lajes do pátio.

Finalmente, depois de ter comido a sua sopa, envergado o sobretudo, acendido o cachimbo e empunhado o chicote, Hivert instalava-se vagarosamente na boleia.

A *Andorinha* partia a trote curto e, no trajeto de quase uma légua, parava de lugar em lugar para tomar passageiros que a esperavam de pé, à beira do caminho, diante das cancelas dos pátios. Os que tinham avisado na véspera faziam-se esperar, alguns estavam mesmo ainda em casa, na cama, Hivert chamava, gritava, praguejava, depois descia do assento e ia dar grandes pancadas às portas. O vento assobiava nos postigos quebrados.

Entretanto, os quatro bancos iam-se enchendo, a carruagem rodava, as macieiras iam-se sucedendo em fila, e a estrada, entre as duas compridas valetas cheias de água barrenta, ia-se continuamente estreitando para o horizonte. Emma conhecia-a de um extremo ao outro, sabia que depois de um pasto havia um marco, depois um álamo, um palheiro ou uma casota de cantoneiro, às vezes até, para se surpreender a si mesma, fechava os olhos, mas nunca perdia a noção do sítio onde se encontrava e da distância a percorrer.

Por fim aproximavam-se as casas de tijolo, o chão ecoava debaixo das rodas, a *Andorinha* deslizava por entre jardins onde se viam, por uma abertura, estátuas, um miradouro em caracol, arbustos recortados e um baloiço.

Depois, num relance, aparecia a cidade.

Descendo toda em anfiteatro e mergulhada em nevoeiro, alargava-se confusamente para além das pontes. A campina tornava depois a subir monotonamente até tocar, ao longe, a base indecisa do céu pálido. Assim vista de cima, toda a paisagem tinha o aspeto imóvel de uma pintura, os navios ancorados amontoavam-se num canto, o rio fazia uma curva redonda na falda das colinas verdes, e as ilhas, de forma alongada, pareciam enormes peixes escuros imóveis à superfície da água.

As chaminés das fábricas lançavam imensos rolos de fumo negro, que se desfaziam pela extremidade. Ouvia-se o fragor das fundições, juntamente com o claro repique das igrejas que se perfilavam na bruma. As árvores das avenidas, despidas de folhas, formavam emaranhados violáceos no meio das casas, e os telhados, reluzentes com a chuva, brilhavam em socacos, segundo a altura dos bairros. Às vezes, uma rajada de vento arrastava as nuvens para a encosta de Santa Catarina, como vagas aéreas que se quebrassem em silêncio contra uma falésia.

Para Emma, desprendia-se qualquer coisa de vertiginoso daquelas existências amontoadas, inundando-lhe abundantemente o coração, como se as cento e vinte mil almas que ali palpitavam lhe enviassem, todas ao mesmo tempo, o vapor das paixões que ela lhes atribuía. O amor avolumava-se-lhe diante do espaço e enchia-se de tumulto com rumores vagos que subiam.

Extravasava sobre as praças, os passeios, as ruas, e a velha cidade normanda parecia aos seus olhos uma imensa capital, como uma Babilónia onde estivesse penetrando. Apoiava-se com ambas as mãos e debruçava-se do postigo para aspirar a brisa, os três cavalos galopavam, as pedras rangiam na lama, a diligência baloiçava e Hivert, de longe, gritava às carripas que passavam na estrada, enquanto os burgueses que tinham passado a noite no Bois Guillaume desciam tranquilamente a encosta no seu carrinho de família.

Parava-se na barreira, Emma desafivelava os tamanquinhos, calçava outras luvas, compunha o xaile e, vinte passos mais adiante, descia da *Andorinha*.

A cidade despertava então. Os caixeiros, de boné, lavavam as fachadas das lojas e as mulheres que carregavam cestos apoiados nas ancas soltavam de quando em quando um sonoro pregão às esquinas das ruas. Emma caminhava de olhos no chão, rente às paredes, sorrindo de prazer por baixo do seu véu preto.

Por receio de ser vista, não seguia normalmente o caminho mais curto.

Embrenhava-se em ruelas escuras e chegava coberta de suor à entrada da Rue Nationale, perto da fonte que ali existe. É o bairro do teatro, dos botequins e das meretrizes.

Muitas vezes passava perto dela uma carroça transportando qualquer decoração oscilante. Moços de avental espalhavam areia sobre o lajedo, entre arbustos verdes. Sentia-se o cheiro a absinto, a charuto e a ostras.

Voltava uma esquina, reconhecia-o logo pelos cabelos frisados que lhe saíam do chapéu.

Léon continuava a caminhar sobre o passeio. Ela seguia-o até ao hotel, ele subia, abria a porta e entrava... Que abraço!

Depois dos beijos precipitavam-se as palavras. Contavam um ao outro os dissabores da semana, os pressentimentos, as inquietações por causa das cartas, mas naquela altura esquecia-se tudo e fitavam-se face a face, com risadas voluptuosas e palavrinhas de ternura.

A cama era um enorme leito de mogno, em forma de barquinha.

As cortinas de levantina vermelha, que desciam do teto, eram apanhadas muito em baixo, do lado da cabeceira côncava – e não havia no mundo nada tão belo como a sua cabeça escura e a pele branca destacando-se sobre aquela cor purpúrea, quando, por um gesto de pudor, ela fechava os braços nus, escondendo o rosto nas mãos.

O aconchegado aposento, com o seu tapete discreto, os ornamentos alegres e a iluminação suave, parecia ser o mais próprio para as intimidades da paixão. Os varões metálicos terminados em flecha, as pateras de cobre e as grandes esferas do fogão reluziam repentinamente quando lhes batia o sol. Havia sobre a chaminé, entre os castiçais, duas enormes conchas cor de-rosa, por onde se ouvia o barulho do mar aquando encostadas ao ouvido.

Como gostavam daquele belo quarto cheio de alegria, apesar do seu esplendor um tanto murchado! Achavam sempre os móveis no seu lugar e, às vezes, os ganchos de cabelo que ela esquecera, na quinta-feira anterior, debaixo do pedestal do relógio.

Almoçavam ao pé do fogão, sobre uma mesinha com embutidos de palissandro. Emma cortava a carne e punha-lhe os bocadinhos no prato, fazendo-lhe toda a espécie de pieguices, e ria-se com um riso sonoro e libertino quando a espuma do champanhe transbordava da taça para os anéis que lhe enfeitavam os dedos. Estavam ambos tão completamente perdidos na posse um do outro, que se julgavam já na sua casa particular, onde deveriam viver até à morte, como dois noivos em constante lua-de-mel. Diziam o nosso quarto, o nosso tapete, as nossas poltronas, ela dizia também as minhas chinelas, um presente de Léon, uma fantasia que ela tivera. Eram chinelas de cetim cor de-rosa, bordadas. Quando se sentava sobre os joelhos dele, as pernas, bastante mais curtas, ficavam-lhe suspensas, e as minúsculas chinelas seguravam-se apenas pelos dedos dos pés nus.

Léon saboreava pela primeira vez a inexprimível delicadeza das elegâncias femininas. Nunca encontrara aquela graça de linguagem, aquela reserva do vestuário, aquelas atitudes de pomba adormecida. Admirava-lhe a exaltação da alma e as rendas do vestido. Além disso, não era uma mulher da sociedade, e uma mulher casada, enfim, uma verdadeira amante?

Pelas oscilações do humor, ora mística ora alegre, tagarela, taciturna, arrebatada, indolente, ia despertando nele mil desejos, evocando instintos ou reminiscências. Era a apaixonada de todos os romances, a heroína de todos os dramas, a vaga ela de todos os livros de poesia. Achava-lhe nos ombros a cor ambarina da odalisca no banho, tinha o busto alto das castelãs feudais, parecia-se também com a mulher pálida de Barcelona, mas era, sobretudo, Anjo!

Muitas vezes, contemplando-a, parecia-lhe que a alma, escapando-se-lhe para ela, se espraiava como uma onda sobre o contorno da sua cabeça e descia arrastada pela alvura do seu peito.

Sentava-se no chão, diante de Emma, e, com os cotovelos apoiados nos joelhos, fitava-a com um sorriso, sem despegar os olhos dela.

Esta inclinava-se para ele e murmurava, como que sufocada de embriaguez:

– Oh! Não te mexas! Não digas nada! Olha para mim! Sai dos teus olhos qualquer coisa tão doce, que me faz tanto bem!

Chamava-lhe menino:

– Meu menino, amas-me?

E nem lhe esperava a resposta, na precipitação com que os seus lábios lhe procuravam a boca.

Havia em cima do relógio um pequeno Cupido de bronze que, num requebro, arqueava os braços sob uma grinalda dourada.

Muitas vezes se riram dele, mas, quando tinham de se separar, tudo lhes parecia sério.

Imóveis diante um do outro, repetiam:

– Até quinta-feira!... Até quinta-feira!

Subitamente, ela agarrava-lhe a cabeça com as duas mãos, dava-lhe um rápido beijo na testa, exclamando: “Adeus!”, e corria pela escada.

Ia à Rue de la Comédie, a um cabeleireiro, arranjar o penteado.

A noite caía e acendiam o gás no salão.

Ouvia a sineta do teatro chamando os atores para a representação e via passar, em frente, homens de cara rapada e mulheres com vestidos desbotados, que entravam pela porta dos bastidores.

Fazia calor no pequeno aposento atarracado, onde o fogareiro sussurrava no meio de perucas e pomadas. O cheiro dos ferros e aquelas mãos engorduradas que lhe arranjavam a cabeça não tardavam a atordoá-la e dormitava um pouco no penteador.

Muitas vezes o cabeleireiro, enquanto a penteava, oferecia-lhe bilhetes para o baile de máscaras.

Depois ela ia-se embora! Voltando a subir as mesmas ruas, chegava à Cruz Vermelha, punha novamente os tamancos, que escondera de manhã debaixo de um banco, e tomava o seu lugar no meio dos passageiros impacientes.

Alguns apeavam-se ao pé da encosta. Às vezes ficava sozinha na diligência.

A cada curva, cada vez se ia vendo melhor toda a iluminação da cidade, que formava um denso vapor luminoso por cima das casas aglomeradas. Emma punha-se de joelhos sobre os bancos almofadados e deixava divagar os olhos por aquele deslumbramento. Soluçava, chamava por Léon e dirigia-lhe palavras de ternura e beijos que se perdiam no vento.

Vivia no monte um pobre diabo vagabundeando com o seu cajado e metendo-se à frente das diligências. Cobria os ombros com uma confusão de farrapos e um velho chapéu de castor, todo amolgado, com a aba descaída, escondia-lhe o rosto, mas, quando o retirava descobria, no sítio das pálpebras, duas órbitas esbugalhadas, cheias de

sangue. A carne desfazia-se em pedaços vermelhos, donde escorria um líquido que coalhava em crostas esverdeadas até ao nariz, cujas ventas escuras fungavam convulsivamente. Para falar, inclinava a cabeça para trás com um riso idiota, então, as pupilas azuladas, revolvendo-se num movimento contínuo, passavam, junto das fontes, pelo bordo da chaga viva.

Punha-se a cantar uma cançoneta atrás das carruagens:

*Quantas vezes um belo dia de calor
Faz sonhar as meninas com o amor!*

E tudo o resto falava só de passarinhos, do Sol e da folhagem.

Às vezes aparecia repentinamente atrás de Emma, com a cabeça descoberta. Ela retirava-se com um grito. Hivert galhofava com ele. Sugeria-lhe que alugasse uma barraca na feira de Saint-Romain, ou então, a rir, perguntava-lhe pela namorada.

Frequentemente, com a carruagem em andamento, o seu chapéu entrava com um gesto brusco pelo postigo, enquanto com o outro braço ele se segurava sobre o estribo, entre os salpicos das rodas. A voz, a princípio débil e gemida, tornava-se depois aguda. Arrastava-se no meio da noite, como o indistinto lamento de uma angústia vaga, e, através do som dos guizos, do murmúrio das árvores e do estardalhaço da carripa vazia, tinha qualquer coisa de longínquo que perturbava Emma.

Descia-lhe até ao fundo da alma como um turbilhão num abismo e arrebatava-a por entre os espaços de uma melancolia sem limites. Mas Hivert, notando o contrapeso, atirava às cegas fortes chicotadas naquela direção. A ponta do chicote fustigava as chagas do desgraçado e este caía na lama soltando um uivo.

Depois, os passageiros da *Andorinha* acabavam por adormecer, uns com a boca aberta, outros de queixo caído, encostados ao ombro do vizinho, ou então com o braço enfiado na correia, oscilando regularmente com o baloiçar do carro, e o reflexo da lanterna que oscilava lá fora por cima da garupa dos cavalos, penetrando no interior através das cortinas de chita cor de chocolate, produzia sombras sanguinolentas sobre todos aqueles indivíduos imóveis.

Emma, atordoada de tristeza, tiritava dentro do seu vestido, e sentia cada vez mais frio nos pés e a morte na alma.

Charles esperava-a em casa, a *Andorinha* atrasava-se sempre à quinta-feira. Lá chegava por fim a senhora! Mal beijava a petiza. O jantar não estava pronto.

Não tinha importância! Ela desculpava a cozinheira. Tudo agora parecia permitido à rapariga.

Frequentemente, o marido, notando-lhe a palidez, lhe perguntava se ela não estaria doente.

– Não – respondia Emma.

– Mas – replicava ele – acho-te esta noite tão estranha!

– Oh, não é nada! Não é nada!

Havia até dias em que, mal acabava de entrar, subia logo ao quarto, e Justin, que ali estava, andava na ponta dos pés, servindo-a com mais habilidade que uma excelente camareira. Punha em ordem os fósforos, o castiçal, um livro, estendia-lhe a camisola, abria-lhe a cama.

– Ótimo – dizia ela –, está bem, vai-te embora!

Porque ele se deixava ficar ali de pé, de braços caídos e olhos arregalados, como que enlaçado por inumeráveis fios de um súbito devaneio.

O dia seguinte era terrível e os outros depois desse mais intoleráveis ainda, pela impaciência que Emma tinha de reaver a felicidade – um ávido desejo, inflamado de imagens conhecidas, que, no sétimo dia, se expandia livremente nas carícias de Léon. Os ardores deste manifestavam-se em expansões de espanto e reconhecimento. Emma saboreava aquele amor de um modo discreto e absorto, encorajava-o por todos os artifícios da sua ternura, receando um pouco vir a perdê-lo mais tarde.

Muitas vezes lhe dizia, com suavidades de voz melancólica:

– Oh!, tu ainda me deixas!... Acabarás por te casar!... Hás de ser como os outros.

Ele perguntava:

– Que outros?

– Ora, os outros homens – respondia ela.

Depois acrescentava, repelindo-o com um gesto lânguido:

– Vocês são todos infames!

Um dia em que conversavam filosoficamente acerca das desilusões terrenas, ela chegou a dizer (para lhe experimentar o ciúme ou talvez cedendo a uma necessidade demasiado forte de desabafar) que noutros tempos, antes dele, tinha amado alguém, “não como a ti!”

acrescentou rapidamente, jurando pela saúde da sua filha que não se tinha passado nada.

O rapaz acreditou-a mas, mesmo assim, quis saber o que esse outro fazia.

– Era capitão de um navio.

Não seria isto prevenir qualquer investigação e colocar-se ao mesmo tempo num nível bastante alto, por aquela pretensa fascinação exercida sobre um homem que deveria ser de natureza belicosa e acostumado a homenagens?

O escriturário sentiu então a infimidade da sua posição, invejava dragonas, cruzes, títulos. Tudo isso devia agradar a ela: era de calcular, pelos seus hábitos esbanjadores.

No entanto, Emma encobria grande parte das suas extravagâncias, como o desejo de ter, para se transportar a Ruão, um tálburi azul, puxado por um cavalo inglês e conduzido por um cocheiro de botas de canhão. Fora Justin que lhe inspirara esse capricho, suplicando-lhe que o empregasse como seu criado de quarto, e, se aquela privação não atenuava, em cada entrevista, o prazer da chegada, aumentava certamente a amargura do regresso.

Muitas vezes, quando conversavam sobre Paris, ela acabava por murmurar:

– Ah!, que bom lugar que seria para vivermos!

– Então não somos felizes? – insistia brandamente o rapaz, passando-lhe a mão sobre o cabelo.

– Sim, é verdade – dizia ela –, sou maluca, dá-me um beijo!

Para o marido mostrava-se agora mais encantadora que nunca, preparava-lhe cremes com pistacho e tocava valsas depois do jantar. Ele sentia-se portanto o homem mais feliz do mundo e Emma vivia sem preocupações quando, numa certa noite, inesperadamente, ele perguntou:

– Não é a senhora Lempereur que te dá as lições?

– É.

– Calha bem – replicou Charles –, estive com ela esta tarde, em casa da senhora Liégeois. Falei-lhe de ti, não te conhece.

Foi como se tivesse caído um raio. No entanto, Emma respondeu com um ar natural:

– Oh! Terá, com certeza, esquecido o meu nome!

– Mas – continuou o médico –, quem sabe se não haverá em Ruão várias senhoras Lempereur que deem lições de piano?

– Quem sabe?

Depois, vivamente:

– Tenho até os recibos dela, olha! Vou-tos mostrar.

Foi à secretária, revolveu todas as gavetas, misturou os papéis e acabou por ficar tão desorientada que Charles instou com ela para não se afligir tanto com os miseráveis recibos.

– Oh! Hei de achá-los – disse ela.

Com efeito, logo na sexta-feira seguinte, Charles, calçando uma bota no quarto escuro onde lhe guardavam os fatos, sentiu uma folha de papel entre a sola e a meia, agarrou-a e leu:

“Recebi, por três meses de lições, mais diversos fornecimentos, a soma de sessenta e cinco francos. Félicité Lempereur, professora de Música.”

– Como diabo veio isto parar dentro das minhas botas?

– Naturalmente – respondeu ela – caiu da pasta velha de faturas que está na borda da prateleira.

A partir daquele momento, a sua vida não foi mais que uma coleção de mentiras, em que envolvia o seu amor como que em véus, para o esconder.

Era uma necessidade, uma mania, um prazer, de tal maneira que, se ela dissesse que passara no dia anterior pelo lado direito de uma rua, tinha de se entender que passara pelo lado esquerdo.

Uma manhã em que acabara de sair, segundo o seu costume, com uma roupa bastante leve, começou repentinamente a nevar, e, como Charles estivesse à janela a observar o tempo, viu o padre Bournisien na carruagem do senhor Tuvache, que o ia levar a Ruão. Saiu então a confiar ao eclesiástico um grande xaile para que ele o entregasse a Emma quando chegasse à Cruz Vermelha. Logo que chegou à estalagem, Bournisien perguntou onde estava a mulher do médico de Yonville. A estalajadeira respondeu que ela frequentava muito pouco o seu estabelecimento. Por isso, à tarde, reconhecendo a senhora Bovary na *Andorinha*, o padre contou-lhe da atrapalhão, sem, no entanto, lhe atribuir muita importância, porque começou a fazer o elogio de um pregador que por essa altura estava fazendo maravilhas na catedral e que todas as senhoras corriam a ouvir.

Apesar de aquele não ter pedido explicações, outros mais tarde poderiam mostrar-se menos discretos. Por isso julgou conveniente apelar-se todas as vezes na Cruz Vermelha, de sorte que as boas pessoas da sua terra que a vissem na escada não pudessem desconfiar de nada.

No entanto, um dia, o senhor Lheureux encontrou-a à saída do Hotel de Bolonha pelo braço de Léon e ela ficou apavorada, imaginando que ele fosse dar à língua. Não era assim tão parvo.

Mas, três dias depois, entrou no quarto dela, fechou a porta e disse:

– Eu precisava de dinheiro.

Ela disse que não lho podia dar. Lheureux desfez-se em lamentações e recordou todas as condescendências que tivera.

Efetivamente, das duas letras assinadas por Charles, Emma, até ao momento, só havia pago uma. Quanto à segunda, o mercador, a seu pedido, havia consentido em a substituir por duas outras, que até tinham sido renovadas por um prazo bastante longo. Depois tirou do bolso uma lista de fornecimentos por liquidar, a saber: as cortinas, o tapete, o tecido para as poltronas, vários vestidos e diversos artigos de toilette, cujo valor se elevava à soma de cerca de dois mil francos.

Emma baixou a cabeça: ele continuou:

– Mas, se não tem dinheiro, a senhora possui bens.

E indicou-lhe um pardieiro situado em Barneville, perto de Aumale, que não rendia quase nada. Dependera antes de uma pequena quinta vendida pelo pai do Bovary. Lheureux sabia tudo, até o número de hectares e o nome dos vizinhos.

– Eu cá, no seu lugar – dizia ele –, libertava-me e ficava ainda com algum dinheiro.

Ela objetou com a dificuldade de encontrar comprador, ele deu-lhe esperanças de poder arranjar-lhe um, mas ela perguntou como teria de agir para fazer a venda.

– Então não tem a procuração? – respondeu ele. Esta palavra surgiu como uma lufada de ar fresco.

– Deixe-me ficar a conta – disse Emma.

– Oh!, não vale a pena! – respondeu Lheureux.

Voltou na semana seguinte e gabou-se de, após uma série de voltas, ter conseguido descobrir um certo Langlois que, há muito tempo, andava a cobiçar a propriedade, sem falar em preço.

– O preço não tem importância! – exclamou ela.

Havia que esperar, era melhor apalpar aquele espertalhão. Valia a pena fazer uma viagem e, como ela não poderia fazer essa viagem, Lheureux ofereceu-se para ir até lá e chegar à fala com o Langlois. Depois de voltar, anunciou que o comprador propunha quatro mil francos.

- Emma ficou radiante com a notícia.
- Francamente – acrescentou ele –, é bem pago.

Ela recebeu metade da importância imediatamente e, quando foi para saldar a conta, disse-lhe o negociante:

– Palavra de honra que me faz pena vê-la largar de uma vez só uma soma tão volumosa como essa.

Então, ela olhou para o maço de notas e, pensando no ilimitado número de encontros que aqueles dois mil francos representavam, balbuciou:

– Como? Como?

– Oh! – prosseguiu ele, rindo com um ar bonacheirão –, nas faturas pode-se pôr tudo o que se quiser. Então eu não sei como se faz noutras casas?

E olhava-a fixamente, segurando na mão dois grandes papéis que fazia deslizar entre os dedos. Por fim, abrindo a carteira, estendeu em cima da mesa quatro letras à ordem, de mil francos cada uma.

– Assine-me isto – disse ele –, e guarde tudo. Ela protestou, escandalizada.

– Mas se eu lhe dou a diferença – respondeu descaradamente Lheureux –, não lhe estou a fazer um favor?

E, pegando numa pena, escreveu por baixo da conta: “Recebi da senhora Bovary quatro mil francos.”

– Porque é que se inquieta, uma vez que recebe o resto da barraca daqui a seis meses e eu marquei o prazo da última letra para depois do pagamento?

Emma atrapalhava-se um pouco com os seus cálculos e os ouvidos zuniam-lhe como se uma quantidade de moedas de ouro, rompendo os sacos, caíssem a tilintar no chão em redor dela.

Finalmente, Lheureux explicou que tinha um amigo chamado Vinçart, banqueiro em Ruão, que lhe ia descontar as quatro letras. Depois, ele próprio entregaria à senhora a diferença da dívida real.

Mas, em lugar de dois mil francos, trouxe-lhe apenas mil e oitocentos, porque o amigo Vinçart (como era justo) havia ficado com duzentos, para despesas de comissão e desconto. Depois pediu-lhe um recibo, com toda a naturalidade.

– Compreende..., no comércio..., às vezes... E com a data, se faz favor, ponha a data.

Abriu-se então diante de Emma um horizonte de fantasias realizáveis. Teve prudência suficiente para pôr de reserva mil escudos,

com os quais foram pagas, nos respectivos prazos, as três primeiras letras, mas a quarta, por acaso, apareceu-lhe em casa numa quinta-feira, e Charles atrapalhado, esperou pacientemente o regresso da mulher para lhe pedir explicações.

Se ela não lhe falara daquela letra, fora para o poupar a preocupações domésticas, ela sentou-se-lhe sobre os joelhos, acariciou-o, elogiou-o e fez-lhe uma longa enumeração de todas as coisas indispensáveis compradas a crédito.

– Enfim, tens de concordar que, considerando a qualidade, não foi muito caro.

Charles, esgotado de ideias, logo recorreu ao eterno Lhereux, que jurou arranjar as coisas se o doutor lhe assinasse duas letras, sendo uma de setecentos francos, pagável dali a três meses. Para satisfazer a proposta, escreveu à mãe uma carta patética. Em vez de mandar a resposta, veio ela mesmo em pessoa, e, quando Emma quis saber se o marido conseguira alguma coisa, respondeu:

– Sim. Mas ela quer ver a fatura.

No dia seguinte, ao romper do dia, Emma correu a casa do senhor Lheureux para lhe pedir que fizesse outra fatura que não fosse além de mil francos, porque, para mostrar aquela dos quatro mil, teria de dizer que pagara já dois terços e, conseqüentemente, confessar a venda do prédio, negócio bem conduzido pelo mercador e que efetivamente só mais tarde veio a ser conhecido.

Apesar do preço bastante baixo de cada artigo, a viúva Bovary não deixou de achar a despesa exagerada.

Não podiam passar sem um tapete? E porque é que foi necessário substituir o tecido das poltronas? No meu tempo, em cada casa só havia uma poltrona, para as pessoas idosas, pelo menos era assim em casa da minha mãe, que era senhora de respeito, essa vos garanto. Nem todos podem ser ricos! Nenhuma fortuna resiste ao esbanjamento! Eu tinha vergonha de me rodear de todas as comodidades como vocês fazem! E, no entanto, já sou uma pessoa de idade, preciso de conforto...

Aqui está, aqui está! Enfeites, ostentações! Que é isto? Seda para forro, a dois francos!..., quando há musselinas a dez soldos e até a oito que fazem o mesmo efeito.

Emma, recostada no sofá, replicava o mais calmamente possível:

– Está bem, senhora! Basta, basta!...

A outra continuava o seu sermão, predizendo que iriam acabar os dois num asilo. Aliás, a culpa era de Bovary. Felizmente, ele prometera anular aquela procuração...

– Como?

– Pois! Jurou-me – respondeu a sogra.

Emma abriu a janela, chamou Charles, e o pobre homem foi constrangido a confessar a promessa arrancada à força pela mãe.

Emma desapareceu e voltou imediatamente, estendendo-lhe majestosamente uma grande folha de papel.

– Muito obrigada – disse a velha.

– E atirou para o fogo a procuração.

Emma pôs-se a rir com um riso estridente, explosivo, contínuo: tinha um ataque de nervos.

– Valha-me Deus! — exclamou Charles. – E tu também não devias proceder desse modo! Vieste fazer-lhe cenas!...

A mãe, porém, encolhendo os ombros, achava que tudo aquilo era fingido.

Mas Charles, revoltando-se pela primeira vez, tomou a defesa da mulher, de tal maneira que a viúva decidiu ir-se embora.

Partiu logo no dia seguinte e, já à porta, como o filho procurasse retê-la, replicou-lhe:

– Não, não! Gostas mais dela do que de mim, e tens razão, está certo assim. Além disso, deixa lá! Ainda há de ver!... Adeus, boa saúde... O que eu não torno é, como tu dizes, a vir para cá fazer cenas.

Nem por isso Charles se sentiu menos envergonhado na presença de Emma, não escondendo esta o rancor com que lhe ficara por ele lhe haver retirado a confiança, foram precisos muitos rogos antes que ela se decidisse a aceitar novamente a procuração e até a acompanhou a casa do Guillaumin para lhe fazer outra igual à primeira.

– Compreendo perfeitamente – disse o notário. – Um homem de ciência não pode embarçar-se com pormenores da vida prática.

Charles sentiu-se aliviado por aquela reflexão adúladora, que conferia à sua fraqueza as lisonjeiras aparências de uma preocupação superior.

Que expansão de alegria, na quinta-feira seguinte, no hotel, com Léon, no quarto! Ela riu, chorou, cantou, dançou, mandou trazer sorvetes, quis fumar cigarros, pareceu-lhe extravagante, mas adorável, soberba.

Léon não compreendia que reação no interior daquela alma a impelia ainda mais a precipitar-se sobre os prazeres da vida.

Ela tornava-se irritável, gulosa e voluptuosa, passeava com ele pelas ruas, de cabeça erguida, sem medo de se comprometer, como ela dizia. Por vezes, no entanto, estremecia quando lhe ocorria a ideia de poder tornar a encontrar Rodolphe, porque lhe parecia que, embora se tivessem separado para sempre, ainda não se tinha libertado completamente da sua dependência.

Uma noite não regressou a Yonville. Charles estava como doido e a pequenita Berthe, não querendo deitar-se sem a mamã, soluçava convulsivamente. Justin fora andar para a estrada ao acaso. E até Homais deixara a farmácia.

Enfim, às onze horas, não podendo mais conter-se, Charles aparelhou o carro, saltou-lhe para cima, chicoteou a besta e chegou pelas duas da madrugada à Cruz Vermelha. Ninguém.

Lembrou-se de que talvez o escriturário a tivesse visto, mas onde morava ele? Felizmente, lembrou-se da morada do patrão. Correu para lá.

O dia começava a alvorecer. Distinguiu uns letreiros por cima de uma porta, bateu. Alguém, sem abrir, lhe gritou a informação pedida, acrescentando uma data de insultos contra os indivíduos que incomodavam as pessoas durante a noite.

A casa onde morava o escriturário não tinha campainha, nem aldraba, nem porteiro. Charles começou a dar grandes murros na porta. Vinha um polícia a passar, então encheu-se de medo e afastou-se.

“Sou palerma”, pensava ele, “naturalmente convidaram-na para jantar em casa do senhor Lormeaux.”

A família Lormeaux já não residia em Ruão.

– Se calhar ficou a cuidar da senhora Dubreuil. Eh!, a senhora Dubreuil já morreu há dez meses!... Onde estará ela então?

Surgiu-lhe uma ideia. Pediu, num café, L'Annuaire e procurou rapidamente o nome da senhora Lempereur, que morava na Rue de la Renelle des– Maroquiniers, n.º 74.

Quando ia a entrar nessa rua, apareceu a própria Emma no outro extremo, atirou-se para ela mais do que a beijou, exclamando:

– Mas quem é que te reteve ontem?

– Estive doente.

– De quê?... Onde?... Como foi?...

Ela passou a mão pela testa e respondeu:

– Em casa da senhora Lempereur.

– Tinha a certeza que lá estavas. Ia lá agora.

– Oh!, não vale a pena, – disse Emma. – Ela saiu mesmo há pouco, mas de futuro mantém a calma. Não me posso sentir livre, compreendes?, se souber que o menor atraso te perturba dessa maneira.

Era uma espécie de autorização que dava a si própria para se sentir à vontade nas suas escapadas. Por isso tratou de se aproveitar dela o mais que pôde.

Quando lhe dava na gana ir ver Léon, saía a qualquer pretexto e, como ele não a esperava nesse dia, ia procurá-lo ao cartório.

Nas primeiras vezes foi uma grande alegria, mas, pouco tempo depois, deixou de lhe esconder a verdade, a qual era que o patrão se queixava extremamente daqueles transtornos.

– Deixa lá isso! Vem daí – dizia ela.

E ele escapava-se.

Emma quis que ele se vestisse todo de preto e deixasse crescer a barba na ponta do queixo, para se parecer com os retratos de Luís XIII.

Teve desejo de lhe ver o aposento e achou-o medíocre, ele corou com isso, mas ela não notou e depois aconselhou-o a comprar umas cortinas iguais às suas, e, como ele objetou que eram dispendiosas, disse-lhe a rir:

– Ah!, ah! És então agarrado aos teus escudinhos!

Exigia que Léon, todas as vezes, lhe relatasse toda a sua conduta, desde o último encontro. Pedia-lhe versos, versos dedicados a ela, um poema de amor em sua homenagem, ele nunca conseguia encontrar a rima do segundo verso e acabou por copiar um soneto de um álbum de recordações.

Foi mais pelo simples desejo de lhe agradar do que por vaidade. Não discutia as ideias dela, aceitava todos os seus gostos, era ele quem realmente se comportava como se fosse uma amante. Emma dizia palavras ternas acompanhadas de beijos que o arrebatavam. Onde teria ela aprendido aquela depravação, quase imaterial à força de ser profunda e dissimulada?

CAPÍTULO VI

Nas viagens que fazia para a ver, Léon jantara muitas vezes em casa do farmacêutico e sentira-se constrangido, por delicadeza, a convidá-lo por sua vez.

– Com muito gosto! – respondera o senhor Homais. – Além disso, eu também preciso de me retemperar um pouco, porque senão embruteço aqui. Iremos ao teatro, ao restaurante, faremos umas folias!

– Ah!, meu amiguinho! – murmurou ternamente a senhora Homais, assustada com os vagos perigos que ele se dispunha a correr.

– Ora, que tem isso? Achas que não chega de arruinar a saúde vivendo continuamente no meio das emanções da farmácia? Vejam bem como são as mulheres: têm ciúmes da ciência, depois opõem-se a que nos entreguemos às mais legítimas distrações. Não interessa, pode contar comigo, um destes dias apareço em Ruão e os dois levamos a banca à glória.

O boticário, noutro tempo, nunca teria empregado semelhante expressão, mas adotara recentemente um género galhofeiro e parisiense que achava de muito bom-gosto, e, como a senhora Bovary, sua vizinha, interrogava o escriturário, cheio de curiosidade pelos costumes da capital, chegando até a falar em gíria para deslumbrar... os outros burgueses.

Por conseguinte, numa quinta-feira, Emma ficou surpreendida de encontrar, na cozinha do Leão de Ouro, o senhor Homais em traje de viagem, isto é, com um velho capote que ninguém lhe conhecia, segurando uma mala numa das mãos e, na outra, o saco de agasalhar os pés que usava no estabelecimento.

Não tinha participado a ninguém o seu projeto, com receio de inquietar o público com a sua ausência.

A ideia de rever os lugares onde passara a juventude devia excitá-lo, pois não se calou durante todo o caminho, depois, mal acabou de chegar, saltou logo da carruagem para ir à procura de Léon, e o escriturário, por mais que resistisse, acabou por ser arrastado para o grande Café da Normandia, onde Homais entrou majestosamente sem tirar o chapéu, achando ser demasiado provincial descobrir-se num lugar público.

Emma esperou Léon três quartos de hora. Por fim correu ao cartório e, perdida em toda a espécie de conjeturas, acusando-o de indiferença e acusando-se a si mesma de fraqueza, passou toda a tarde com a testa colada à vidraça.

Às duas horas estavam ainda sentados à mesa, um defronte do outro. A grande sala ia-se esvaziando, o cano do fogão, com a forma de uma palmeira, espalhava no teto a sua copa dourada, e, perto deles, atrás do envidraçado, em pleno sol, gorgolejava um pequeno repuxo num tanque de mármore, onde, entre espargos e agriões, se estendiam três lagostas entorpecidas junto de uma pilha de codornizes amarradas e deitadas de lado.

Homais todo se deleitava. Apesar de se embriagar ainda mais com o luxo do que com a pinga, o vinho de Pomard, entretanto, excitava-lhe um pouco as faculdades, e, quando apareceu a omeleta de rum, fez uma exposição de teorias imorais acerca de mulheres. O que acima de tudo o seduzia era o chiquismo.

Adorava uma toilette elegante numa casa bem mobilada e, quanto às qualidades físicas, não detestava um bom pedaço.

Léon olhava desesperado para o relógio. O boticário bebia, comia, falava.

– O senhor deve passar uma vida de privações aqui em Ruão – disparou Homais inesperadamente. – Ainda assim, os seus amores não residem muito longe.

E, como o outro corava, continuou:

– Ora seja franco! É capaz de negar que em Yonville...? O rapaz balbuciou qualquer coisa.

– Em casa da senhora Bovary, fazia a corte...?

– A quem?

– À criada!

Homais não gracejava, mas, como a vaidade lhe suplantava a prudência, Léon, malgrado seu, não se conteve sem protestar.

Além disso, só gostava de morenas.

– Nisso tem razão – disse o farmacêutico –, são muito mais ardorosas.

E, inclinando-se para o ouvido do amigo, indicou-lhe os sintomas pelos quais se reconhecia que uma mulher era ardorosa. Lançou-se mesmo numa digressão etnográfica: as alemãs eram vaporosas, as francesas libertinas, as italianas apaixonadas.

– E as pretas? – indagou o escrivão.

- Isso é gosto de artista – respondeu Homais. – Rapaz! dois cafês!
- Vamo-nos embora? – disse por fim Léon, impacientando-se.
- *Yes*.

Mas, antes de se ir embora, quis falar com o dono do estabelecimento e dirigir-lhe alguns cumprimentos.

Então Léon, para se apanhar sozinho, disse que tinha umas coisas a fazer.

- Ah!, eu acompanho-o! – disse Homais.

E, enquanto percorria com ele as ruas, ia falando da mulher, dos filhos, do futuro deles e da sua farmácia, descrevia-lhe a decadência em que esta estivera noutro tempo e o grau de perfeição a que ele a elevava.

Chegando defronte do Hotel de Bolonha, Léon separou-se bruscamente dele, trepou a escada e encontrou a amante em grande desassossego.

Emma zangou-se quando ouviu o nome do farmacêutico. No entanto, Léon tinha suficientes boas razões, não era culpa sua, não conhecia ela o senhor Homais? Imaginaria ela que a companhia do outro lhe agradava mais? Ela, porém, voltava-lhe as costas, ele segurou-a e, caindo de joelhos, envolveu-lhe a cintura com os braços, numa pose langorosa, toda cheia de concupiscência e de súplica.

Emma estava de pé, os seus grandes olhos inflamados olhavam-no com uma expressão séria e quase terrível. Depois, as lágrimas vieram turvá-los, baixaram-se-lhe as pálpebras, deixou cair as mãos e Léon ia beijá-las quando apareceu um criado, avisando o senhor de que alguém o chamava na receção.

- Voltas? – perguntou ela.

- Volto.

- Mas quando?

- É só um momento.

– Foi um truque – disse o farmacêutico quando avistou Léon. – Quis interromper essa visita que me pareceu contrariá-lo. Vamos ao Bridoux tomar um cálice de licor.

Léon jurou-lhe que tinha de voltar ao cartório. Então o boticário começou a gracejar sobre as papeladas e os processos.

– Que diabo! Deixe lá agora Cujas e Bártolo descansados por um momento! O que é que o preocupa? Anime-se, homem! Vamos ao Bridoux, vai ver o cachorro dele. É muito curioso!

E, como o escriturário ainda se obstinava, insistiu:

– Também lá vou. Leio um jornal enquanto espero, ou então folheio um Código.

Léon, atordoado com a ira de Emma, a tagarelice do Homais e talvez a má digestão do almoço, ficava indeciso, como que hipnotizado pelo farmacêutico, que repetia:

– Vamos ao Bridoux! Fica aqui a dois passos, na Rue Malpalu.

Então, por cobardia, por estupidez, por esse inqualificável sentimento que nos leva às ações mais antipáticas, deixou-se levar a casa do Bridoux, e foram-no encontrar no seu patiozinho, vigiando três rapazes que se esfalfavam a fazer girar a grande roda de uma máquina de fabricar água de Seltz. Homais deu-lhes conselhos, abraçou Bridoux, tomaram o licor. Vinte vezes Léon se quis ir embora, mas o outro segurava-o pelo braço, dizendo-lhe:

– Daqui a pouco! Eu já vou. Temos de ir ao *Fanal de Rouen* falar com aqueles senhores. Vou apresentá-lo a Thomassin.

Léon, no entanto, conseguiu desprender-se e correu num pulo ao hotel. Emma já não estava lá.

Acabava de sair, exasperada. Agora detestava-o. Aquela falta de palavra ao encontro parecia-lhe uma afronta e procurava ainda outras razões para se desligar dele: Léon era incapaz de ter heroísmo, era fraco, banal, mais mole que uma mulher, além disso, avarento e pusilânime.

Depois, acalmando-se, acabou por descobrir que talvez o estivesse a caluniar. Mas a detração daqueles a quem amamos sempre nos separa um pouco deles. Não se deve mexer nos ídolos: o dourado fica-nos agarrado às mãos.

Começaram a falar mais frequentemente de coisas indiferentes ao amor mútuo, e, nas cartas que Emma lhe mandava, o assunto eram flores, versos, a Lua e as estrelas, ingênuos recursos de uma paixão enfraquecida, procurando reavivar-se por meio de todos os recursos exteriores. Ela prometia a si mesma, constantemente, uma profunda felicidade para a próxima viagem, depois verificava que não sentia nada de extraordinário. Essa decepção apagava-se rapidamente com uma nova esperança, e Emma voltava para ele mais inflamada, mais ávida. Despia-se bruscamente, arrancando o fino cordão do espartilho, que lhe sibilava em volta dos quadris como uma cobra rastejando. Ia mais uma vez descalça, nas pontas dos pés, verificar se a porta estava trancada, depois, com um só gesto, fazia cair todo o vestuário, e,

pálida, muda, séria, atirava-se sobre o peito dele, com um longo estremecimento.

Entretanto, havia naquele rosto coberto de gotas frias, naqueles lábios balbuciantes, naquelas pupilas desvairadas, no amplexo daqueles braços, qualquer coisa de excessivo, de vago e de lúgubre, que a Léon parecia meter-se entre ambos, subtilmente, como que para os separar.

Não ousava fazer-lhe perguntas, mas, verificando ser ela tão experiente, pensava ele, devia ter passado por todas as provas do sofrimento e do prazer. O que antes o encantava assustava-o agora um pouco. Além disso, revoltava-se contra a absorção, cada vez maior, da sua personalidade. Não perdoava a Emma aquele triunfo permanente. Até se esforçava por não lhe querer bem, depois, mal lhe ouvia o ranger das botinas, perdia as forças, como os bêbedos, à vista das bebidas fortes.

É verdade que ela não deixava de lhe prodigalizar toda a espécie de atenções, desde os mimos da mesa até aos requintes da roupa e à languidez do olhar.

Levava-lhe de Yonville rosas dentro do seio, que lhe atirava ao rosto, mostrava-se preocupada com a saúde dele, dava-lhe conselhos sobre a maneira de se conduzir, e, para melhor o reter, esperando que o céu talvez desse uma ajuda, pendurou-lhe ao pescoço uma medalha da Virgem. Como uma mãe cuidadosa, pedia-lhe informações sobre os camaradas. Dizia-lhe:

– Não andes com eles, não saias, pensa só em nós, ama-me!

Ela desejaria poder vigiar-lhe os passos e teve a ideia de mandar alguém segui-lo pelas ruas. Havia sempre, ao pé do hotel, uma espécie de vagabundo que se abeirava dos passageiros e que não recusaria... Mas o seu orgulho revoltou-se.

– Oh! Deixá-lo! Que me importa a mim que ele me engane! Que interesse tenho eu?

Um dia em que se tinham despedido muito cedo e em que ela caminhava sozinha pela avenida, avistou os muros do seu convento, sentou-se então num banco, à sombra dos álamos. Que tempo calmo havia sido aquele! Como invejara então os inefáveis sentimentos de amor que, segundo os livros, procurava imaginar!

Os primeiros meses do casamento, os seus passeios a cavalo pelo bosque, o visconde a dançar a valsa e Lagardy a cantar, tudo voltou a

passar-lhe diante dos olhos... E Léon pareceu-lhe subitamente tão distanciado como os outros.

“No entanto, eu amo-o!”, pensava ela.

Paciência! Não era feliz, nem nunca o fora. Donde provinha então aquela deficiência da vida, aquela instantânea decomposição de todas as coisas a que se agarrasse?... Mas se existisse em qualquer parte um ser forte e belo, uma natureza valorosa, simultaneamente cheia de exaltação e de requintes, um coração de poeta com a forma de um anjo, lira de cordas metálicas, entoando para o céu epitalâmios elegíacos, porque não haveria ela de, por acaso, encontrá-lo? Oh!, que impossibilidade! Aliás, nada valia a pena ser procurado, tudo era ilusório! Cada sorriso escondia um bocejo de enfado, cada alegria uma maldição, cada prazer o seu fastio, e os melhores beijos apenas deixam nos lábios um irrealizável desejo de mais exaltada volúpia.

Pairou nos ares uma vibração de bronze, ouvindo-se quatro badaladas no sino do convento. Quatro horas! E parecia que ali estava, sentada naquele banco, desde a eternidade. Mas um minuto pode conter uma infinidade de paixões, do mesmo modo que uma multidão pode caber num pequeno espaço.

Emma vivia ocupada com as suas paixões, sem se preocupar com o dinheiro, como se fosse uma arquiduquesa.

Mas, uma vez, apareceu-lhe em casa um homem de aspeto franzino, rubicundo e calvo, dizendo vir da parte do senhor Vinçart, de Ruão. Retirou os alfinetes que fechavam o bolso lateral da sua sobrecasaca verde, espetou-os na manga e desdobrou delicadamente um papel.

Era uma letra de setecentos francos, assinada por ela e que Lheureux, apesar de todos os seus protestos, havia passado à ordem de Vinçart.

Mandou imediatamente a criada a casa de Lheureux. Este não podia vir.

Então o desconhecido, que ficara de pé, lançando em todas as direções olhares curiosos que as fartas sobrancelhas louras dissimulavam, perguntou com um ar de ingênuo:

– Qual é a resposta que levo ao senhor Vinçart?

– Ora bem – respondeu Emma –, diga-lhe... que não tenho agora. Fica para a próxima semana... Ele que espere..., sim, até à próxima semana.

E o homenzinho lá foi sem dizer palavra.

Mas, no dia seguinte, ao meio-dia, Emma recebeu uma protestação, e à vista do papel timbrado que ostentava repetidas vezes e em grandes caracteres: Doutor Hareng, oficial de diligências em Buchy, apanhou tão grande susto, que correu a toda a pressa a casa do vendedor de tecidos.

Foi encontrá-lo na loja, atando um pacote.

– Um seu criado – disse ele. – Estou às suas ordens.

Lheureux nem por isso interrompeu o seu trabalho, ajudado por uma rapariga de mais ou menos treze anos, um pouco corcunda, que lhe servia tanto de caixa como de cozinheira.

Depois, batendo com os tamancos sobre o sobrado da loja, subiu na frente da senhora ao primeiro andar e mandou-a entrar para um acanhado gabinete onde, em cima de uma enorme secretária de madeira tosca, havia vários livros de escrituração, protegidos transversalmente por uma barra de ferro presa com um cadeado. Encostado à parede, encoberto por retalhos de cassa, entrevia-se um cofre forte, mas com tais dimensões que devia conter outras coisas além de notas e moedas. O senhor Lheureux, com efeito, emprestava dinheiro sobre penhores, e era ali que havia guardado a corrente de ouro da senhora Bovary, juntamente com os brincos do pobre tio Tellier, que, constrangido, por fim, a vender, havia comprado em Quincampoix um magro negócio de mercearia, onde definhava com o seu catarro, no meio das suas velas, menos pálidas do que a cor do seu rosto.

Lheureux sentou-se na grande cadeira de vime, dizendo:

– O que há de novo?

– Veja.

E mostrou-lhe o papel.

– Muito bem, e que posso eu fazer?

Então ela enfureceu-se, lembrando-lhe a palavra que ele tinha dado de não fazer circular as suas letras, ele concordou:

– Mas fui obrigado a isso, pois estava com a corda na garganta.

– E agora, o que vai acontecer? – continuou ela.

– Oh! É muito simples: um julgamento no tribunal e depois a penhora...; ora bolas!

Emma teve de se conter para não lhe bater. Perguntou-lhe mansamente se não haveria modo de acalmar o senhor Vinçart.

– Era bom que houvesse! Acalmar o Vinçart, bem se vê que não sabe quem é ele, mais feroz do que um árabe.

De qualquer modo, era preciso que o senhor Lheureux interviesse no assunto.

– Escute lá! Parece-me que, até ao presente, tenho sido bastante correto com a senhora.

E, abrindo um dos seus livros:

– Repare!

Depois, percorrendo a página com o dedo:

– Ora vejamos..., vejamos... A 3 de agosto, duzentos francos... A 17 de junho, cento e cinquenta... 23 de março, quarenta e seis... Em abril...

E deteve-se, como que receando fazer alguma tolice.

– Sem falar nas letras aceites pelo seu esposo, uma de setecentos francos e uma outra de trezentos! Quanto aos pequenos adiantamentos e aos juros, é uma tal embrulhada que ninguém entende. Já nem me meto mais nisso!

Ela chorava, ela chamava-lhe até o seu bom senhor Lheureux. Ele, porém, desculpava-se continuamente com aquele velhaco do Vinçart. Além disso, estava sem vintém, ninguém lhe pagava, comiam-lhe as papas na cabeça, um pobre lojista como ele não podia fazer adiantamentos.

Emma calara-se, e o senhor Lheureux, que mordiscava a rama de uma pena, ficou certamente inquieto com aquele silêncio, pois prosseguiu:

– Ao menos, se por algum destes dias eu conseguisse algumas entradas... poderia...

– Que, afinal – disse ela –, com a parte que falta receber de Barneville...

– O quê?

E mostrou-se grandemente surpreendido de que Langlois não tivesse ainda feito o pagamento. Depois, com uma voz melíflua:

– E podemos combinar, diz a senhora...?

– Como o senhor quiser!

Então ele fechou os olhos para refletir, escreveu alguns números e, dizendo que fazia muito mal, que a coisa era escabrosa e que se estava a sangrar, sacou quatro letras de duzentos e cinquenta francos cada uma, com um mês de intervalo entre os respetivos vencimentos.

– Contanto que Vinçart me queira atender! De resto está entendido: o que prometo cumpro, faço tudo com lisura.

Em seguida mostrou-lhe desinteressadamente várias mercadorias novas, nenhuma das quais, no entanto, na sua opinião, seriam dignas dela.

– Veja aqui pano para vestidos a sete soldos o metro e cor garantida! No entanto, engolem isto! Claro que não se lhes diz o que é, como deve calcular, querendo, com esta confissão de velhacaria para com os outros, convencê-la completamente da sua honestidade.

Voltou ainda a chamá-la para lhe mostrar três metros de renda fina que encontrara recentemente numa arrematação.

– Que linda! – dizia Lheureux. – Usa-se agora muito para garantir poltronas, está na moda.

E, mais hábil que um ilusionista, embrulhou a renda em papel azul e meteu-a nas mãos de Emma.

– Mas preciso de saber, pelo menos...?

– Ah!, noutra altura – respondeu ele, voltando-lhe as costas.

Naquela mesma noite, ela instou com o marido para que escrevesse à mãe, pedindo-lhe que enviasse, o mais depressa possível, o restante da herança. A sogra respondeu que não tinha mais nada, a liquidação estava encerrada e restava-lhes, além de Barneville, seiscentas libras de rendimento, de que ela os embolsaria pontualmente.

Expediu então faturas a dois ou três clientes. Emma começou depois a usar e abusar deste processo, que lhe dava resultado.

Tinha sempre o cuidado de acrescentar em *postscriptum*: “É favor não dizer nada a meu marido, sabe como ele é orgulhoso... Desculpe-me... Sua criada...”

Houve algumas reclamações, conseguiu intercedê-las.

Para realizar dinheiro, pôs-se a vender as suas luvas usadas, os chapéus, ferro-velho, e regateava com sagacidade, com o seu sangue de camponesa a atraí-la para o lucro.

Depois, nas suas idas à cidade, negociava com bugigangas, que o senhor Lheureux, à falta de melhor, certamente lhe comprava.

Comprou plumas de avestruz, porcelana chinesa e baús, pedia dinheiro emprestado a Félicité, à senhora Lefrançois, na estalagem da Cruz Vermelha, a toda a gente, fosse onde fosse. Com o dinheiro que finalmente recebeu de Barneville, pagou duas letras, os restantes mil e quinhentos francos desfizeram-se, empenhou-se novamente e continuou sempre assim!

Por vezes, é verdade, procurava fazer cálculos, mas descobria contas tão exorbitantes que nem podia acreditar. Começava de novo, voltava logo a atrapalhar-se, desistia e não pensava mais no assunto.

A casa era agora um espetáculo bem triste! Viam-se sair de lá os fornecedores com caras furiosas. Havia lenços por cima dos fogões, e a pequena Berthe, com grande escândalo da senhora Homais, andava de meias rotas. Se Charles, timidamente, arriscasse uma observação, respondia-lhe bruscamente que não tinha culpa!

Qual a razão daqueles arrebatamentos? Charles explicava tudo com a antiga doença de nervos, e, reprovando-se por lhe haver tomado os achaques por defeitos, acusava-se de egoísmo e tinha vontade de correr a beijá-la.

“Isso não!”, pensava ele, “poderia aborrecê-la!” E deixava-se ficar.

Depois do jantar passeava sozinho pelo jardim, sentava a pequenina Berthe no colo e, abrindo a sua revista de medicina, procurava ensinar-lhe a ler. A criança, que nunca estudava, logo arregalava os olhos tristes e começava a chorar. Então ele consolava-a, ia-lhe buscar água no regador para fazer ribeiros na areia, ou partia ramos de ligustros para fingir que plantava árvores nos canteiros, o que pouco dano causava ao jardim, invadido, como estava, de grandes ervas, deviam-se tantos dias ao Lestiboudois! Depois, a miúda sentia frio e perguntava pela mãe.

– Chama pela criada – dizia Charles. – Sabes bem, minha menina, que a tua mamã não quer que a incomodem.

Começava o Outono e já as primeiras folhas caíam, como dois anos antes, quando ela estava doente! “Quando acabará tudo isto?...” E continuava a caminhar com as mãos atrás das costas.

A senhora estava no seu quarto. Ninguém lá ia. Ficava ali durante o dia todo, entorpecida, quase nua, e, de vez em quando, queimava pastilhas de serrallo que comprara em Ruão, na tenda de um argelino. Para não passar a noite com aquele homem estendido a dormir junto dela, acabou, à força de astúcia, por relegá-lo para o segundo andar, e lia até de manhã livros extravagantes, em que havia quadros orgíacos com cenas sanguinolentas. Às vezes enchia-se de terror, dava um grito e Charles acudia.

– Ah! Vai-te embora – dizia-lhe ela.

Ou então, noutras ocasiões, mais abrasada com aquela chama íntima que o adultério avivava, ofegante, inebriada, ardendo em

desejos, abria a janela, aspirava o ar puro, soltava ao vento a farta cabeleira e, fixando as estrelas, ansiava por amores de príncipe. Pensava nele, Léon. Nesses momentos daria tudo por um só daqueles encontros que a saciavam.

Eram os seus dias de gala. Ela queria-os esplêndidos! E, quando ele não podia pagar sozinho a despesa, completava ela liberalmente a importância, o que acontecia mais ou menos todas as vezes. Ele procurou fazer-lhe compreender que estariam tão bem noutra sítio, em qualquer hotel mais modesto, ela, porém, encontrou objeções.

Um dia tirou da sua bolsa seis colherinhas de prata dourada (fora o presente de núpcias do tio Rouault), pedindo-lhe que fosse imediatamente levar aquilo, no nome dela, à casa de penhores, e Léon obedeceu, ainda que a missão lhe desagradasse. Tinha receio de se comprometer.

Depois, refletindo no caso, achou que a amante estava assumindo atitudes estranhas e que talvez tivessem razão em querer afastá-lo dela.

Efetivamente, alguém enviara à mãe dele uma longa carta anónima, avisando-a de que o filho se estava perdendo com uma mulher casada, e logo a boa senhora, entrevedo o eterno espantallo das famílias, isto é, a vaga criatura perniciosa, a sereia, o monstro, que habita fantasticamente nas profundezas do amor, escreveu ao doutor Dubocage, o patrão, que foi perfeito a tratar do assunto. Reteve-o durante três quartos de hora, querendo desvendar-lhe os olhos, adverti-lo do abismo em que caía. Um enredo daqueles prejudicar-lhe-ia mais tarde a situação profissional. Suplicou-lhe que rompesse com a ligação e, se não queria sacrificar-se no seu próprio interesse, então que o fizesse ao menos por ele, Dubocage!

Léon havia finalmente jurado que não voltaria a encontrar-se com Emma e reprovava-se a si mesmo por não ter mantido a palavra, considerando tudo o que aquela mulher poderia ainda trazer-lhe de embaraços e recriminações, sem falar nas piadas dos colegas, que fervilhavam de manhã em volta do fogão. Além disso, estava para ser promovido a primeiro-escriturário: era o momento de se portar com seriedade. Por isso se dispunha a renunciar à flauta encantada, aos sentimentos exaltados, à imaginação, visto que todo o burguês, nos ardores da sua juventude, nem que tenha sido apenas por um dia, um minuto, pensou ser capaz de paixões imensas, de elevadas proezas. O mais medíocre libertino sonhou com amantes, todo o notário encerra em si os destroços de um poeta.

Enfadava-se agora sempre que Emma, subitamente, se punha a soluçar agarrada a ele, e o coração, como as pessoas que apenas suportam uma certa dose de música, deixava-se adormentar com indiferença com o tumulto de um amor cujas delicadezas já não conseguia distinguir.

Conhecia-se já demasiado para ter aquelas surpresas da posse que lhe centuplicam o gozo. Emma estava tão enfastiada de Léon como este cansado dela. Emma encontrava agora no adultério toda a insipidez do casamento.

Mas como poderia libertar-se? Por mais que se sentisse humilhada pela baixeza de tal felicidade, mantinha-se-lhe presa pelo hábito ou pela corrupção, e cada dia mais se agarrava ainda, exaurindo toda a felicidade à força de a querer demasiado grande. Acusava Léon por causa das suas decepções, como se este a tivesse traído, e chegava a desejar qualquer catástrofe que viesse separá-los, visto não ter coragem para se decidir.

Não deixava por isso de continuar a escrever-lhe cartas amorosas, por força da ideia de que uma mulher deve escrever sempre ao seu amante.

Enquanto lhe escrevia, porém, via outro homem, um fantasma construído das suas mais ardentes recordações, das suas mais belas leituras, dos seus mais fortes desejos, e ele tornava-se-lhe por fim tão verdadeiro e acessível que Emma palpitava maravilhada, sem poder entretanto imaginá-lo com nitidez, de tal modo ele se perdia, como um deus, na abundância dos seus atributos.

Habitava a região azulada onde as escadas de seda baloiçam às varandas, ao aroma das flores, ao luar. Sentia-o junto de si, ele ia aparecer-lhe e arrebatá-la toda num beijo. Depois ficava completamente abatida, extenuada, é que aqueles ímpetos de amor vago a cansavam mais do que grandes orgias.

Sentia agora um estado de abatimento constante e geral. Muitas vezes até recebia citações, papel selado, para o qual mal olhava. Desejaria ter deixado de viver, ou dormir continuamente.

No dia da *mi-carême*, Emma não voltou para Yonville, foi à noite ao baile de máscaras. Vestiu umas calças de veludo e meias encarnadas, pôs uma peruca de rabicho e um tricórnio à banda. Pulou toda a noite ao som furioso dos trombones, faziam círculo em torno dela, e encontrou-se de madrugada no vestíbulo do teatro, rodeada de

cinco ou seis máscaras de estivadoras e marujos, camaradas de Léon, que falavam em ir cear.

Os cafés por ali perto estavam todos cheios. Descobriram perto do cais um restaurante dos mais medíocres, cujo dono lhes abriu, no quarto andar, uma pequena divisão.

Os homens cochicharam a um canto, consultando-se sem dúvida sobre a despesa. Havia um escriturário, dois estudantes de Medicina e um caixeiro: que sociedade para ela! Quanto às mulheres, Emma rapidamente se apercebeu, pelo timbre das vozes, de que deveriam ser, quase todas, da última espécie. Sentiu então medo, recuou a cadeira e baixou os olhos.

Os outros puseram-se a comer. Ela não comeu, sentia a testa em brasa, picadas nas pálpebras e um frio de gelo na pele. Sentia ainda na cabeça a pista do baile, estremecendo sob a pulsação rítmica dos milhares de pés a dançar. Depois, o cheiro do ponche, misturado com o fumo dos charutos, atordoou-a. Desmaiou, levaram-na para a janela.

O dia começava a clarear e uma grande mancha cor de púrpura ia-se alargando no céu pálido, do lado de Sainte-Catherine. O lívido rio encrespava-se com o vento, não havia ninguém em cima das pontes, os lampiões apagavam-se.

Emma, entretanto, reanimou-se e começou a pensar em Berthe, que lá estaria a dormir no quarto da criada. Mas passou uma carroça carregada de arcos de ferro, atirando às paredes das casas uma vibração metálica ensurdecedora.

Esquivou-se então subitamente, desembaraçou-se do traje, disse a Léon que tinha de regressar e encontrou-se, finalmente, sozinha no Hotel de Bolonha. Tudo lhe era insuportável, incluindo a sua própria pessoa. Desejaria poder, escapando-se como um pássaro, ir rejuvenescer em qualquer lado, bem longe dali, nos espaços imaculados.

Saiu, atravessou a avenida, a Place Cauchoise e o arrabalde, até chegar a uma rua descoberta, ladeada de jardins. Caminhava depressa, o ar puro acalmava-a e, pouco a pouco, as caras da multidão, as máscaras, as danças, os lustres, a ceia, aquelas mulheres, tudo se desfazia como bruma levada pelo vento.

Depois, chegada à Cruz Vermelha, atirou-se para cima da cama, no pequeno quarto do segundo andar, onde havia as gravuras de *A Torre de Nesle*. Às quatro horas da tarde, Hivert acordou-a.

Voltou para casa e Félicité mostrou-lhe, atrás do relógio, um papel cinzento.

Ela leu:

“Em virtude da cópia dos autos, segundo a norma executória de um julgamento...”

Que julgamento? Na véspera, efetivamente, tinham trazido outro papel de que ela não tinha conhecimento, por isso ficou estupefacta perante estes termos:

“Por ordem do rei, da lei e da justiça, é intimada a senhora dona Emma Bovary...”

Saltando várias linhas, leu ainda:

“No prazo máximo de vinte e quatro horas.”

– O quê?

“Pagar a soma total de oito mil francos.”

E havia ainda mais abaixo:

“Será a isso obrigada por todos os meios de direito, nomeadamente por execução de penhora sobre todos os seus móveis e haveres.”

O que fazer?... O prazo era de vinte e quatro horas, amanhã!

Pensou que Lheureux estivesse a querer assustá-la mais uma vez, porque viu de repente todas as suas manobras, o objetivo das suas amabilidades. O que a tranquilizava era o próprio exagero da importância.

A verdade é que, à força de comprar, de não pagar, de pedir emprestado, de assinar letras e depois renovar essas letras que engordavam a cada novo vencimento, ela acabara por preparar ao senhor Lheureux um capital que ele impacientemente esperava para as suas especulações.

Emma apresentou-se-lhe em casa com um ar desembaraçado.

– Sabe o que me aconteceu? Naturalmente é uma brincadeira!

– Não é.

– Então como é isso?

Ele voltou-lhe lentamente as costas e disse-lhe, cruzando os braços:

– Pensava a damazinha que eu seria, até à consumação dos séculos, seu fornecedor e banqueiro por amor de Deus? Sejamos justos! É bem necessário que eu reembolse o meu dinheiro.

Ela protestou contra tamanha dívida.

– Não me interessa! O tribunal reconheceu-a! Trata-se de julgamento! A senhora foi citada! Além disso, não é comigo, é com o Vinçart.

– Mas o senhor não poderia...?

– Não há nada a fazer!

– Mas..., no entanto..., vejamos.

E argumentou, não tinha sabido de nada... era uma surpresa...

– De quem é a culpa? – disse Lheureux, fazendo-lhe ironicamente uma cortesia. – Enquanto eu aqui trabalho como um negro, a senhora passa o tempo a divertir-se.

– Ah! Deixe lá a moral!

– É uma coisa que nunca prejudica – replicou ele.

Ela acobardou-se, suplicou, chegou até a pousar a bela mão branca e comprida nos joelhos do comerciante.

– Deixe-me lá! Dá a impressão de que me quer seduzir!

– O senhor é um miserável! – gritou ela.

– Olha, olha!, como ela está! – respondeu ele a rir.

– Vão saber quem o senhor é. Vou dizer ao meu marido...

– Muito bem, eu tenho uma coisa para mostrar ao seu marido!

E Lheureux tirou do cofre o recibo de mil e oitocentos francos que ela lhe dera quando do desconto do Vinçart.

– Acha a senhora – acrescentou – que aquele pobre homem não vai entender o seu pequeno roubo?

Ela deixava-se abater, mais moída do que se tivesse levado uma sova de cacete. Ele passeava da janela para a secretária, repetindo:

– Ah! Mostrar-lhe-ei bem... Hei de mostrar-lhe...

Depois aproximou-se dela e, com uma voz meiga, continuou:

– Sei que não é agradável, mas afinal não morreu ninguém, e, uma vez que é o único meio que lhe resta de me devolver o dinheiro...

– Mas onde irei eu arranjá-lo? – disse Emma, contorcendo os braços.

– Ora, ora! Quando se têm amizades como a senhora tem!

E fixava-a de um modo tão perspicaz e terrível que Emma sentiu um forte estremecimento interior.

– Eu prometo – disse ela –, assino...

Estou farto das suas assinaturas!

– Vou ainda vender...

– Ora vamos lá! – volveu ele, encolhendo os ombros. – A senhora já não tem nada para vender.

E gritou pelo postigo que dava para a loja:

– Annette! Não te esqueças dos três retalhos do n.º 14.

A criada apareceu, Emma compreendeu e perguntou que quantia seria precisa para deter todo o processo judicial.

– Agora já é tarde!

Mas se eu lhe trouxesse vários milhares de francos, uma quarta parte da soma, um terço, quase tudo?

– Não, não! É inútil!

Empurrou-a delicadamente para a escada.

– Suplico-lhe, senhor Lheureux, só alguns dias mais!

Ela soluçava.

– Bom, agora temos lágrimas!

– O senhor faz-me desesperar!

– Não tenho mais que me ralar com isso! – foi a resposta dele, enquanto fechava a porta.

CAPÍTULO VII

Emma foi estoica, no dia seguinte, quando o doutor Hareng, o oficial de diligências, se lhe apresentou em casa com duas testemunhas, para o auto da penhora.

Começaram pelo consultório de Bovary e não incluíram na relação a cabeça frenológica, que consideraram um instrumento da sua profissão, mas, na cozinha, contaram os pratos, as panelas, as cadeiras, os castiçais e, no quarto de dormir, todas as bugiangas que estavam em cima da prateleira.

Examinaram os vestidos, a roupa interior, a casa de banho, e a sua vida, até aos recantos mais íntimos, foi, como um cadáver a que se faz a autópsia, exposta de par em par aos olhares daqueles três homens.

O doutor Hareng, apertado num casaco preto muito justo, de gravata branca, e com presilhas nas calças muito esticadas, repetia de vez em quando:

– Dá licença? A senhora dá licença?

Exclamava frequentemente:

– Encantador!... Lindíssimo!

Depois voltava a escrever, molhando a pena no tinteiro de chifre que segurava com a mão esquerda.

Quando acabaram de ver os apartamentos, subiram ao sótão.

Ela conservava ali uma escrivaninha onde estavam fechadas as cartas de Rodolphe. Tinha de ser aberta.

– Ah! É correspondência! – disse o doutor Hareng com um sorriso discreto. – Mas desculpe, pois tenho de verificar se a caixa não contém outras coisas.

E inclinou ligeiramente os papéis, como que para fazer cair napoleões. Então Emma indignou-se por ver aquela mão grosseira, com dedos vermelhos e moles como lesmas, tocando naquelas páginas em que lhe palpitava o coração.

Finalmente foram-se embora! Félicité entrou. A patroa mandara-a ficar de sentinela para afastar Bovary, e instalaram rapidamente no sótão o guarda da penhora, que jurou não sair dali.

Charles, durante o serão, pareceu-lhe preocupado. Emma espiava-o com olhar angustiado, julgando descobrir acusações nas rugas do rosto dele. Depois, quando os olhos se lhe voltavam para o

fogão de sala guarnecido de telas chinesas, para os grandes cortinados, para as poltronas, para todas aquelas coisas que, enfim, lhe haviam adoçado a amargura da vida, sentia-se possuída por um remorso, ou, antes, uma pena imensa que lhe irritava a paixão, longe de a anular. Charles atiçava placidamente o fogo, com os pés apoiados no varandim.

Houve um momento em que o guarda, sem dúvida aborrecido de estar no seu esconderijo, fez um pouco de ruído.

– Anda alguém lá em cima? – disse Charles.

– Não! – respondeu ela. – É uma claraboia que ficou aberta e que mexe com o vento.

Partiu para Ruão no dia seguinte, que era domingo, para visitar todos os banqueiros de que conhecia o nome. Estavam no campo ou em viagem. Não desistiu, e aos que conseguiu encontrar pediu dinheiro, argumentando que precisava dele e que o restituiria. Alguns riram-se-lhe na cara, todos recusaram.

Às duas horas correu a casa de Léon, bateu-lhe à porta.

Ninguém abriu. Por fim apareceu ele.

– Que te traz por cá?

– Incomodo-te?

– Não..., mas...

E confessou que a dona da casa não gostava que lá fossem mulheres.

– Tenho de falar contigo – prosseguiu ela.

Então ele pegou na chave. Ela deteve-o.

– Aqui, não! Lá no nosso quarto.

E foram para o quarto do Hotel de Bolonha.

Ela bebeu, logo que lá chegou, um grande copo de água.

Estava muito pálida. Disse-lhe:

– Léon, vais-me fazer um favor.

E, sacudindo-o pelas duas mãos, que segurava com força, acrescentou:

– Escuta, preciso de oito mil francos!

– Mas estás doida!

– Ainda não!

E imediatamente lhe contou a história da penhora, lhe expôs o seu infortúnio, porque Charles não sabia de nada, a sogra detestava-a, o tio Rouault nada podia fazer, mas ele, Léon, iria pôr-se em campo para encontrar aquela soma indispensável...

– Como queres tu...?

– Até pareces um covarde! – exclamou ela. Então ele disse estupidamente:

– Estás a exagerar a situação. Quem sabe se com um milhar de escudos o homem não se acalma!

Era mais uma razão para se tentar alguma coisa, não seria de todo impossível descobrir três mil francos. Além disso, Léon podia ficar responsável por ela.

– Vai! Experimenta! Tem de ser! Corre!... Tenta!, tenta! Hei de amar-te muito.

Ele saiu, voltou ao cabo de uma hora e disse com ar solene:

– Fui a casa de três pessoas... inutilmente!

Depois ficaram sentados um defronte do outro, aos dois cantos do fogão, imóveis, sem dizer nada. Emma encolhia os ombros e batia com o pé. Ele ouviu-a murmurar:

– Se estivesse no teu lugar, garanto-te que encontrava!

– E onde?

– No cartório!

E fitou-o.

As suas pupilas inflamadas irradiavam uma ousadia infernal e semicerrava as pálpebras de um modo lascivo e incitador – de tal modo que o rapaz se sentiu enfraquecer perante a muda vontade daquela mulher que o aconselhava a cometer um crime. Ele então teve medo e, para evitar esclarecimentos, bateu com a mão na testa, exclamando:

– O Morei deve chegar esta noite! Espero que não me recuse (era um dos seus amigos, filho de um negociante muito rico), e levo-te isso amanhã – acrescentou.

Emma não acolheu aquela esperança com tanta alegria como ele imaginara. Desconfiaria da mentira? Léon prosseguiu, corando:

– Entretanto, se não me vires amanhã às três horas, não esperes mais por mim, querida. Tenho de me ir embora, desculpa. Adeus!

Apertou-lhe a mão, mas sentiu-a completamente inerte. Emma não tinha mais força para qualquer sentimento.

Soaram as quatro horas, e ela levantou-se para voltar a Yonville, obedecendo como um autómato ao impulso dos hábitos.

O tempo estava lindo, era um daqueles dias do mês de março, claros e secos, em que o Sol brilha num céu todo branco. Os Ruanenses endomingados passeavam com ares de pessoas felizes.

Emma chegou à Place du Parvis. Os fiéis saíam das vésperas, a multidão escoava-se pelas três portas da igreja, como um rio por três arcos de uma ponte, e, ao centro, mais imóvel do que um rochedo, estava o suíço.

Então ela lembrou-se do dia em que, toda ansiosa e cheia de esperanças, penetrara naquela grande nave, que se estendera na sua frente menos profunda do que o amor que tinha no peito, e continuou a andar, chorando por debaixo do véu, aturdida, cambaleante, quase a desfalecer.

– Cuidado! – gritou uma voz saindo de um portão que se abria.

Ela parou para deixar passar um cavalo preto, garbosamente atrelado aos varais de um tîlburi conduzido por um cavalheiro de casaco de pele de zibelina. Quem era ele? Emma conhecia-o... O carro partiu e desapareceu.

Mas era o visconde! Ela voltou-se: a rua estava deserta. E sentiu-se tão acabrunhada, tão triste, que se encostou à parede para não cair.

Depois pensou que se tivesse enganado. Afinal não sabia nada acerca dele. Tudo, quer dentro quer fora dela, a abandonava.

Sentia-se perdida, rolando ao acaso por indefiníveis abismos, e foi quase com alegria que avistou, ao chegar à Cruz Vermelha, o bom Homais, que fiscalizava enquanto carregavam na *Andorinha* uma grande caixa cheia de provisões farmacêuticas.

Tinha na mão um lenço com meia dúzia de cheminots para a mulher.

A senhora Homais apreciava muito aqueles pãozinhos massudos, com o feitio de turbantes, que se comem na Quaresma com manteiga salgada: último vestígio dos alimentos góticos, que remonta talvez ao século das cruzadas e de que os robustos Normandos outrora se enchiam, imaginando ver sobre a mesa, à luz amarela das tochas, entre as canecas de hipocraz e as gigantescas vitualhas, cabeças de sarracenos para devorar. A mulher do boticário trincava-os como eles, heroicamente, apesar da sua péssima dentadura, por isso, todas as vezes que o senhor Homais fazia uma viagem à cidade, não se esquecia de lhe levar alguns, que comprava sempre ao principal fabricante, na Rue Massacre.

– Estimo muito vê-la! – disse Homais, estendendo a mão a Emma para a ajudar a subir para a *Andorinha*.

Depois pendurou os bolos nas correias da rede e ficou de cabeça descoberta e com os braços cruzados, numa atitude pensativa e napoleónica.

Mas, quando o cego apareceu, como era hábito, ao pé da encosta, exclamou:

– Não compreendo como as autoridades ainda toleram tão culpáveis indústrias! Deviam fechar estes desgraçados e obrigá-los a fazer qualquer trabalho! Palavra de honra que o progresso me parece andar a passo de caranguejo! Continuamos a patinhar em plena barbárie.

O cego estendia o seu chapéu, que bamboleava na beira da portinhola, como um bolso do forro despregado.

– Aí está – disse o farmacêutico –, uma afeção escrofulosa!

E, apesar de conhecer o pobre diabo, fingiu que o via pela primeira vez, murmurou as palavras *córnea*, *córnea opaca*, *esclerótica*, *fácies*, depois perguntou-lhe em tom paternal:

– Há muito tempo, amigo, que sofres dessa espantosa doença? Em vez de te embriagares na taberna, era bem melhor que seguisses uma dieta.

Aconselhou-o a que tomasse bom vinho, boa cerveja, e comesse bons assados. O cego continuava a sua canção, parecia, aliás, quase idiota. Finalmente, Homais abriu a sua bolsa.

– Toma, tens aí um soldo, devolve-me dois *liards* e não te esqueças das minhas recomendações, que te hás de dar bem.

Hivert atreveu-se a manifestar em voz alta algumas dúvidas sobre o resultado. Mas o boticário garantiu que ele mesmo o curaria com uma pomada antiflogística que era do seu fabrico e deu o endereço:

– Senhor Homais, ao pé do mercado, suficientemente conhecido.

– Bem, como recompensa – disse Hivert –, vais-nos mostrar a comédia.

O cego deixou-se cair de joelhos e, com a cabeça toda inclinada para trás, arregalando os olhos esverdeados e deitando a língua de fora, esfregava a barriga com ambas as mãos, ao mesmo tempo que soltava um uivo surdo, como um cão esfaimado. Emma, cheia de repugnância, atirou-lhe, por cima do ombro, uma moeda de cinco francos. Era tudo o que tinha.

Pareceu-lhe belo atirá-la daquele modo.

A carruagem pusera-se de novo em andamento, quando, de súbito, o senhor Homais se debruçou do postigo e gritou:

– Nada de farináceos nem de lacticínios! Usar lã sobre a pele e expor as partes doentes ao fumo de bagas de zimbro!

O espetáculo dos objetos conhecidos desfilando-lhe diante dos olhos ia a pouco e pouco fazendo Emma esquecer-se da sua dor presente. Abatia-a um insuportável cansaço e chegou a casa embrutecida, desanimada, quase a dormir.

“Haja o que houver!”, pensava ela para consigo mesma.

E depois, quem sabe? Não poderia, de um momento para o outro, surgir qualquer acontecimento extraordinário? Até o próprio Lheureux poderia morrer.

Às nove horas da manhã foi despertada por um ruído de vozes na praça. Havia um grande ajuntamento em volta do mercado para lerem um grande anúncio colado a uma das colunas, e ela viu Justin trepar a um poial e rasgar o anúncio. Mas, nesse momento, o guarda-florestal deitou-lhe a mão ao colarinho. O senhor Homais largou a farmácia e a tia Lefrançois, no meio da multidão, parecia discursar.

– Senhora!, senhora! – gritou Félicité enquanto entrava –, é uma abominação!

E a pobre rapariga, impressionada, estendeu-lhe o papel amarelo que acabara de arrancar da porta. Emma leu de relance que todo o seu mobiliário estava à venda.

Então olharam-se as duas em silêncio. Não tinham, a criada e a patroa, nenhum segredo uma para a outra. Por fim, Félicité suspirou:

– Eu, no lugar da senhora, ia falar com o senhor Guillaumin.

– Achas?...

E esta interrogação queria dizer:

“Tu, que conheces a casa por intermédio do criado, achas que o patrão falou algumas vezes de mim?”

– Sim, vá! Acho que faz bem.

Emma vestiu-se, enfiou o vestido preto, pôs o chapéu com pedrinhas de azeviche, e, para que não a vissem (havia ainda muita gente na praça), deu a volta por fora da aldeia, pelo caminho à beira do riacho.

Chegou ofegante à frente do portão do notário, o céu estava escuro e caía um pouco de neve.

Ao som da campainha, Théodore, de colete vermelho, apareceu no vestibulo, veio abrir-lhe quase familiarmente, como a uma pessoa conhecida, e mandou-a entrar para a sala de jantar.

Um grande fogão de porcelana ronronava por baixo de um cato que ocupava o nicho, e, em molduras de madeira negra, nas paredes forradas com um papel a imitar carvalho, estavam os quadros: Esmeralda, de Steuben, e Putifar, de Schopin. A mesa posta, dois aquecedores de prata, os puxadores das portas de cristal, o sobrado e os móveis, tudo reluzia com um asseio meticuloso, à inglesa, as janelas eram enfeitadas, aos cantos, com vidros de cor.

“Aqui está uma sala de jantar”, pensava Emma, “como eu gostaria de ter.”

O tabelião entrou, segurando contra o corpo, com o braço esquerdo, o seu roupão de alamares, enquanto com a outra mão tirara e voltava a pôr rapidamente o seu boné de veludo castanho, pretensiosamente inclinado para o lado direito, para onde caíam as pontas de três madeixas louras que, partindo da nuca, lhe contornavam a calva.

Depois de ter oferecido uma cadeira, sentou-se para almoçar, pedindo muitas desculpas pela falta de cortesia.

– Olhe, senhor – disse ela –, eu vinha pedir-lhe...

– O quê, minha senhora? Sou todo ouvidos. Ela pôs-se a expor-lhe a situação.

O doutor Guillaumin já a conhecia, por estar secretamente ligado ao mercador de tecidos, em casa de quem encontrava sempre capitais para os empréstimos hipotecários que o encarregavam de contratar.

Portanto ele sabia (e melhor do que ela) a longa história daquelas letras, inicialmente pequenas, endossadas por diversas pessoas, espaçadas a longos prazos de vencimento e continuamente renovadas, até ao dia em que, juntando todos os protestos, o negociante encarregara o seu amigo Vinçart de fazer seguir em seu próprio nome o processo necessário, não querendo passar por um tigre entre os seus concidadãos.

Emma entremeou a sua exposição de recriminações contra Lheureux, a que o tabelião respondia de tempos a tempos com uma palavra sem sentido.

Comendo a sua costeleta e bebendo chá, enfiava o queixo na gravata azul-celeste, espetada com dois alfinetes de brilhantes unidos por uma cadeiazinha de ouro, e sorria com um sorriso singular, de um modo adocicado e ambíguo. Mas, reparando que ela tinha os pés húmidos:

– Aproxime-se do fogão... mais acima..., contra a porcelana.

Ela tinha receio de a sujar. O notário prosseguiu em tom de galanteio:

– Aquilo que é belo não estraga nada.

Então procurou comovê-lo e, emocionando-se ela mesma, começou a descrever-lhe a parcimónia da sua casa, as dificuldades em que vivia e as aflições por que estava passando. Isso ele compreendia: uma senhora elegante! E, sem interromper a refeição, voltara-se de frente para ela, de modo que lhe tocava com o joelho na botina, cuja sola começava a recurvar-se, fumegando, de encontro ao fogão.

Porém, quando ela lhe pediu mil escudos, apertou os lábios e depois declarou-se muito pesaroso por não ter tido oportunidade de lhe administrar, em tempo, os seus haveres, pois existiam cem processos muito cómodos, mesmo para uma senhora, de fazer valer o seu dinheiro. Ter-se-ia podido, quer nas turfeiras de Grumesnil, quer nos terrenos do Havre, arriscar quase pela certa excelentes especulações, e deixou-a devorar-se de raiva com a ideia das fantásticas somas que teria certamente ganho.

– Mas – prosseguiu ele – porque é que não veio ter comigo há mais tempo?

– Nem eu sei – respondeu ela.

– Porquê, hem?... Inspirava-lhe assim tanto receio? Eu, pelo contrário, é que me devia queixar! Mal nos conhecíamos! No entanto, sou-lhe devotadíssimo, espero que já não tenha dúvidas, acredita?

Estendeu-lhe a mão, pegou na dela e cobriu-a com um beijo voraz, conservando-a depois sobre o joelho, e brincava-lhe delicadamente com os dedos, dizendo-lhe ao mesmo tempo mil amabilidades.

A voz dele sussurrava, insípida, como um ribeiro a correr, saltava-lhe das pupilas uma faísca através do brilho dos óculos e as mãos adiantavam-se pela manga de Emma, para lhe apalpar o braço. Ela sentia bater no rosto o hálito de uma respiração ofegante. Aquele homem causava-lhe uma horrível repulsa.

Levantou-se de um pulo e disse-lhe:

– Senhor, eu fico à espera!

– De quê? – perguntou o notário, tornando-se de súbito extremamente pálido.

– Desse dinheiro.

– Mas...

Depois, cedendo à irrupção de um desejo demasiado forte:

– Está bem, sim...

E arrastava-se de joelhos para ela, sem fazer caso do roupão.

– Por bondade, não se vá embora! Eu amo-a!

E agarrou-a pela cintura.

Uma onda de púrpura subiu rapidamente ao rosto da senhora Bovary, que recuou com um aspeto terrível, exclamando:

– O senhor aproveita-se impunemente da minha aflição! Eu sou para lastimar, mas não para vender!

E saiu.

O tabelião ficou estupefacto, com o olhar fixo nos seus lindos chinelos de estofo. Eram um presente de amor. Esta ideia consolou-o. Além disso, disse para consigo que uma aventura daquelas o arrastaria decerto demasiado longe.

“Que miserável! Que patife!... Que infâmia!”, ia Emma pensando enquanto se escapava com andar nervoso sob os choupos da estrada. A desilusão do mau êxito reforçava-lhe a indignação do pudor ultrajado, parecia-lhe que a Providência se empenhava em persegui-la, e, estimulando-se-lhe o orgulho com esta ideia, sentiu, mais do que nunca, uma grande estima por si mesma e um profundo desprezo pelos outros. Havia qualquer coisa de belicoso a dominá-la. Sentia vontade de bater nos homens, cuspir-lhes na cara, esmagá-los todos, e continuava a avançar rapidamente, pálida, trémula, enraivecida, perscrutando com os olhos rasos de lágrimas o horizonte vazio, quase sentindo prazer no ódio que a sufocava.

Quando avistou a sua casa, sentiu-se entorpecer. Não conseguia avançar mais, no entanto, era necessário, além disso, para onde haveria de fugir?

Félicité esperava-a à porta.

– Então?

– Nada! – respondeu Emma.

E, durante um quarto de hora, as duas mulheres foram fazendo uma lista das várias pessoas de Yonville que poderiam estar dispostas a socorrê-la. Mas, todas as vezes que Félicité mencionava alguém, Emma replicava:

– É lá possível! Eles não vão querer!

E o patrão que está quase a chegar!

– Bem sei... Deixa-me só.

Tentara tudo. Não havia agora mais nada a fazer, e, quando Charles aparecesse, dir-lhe-ia então:

“Retira-te. Esse tapete que pisas já não é nosso. Da tua casa, já não tens um único móvel, nem um alfinete ou uma palha, e fui eu quem te arruinou, pobre homem!”

Haveria então um enorme soluço, depois ele choraria copiosamente, e no fim, passada a surpresa, perdoar-lhe-ia.

“Sim”, murmurava ela rangendo os dentes, “vai-me perdoar, ele que não achava suficiente oferecer-me um milhão para que o desculpasse de me haver conhecido... Nunca! Nunca!”

Esta ideia da superioridade de Bovary sobre ela exasperava-a. Depois, quer ela confessasse quer não, dali a momentos, um pouco mais tarde ou no dia seguinte, ele não deixaria de tomar conhecimento da catástrofe, portanto, tinha de esperar aquela horrível cena e suportar o peso da sua magnanimidade. Teve tentações de voltar outra vez a casa do Lheureux, mas para quê? Pensou escrever ao pai, já era demasiado tarde, e talvez agora se arrependesse de não ter cedido ao outro, quando ouviu o trote de um cavalo no caminho.

Era ele, Charles, que abria a cancela e vinha mais branco que a cal da parede. Atirando-se pelas escadas, Emma escapou-se rapidamente pela praça, e a mulher do administrador, que conversava diante da igreja com Lestiboudois, viu-a entrar em casa do tesoureiro.

Correu a informar a senhora Caron. Estas duas mulheres subiram ao sótão e, escondidas atrás de roupa a secar no estendal, instalaram-se comodamente para espreitar o interior da casa de Binet.

Este estava só, na sua água-furtada, procurando imitar, com madeira, uma daquelas indescritíveis obras de marfim, compostas de crescentes e de esferas escavadas umas dentro das outras, tudo direito como um obelisco e não servindo para nada, ensaiava já a última peça e estava quase no fim! Na meia sombra da oficina, a poeira loura voava da ferramenta como um rasto de fagulhas sob as ferraduras de um cavalo a galope, as duas rodas giravam e rangiam, Binet sorria, com a cabeça pendida, as narinas dilatadas, e parecia, enfim, perdido numa dessas felicidades completas, que sem dúvida só se conseguem nas ocupações mediócras, que divertem a inteligência com dificuldades fáceis, saciando-a com uma realização para além da qual nada há a sonhar.

– Olha! Lá está ela! – disse a senhora Tuvache.

Mas era quase impossível, por causa do torno, ouvir o que Emma dizia.

Por fim pareceu-lhes distinguir a palavra francos e a tia Tuvache segredou:

– Está-lhe a pedir que lhe consiga um adiamento no pagamento das contribuições.

– É o que parece – retorquiu a outra.

Viram-na andar de um lado para o outro, examinando nas paredes as argolas de guardanapos, os candelabros, as esferas de corrimão, enquanto Binet acariciava a barba todo deleitado.

– Teria ela ido encomendar-lhe alguma coisa? – disse a senhora Tuvache.

– Mas ele não vende nada! -objetou a vizinha.

O tesoureiro dava a impressão de escutar, arregalando os olhos, como se não estivesse a compreender. Ela prosseguia de um modo terno, suplicante.

Aproximou-se dele, o seio arquejava-lhe, tinham parado de falar.

Está-lhe a fazer alguma proposta? – disse a Tuvache. Binet ficara rubro até às orelhas. Ela pegou-lhe nas mãos.

– Apre, que é de mais!

E com certeza que ela lhe propunha uma abominação, pois o tesoureiro – que era homem valente e combatera em Bautzen e em Lutzen e fizera a campanha de França, e até fora indigitado para uma condecoração –, de súbito, como que à vista de uma serpente, recuou bem para longe, exclamando:

– Senhora! E pensou nisso?...

– Deviam dar com um chicote nessas mulheres! – disse a senhora Tuvache.

– E onde se meteu ela? – retorquiu a senhora Caron.

Porque Emma desaparecera durante aquelas palavras, depois, avistando-a a esgueirar-se pela Grande-Rue e a voltar à direita, como que para ir ao cemitério, perderam-se em conjecturas.

Tia Rolet – disse ela chegando a casa da ama –, sinto-me sufocar!... Desaperte-me.

Caiu sobre a cama, a soluçar. A tia Rolet cobriu-a com uma saia e deixou-se ficar de pé, junto dela. Depois, como Emma lhe não respondesse, a boa mulher afastou-se, pegou na roca e continuou a fiar o linho.

Oh! Pare com isso! – murmurou Emma, julgando estar a ouvir o torno de Binet.

“O que será que a inquieta?”, perguntou a ama a si mesma. “Porque terá ela cá vindo?”

Emma correria para lá empurrada por uma espécie de pavor, que a expulsava de casa.

Deitada de costas, imóvel e de olhos fixos, discernia muito vagamente os objetos, embora concentrasse neles toda a atenção, numa persistência idiota contemplava as esfoladelas da parede, dois tições ardendo topo a topo e uma grande aranha andando bem por cima da cabeça dela, na fenda de uma trave. Por fim reuniu as ideias. E recordava... Um dia, com Léon. Oh! como ia longe esse tempo... O Sol brilhava sobre o riacho e as clematites embalsamavam o ar... Então, levada pelas suas recordações como no turbilhão de uma torrente, depressa chegou à lembrança da véspera.

– Que horas são? – perguntou ela.

A tia Rolet saiu, ergueu dois dedos da mão direita para o lado onde o céu estava mais claro e voltou a entrar vagarosamente, dizendo:

– Daqui a pouco devem ser três horas.

– Ah! Obrigada! Obrigada!

Porque ele não tardaria. Tinha a certeza disso! Teria encontrado dinheiro. Mas iria naturalmente lá a casa, sem imaginar que ela aqui estivesse, e mandou a ama chamá-lo.

– Vá depressa!

– Mas, minha rica senhora, lá vou, lá vou!

Agora admirava-se de não ter pensado nele em primeiro lugar, ontem dera a sua palavra, não faltaria, e imaginava-se já em casa do Lheureux, estendendo sobre a secretária as três notas de banco. Depois teria de inventar uma história para explicar tudo ao Bovary. E qual?

Entretanto, a ama estava a demorar-se bastante para voltar.

Mas como não havia relógio na choupana, Emma receava que estivesse exagerando a duração do tempo. Pôs-se a dar pequenos passeios pelo quintal, passo a passo, foi caminhando ao longo do valado e voltou para trás rapidamente, esperando que a boa mulher tivesse chegado por outro caminho. Finalmente, cansada de esperar, assaltada de dúvidas que procurava repelir, sem saber se ali estava já há um século ou há apenas um minuto, sentou-se num canto, fechou os olhos e tapou os ouvidos. A cancela rangeu: ela deu um pulo, antes que tivesse tempo de falar, já a tia Rolet dissera:

- Não está ninguém na sua casa!
- O quê?
- Ninguém! E o patrão está a chorar. Chama pelo seu nome.

Andam à sua procura.

Emma não respondeu nada. Estava ofegante, relanceando os olhos em torno, enquanto a camponesa, assustada com a fisionomia dela, recuava instintivamente, pensando que estivesse louca. Subitamente levou a mão à testa e soltou um grito, pois lhe passara pela mente a recordação de Rodolphe, como um grande relâmpago numa noite escura. Era tão bom, tão delicado, tão generoso E, além disso, se ele hesitasse em fazer-lhe este favor, ela bem o saberia constranger lembrando-lhe, num momento apenas, todo o seu amor perdido.

Pôs-se então a caminho da Huchette, sem reparar que corria a entregar-se ao que pouco antes tanto a exasperava, sem sentir a mínima suspeita daquela prostituição.

CAPÍTULO VIII

Emma perguntava a si mesma, enquanto caminhava: “O que lhe irei dizer? Por onde hei de começar?”

E, à medida que avançava, reconhecia os arbustos, as árvores, os juncos sobre a colina, o castelo lá adiante. Voltava a encontrar as sensações da sua primeira ternura e o pobre coração oprimido dilatava-se nelas amorosamente. Soprava-lhe no rosto uma aragem tépida, a neve, derretendo-se, caía gota a gota dos rebentos sobre a erva.

Entrou, como dantes, pela pequena porta do parque, chegando depois ao pátio nobre, orlado por uma dupla fileira de tílias frondosas, que baloiçavam, assobiando, os seus longos ramos. Os cães no canil ladraram todos, e todo aquele ladrar ecoou sem que ninguém aparecesse.

Subiu o grande lance de escadas, com balaústres de madeira, que conduzia ao corredor com lajes empoeiradas, para onde dava uma fila de quartos, como nos mosteiros ou nas estalagens. O dele ficava no extremo, ao fundo, do lado esquerdo. Quando pôs os dedos no fecho da porta, sentiu subitamente que todas as forças a abandonavam. Tinha medo de que ele lá não estivesse, mas quase desejava que assim fosse, apesar de ser a sua única esperança, a última hipótese de salvação. Concentrou-se um minuto e, retemperando a coragem no sentimento da necessidade presente, entrou.

Ele estava em frente do fogo, com os dois pés sobre o anteparo, a fumar uma cachimbada.

– Oh!, é a senhora... – exclamou, levantando-se repentinamente.

– Sim, sou eu!... Queria, Rodolphe, pedir-lhe um conselho.

E, apesar de todos os esforços, não conseguia descerrar os lábios.

– Não mudou nada, continua encantadora como sempre!

– Oh! – retorquiu ela amargamente –, são tristes encantos, meu amigo, visto que os desdenhou.

Então Rodolphe começou uma explicação da sua conduta, desculpando-se em termos vagos, por não poder inventar coisa melhor.

Ela deixou-se prender pelas suas palavras, e mais ainda pela voz e pela presença dele, de modo que deu a impressão de acreditar, ou talvez tenha acreditado no pretexto da rutura, era um segredo de que dependia a honra e até a vida de uma terceira pessoa.

– Paciência! – disse ela, olhando-o tristemente –, tenho sofrido bastante! E ele respondeu em tom filosófico:

– A vida é assim!

– Terá pelo menos sido boa para si, depois da nossa separação? – continuou ela.

– Oh! Nem boa... nem má.

– Talvez valesse mais nunca nos termos deixado.

– Sim..., talvez!

– Achas? – disse Emma, aproximando-se dele.

E suspirou.

– Oh!, Rodolphe!, se soubesses!... Amava-te muito!

Foi nesse momento que ela lhe pegou na mão e ficaram algum tempo assim, com os dedos entrelaçados – como no primeiro dia, nos comícios! Num gesto de orgulho, ele debatia-se com a comoção. Ela, porém, caindo-lhe nos braços, disse-lhe:

– Como querias tu que eu vivesse sem ti? A gente não se desabitua da felicidade! Estava desesperada! Pensava que morria! Depois te contarei tudo isso, verás. E tu... tu fugiste-me!...

Havia três anos que Rodolphe a evitava cuidadosamente, por essa cobardia natural que caracteriza o sexo forte, e Emma continuava a fazer gestos mimalhos com a cabeça, mais meiga que uma gatinha apaixonada:

– Tu amas outras, confessa. Oh, eu compreendo-as, deixa! Desculpo-as, naturalmente seduziste-as como me seduziste a mim. És um homem, tu! Tens tudo o que é preciso para te fazeres amar. Mas vamos recomeçar, não é verdade? Vamo-nos amar muito. Vês? Estou a rir, sinto-me feliz! Que dizes?

Estava encantadora, com aquele olhar onde tremia uma lágrima, como a água de uma tempestade num cálice azul.

Rodolphe puxou-a para os joelhos e com as costas da mão acariciava-lhe os lisos bandós, onde, à claridade do crepúsculo, rebrilhava como flecha de ouro um último raio de sol. Emma curvava a fronte, e ele acabou por beijá-la sobre as pálpebras, carinhosamente, com a ponta dos lábios:

– Mas tu choraste! – disse ele. – Porquê?

Ela rompeu em soluços. Rodolphe pensou que fosse a explosão do seu amor, uma vez que se calara, interpretou o silêncio como a última resistência do pudor e então exclamou:

– Ah! Perdoa-me! Tu és a única de quem eu gosto. Fui imbecil e mau. Mas amo– te e hei de amar-te sempre!... O que tens? Diz-me lá! E ajoelhava-se diante dela.

– Pois bem!... Estou arruinada, Rodolphe! Vais-me emprestar três mil francos!

– Mas..., mas... – gaguejava ele, erguendo-a a pouco e pouco, enquanto o semblante lhe assumia uma expressão grave. – Sabes – continuava ela precipitadamente –, que o meu marido tinha depositado toda a sua fortuna à guarda de um notário, ele fugiu. Pedimos dinheiro emprestado, os clientes não pagavam. Aliás ainda não liquidaram tudo, vamos receber mais tarde. Mas hoje, por falta de três mil francos, fazem-nos uma penhora, agora, neste mesmo instante, e, como contava com a tua amizade, vim procurar-te.

“Ah!”, pensou Rodolphe, empalidecendo repentinamente, “foi por isto que ela cá veio!”

Por fim disse calmamente:

– Não os tenho, minha querida senhora.

Não mentia. Se os tivesse, dar-lhos-ia certamente, ainda que, em geral, seja desagradável cometer tão belas ações: porque um pedido pecuniário é a mais fria e devastadora de todas as tempestades que podem desabar sobre o amor.

Ela ficou primeiramente alguns minutos a observá-lo.

– Não os tens!

Repetiu várias vezes:

– Não os tens!... Eu deveria ter-me poupado a esta última vergonha. Nunca me amaste! Não vales mais do que os outros!

Traía-se, era a sua perdição.

Rodolphe interrompeu-a afirmando que ele próprio se encontrava em embaraços.

– Tenho muita pena de ti! – disse Emma. – Sim, uma pena enorme!...

E, detendo o olhar numa carabina marchetada que brilhava na panóplia:

– Mas, quando se é tão pobre, não se garante de prata a coronha da espingarda! Não se compra um relógio com incrustações de madreperla! – continuava Emma, indicando o relógio de Boule. – Nem assobios de prata dourada para os chicotes – e tocava-lhes –, nem berloques para o relógio de bolso! Oh! Não lhe falta nada, nem mesmo uma licoreira no quarto!, porque tratas-te bem, vives bem, tens um

castelo, quintas, matas, fazes caçadas a cavalo, viajas por Paris... Eh!, ainda que não fosse senão com isto – exclamava ela, apanhando em cima da chaminé os seus botões de punho –, com a mínima destas futilidades, poder-se-ia fazer dinheiro!... Oh! Mas não os quero! Guarda-os!

E atirou para longe os dois botões, cuja corrente de ouro se partiu ao bater contra a parede.

– Mas eu teria dado, teria vendido tudo, teria ido trabalhar com as minhas mãos, teria mendigado pelas ruas, por um sorriso, por um olhar, para te ouvir dizer: Obrigado! E tu deixas-te ficar aí comodamente na tua poltrona, como se ainda não me tivesses feito sofrer bastante? Se não fosses tu, bem o sabes, eu poderia ter vivido feliz! Qual era o motivo que te obrigava? Alguma aposta? No entanto dizias que me amavas... E ainda há momentos... Ah! Mais valia teres-me escoraçado! Ainda tenho as mãos quentes dos teus beijos, e aqui está o lugar, no tapete, onde me juravas uma eternidade de amor. Fizeste-me acreditar nisso: durante dois anos, arrastaste-me no sonho mais magnífico e delicioso!... Hem! Lembras-te dos nossos projetos de viagem? Ah!, a carta, a tua carta! Despedaçou-me o coração!... E agora, quando me volto para ele, para ele, que é rico, feliz, livre!, para lhe implorar uma ajuda que qualquer pessoa daria, suplicando e trazendo-lhe toda a minha ternura, repele-me, porque lhe custaria três mil francos!

– Não os tenho! – respondeu Rodolphe com a perfeita calma de que se revestem, como de um escudo, as iras resignadas.

Emma saiu. As paredes tremiam, o teto esmagava-a, e voltou a passar pela extensa alameda, tropeçando nos montes de folhas secas que o vento dispersava. Chegou finalmente ao valado diante da cancela, quebrou as unhas de encontro à fechadura, tal a pressa com que a queria abrir. Depois, cem passos adiante, sem fôlego, quase a deixar-se cair, deteve-se. Então, voltando-se, contemplou mais uma vez o impassível castelo, com o parque, os jardins, os três pátios e todas as janelas da fachada.

Ali ficou perdida de pasmo, tendo consciência de que existia apenas pelo pulsar das artérias, as quais lhe pareciam escapar-se como uma música ensurdecidora que enchesse os campos. O chão debaixo dos seus pés era mais movediço que uma onda, e os sulcos do terreno pareceram-lhe imensas vagas escuras que rebentavam. Tudo quanto tinha na cabeça de reminiscências, de ideias, se lhe escapava ao

mesmo tempo, de uma vez, como as mil peças de um fogo de-artifício. Viu o seu pai, o gabinete de Lheureux, o quarto do hotel, outra paisagem. A loucura apossava-se dela, teve medo, conseguiu voltar a dominar-se, de uma maneira confusa, é certo, porque não se lembrava da causa do seu horrível estado, ou seja, a questão do dinheiro. Sofria apenas por causa do amor e sentia que a alma a abandonava a essa recordação, como os feridos, agonizando, sentem a vida esvair-se pelos ferimentos a sangrar.

Caía a noite, voavam gralhas.

Pareceu-lhe, repentinamente, que rebentavam no céu glóbulos cor de fogo, com balas fulminantes, achatando-se, rodopiando, rodopiando, para depois se fundirem na neve, entre os ramos das árvores. No meio de cada um deles, aparecia-lhe a figura de Rodolphe. Multiplicavam-se, aproximavam-se, penetravam nela, depois tudo desapareceu. Reconheceu então as luzes das casas que resplandeciam, de longe, no nevoeiro.

Nesse momento, a sua situação deparou-se-lhe como um abismo. O peito arfava-lhe como se fosse despedaçar-se. Depois, num arrojo de heroísmo em que quase se sentiu alegre, desceu a encosta a correr, atravessou a prancha das vacas, o caminho, a alameda, o mercado, e chegou à loja do farmacêutico.

Não havia lá ninguém. Ia entrar, mas, com o barulho da campainha, alguém podia aparecer, e, esgueirando-se pela cancela, retendo a respiração, apalpando as paredes, avançou até à porta da cozinha, onde ardia uma vela em cima do fogão. Justin, em mangas de camisa, levava à mão um prato.

– Ah!, estão a jantar. Esperemos então.

Ele voltou. Ela bateu nos vidros. Ele saiu.

– A chave!, aquela lá de cima, onde estão os...

– Como?

E olhava-a muito admirado da palidez do rosto dela, que contrastava em alvura com o fundo negro da noite. Pareceu-lhe extraordinariamente bela e majestosa como um fantasma, sem compreender o que Emma queria, pressentiu qualquer coisa de terrível.

Ela, porém, repetiu insistentemente, em voz baixa, num tom meigo, subornador:

– Quero-a! Dá-ma.

Como o tabique era delgado, ouviam-se os garfos a tilintar nos pratos na casa de jantar.

Ela dizia que precisava de matar ratos que não a deixavam dormir.

– Mas tenho de prevenir o patrão.

– Não! Espera!

Depois, com um ar de indiferença:

– Eh!, não vale a pena, que eu depois lhe digo. Vamos, alumia-me!

Entrou no corredor para onde dava a porta do laboratório. Na parede estava pendurada uma chave com a etiqueta: *cafarnaum*.

– Justin! – chamou o boticário, que já se impacientava.

– Vamos subir!

Ele seguiu-a.

A chave girou na fechadura e ela foi direita à terceira prateleira, tal a exatidão com que a memória a guiava, agarrou no frasco azul, arrancou-lhe a tampa, meteu-lhe a mão e, retirando-a cheia de um pó branco, pôs-se a comê-lo diretamente.

– Pare! – exclamou o rapaz, agarrando-se a ela.

– Cala-te! Pode vir alguém...

Justin desesperava-se, queria gritar.

– Não contes nada, senão recairia tudo sobre o teu patrão!

Depois voltou, subitamente calma, e quase com a serenidade de ter cumprido um dever.

Quando Charles, transtornado pela notícia da penhora, regressara a casa, Emma acabava de sair. Gritou, chorou, desmaiou, mas ela não apareceu. Onde poderia estar? Mandou Félicité a casa do Homais, a casa do Tuvache, ao Lheureux, ao Leão de Ouro, a toda a parte, e, nas intermitências da sua angústia, via a reputação arrasada, a fortuna perdida, o futuro de Berthe destruído! Por que razão?... Nem uma palavra!

Esperou até às seis horas da tarde. Finalmente, não podendo conter-se mais, e imaginando que ela tivesse partido para Ruão, foi até à estrada principal, andou meia légua, não encontrou ninguém, esperou ainda um bocado e depois voltou.

Emma já tinha regressado.

O que é que havia?... Porquê?... Explica-me!...

Ela sentou-se à sua escrivaninha e escreveu uma carta que fechou com todo o vagar, acrescentando-lhe a data do dia e a hora. Depois disse em tom solene:

– Vais lê-la só amanhã, daqui até lá peço-te que não me faças uma única pergunta!... Nem uma sequer!

– Mas...

– Deixa-me!

E deitou-se bem estendida na cama.

Despertou-a um sabor amargo que lhe veio à boca. Entreviu Charles e fechou de novo os olhos.

Analisava-se com curiosidade, para descobrir se tinha alguma dor. Mas não! Ainda nada. Ouvia o tiquetaque do relógio, o crepitar do lume e a respiração de Charles, de pé, ali junto da cama.

“Oh! A morte é uma coisa insignificante!”, pensava ela, “vou adormecer e estará tudo acabado!”

Bebeu um gole de água e voltou-se para a parede. Aquele horrível gosto a tinta persistia.

– Tenho sede!... Tenho muita sede! – suspirou ela.

– Mas afinal o que é que tu tens? – disse Charles, estendendo-lhe um copo.

– Não é nada!... Abre a janela..., falta-me o ar!

Veio-lhe um vômito tão repentino, que mal teve tempo para agarrar o lenço debaixo do travesseiro.

– Leva-o! – disse precipitadamente. – Deita-o fora!

Charles interrogou-a, ela não respondeu. Mantinha-se imóvel, com medo de que a menor emoção a fizesse vomitar. Entretanto, sentia um frio de gelo subir-lhe dos pés ao coração.

– Ah!, lá está agora a começar! – murmurou ela.

– O que é que estás a dizer?

Emma rebojava a cabeça num gesto lento, cheio de angústia, abrindo continuamente os maxilares, como se tivesse qualquer coisa muito pesada sobre a língua. Às oito horas reapareceram os vômitos.

Charles observou que havia no fundo da bacia uma espécie de areia branca, agarrada à porcelana.

– É extraordinário! É singular! – repetia ele.

Mas ela disse com voz forte:

– Não, enganas-te!

Então ele, delicadamente e quase acariciando-a, passou-lhe a mão sobre o estômago. Emma soltou um grito agudo. Charles recuou, aterrado.

Depois ela pôs-se a gemer, a princípio muito levemente. Um grande arrepio sacudiu-lhe os ombros e começou a ficar mais pálida que o lençol onde se lhe afundavam os dedos crispados. O pulso irregular era agora quase impercetível.

Surgiram-lhe gotas de suor espalhadas pelo rosto azulado que, entorpecido, parecia exalar um vapor metálico. Batia os dentes, com os olhos dilatados olhava vagamente em torno, e só respondia a todas as perguntas abanando a cabeça, chegou a sorrir duas ou três vezes. Pouco a pouco, os gemidos foram-se tornando mais fortes. Deixou escapar um uivo surdo, disse que estava melhor e que dali a pouco se levantaria. Mas entrou em convulsões e exclamou:

– Ah! É atroz, meu Deus!

Charles atirou-se de joelhos ao pé da cama.

– Fala! O que foi que comeste? Responde, pelo amor de Deus!

E fixava-a com um olhar tão cheio de ternura como ela nunca antes vira.

– Está bem, ali..., ali – disse Emma, com voz enfraquecida.

Ele deu um pulo até à escrivaninha, rasgou o envelope e leu em voz alta:

“Não acusem ninguém...” Deteve-se, passou a mão pelos olhos e tornou a ler.

– O quê!... Socorro! Acudam!

E só conseguia repetir a palavra: “Envenenada! Envenenada!”

Félicité correu a casa de Homais, que gritou a notícia na praça, a senhora Lefrançois ouviu-a no Leão de Ouro, houve pessoas que se levantaram para avisar os vizinhos e toda a noite a vila ficou em alvoroço.

Desvairado, cambaleante, quase a cair, Charles voltou para o quarto. Tropeçava nos móveis, arrancava os cabelos, nunca o farmacêutico pensara que pudesse existir espetáculo tão pavoroso.

Voltou a casa para escrever ao doutor Canivet e ao professor Larivière. Perdeu a cabeça, fez mais de quinze rascunhos.

Hippolyte largou para Neufchâtel e Justin esporeou tão violentamente o cavalo de Bovary, que o deixou na subida do Bois Guillaume, esfalfado e mais morto que vivo.

Charles quis folhear o seu dicionário de medicina, não conseguia ler nada, as linhas dançavam-lhe na frente dos olhos.

– Calma – disse o boticário. – Trata-se somente de lhe aplicar um antídoto poderoso qualquer. Qual é o veneno?

Charles mostrou a carta. Era arsénico.

– Bem, então – continuou o boticário –, é preciso fazer-lhe uma análise.

Porque ele sabia que, em todos os casos, era preciso fazer uma análise, e o outro, que não compreendia nada, respondeu:

– Ah! Faça! Faça! Salve-a...

Depois, voltando para junto dela, deixou-se cair sobre o tapete e ficou a soluçar, com a cabeça encostada à beira da cama.

– Não chores! – disse ela. – Em breve deixarei de te atormentar!

– Porquê? Que te levou a fazer isto?

Emma replicou:

– Tinha de ser.

– Não eras feliz? Foi por culpa minha? No entanto fiz tudo o que pude!

– Sim..., é verdade..., tu és bom!

E passava-lhe a mão no cabelo, lentamente. A suavidade daquela sensação sobrecarregava a tristeza de Charles, ele sentia-se afundar no desespero com a ideia de que a tivesse de perder quando, precisamente, ela lhe manifestava mais amor que nunca, não se lembrava de nada, não sabia, não tinha a coragem, completamente desorientado pela urgência de uma resolução imediata.

Entretanto Emma refletia que tinham acabado todas as traições, as baixeiras e as inumeráveis concupiscências que a torturavam. Agora não tinha ódio a ninguém, uma confusão crepuscular abatia-se-lhe sobre o pensamento, e, de todos os ruídos da Terra, apenas ouvia já o lamento intermitente daquele pobre coração, vago e indistinto, como o último eco de uma sinfonia que se afasta.

– Tragam-me a pequena – disse ela, soerguendo-se sobre o cotovelo.

– Não estás pior, pois não? – perguntou Charles.

– Não!, não!

A criança veio nos braços da criada, com a longa camisa de dormir, donde lhe saíam os pezitos descalços, muito séria e ainda quase a sonhar. Olhava com espanto o quarto todo em desordem e piscava os olhos, ofuscada pelos castiçais que brilhavam em cima dos

móveis. Lembravam-lhe sem dúvida o dia de Ano Novo ou o da *mi-carême*, quando, acordada assim muito cedo à luz das velas, vinha até à cama da mãe para receber as prendas, porque se pôs a dizer:

– Então onde está, mamã?

E, como todos se calassem:

– Mas não vejo o meu sapatinho!

Félicité inclinava-a na direção da cama, enquanto ela continuava a olhar para o lado da chaminé.

– Foi a minha ama que o levou? – perguntou a criança.

E a este nome, que a remetia de novo à lembrança dos seus adultérios e desgraças, a senhora Bovary voltou a cara, como que sentindo a repugnância doutro veneno mais forte subindo-lhe à boca. Berthe, entretanto, deixara-se ficar em cima da cama.

– Oh!, como tens os olhos grandes, mamã! Estás tão pálida! E a suar tanto!...

A mãe olhava para ela.

– Tenho medo! – disse a pequena, recuando.

Emma pegou-lhe na mão para a beijar, mas ela resistiu.

– Basta! Levem-na daqui! – exclamou Charles, que soluçava na alcova.

Depois os sintomas interromperam-se por uns momentos, Emma parecia menos agitada, e, a cada palavra, por mais insignificante, a cada respiração que lhe saía do peito, um pouco mais calma, ele recobrava as esperanças.

Finalmente, quando chegou o doutor Canivet, atirou-se-lhe nos braços a chorar.

– Ah!, é o senhor! Obrigado! Que bondade a sua! Mas parece-me que já está melhor. Olhe, veja-a..

O colega não foi de modo nenhum da mesma opinião e, não se pondo com meias medidas, como ele mesmo dizia, receitou logo um vomitório, para desembaraçar completamente o estômago.

Ela não tardou a vomitar, sangue. Os lábios cerraram-se-lhe mais. Tinha os membros contraídos, o corpo coberto de manchas escuras e o pulso sentia-se debaixo dos dedos como um fio esticado, como uma corda de harpa quase a partir-se.

Depois começou a gritar horivelmente. Amaldiçoava o veneno, invetivava-o, suplicava-lhe que se apressasse e repelia com os braços inteiriçados tudo o que Charles, mais agonizante do que ela, se esforçava por fazê-la beber. Ele estava de pé, com o lenço na boca,

arquejante, a chorar, sufocado pelos soluços que o faziam estremecer até aos calcanhares, Félicité corria de um lado para o outro do quarto, Homais, imóvel, soltava profundos suspiros, e o doutor Canivet, mantendo sempre o seu aprumo, começava apesar de tudo a sentir-se perturbado.

– Oh!, diabo!... No entanto... ela já está purgada, e, desde que a causa cesse...

– Deve cessar o efeito – atalhou Homais. – É evidente.

– Mas salvem-na! – exclamava Bovary.

Por isso, sem escutar o farmacêutico, que arriscava ainda a hipótese de ser talvez um paroxismo salutar, Canivet preparava-se para lhe administrar teriaga, quando se ouviu o estalar de um chicote, logo a seguir todas as vidraças estremeciam e uma carruagem de posta, puxada a toda a força por três cavalos enlameados até às orelhas, surdiu repentinamente da esquina do mercado. Era o professor Larivière.

A aparição de um deus não teria causado tanta emoção. Bovary levantou as mãos, Canivet largou logo tudo e Homais tirou o boné da cabeça muito antes de o doutor entrar.

Larivière pertencia à grande escola cirúrgica saída de Bichat, a essa geração, já desaparecida, de médicos filósofos que, dedicando à sua arte um amor fanático, a exerciam com exaltação e sagacidade! No seu hospital, tudo tremia quando ele se irava e os alunos tinham-lhe tal veneração que, logo que se estabeleciam, se esforçavam por imitá-lo o mais possível, de modo que se podia ver neles, pelas vilas dos arredores, a sua longa capa de merino e o amplo fato preto, que, desabotoado, lhe encobria um pouco as mãos carnudas, umas mãos belas que nunca calçavam luvas, como para estarem mais prontas a mergulhar nos mistérios. Desdenhando as condecorações, os títulos e as academias, hospitaleiro, liberal, paternal com os pobres, praticando a virtude sem crer nela, teria quase passado por um santo, se a agudeza do seu espírito o não tornasse temido como um demónio. O seu olhar, mais cortante do que os bisturis, penetrava diretamente na alma e desarticulava todas as mentiras, atravessando alegações e pudores. E assim avançava, cheio da bondosa majestade que a consciência de um grande talento, a sorte e quarenta anos de uma existência laboriosa e irrepreensível conferem.

Logo da porta franziu o sobrolho, avistando o rosto cadavérico de Emma, estendida de costas, com a boca aberta.

Depois, dando a impressão de escutar Canivet, passava o indicador pelo bigode e repetia:

– Está bem, está bem.

Mas fez um gesto lento com os ombros. Bovary olhou para ele, fixaram-se um ao outro, e aquele homem, apesar de tão habituado ao aspeto da dor, não pôde conter uma lágrima que lhe caiu sobre o peitilho.

Quis levar Canivet para o quarto contíguo. Charles acompanhou-o.

– Está muito mal, não é? Se lhe aplicássemos sinapismos? Eu nem sei! Veja o senhor professor se descobre qualquer coisa, já tem conseguido salvar tanta gente!

Charles cingia-lhe o corpo com os dois braços e fitava-o com ar desvairado, suplicante, meio desfalecido, apoiando-se-lhe no peito.

– Então, meu pobre rapaz, é preciso coragem! Não há nada a fazer. E o doutor Larivière voltou-se.

– Vai-se embora?

– Já venho.

Saiu, como que para dar uma ordem ao postilhão, juntamente com Canivet, que também não estava interessado em ver Emma morrer-lhe nas mãos.

O farmacêutico reuniu-se-lhes na praça. Não podia, por temperamento, separar-se das pessoas célebres. Por isso suplicou ao doutor Larivière que lhe concedesse a elevada honra de aceitar o convite para o almoço.

Mandaram logo à pressa buscar borrachos ao Leão de Ouro, tudo o que restava de costeletas no talho, natas a casa do Tuvache, ovos a casa do Lestiboudois e o próprio boticário ajudava nos preparativos, enquanto a senhora Homais dizia, apertando os cordões do corpete:

– O senhor doutor desculpará, porque nesta triste terra, quando não estamos prevenidos de véspera...

– Os cálices de pé!!! – segredou Homais.

– Se ao menos morássemos na cidade, teríamos o recurso dos pezinhos recheados.

– Cala-te!... Para a mesa, senhor doutor!

Após as primeiras garfadas, achou que era bom dar alguns pormenores sobre a catástrofe:

– Começou por uma sensação de secura na faringe, depois dores intoleráveis no epigastro, superpurgação, coma.

– Como é que ela então se envenenou?

– Ignoro-o, senhor doutor, e nem sei mesmo onde terá podido encontrar aquele ácido arsenioso.

Justin, que transportava uma pilha de pratos, foi acometido de uma tremura.

– O que tens? – perguntou o farmacêutico.

O rapaz, ouvindo a pergunta, deixou cair tudo no chão, com grande estardalhaço.

– Estúpido! – gritou Homais –, desastrado! Molengão! Grande burro!

Dominando-se, porém, subitamente:

– Eu quis, senhor doutor, tentar uma análise e, primo, introduzi delicadamente um tubo...

– Teria sido muito melhor – disse o cirurgião –, introduzir-lhe os dedos na garganta.

O colega mantinha-se calado, havendo pouco antes recebido uma forte admoestação a propósito do seu vomitório, de modo que o bom do Canivet, tão arrogante e verboso por ocasião do pé boto, estava hoje muito modesto, não fazia outra coisa senão sorrir, à maneira de aprovação.

Homais irradiava o seu orgulho de anfitrião e a aflitiva lembrança de Bovary contribuía vagamente para o seu prazer, por um reflexo egoísta que provocava em si próprio. Depois sentia-se enlevado pela presença do professor. Ostentava a sua erudição, citava confusamente as cantáridas, o upas, a mancenilheira, a víbora.

– E até já soube de várias pessoas que ficaram intoxicadas, doutor, e como que fulminadas por chouriços que tinham sofrido uma fumação demasiado veemente! Pelo menos, foi o que li num magnífico relatório da autoria de uma das nossas sumidades farmacêuticas, um dos nossos mestres, o ilustre Cadet de Gassicourt!

A senhora Homais reapareceu com uma dessas máquinas oscilantes que se aquecem com álcool, porque Homais não dispensava o seu café feito ali mesmo na mesa e que, aliás, ele próprio torrara, pulverizara e misturara.

– *Saccharum*, doutor – disse ele, oferecendo o açúcar.

Depois mandou chamar os filhos todos, curioso de saber a opinião do professor a respeito da constituição deles.

Finalmente, já o doutor Larivière se ia embora quando a senhora Homais lhe pediu uma consulta para o seu marido. Ele ficava com o

sangue espesso, deixando-se adormecer todas as noites depois do jantar.

Larivière fez um trocadilho a propósito do sangue e, sorrindo, abriu a porta. A farmácia, porém, regurgitava de gente, e ele teve uma dificuldade enorme em se descartar do Tuvache, o qual receava que a mulher tivesse uma pneumonia, porque tinha o hábito de cuspir nas cinzas, depois foi o Binet, que de vez em quando sentia um apetite exagerado, e a senhora Caron, que tinha formigueiros, ainda Lheureux, que sentia vertigens, Lestiboudois, que tinha reumatismo, a senhora Lefrançois, que se queixava de azia. Por fim, os três cavalos lá largaram e, de um modo geral, todos acharam que o médico não fora nada complacente.

A atenção pública foi distraída pelo aparecimento do padre Bournisien, que atravessava o mercado com os óleos sagrados.

Homais, para não fugir aos seus princípios, comparou logo os padres a corvos atraídos pelo cheiro dos mortos.

A vista do eclesiástico era-lhe pessoalmente desagradável, porque a sotaina lhe fazia lembrar uma mortalha, e detestava uma pelo receio que lhe inspirava a outra.

No entanto, não se furtando ao que chamava a sua missão, voltou a casa de Bovary, na companhia do doutor Canivet, que o Prof. Larivière, antes de partir, admoestara a estar presente, e até, se não fossem as objeções da mulher, teria levado consigo os dois filhos, para os habituar às circunstâncias difíceis, para que fosse uma lição, um exemplo, um quadro solene que lhes ficasse, mais tarde, na memória.

Quando entraram, o quarto estava cheio de uma solenidade lúgubre. Em cima da mesa de costura, coberta com uma toalha branca, havia cinco ou seis bolinhas de algodão numa bandeja de prata, junto de um grande crucifixo, entre dois castiçais acesos. Emma, com o queixo encostado ao peito, abria desmesuradamente os olhos, e as suas pobres mãos moviam-se sobre o lençol com aquele gesto horrendo e lento dos agonizantes, que parecem querer cobrir-se já com o sudário.

Pálido como uma estátua, com os olhos vermelhos como brasas, Charles, sem chorar, mantinha-se na frente dela, aos pés do leito, enquanto o padre, apoiado num joelho, murmurava palavras em surdina.

Ela voltou a cabeça lentamente e pareceu possuída de alegria ao ver subitamente a estola roxa, reencontrando sem dúvida, no meio de uma calma extraordinária, o deleite perdido desde os seus primeiros

impulsos místicos, com visões de uma bem-aventurança eterna que se aproximava.

O padre levantou-se para pegar no crucifixo, então ela estendeu o pescoço como alguém que tem sede e, encostando os lábios ao corpo do Homem-Deus, depôs nele com toda a sua força agonizante o maior beijo de amor que jamais dera. Seguidamente, ele recitou o *Misereatur* e o *Indulgentiam*, molhou o polegar direito no azeite e começou a unção: primeiro nos olhos, que tanto haviam cobiçado todas as sumptuosidades terrestres, depois nas narinas, ávidas de brisas cálidas e perfumes amorosos, depois na boca, que se abria para a mentira, que gemera de orgulho e gritara de luxúria, depois nas mãos, que se deleitavam com suaves contactos, e, finalmente, nas plantas dos pés, tão rápidos outrora quando corria a saciar os seus desejos e que não voltariam a caminhar.

O padre limpou os dedos, deitou ao fogo os pedaços de algodão molhados de azeite e foi sentar-se ao pé da moribunda para lhe dizer que devia agora unir os seus sofrimentos aos de Jesus Cristo e entregar-se à misericórdia divina.

Quando terminou as suas exortações, tentou meter-lhe na mão um círio benzido, símbolo das glórias celestes de que em breve estaria rodeada. Emma, demasiado enfraquecida, não pôde fechar os dedos e o círio, sem o padre Bournisien a segurá-lo, teria caído no chão.

Entretanto ela ficou menos pálida e o seu rosto tinha uma expressão de serenidade, como se o sacramento a tivesse curado.

O padre não deixou de fazer referência ao facto, explicou até ao Bovary que o Senhor, algumas vezes, prolongava a vida das pessoas quando julgava conveniente para a sua salvação, e Charles lembrou-se do dia em que, assim quase a morrer, ela recebera a comunhão.

“Talvez não valha a pena desesperar”, pensou ele.

Com efeito, ela olhou à sua volta, lentamente, como alguém que despertasse de um sonho, depois, falando distintamente, pediu o seu espelho, e ficou algum tempo a olhar-se, até ao momento em que grandes lágrimas se lhe desprenderam dos olhos. Então atirou a cabeça para trás e, soltando um suspiro, deixou-se cair sobre a almofada.

O peito pôs-se-lhe logo a arquejar aceleradamente. A língua saiu-lhe toda da boca, os olhos, revirando-se, desmaiaram como dois globos de lâmpadas que se extinguissem, fazendo crer que já estivesse morta, se não fosse o pavoroso ritmo das costelas, sacudidas por uma respiração furiosa, como se a alma estivesse dando pulos para se

libertar. Félicité ajoelhou-se diante do crucifixo, e até o próprio farmacêutico fletiu um pouco os joelhos, enquanto o doutor Canivet olhava vagamente na direção da praça. Bournisien estava novamente entregue à oração, com o rosto inclinado para a beira da alcova, a sua longa sotaina negra arrastando atrás pelo chão. Charles ajoelhara do outro lado, com os braços estendidos para Emma.

Tinha-lhe agarrado as mãos e segurava-as, estremecendo a cada batida do coração, como que em reflexo do desabar de uma ruína. À medida que o estertor se tornava mais forte, o clérigo precipitava as suas orações, misturavam-se com os soluços abafados de Bovary, e às vezes tudo parecia confundir-se no surdo murmúrio das sílabas do latim, que soavam como dobre de sinos.

Subitamente ouviu-se no passeio um ruído de grossos tamancos, juntamente com o arrastar de um cajado, e uma voz rouca que começou a cantar:

*Quantas vezes um belo dia de calor
Faz sonhar as meninas com amor.*

Emma ergueu-se como um cadáver galvanizado, com os cabelos soltos, o olhar fixo, a boca aberta.

*Para apanhar as espigas
Que os moços foram ceifar,
Na noite com as raparigas
Andou no campo a cantar.*

– O cego! – exclamou ela.

E pôs-se a rir, com um riso atroz, frenético, desesperado, julgando ver o rosto horrendo do miserável, que se erguia nas trevas eternas como um espantalho.

*Mas tanto o vento soprou
Que a saia lhe levantou!*

Uma convulsão fê-la cair de novo sobre a cama. Todos se aproximaram. Deixara de existir.

CAPÍTULO IX

Depois da morte de alguém fica sempre uma espécie de assombro, por ser tão difícil de compreender esse aparecimento do nada e de aceitar a sua presença. Mas, quando Charles se apercebeu da sua imobilidade, lançou-se sobre ela, gritando:

– Adeus! Adeus!

Homais e Canivet arrastaram-no para fora do quarto.

– Tenha calma!

– Está bem – dizia ele debatendo-se. – Serei razoável, não vou fazer mal nenhum. Mas deixem-me! Quero vê-la! É minha mulher!

E chorava.

– Chore – disse o farmacêutico –, dê largas à natureza, ficará aliviado!

Mais enfraquecido que uma criança, Charles deixou-se levar para baixo, para a sala, e, dali a pouco, Homais voltou para casa.

Foi abordado na praça pelo cego, que, tendo-se arrastado até Yonville, na esperança da pomada antiflogística, perguntava a todas as pessoas que passavam onde morava o boticário.

– Que maçada! Como se eu não tivesse mais nada que fazer! Olha, paciência, volta noutra altura!

E entrou precipitadamente na farmácia.

Tinha de escrever duas cartas, de preparar um calmante para Bovary, de arranjar uma mentira para encobrir o envenenamento e de redigir um artigo para *Le Fanal*, sem falar nas pessoas que o esperavam para obter informações, e, depois de os moradores de Yonville terem ouvido a sua história do arsénico que ela tomara por açúcar, com o qual fizera um creme de baunilha, Homais voltou ainda uma vez a casa do Bovary.

Encontrou-o sozinho (o doutor Canivet acabara de sair), sentado na sua poltrona, ao pé da janela, contemplando com olhar idiota o pavimento da sala.

– Agora – disse o farmacêutico –, tem de ser o doutor a fixar a hora da cerimónia.

– Porquê? Que cerimónia?

Depois acrescentou com voz balbuciante e assustada:

– Oh! Não, ora essa! Não, quero ficar com ela.

Homais, por presença de espírito, pegou num jarro de cima do aparador para regar os gerânios.

– Ah! Obrigado – disse Charles, como o senhor é bondoso!...

E não terminou, sufocado por uma abundância de recordações que aquele gesto do farmacêutico lhe evocava.

Então, para o distrair, Homais achou conveniente falar um pouco de horticultura, as plantas precisavam de humidade.

Charles baixou a cabeça em sinal de aprovação.

– Além disso, vão agora regressar os dias bonitos.

– Sim! – disse Bovary.

O boticário, tendo esgotado todas as ideias, pôs-se a afastar lentamente as pequenas cortinas da janela.

– Olhe, ali vai o senhor Tuvache a passar.

Charles repetiu maquinalmente:

– O senhor Tuvache a passar.

Homais não teve coragem de voltar a falar-lhe de disposições fúnebres, foi o eclesiástico que conseguiu decidi-lo:

Bovary fechou-se no seu gabinete, pegou numa pena e, depois de ter soluçado durante algum tempo, escreveu:

Quero que a enterrem com o seu vestido de noiva, com sapatos brancos e uma grinalda. Os cabelos devem ir soltos sobre os ombros, três caixões, um de carvalho, outro de mogno e outro de chumbo. Não me digam nada, que eu terei coragem. Estendam-lhe por cima uma grande peça de veludo verde. Quero que seja assim. Façam isto.

As pessoas ficaram muito admiradas com as ideias românticas de Bovary e o farmacêutico tratou logo de lhe dizer:

– O veludo parece-me uma superfluidade. A despesa, por outro lado...

– Tem alguma coisa com isso? – exclamou Charles. – Deixe-me! O senhor não gostava dela! Vá-se embora!

O padre pôs-lhe o braço por cima para dar um passeio com ele pelo jardim. Ia percorrendo sobre a vaidade das coisas terrenas. Deus era muito grande, muito bom, devíamos submeter-nos sem murmurar aos seus desígnios e até agradecer-lhe.

Charles desatou a blasfemar:

– Abomino esse vosso Deus!

– O espírito de revolta ainda está consigo – suspirou o eclesiástico.

Bovary já estava longe. Dava grandes passadas ao longo do muro, junto da latada, e rangia os dentes, dirigia ao Céu olhares rancorosos, mas com tudo aquilo nem uma agulha buliu.

Caía uma chuva miúda. Charles, que tinha o peito descoberto, acabou por tiritar, voltou a ir sentar-se na cozinha.

Às seis horas ouviu-se um barulho de ferragens na praça: era a *Andorinha* que chegava, e ele ficou com a testa encostada à janela, a ver descer os passageiros, uns atrás dos outros. Félicité estendeu um colchão para ele na sala, Charles atirou-se-lhe para cima e adormeceu.

Apesar de filósofo, o senhor Homais respeitava os mortos.

Por isso, sem guardar rancor ao pobre Charles, voltou à noite para velar o cadáver, trazendo consigo três livros e uma pasta, para tomar apontamentos.

Lá estava o padre Bournisien e dois grandes círios ardiam à cabeceira do leito, que havia sido tirado para fora da alcova.

O boticário, a quem o silêncio pesava, não tardou a formular algumas lamentações sobre esta infortunada senhora, e o padre respondeu que agora só restava rezar por ela.

– No entanto – retorquiu Homais –, de duas coisas uma: ou ela morreu em estado de graça (como se exprime a igreja), e nesse caso não tem nenhuma necessidade das nossas orações, ou então morreu impenitente (creio que é a expressão eclesiástica), e...

Bournisien interrompeu-o, replicando, mal-humorado, que não era menos necessário rezar por isso.

– Mas – objetou o farmacêutico –, visto que Deus conhece todas as necessidades, para que poderá servir a oração?

– Como? – exclamou o eclesiástico –, a oração? Mas então o senhor não é cristão?

– Perdão! – disse Homais. – Admiro o cristianismo. Em primeiro lugar porque aboliu a escravatura, introduziu no mundo uma moral...

– Não se trata disso! Todos os textos...

– Oh!, oh!, quanto aos textos, é só abrir a história, sabe-se que foram falsificados pelos Jesuítas.

Charles entrou e, aproximando-se do leito, afastou lentamente as cortinas.

Emma tinha a cabeça inclinada sobre o ombro direito. O canto da boca, que ficara parcialmente aberta, formava um buraco escuro na parte inferior do rosto, os dois polegares continuavam recurvados para as palmas das mãos, tinha uma espécie de poeira branca espalhada pelas pestanas e os olhos começavam a desaparecer numa palidez viscosa que se assemelhava a um tecido muito fino que houvesse sido trabalhado por aranhas. O lençol fazia uma grande cova desde os seios até aos joelhos, elevando-se depois nas pontas dos dedos dos pés, e parecia a Charles que massas infinitas, um peso enorme pesava sobre ela.

O relógio da igreja badalou doze horas. Ouvia-se o cavo murmúrio do rio que corria no meio das trevas, perto do terraço. O padre Bournisien, de vez em quando, assoava-se ruidosamente e Homais fazia arranhar a pena sobre o papel.

– Vamos lá, amigo – disse ele –, é melhor retirar-se, este espetáculo aflige-o!

Assim que Charles saiu, recomeçaram as discussões entre o farmacêutico e o cura.

– Leia Voltaire! – dizia um. – Leia Holbach, leia a *Enciclopédia*!

– Leia as *Cartas de Alguns Judeus Portugueses*! – dizia o outro.

– Leia a *Razão do Cristianismo*, de Nicolau, antigo magistrado!

Ambos se excitavam, ficavam rubros, falavam ao mesmo tempo sem se escutar um ao outro, Bournisien estava escandalizado com tamanho atrevimento, Homais admirava-se de tamanha estupidez, e não faltava muito para começarem a ofender-se mutuamente, quando Charles, de súbito, reapareceu. Um certo fascínio o atraía. Subia constantemente a escada.

Punha-se na frente dela para a ver melhor e perdia-se naquela contemplação, que, à força de ser profunda, deixara de ser dolorosa.

Lembrava-se das histórias de catalepsia, dos milagres do magnetismo, e dizia para si mesmo que, desejando-o de uma maneira extrema, talvez conseguisse ressuscitá-la. Uma vez até se inclinou para ela e disse em voz baixa: “Emma! Emma!” E o seu hálito, expelido com força, fez estremecer a chama dos círios junto à parede.

Ao amanhecer chegou a senhora Bovary sogra, Charles, quando a beijou, teve um novo acesso de choro. Ela procurou, como tentara o farmacêutico, fazer-lhe algumas observações sobre as despesas do enterro. Ficou de tal maneira exaltado que ela se calou, e foi até

encarregue por ele de se dirigir imediatamente à cidade para comprar o que fosse necessário.

Charles ficou sozinho durante toda a tarde: tinham levado Berthe para casa da senhora Homais, Félicité conservou-se em cima, no quarto, com a tia Lefrançois.

À noite teve visitas. Levantava-se, apertava as mãos sem poder falar, depois iam-se sentando uns ao lado dos outros, formando um grande semicírculo em volta da chaminé. De cabeça baixa e perna traçada, abanavam o pé, soltando de quando em quando um fundo suspiro, todos se sentiam tremendamente enfadados, mas ninguém se dispunha a abandonar o seu posto.

Homais, quando apareceu novamente às nove horas (há dois dias que não se via mais ninguém na praça senão ele), vinha carregado com uma provisão de cânfora, benjoim e ervas aromáticas. Trazia também um frasco cheio de cloro, para banir os miasmas. Na altura, a criada, a senhora Lefrançois e a mãe Bovary giravam em volta de Emma, acabando de a vestir, e estenderam o comprido véu retesado que a cobriu toda até aos sapatos de cetim.

Félicité soluçava:

– Ai, minha pobre patroa! Minha pobre patroa!

– Olhem para ela – dizia, suspirando, a estalajadeira –, como ainda está linda! Dá mesmo a impressão de que se vai levantar.

Depois debruçaram-se para lhe pôr a grinalda.

Foi preciso soerguer um pouco a cabeça, e então saiu-lhe da boca uma golfada de líquido negro, uma espécie de vômito.

– Ah!, meu Deus! O vestido, cuidado! – exclamou a senhora Lefrançois. Ajude-nos então! – dizia ela ao farmacêutico. Está com medo, se calhar?...

– Medo, eu? – replicou ele, sacudindo os ombros. Ah!, sim, quem sabe! Vi muito pior do que isto no hospital da cidade, quando estudava Farmácia! Fazíamos ponche no anfiteatro das dissecações! O nada não assusta um filósofo, e até muitas vezes digo que tenho a intenção de legar o meu corpo aos hospitais, para servir mais tarde à ciência.

Quando o padre chegou, perguntou como estava o doutor a reagir, e, à resposta do boticário, replicou:

– Compreende que o golpe é muito recente ainda!

Então Homais felicitou-o por não estar exposto, como toda a gente, a perder uma companheira querida, do que resultou uma discussão sobre o celibato dos padres.

– Porque – dizia o farmacêutico – não é natural um homem passar sem mulheres! Têm-se visto crimes...

– Mas, caramba! – exclamou o eclesiástico –, como quer o senhor que um indivíduo ligado ao casamento possa manter, por exemplo, o sigilo da confissão.

Homais atacou a confissão. Bournisien defendeu-a, alargou-se em exemplos de restituições que ela levava a fazer. Citou diferentes histórias de ladrões que subitamente se tornavam honestos. Militares, tendo-se aproximado do tribunal da penitência, sentiram abrir-se-lhe os olhos. Havia em Friburgo um ministro...

O companheiro adormecera. Depois, como se sentia um pouco sufocar na atmosfera abafada do quarto, abriu a janela, o que despertou o farmacêutico.

– Vá lá uma pitada! – disse ele. – Aceite, ajuda a distrair.

Ao longe, em qualquer parte, ouviam-se latidos contínuos.

– Está a ouvir um cão a uivar? – disse o farmacêutico.

– Dizem que percebem que há mortos – respondeu o eclesiástico.

– É como as abelhas: abandonam o cortiço quando alguém morre.

Homais não denunciou os preconceitos, porque voltara a adormecer.

Bournisien, mais resistente, continuou por algum tempo a mover os lábios, quase imperceptivelmente, depois, entrando na inconsciência, deixou cair a cabeça, largou o grande livro negro e começou a ressonar.

Estavam um na frente do outro, de barriga espetada, bochechas caídas, ar carrancudo, depois de tanto desacordo, encontrando-se, afinal, na mesma fraqueza humana, não se mexiam mais do que o cadáver que tinham ao lado e que parecia dormir.

Charles, entrando, não os acordou. Era a última vez. Vinha dizer-lhe adeus.

As ervas aromáticas ainda fumegavam e turbilhões de fumo azulado confundiam-se junto da janela com o nevoeiro que entrava. Havia algumas estrelas e a noite estava amena.

A cera caía em grossas lágrimas sobre os lençóis. Charles via arder os círios, cansando a vista contra o brilho da chama amarela.

Tremulavam reflexos sobre o vestido de cetim, branco como o luar. Emma desaparecia por baixo dele, e Charles tinha a sensação de que ela se difundia confusamente no ambiente, no silêncio, na noite, no vento que passava, nos odores húmidos que se exalavam.

Depois via-se subitamente no jardim de Tostes, sentada no banco, encostada à sebe de espinheiros, ou então em Ruão, pelas ruas, à porta de casa, no pátio dos Bertaux. Ouvia ainda o riso alegre dos rapazes pendurados nas macieiras, o quarto cheirava ao perfume dos seus cabelos, e o vestido roçava-lhe nos braços com um ruído faiscante. Aquela que ali estava era a mesma!

Ficou assim muito tempo a recordar todas as felicidades perdidas, as suas atitudes, os gestos, o timbre da voz. Após um desespero, surgia logo outro, e assim por diante, inesgotavelmente, como as ondas de um lago que transborda.

Sentiu uma terrível curiosidade: lentamente, com a ponta dos dedos, palpitando, levantou o véu. Mas soltou um grito de horror que acordou os outros dois. Arrastaram-no para a sala, em baixo.

Depois Félicité veio dizer que ele pedia cabelos.

– Corte! – respondeu o farmacêutico.

E, como ela não sentisse coragem, ele mesmo avançou com a tesoura na mão. Tremia tanto que picou a pele das fontes, em vários sítios. Por fim, retesando-se contra a emoção, deu duas ou três grandes tesouradas ao acaso, deixando marcas brancas naquela linda cabeleira preta.

O cura e o farmacêutico voltaram a entregar-se às suas atividades, não sem dormir um pouco de vez em quando, do que se acusavam reciprocamente sempre que tornavam a despertar. Bournisien aspergia então o quarto com água benta e Homais espalhava no chão um pouco de cloro.

Félicité tivera o cuidado de pôr em cima da cómoda uma garrafa de aguardente, um queijo e um bolo grande. O boticário, que já não aguentava mais, suspirou pelas quatro horas da manhã:

– Palavra que me apetecia comer qualquer coisa!

O eclesiástico não se fez rogado, saiu para ir dizer a sua missa e voltou, depois comeram e beberam à saúde um do outro, fazendo um pouco de chacota, sem saberem porquê, excitados por aquela vaga alegria que se apodera das pessoas depois de cenas de tristeza, e, ao último calicezinho, o padre disse para o farmacêutico, com uma pancadinha no ombro:

– Acabaremos por nos entender!

Encontraram em baixo, no vestíbulo, os operários que vinham a chegar. Então Charles, durante duas horas, teve de sofrer o suplício do estrondo que faziam martelando nas tábuas. Depois desceram-na no

caixão de carvalho, que encaixaram dentro dos outros dois, mas, como o esquife era demasiado grande, foi necessário encher-lhe os interstícios com a lã de um colchão.

Por fim, aplainadas, pregadas e soldadas as três tampas, expuseram-no diante da porta, abriu-se a casa toda e a gente de Yonville começou a afluir.

Chegou o tio Róuault. Desmaiou no meio da praça quando viu o pano preto.

CAPÍTULO X

Só recebera a carta do farmacêutico trinta e seis horas depois do acontecimento, e, por consideração para com a sua sensibilidade, Homais redigira-a de tal modo que era impossível saber com o que contar.

Primeiro, o pobre homem caiu como se lhe tivesse dado um ataque de apoplexia. Depois compreendeu que ela não estaria morta. Mas podia afinal estar... Por fim enfiara uma camisola, pusera o chapéu, afivelara uma espora no sapato e partira a toda a brida, durante todo o trajeto, o tio Rouault, ofegante, consumia-se de angústias. Uma vez mesmo foi obrigado a parar. Já não via nada, ouvia vozes à sua volta, sentia-se enlouquecer.

Nasceu o dia. Avistou três galinhas pretas a dormir numa árvore, estremeceu, aterrado por aquele presságio. Então ofereceu à Virgem três casulas para a igreja e fez a promessa de ir descalço desde o cemitério dos Bertaux até à capela de Vassonville.

Entrou em Maromme bradando pela gente da estalagem, arrombou a porta com os ombros, correu ao saco de aveia, esvaziou na manjedoura uma garrafa de sidra doce e voltou a montar o potro, fazendo-o ferir lume com as quatro ferraduras.

Ia pensando que talvez a conseguissem salvar, os médicos encontrariam com certeza um remédio. Lembrava-se de todas as curas milagrosas que lhe tinham contado.

Depois via-a já morta. Ali, diante dele, estendida de costas, no meio da estrada. Puxava as rédeas e a alucinação desaparecia.

Em Quincampoix, para cobrar ânimo, bebeu três cafés, um atrás do outro.

Pensou se não se teriam enganado a escrever o nome.

Procurou a carta no bolso, achou-a mas não teve coragem de a abrir.

Chegou a imaginar que poderia ser uma partida, uma vingança de alguém, uma fantasia de algum brincalhão, além disso, se ela tivesse morrido, não se saberia já? Mas não! O campo não tinha nada de extraordinário: o céu estava azul, as árvores oscilavam, passava um rebanho de ovelhas. Avistou a vila, viram-no chegar todo debruçado

sobre o cavalo, que estimulava com grandes fustigadelas e cuja cilha gotejava sangue.

Quando recuperou a consciência, caiu a chorar nos braços de Bovary:

– A minha filha! Emma!, minha filha! Explique-me...!

E o outro respondia entre soluços:

– Não sei, não sei! Foi uma maldição!

O boticário separou-os.

– Esses horríveis pormenores são inúteis. Depois informarei o amigo. Está a chegar gente. Dignidade, senhores! Filosofia!

O pobre Bovary queria mostrar-se forte e repetia várias vezes:

– Sim... coragem!

– Pois bem – exclamou o velhote –, por mim hei de tê-la! Coragem de um raio! Vou acompanhá-la até ao fim.

O sino dobrava. Tudo estava pronto. Tiveram de se pôr a caminho.

E, sentados num banco do coro, um ao lado do outro, viram passar e repassar continuamente por diante deles os três chantres que salmodiavam. O serpentão soprava a plenos pulmões. O padre Bournisien, em grande cerimonial, cantava com voz aguda, fazia vénias diante do sacrário, levantava as mãos, estendia os braços. Lestiboudois circulava pela igreja com a sua régua de barba de baleia, próximo da estante do coro, o caixão repousava entre quatro fileiras de círios. Charles sentia-se tentado a levantar-se para os ir apagar.

Procurava, no entanto, exercitar-se na devoção, entregar-se à esperança de uma vida futura em que a tornaria a encontrar.

Imaginava que ela partira para uma viagem, para muito longe, desde há muito tempo. Mas, quando pensava que ela se encontrava ali debaixo e que tudo acabara, que a levariam a enterrar, sentia uma raiva feroz, negra, desesperada. Às vezes julgava já nada sentir e saboreava essa suavização da sua dor, enquanto estava ainda mais próximo de ser um miserável.

Ouviu-se o ruído seco de um pau ferrado batendo compassadamente o chão de lajes. O ruído vinha do fundo e deteve-se repentinamente numa das naves laterais da igreja. Um homem de grossa jaqueta escura ajoelhou-se com muita dificuldade. Era Hippolyte, o moço do Leão de Ouro. Pusera a sua perna nova.

Um dos chantres veio dar a volta à igreja para fazer a coleta, e as grandes moedas começaram a tinir, umas atrás das outras, na salva de prata.

– Despachem-se lá com isso! Estou farto de sofrer! – exclamou Bovary, atirando-lhe furioso uma moeda de cinco francos para a bandeja.

O homem da igreja agradeceu-lhe com uma grande vénia.

Cantavam, ajoelhavam-se, tornavam a levantar-se, e aquilo nunca mais acabava! Lembrou-se de que uma vez, nos primeiros tempos, tinham assistido juntos a uma missa e se haviam colocado do lado oposto, à direita, encostados à parede. O sino recomeçou a dobrar. Houve um grande movimentar de cadeiras. Os cangalheiros passaram os seus três paus por baixo do caixão e as pessoas saíram da igreja.

Justin apareceu então à porta da farmácia, mas voltou logo depressa para dentro, pálido, a cambalear.

Havia gente às janelas para ver passar o cortejo. Charles, à frente, seguia curvado. Mostrava-se corajoso e cumprimentava com um gesto aqueles que, saindo das ruelas ou das portas, se juntavam à multidão.

Os seis homens, três de cada lado, caminhavam a passos curtos, um tanto ofegantes. Os padres, os chantres e os dois meninos do coro recitavam o *De profundis*, as suas vozes espalhavam-se no campo, subindo e descendo com ondulações. Por vezes desapareciam nas curvas do caminho. Mas a grande cruz de prata via-se sempre erguida por entre as árvores.

Seguiam-se as mulheres de capas pretas e capuzes na cabeça, levavam na mão uma grande tocha acesa, e Charles sentia-se desfalecer com aquela contínua repetição de orações e de luzes, com os insípidos cheiros da cera e das batinas.

Soprava uma brisa fresca, verdejavam os centeios e as couves-nabiças, tremiam gotinhas de orvalho à beira do caminho, sobre as sebes de espinheiros. Toda a espécie de ruídos alegres enchiam o horizonte: o bater de uma carroça rodando ao longe sobre os trilhos, o eco do cantar de um galo ou o galope de um potro que corria a esconder-se debaixo das macieiras. O céu puro tinha ainda algumas manchas cor-de-rosa, sobre as choupanas cobertas de íris pairavam alguns clarões azulados. Charles, ao passar, reconhecia os pátios.

Lembrava-se das manhãs, como esta, em que, depois de visitar algum doente, saía dali e voltava para ela.

O pano preto, enfeitado de lágrimas brancas, levantava-se de vez em quando, descobrindo o esquife. Os cangalheiros, cansados, afrouxavam o passo, e o caixão avançava aos constantes safanões, como uma chalupa baloiçando a cada vaga.

Chegaram.

Os homens continuaram até mais abaixo, a um lugar relvado onde a cova fora aberta.

As pessoas agruparam-se em volta e, enquanto o padre falava, a terra vermelha, amontoada sobre as bordas, ia correndo pelos cantos, continuamente, sem ruído.

Depois, quando já tinham posto as quatro cordas em posição, arrastaram o caixão para cima delas. Charles viu-a descer. Ia descendo sempre.

Ouviu-se por fim um embate, as cordas, rangendo, foram puxadas para cima. Então Bournisien pegou na pá que Lestiboudois lhe estendia, com a mão esquerda, enquanto aspergia com a direita, empurrou vigorosamente uma grande pazada, e a madeira do caixão, atingida pelas pedras, fez aquele formidável ruído que nos parece ser o retumbar da eternidade.

O eclesiástico passou o hissope ao vizinho. Era o senhor Homais. Este sacudiu-o com circunspeção, depois estendeu-o a Charles, que caiu de joelhos no chão e aspergia freneticamente, ao mesmo tempo que gritava: “Adeus!”, E atirava-lhe beijos, arrastava-se para a beira da cova para se despenhar juntamente com ela.

Levaram-no dali, não tardou a acalmar, sentindo provavelmente, como os outros, a vaga satisfação de tudo ter acabado.

De volta, o tio Rouault pôs-se calmamente a fumar o seu cachimbo, o que Homais, no seu foro íntimo, julgou pouco apropriado. Notou igualmente que o senhor Binet se abstivera de comparecer, que Tuvache se safara” depois da missa e que Théodore, o criado do tabelião, levava um fato azul, como se não fosse possível encontrar um fato preto, já que o costume era esse, que diabo!” E, para comunicar as suas observações, passava de um grupo para outro. Todos deploravam a morte de Emma, e principalmente Lheureux, que não faltara ao enterro.

– Pobre senhora! Que dor para o marido!

O farmacêutico prosseguia:

– Fiquem sabendo que, se não fosse eu, ele teria certamente cometido algum atentado funesto contra si mesmo!

– Uma pessoa tão boa! Só em pensar que a vi ainda no sábado passado na minha loja!

– Não tive vagar – disse Homais – para preparar algumas palavras que teria gostado de proferir junto à sepultura.

Chegado a casa, Charles despiu-se e o tio Rouault voltou a enfiar a sua camisola azul. Era nova e, como, pelo caminho, muitas vezes limpava os olhos com as mangas, largara-lhe tinta na cara, e os vestígios das lágrimas traçavam-lhe linhas na camada de poeira que a sujava.

A senhora Bovary mãe estava com eles. Nenhum dos três tinha nada para dizer. Por fim, o velhote começou, com um suspiro:

– O amigo lembra-se uma vez, quando foi a Tostes, na altura em que acabara de perder a sua primeira defunta? Dessa vez fui capaz de o consolar! Encontrei qualquer coisa para dizer, mas agora...

Depois, com um longo gemido, que lhe fez erguer todo o peito:

– Ah! É que para mim acabou-se tudo, veja bem! Vi partir a minha mulher..., depois o meu filho..., e hoje a minha filha!

Quis voltar imediatamente para os Bertaux, dizendo que não poderia dormir naquela casa. Recusou até ver a neta.

– Não!, não! Seria sofrimento de mais para mim. A única coisa que lhe peço é que lhe dê muitos beijos por mim! Adeus!... Você é um bom rapaz! E depois, nunca poderei esquecer isto – disse ele, batendo na coxa –, não tenha dúvidas! Receberá sempre o seu peru.

Quando, porém, já ia no alto da encosta, voltou-se, como se voltara outrora no caminho de Saint-Victor, no dia em que se separara dela. As janelas da aldeia brilhavam todas com o fogo dos raios oblíquos do Sol, que se punha na pradaria. Colocou uma mão na frente dos olhos e avistou no horizonte um cercado de muros onde algumas árvores, aqui e além, faziam sombras escuras entre pedras brancas, depois continuou o caminho, num trote lento, porque o potro coxeava.

Charles e a mãe, naquela noite, apesar da fadiga, ficaram a conversar juntos durante muito tempo. Falaram do passado e do futuro. Ela viria morar para Yonville, tomar-lhe-ia conta da casa, não se separariam mais. Foi muito habilidosa e cariciosa, regozijando-se interiormente de recuperar uma afeição que havia tantos anos lhe escapara. Soou a meia-noite.

A vila, como habitualmente, estava em silêncio, e Charles, desperto, continuava a pensar em Emma.

Rodolphe, que, para se distrair, andara todo o dia batendo mato, dormia tranquilamente no seu castelo, e Léon, lá longe, também dormia.

Havia outro que, àquela hora, não estava a dormir.

Sobre a sepultura, entre os abetos, chorava um rapazola ajoelhado, com o peito despedaçado pelos soluços, arquejando na sombra, sob a pressão de uma imensa saudade, mais doce que a Lua e mais insondável que a noite. Subitamente o portão bateu. Era Lestiboudois, vinha buscar a pá que lá deixara ficar.

Reconheceu Justin saltando o muro e ficou então a saber quem era o larápio que lhe roubava as batatas.

CAPÍTULO XI

Charles, no dia seguinte, mandou regressar a pequenita.

Ela perguntou pela mamã. Responderam-lhe que estava ausente e que lhe traria brinquedos. Berthe falou nisso várias vezes, depois, com a continuação, deixou de pensar no assunto. A alegria daquela criança afligia Bovary, e ainda tinha de suportar as intoleráveis consolações do farmacêutico.

Em breve recomeçaram os problemas do dinheiro, com Lheureux novamente a incitar o seu amigo Vinçart, e Charles empenhou-se com somas exorbitantes, porque nunca quis consentir em vender o mínimo dos móveis que lhe tinham pertencido. A mãe exasperou-se com isso. Charles exaltou-se mais do que ela.

Mudara completamente. A senhora abandonou a casa.

Então cada um tratou de se aproveitar. A Lempereur reclamou seis meses de lições, embora Emma nunca tivesse tomado uma única (apesar da fatura liquidada que mostrara a Bovary): era uma convenção entre as duas, o alugador de livros reclamou três anos de assinatura, a tia Rolet reclamou o porte de uma vintena de cartas, e, quando Charles lhe pediu explicações, teve a delicadeza de responder:

– Ah! Não sei nada! Eram por causa dos seus assuntos.

De cada vez que pagava uma dívida, Charles acreditava que já não houvesse mais. Surgiam outras continuamente.

Exigiu pagamentos que estavam em atraso por visitas a doentes. Mostraram-lhe as cartas que a mulher escrevera. Ainda foi preciso pedir desculpas.

Félicité usava agora os vestidos da patroa, nem todos, porque ele ainda guardara alguns e ia vê-los ao seu gabinete de toilette, onde se fechava para o efeito, ela tinha mais ou menos a mesma estatura que Emma e muitas vezes Charles, ao avistá-la por trás, tinha uma ilusão e exclamava:

– Espera! Fica!

Mas, pelo Pentecostes, ela abalou de Yonville, raptada por Théodore, roubando tudo quanto restava do guarda-roupa.

Foi por essa época que a viúva Dupuis teve a honra de lhe participar o casamento do senhor Léon Dupuis, seu filho, notário em Yvetot, com Dona Leocádia Leboeuf, de Bondeville.

Charles, entre as felicitações que lhe enviou, escreveu a seguinte frase:

“Como a minha pobre mulher se teria sentido feliz!”

Um dia em que, errando pela casa sem qualquer objetivo, subira ao sótão, sentiu, debaixo do chinelo, uma bola de papel amarrotado. Desenrolou-a e leu: “Coragem, Emma! Tenha coragem! Não quero fazer a infelicidade da sua existência”. Era a carta de Rodolphe, caída no chão no meio de umas caixas, onde ficara até àquele momento, em que o vento da fresta a arrastara na direção da porta. Charles ficou completamente imóvel e boquiaberto naquele mesmo local onde antes, ainda mais pálida do que ele, Emma, desesperada, havia querido morrer. Descobriu por fim um pequeno R ao fundo da segunda página. O que era aquilo?

Lembrou-se das assiduidades de Rodolphe, do seu súbito desaparecimento e do ar constrangido que adotara quando, depois disso, a tinha encontrado duas ou três vezes. Mas foi iludido pelo tom respeitoso da carta.

“Amaram-se talvez platonicamente”, pensou ele.

Além disso, Charles não era pessoa para ir até ao fundo das coisas: recuava diante das dificuldades, e o seu incerto ciúme perdeu-se na imensidade da sua dor.

“Deve ter sido adorada”, pensava ainda. “Todos os homens, com certeza, a teriam cobiçado”. Pareceu-lhe por isso mais bela, e concebeu um desejo permanente, furioso, que inflamava o seu desespero e não tinha limites, por ser agora irrealizável.

Para lhe agradar, como se ela ainda vivesse, adotou-lhe as predileções, as ideias, comprou botas de verniz, começou a usar gravatas brancas, punha cosméticos no bigode, assinava letras à ordem, como ela. Emma continuava a arruiná-lo para além do túmulo.

Foi obrigado a vender as pratas, peça por peça, e depois vendeu os móveis da sala. Todas as divisões da casa se foram desguarnecendo, mas o quarto, o quarto dela, ficara como dantes. Depois do jantar, Charles subia até lá.

Empurrava para o pé do fogo a mesa redonda e puxava para junto de si a poltrona dela. Sentava-se defronte. Acendia uma vela num dos castiçais dourados. Berthe, junto dele, coloria gravuras.

O pobre homem sofria de a ver tão mal vestida, com os sapatos sem laços e as cavas das camisolas rasgadas até às ancas, porque a governanta não lhe ligava nenhuma importância.

Mas a criança era tão meiga, tão gentil e inclinava tão graciosamente a cabecita, deixando cair sobre as faces rosadas a bela cabeleira loura, que ele se sentia invadido por um infinito deleite, um prazer misturado com amargura, como esses vinhos mal feitos que cheiram a resina.

Consertava-lhe os brinquedos, fazia-lhe bonecos de cartão, ou cosia-lhe a barriga rasgada das bonecas. Depois, se lhe acontecia ver a caixa da costura, uma fita no chão, ou um simples alfinete metido numa fresta da mesa, perdia-se a sonhar e ficava com um ar tão triste, que a pequena entristecia também como ele.

Já ninguém vinha visitá-los, porque Justin fugira para Ruão, onde se tornou paquete de um merceiro, e os filhos do boticário cada vez procuravam menos Berthe para brincar, não estando Homais interessado em que a intimidade se prolongasse, dada a diferença das condições sociais.

O cego, que ele não conseguira curar com a sua pomada, voltara para a encosta do Bois-Guillaume, onde narrava aos viajantes a vã tentativa do farmacêutico, a ponto de Homais, quando ia à cidade, se ter de esconder atrás das cortinas da *Andorinha*, para evitar encontrar-se com ele. Odiava-o, e, no interesse da sua própria reputação, desejando a toda a força desembaraçar-se do cego, moveu contra ele uma bateria secreta, que revelava a agudeza da sua inteligência e a perfídia da sua vaidade. Durante seis meses consecutivos, puderam ler-se em *Le Fanal de Rouen* notícias redigidas desta maneira:

Todos aqueles que costumam dirigir-se para as férteis regiões da Picardia terão sem dúvida notado, na encosta do Bois-Guillaume, um miserável atingido por uma horrível chaga facial. Importuno, persegue as pessoas e cobra um verdadeiro imposto a todos os viajantes. Estaremos ainda nesses monstruosos tempos da Idade Média, em que se permitia aos vagabundos ostentar pelas nossas praças públicas a sua lepra e as suas escrófulas que haviam trazido das cruzadas?

Ou então:

Apesar de existirem leis contra a vagabundagem, os acessos das nossas grandes cidades continuam infestados por bandos de pobres. Vêm-se alguns circular isoladamente e que, talvez, não sejam os menos perigosos. Que pensam disto os nossos vereadores? Depois Homais inventava histórias:

“Ontem, na encosta do Bois-Guillaume, um cavalo espantadiço...” E seguia com a narração de um acidente motivado pela presença do cego.

Fez a coisa tão bem feita que este acabou por ser internado.

Voltaram, porém, a pô-lo em liberdade. Recomeçou, e Homais também recomeçou. Era uma luta a valer. O farmacêutico obteve finalmente a vitória, pois o seu inimigo foi condenado a reclusão perpétua num hospício.

O êxito estimulou-o, e a partir de então não houve por aqueles sítios mais cão atropelado, incêndio importante, ou mulher espancada de que não desse imediato conhecimento ao público, sempre guiado pelo amor ao progresso e pelo ódio aos padres. Estabelecia comparações entre as escolas primárias e os irmãos *ignorantis* (religiosos que se dedicavam ao ensino) em detrimento destes últimos, recordando a Noite de São Bartolomeu a propósito de um subsídio de cem francos concedido à igreja, denunciava abusos, lançava sátiras. Era a sua estratégia. Homais minava, tornava-se perigoso.

No entanto, sentia-se sufocar dentro dos estreitos limites do jornalismo e em breve teve necessidade de publicar um livro, uma obra! Compilou então uma Estatística Geral do Cantão de Yonville, Seguida de Observações Climatológicas, e a estatística serviu para o levar à filosofia. Preocupou-se com as grandes questões: problema social, moralização das classes pobres, piscicultura, borracha, caminhos de-ferro, etc. Chegou a corar por ser um simples burguês. Afetava a moda artística, fumava! Comprou duas estatuetas estilo Pompadour para a decoração da sua sala.

Não abandonava de modo nenhum a farmácia, pelo contrário! Mantinha-se ao corrente das descobertas. Acompanhava o grande movimento dos chocolates. Foi o primeiro a mandar vir do Sena Inferior *cocoa e revalenta*. Deixou-se entusiasmar pelas cadeias hidrelétricas Pulvermacher, ele próprio usava uma, e, à noite, quando despia o seu colete de flanela, a senhora Homais ficava deslumbrada diante da espiral de ouro que o cobria, e sentia redobram-se-lhe os ardores por aquele homem mais ligado que um cita e esplêndido como um mago.

Teve excelentes ideias para o túmulo de Emma. Primeiramente propôs uma coluna truncada, vestida com roupagens, depois uma pirâmide, depois um templo de Vesta, uma espécie de pavilhão circular... ou então um montão de ruínas. E em todos os planos não

dispensava a presença de um chorão, que considerava o símbolo obrigatório da tristeza.

Charles e ele fizeram juntos uma viagem a Ruão, para ver túmulos na oficina de um canteiro de sepulturas, acompanhados por um artista pintor, um tal Vaufraylard, amigo de Bridoux, e que, durante todo o tempo, esteve a fazer trocadilhos. Por fim, depois de ter examinado uma centena de desenhos, de ter mandado fazer um orçamento e de ter feito uma segunda viagem a Ruão, Charles decidiu-se por um mausoléu que devia ter, nas duas faces principais, um gênio segurando um facho apagado.

Quanto ao epitáfio, Homais não encontrava nada mais belo do que *Sta viator*, e assim ficava dando tratos à imaginação, repetia constantemente: “*Sta viator...*” Até que descobriu: “*amabilem conjugem calcas!*”, que foi adotado.

Uma coisa estranha é que Bovary, pensando constantemente em Emma, a esquecia, e desesperava por sentir que a imagem dela se lhe escapava da memória no meio dos esforços que fazia para retê-la. Sonhava, no entanto, com ela todas as noites, era sempre o mesmo sonho: aproximava-se dela, mas quando conseguia abraçá-la, desfazia-se-lhe em podridão nos braços.

Durante uma semana viram-no entrar todas as tardes na igreja. O Padre Bournisien chegou a fazer-lhe duas ou três visitas, depois abandonou-o. Aliás, o velhote pendia para a intolerância, para o fanatismo, dizia Homais, invetivava contra o espírito do século e não se esquecia de, todas as quinzenas, no sermão, contar a agonia de Voltaire, que morrera devorando os seus próprios excrementos, como todos sabiam.

Apesar do modo modesto como vivia Bovary, estava longe de poder amortizar as suas dívidas antigas. Lheureux recusou renovar qualquer letra. A penhora estava iminente. Recorreu então à mãe, que consentiu em deixar hipotecar os seus bens, mas não perdeu a ocasião de fazer severas recriminações contra Emma, e pedia-lhe, em compensação do sacrifício, um xaile que escapara à pilhagem de Félicité. Charles recusou-lho. Desentenderam-se.

Foi ela quem deu os primeiros passos para a reconciliação, propondo-lhe levar a pequenita consigo, para a ajudar em casa. Charles consentiu. Mas, no momento da despedida, faltou-lhe toda a coragem. Deu-se então a rotura completa e definitiva.

À medida que ia perdendo as suas afeições, mais estreitamente se apegava ao amor da filha. Ela causava-lhe, entretanto, preocupações, porque tossia algumas vezes e tinha rosetas muito vivas nas faces.

Defronte dele ostentava-se, florescente e hilariante, a família do farmacêutico, que tudo na vida contribuía para satisfazer. Napoléon ajudava-o no laboratório, Athalie bordava-lhe um boné, Irma recortava rodela de papel para cobrir as compotas e Franklin recitava, de um fôlego só, a tábua de Pitágoras.

Homais era o mais feliz dos pais, o mais afortunado dos homens.

Engano! Andava minado por uma ambição surda: queria ter uma condecoração. Títulos não lhe faltavam:

1º Ter-se evidenciado, por ocasião da cólera, por uma dedicação sem limites. 2º Ter publicado, e a expensas próprias, diferentes obras de utilidade pública, tais como...

(E recordava a sua memória intitlada: *Da Sidra, do seu Fabrico e dos Seus Efeitos*, além disso as observações sobre o pulgão lanígero, enviados à Academia, o seu volume de estatística, e até a sua tese de Farmácia), sem contar que era membro de várias sociedades científicas (era-o apenas de uma).

– Finalmente – exclamava ele, fazendo uma pirueta –, quanto mais não fosse, por me ter evidenciado nos incêndios!

Então Homais começou a inclinar-se para o poder. Prestou secretamente ao prefeito grandes serviços durante as eleições.

Vendeu-se por fim, deixou-se corromper. Chegou a dirigir ao soberano uma petição em que lhe suplicava que lhe fizesse justiça, chamava-lhe nosso bom rei e comparava-o a Henrique IV.

E todas as manhãs o boticário se lançava sobre o jornal para nele descobrir a sua nomeação, e ela não vinha. Por fim, não aguentando mais, mandou fazer no seu jardim um tabuleiro de relva com o feitio de uma cruz da Legião de Honra, imitando até a fita com dois prolongamentos de erva partindo da haste superior. Punha-se a passear-lhe em volta, de braços cruzados, meditando na inépcia do governo e na ingratidão dos homens.

Por respeito, ou por uma espécie de sensualismo que o fazia imprimir lentidão às suas investigações, Charles não abrira ainda o compartimento secreto de uma escrivaninha de palissandro de que Emma habitualmente se servia. Um dia, finalmente, sentou-se-lhe na frente, deu a volta à chave e abriu-a. Lá estavam todas as cartas de

Léon. Desta vez não restavam dúvidas! Devorou-as completamente até à última, rebuscou em todos os cantos, todos os móveis, todas as gavetas, atrás das paredes, soluçando, uivando, desvairado, enlouquecido.

Descobriu uma caixa, arrombou-a com um pontapé.

O retrato de Rodolphe quase lhe saltava ao rosto, no meio das cartas de namoro revolvidas.

Admiraram-se do seu desânimo. Deixou de sair, não recebia ninguém, até se recusava a visitar os doentes. Insinuaram então que se fechava para beber.

Entretanto, às vezes algum curioso esticava-se para espreitar por cima da cerca do quintal e observava pasmado aquele homem de barba comprida, coberto de sórdidos farrapos, com aspeto feroz, chorando alto enquanto caminhava.

À tarde, no Verão, pegava na sua filhita e levava-a ao cemitério. Só voltava de lá noite cerrada, quando a única luz acesa sobre a praça era a da água-furtada de Binet.

A voluptuosidade da sua dor era, porém, incompleta, porque não havia junto de si ninguém que a compartilhasse, fazia visitas à tia Lefrançois para poder falar dela. Mas a estalajadeira pouca atenção lhe dava, pois, como ele, tinha também as suas relações, porque o senhor Lheureux acabara finalmente de inaugurar as Favoritas do Comércio e Hivert, que gozava de grande reputação nas encomendas, exigia aumento de salário e ameaçava passar-se para o lado da concorrência.

Um dia em que fora ao mercado de Argueil para vender o cavalo -seu último recurso – encontrou Rodolphe.

Empalideceram quando se avistaram. Rodolphe, que apenas mandara um cartão, começou por balbuciar algumas desculpas, depois ganhou confiança e levou a ousadia até ao ponto de o convidar a beber uma cerveja no botequim (estava-se no mês de agosto e fazia muito calor).

Sentado em frente dele, mordida o charuto enquanto conversava, e Charles perdia-se em cogitações diante daquela fisionomia que Emma amara. Parecia-lhe tornar a ver qualquer coisa dela. Era uma espécie de encantamento. Quisera ele ser aquele homem.

O outro continuava a falar de agricultura, de gado, de adubos, preenchendo com frases banais quaisquer pausas que pudessem dar lugar a alguma alusão. Charles não o estava a escutar, Rodolphe

apercebeu-se disso e seguiu, nos movimentos fisionômicos dele, a passagem das recordações. Charles ia ficando gradualmente mais enrubescido, as narinas palpitavam-lhe rapidamente, os lábios tremiam-lhe, houve mesmo um instante em que ele, possuído de uma fúria tenebrosa, fixou os olhos em Rodolphe, que, sentindo uma espécie de pavor, se interrompeu. Mas logo lhe reapareceu no rosto a mesma prostração fúnebre.

– Não lhe desejo mal – disse então.

Rodolphe emudecera. E Charles, com a cabeça apoiada nas mãos, repetiu com uma voz sumida e no tom resignado das dores infinitas:

– Não, já não lhe desejo mal!

Acrescentou mesmo uma grande frase, a única que jamais dissera:

– Foi culpa da fatalidade!

Rodolphe, que manobrava aquela fatalidade, achou-a demasiado indulgente, cómica mesmo e um tanto vil na boca de um homem que se encontrava naquela situação.

No dia seguinte, Charles foi sentar-se no banco, debaixo do caramanchão. Alguns raios de sol atravessavam a latada. As folhas de parreira desenhavam a sua sombra na areia, o jasmim embalsamava o ar, o céu estava azul, havia cantáridas zumbindo em torno dos lírios floridos e Charles sentia-se sufocar, como um adolescente, sob os vagos eflúvios amorosos que lhe dilatavam o coração desgostoso.

Às sete horas, a pequenina Berthe, que não o vira durante toda a tarde, foi chamá-lo para jantar.

Tinha a cabeça caída para trás e encostada à parede, os olhos fechados, a boca aberta, e segurava na mão uma longa madeixa de cabelos negros.

– Vem então, papá – disse ela.

E, acreditando que ele estivesse a brincar, empurrou-o levemente. Caiu no chão. Estava morto.

Trinta e seis horas depois, a pedido do boticário, ocorreu o doutor Canivet. Fez-lhe uma autópsia e não encontrou nada.

Depois de tudo vendido, restaram doze francos e setenta e cinco centimos que serviram para pagar a viagem da menina Bovary para casa da avó. A pobre mulher morreu ainda nesse mesmo ano, como o avô Rouault estava paralítico, foi uma tia que se encarregou de tomar conta dela. Essa tia é pobre e manda a pequena trabalhar numa fábrica de fiação para ganhar a vida.

Desde a morte de Bovary, já três médicos passaram por Yonville, sem ali se poderem manter, de tal modo foram logo atacados pelo senhor Homais. Este tem uma clientela infernal.

As autoridades tratam-no com deferência e a opinião pública protege-o. Acaba de receber a Legião de Honra.